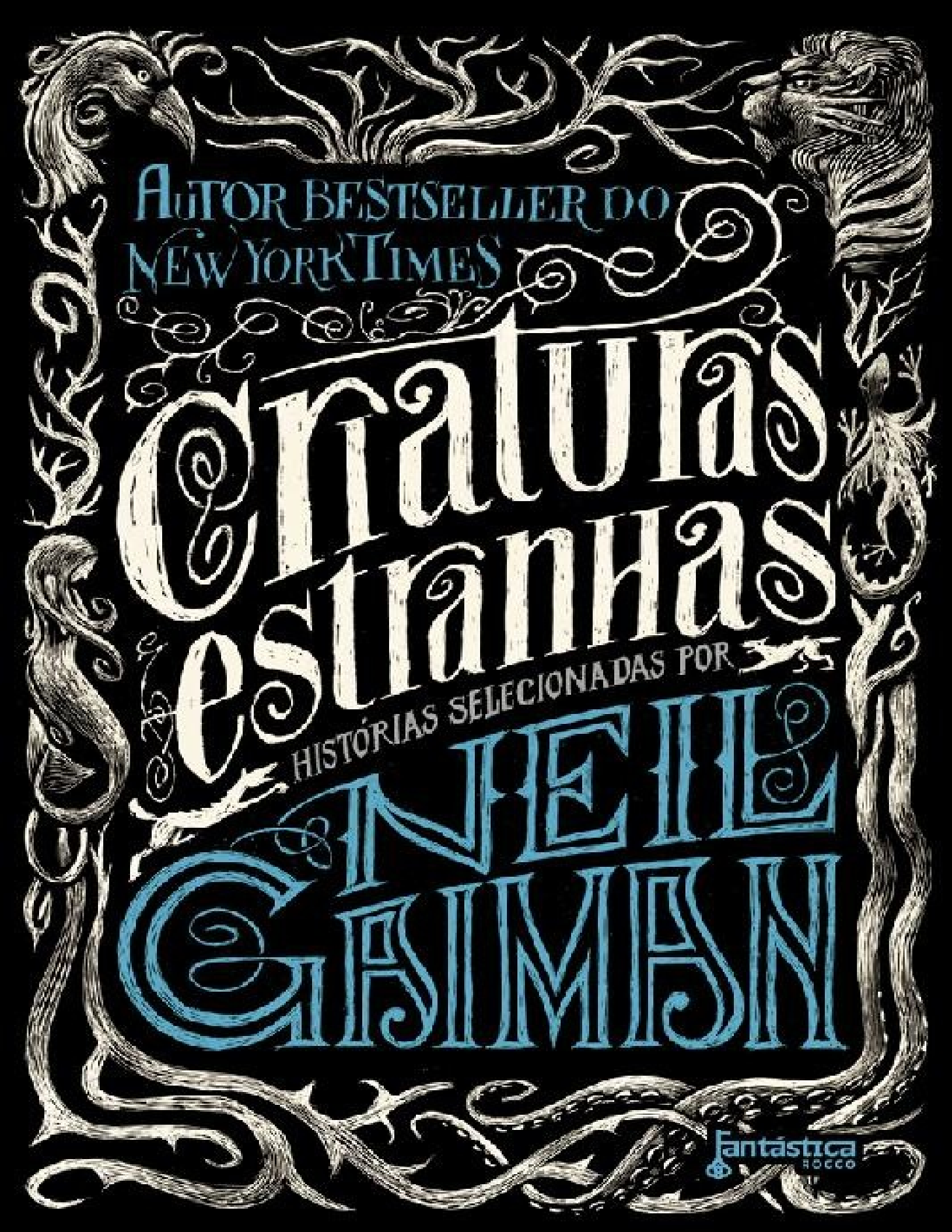
AUTOR BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

Criaturas estranhas

HISTÓRIAS SELECIONADAS POR

NEIL GAIMAN



O MUSEU DE
HISTÓRIA
SOBRENATURAL
APRESENTA



CRIATURAS ESTRANHAS

HISTÓRIAS SELECIONADAS POR

NEIL GAIMAN

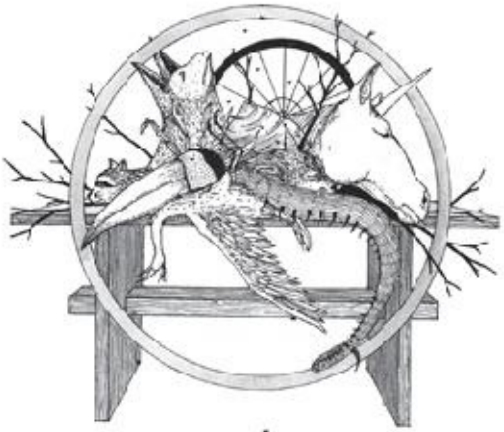
COM MARIA DAHVANA HEADLEY
ILUSTRADO POR BRIONY MORROW-CRIBBS
TRADUZIDO POR ANTÔNIO XERXENESKY
E BRUNO MATTOS

Nestas histórias, algumas
CRIATURAS ESTRANHAS
e diversas outras criaturas
são improváveis, impossíveis ou nem mesmo existem.

Fantástica ROCCO

Ao Pé-Grande, aos viajantes no tempo, aos piratas, aos robôs, às pessoas entediantes (que certamente não são, na verdade, agentes secretos em um disfarce entediante), às pessoas em foguetes espaciais e às nossas mães.

— N. G.



SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

1.

2. AS VESPAS CARTÓGRAFAS E AS ABELHAS ANARQUISTAS

3. O GRIFO E O CÔNEGO MENOR

4. OZIOMA, A MALIGNA

5. PÁSSARO DO SOL

6. O SÁBIO DE THEARE

7. GABRIEL-ERNEST

8. O CACATUCANO; OU, A TIA-AVÓ WILLOUGHBY

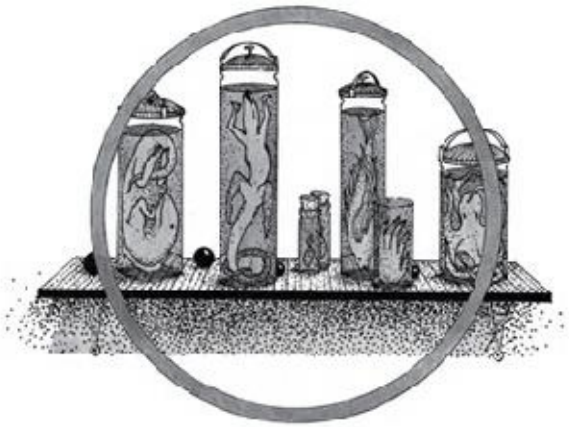
9. O MAL TAMBÉM SE LEVANTA

10. O VOO DO CAVALO

11. PRISMÁTICA

12. A MANTICORA, A SEREIA E EU

13. O LOBISOMEM CABAL
14. O SORRISO NO ROSTO
15. OU TODOS OS MARES COM OSTRAS
16. VENHA, DONA MORTE
Colaboradores de criaturas
Créditos



INTRODUÇÃO

QUANDO EU ERA CRIANÇA, o melhor lugar no mundo ficava em Londres, a uma curta distância a pé da Estação de South Kensington. Era um prédio ornamentado, feito de tijolos coloridos, e tinha – pensando melhor, ainda tem – gárgulas espalhadas por todo o telhado: pterodátilos e tigres-dentes-de-sabre. Tinha um esqueleto de *Tyranossaurus rex* no salão e uma réplica empalhada de um dodô em uma caixa empoeirada. Havia, em garrafas, coisas que algum dia estiveram vivas e, em caixas de vidro, coisas que não estavam mais vivas e tinham sido separadas, catalogadas e presas com alfinetes.

O nome do lugar era Museu de História Natural. No mesmo prédio, encontrava-se o Museu Geológico, com meteoritos, diamantes e minerais estranhos e gloriosos. E logo na esquina havia o Museu de Ciências, onde pude testar minha audição e comemorar o fato de que ela era bem mais apurada do que a de um adulto.

Era o melhor lugar do mundo que eu poderia visitar.

Tinha certeza de que só faltava uma coisa no Museu de História Natural: um unicórnio. Bem, na verdade, um unicórnio *e* um dragão. Também faltavam lobisomens. (Por que não havia nada sobre lobisomens no Museu de História Natural? Eu queria saber mais sobre eles.) Havia morcegos-vampiros, mas nenhum vampiro mais bem-vestido, e nenhuma sereia, nem uma só – e olhe que

eu procurei. E os grifos e manticoras, por sua vez, foram deixados de fora.

(Nunca me surpreendi com o fato de que não havia uma fênix exposta. Só existiu uma fênix por vez, é claro, e, ao passo que o Museu de História Natural era repleto de coisas mortas, a fênix está sempre viva.)

Eu gostava de imensos esqueletos de pedra de dinossauros e de animais impossíveis empoeirados dentro de caixas de vidro. Eu gostava de animais vivos, que respiravam, e preferia quando eles não eram animais de estimação: adorava me deparar com um porco-espinho, uma cobra, um texugo ou os pequenos sapos que, em um dia de cada primavera, vinham saltando do lago que havia do outro lado da estrada e transformavam o jardim em algo que parecia estar se mexendo.

Eu gostava de animais de verdade. Mas gostava mais dos animais que existiam de uma forma mais sombria do que dos que pulavam ou deslizavam ou cavalgavam na vida real, porque eles eram impossíveis, porque poderiam existir ou não, porque só de pensar neles o mundo já se tornava um lugar mais mágico.

Eu amava meus monstros.

"Onde há um monstro", disse o sábio poeta americano Ogden Nash, "há um milagre."

Eu tinha vontade de visitar um Museu de História Sobrenatural, mas ficava feliz por ele não existir. Lobisomens eram incríveis porque poderiam ser qualquer coisa, eu sabia. Se alguém de fato capturasse um lobisomem ou um dragão, se domasse uma manticora ou colocasse um unicórnio no estábulo, engarrafasse os animais, os dissecasse, então eles seriam apenas uma coisa e não existiriam mais nos lugares obscuros entre as coisas que eu conhecia e o mundo do impossível que era, eu tinha certeza, o único lugar que importava.

Não existia um museu desse tipo, não naquela época. Mas eu sabia como visitar criaturas que nunca seriam avistadas em zoológicos, museus ou na floresta. Elas me aguardavam nos livros e nas histórias, escondidas dentro de vinte e seis caracteres e um punhado de sinais de pontuação. Essas letras e palavras, quando colocadas na ordem certa, eram capazes de invocar toda espécie de bestas e pessoas exóticas das sombras, e de revelar as motivações e os pensamentos de insetos e gatos. Eram feitiços cujas palavras construíam mundos que me aguardavam nas páginas dos livros.

A ligação entre animais e palavras vem de longa data. (Você sabia que nossa letra *A* surgiu como um desenho de cabeça para baixo da cabeça de um touro? As pontas de baixo nas quais o *A* se apoia eram originalmente chifres. A parte pontuda era o rosto e o nariz.)

O livro que você tem em mãos, com lobisomens e coisas misteriosas guardadas em baús, com perigosas marcas de tinta e suas bestas e deuses-

serpentes, com o pássaro do sol, os unicórnios e as sereias, e até mesmo a bela Morte, existe para cuidar do atual Museu de História Sobrenatural.

O Museu de História Sobrenatural é um lugar de verdade; você pode visitá-lo. Faz parte da organização misteriosa e obscura que nos trouxe as Lojas de Piratas e as Lojas de Suprimentos de Super-Heróis enquanto difundia a literatura apoiando, sediando e oferecendo um grande número de projetos de escrita para crianças, bem como fornecendo um lugar para elas fazerem o dever de casa e participarem de oficinas.

Ao comprar este livro, você está apoiando a 826DC e a leitura, e por isso eu, Dave Eggers, um dos cofundadores do movimento 826, e as crianças que frequentam o 826DC somos gratos. Provavelmente alguns dos grifos e sereias, que, pelo menos até onde sabemos, não se encontram no museu, também agradecem, mas disso, assim como de tantas outras coisas, não podemos ter certeza.

Neil Gaiman
Setembro de 2012

P.S.: Uma introdução não é uma página de agradecimentos. Muitas pessoas devotaram tempo e histórias para tornar este livro realidade, e eu sou grato a todas elas, a todos os autores do livro e a todos os que ajudaram. Mas eu quero constranger minha coeditora, Maria Dahvana Headley, agradecendo-lhe nominalmente aqui. Maria não é apenas uma excelente escritora, mas também uma máquina muito organizada e a única razão pela qual este livro está saindo a tempo e sem muitas e muitas páginas em branco. Muito obrigado, Maria.



GAHAN WILSON é cartunista. Ele desenha coisas que me assustam. Às vezes, ele também escreve contos. Neste, cujo título é um tanto impronunciável (você logo verá por quê), ele mistura escrita e desenho, alcançando um resultado aterrorizante, para nos apresentar uma criatura de fato muito estranha.

Certa manhã, ao lado dos ovos e das torradas, há uma mancha preta na toalha, e ninguém sabe de onde ela surgiu. A única certeza é que ela se mexe assim que a pessoa para de olhar. E, ao se mexer, ela cresce...



Por

Gahan Wilson

A PRIMEIRA VEZ QUE REGINALD ARCHER VIU A COISA, ela era, em sua simplicidade, algo absoluto. Não tinha a menor complicação nem chamava a atenção. Faltava-lhe o menor, o mais remoto, o mais insignificante rastro de beleza. Sua aparência era esta:



Uma mancha. Nada mais. Preta, como você pode observar, um tanto desigual, como você pode observar; uma mancha despretensiosa e nada atraente.

Estava situada na toalha de mesa de um branco ofuscante de Reginald Archer, na mesa de café da manhã, a nove centímetros de distância do porta-ovos. Reginald Archer estava descascando o ovo quando notou a mancha.

Ele parou e franziu o cenho. Reginald Archer era e sempre foi solteiro, durante todos os seus quarenta e três anos, e gostava das coisas em seu devido lugar na casa. Coisas como uma mancha preta na toalha de mesa o incomodavam, além do normal. Ele tocou o sino para chamar Faulks, o mordomo.

O homem adentrou o recinto e, vendo a expressão sombria no rosto do patrão, aproximou-se com cautela. Limpou a garganta, curvou-se um pouco, bem pouquinho, e, acompanhando a direção na qual o dedo magro e pálido do patrão apontava, observou a mancha.

– O que *isso* está fazendo aqui? – perguntou Archer.

Faulks, após um período de solene reflexão, confessou que não fazia ideia de como a mancha fora parar ali, pediu sinceras desculpas por ela e prometeu uma remoção imediata e permanente. Archer se levantou, tendo perdido o apetite, deixando o ovo ainda intacto, e saiu da sala.

Archer tinha o costume de se retirar ao escritório todas as manhãs, onde cuidava das correspondências e finanças que tinham se acumulado. A maneira

como resolvia essas tarefas era tão precisa – assim como tudo o que fazia –, que chegava a ser ritualística; ele gostava de organizar os dias em padrões confiáveis e previsíveis. Sentou-se à mesa, um belo móvel de mogno lustroso, e estava prestes a pegar a correspondência, que havia sido cuidadosamente empilhada, quando viu, sobre o papel mata-borrão verde que cobria toda a mesa, isto:



Sem exagero: ele empalideceu e tocou mais uma vez a sineta para chamar o mordomo. O confiável Faulks demorou, mais do que o normal, para aparecer. No rosto do mordomo transparecia uma confusão perceptível.

– A mancha, senhor... – começou Faulks, mas Archer o interrompeu.

– Deixe a mancha para lá – retrucou ele, indicando a desgraça no papel mata-borrão. – O que é *isso*?

Desconcertado, Faulks olhou a .

– Não sei, senhor – disse ele. – Nunca vi nada parecido.

– Nem eu – afirmou Archer. – Nem quero ver nunca mais. Por favor, remova-a.

Com cuidado, Faulks começou a retirar o papel, desprendendo-o dos cantos de couro que o prendiam, enquanto Archer o observava com frieza. Então, pela primeira vez, Archer notou uma expressão muito esquisita no rosto do velho mordomo. Ele lembrou-se do comentário interrompido de Faulks.

– O que você ia me dizer?

O mordomo olhou para cima, hesitou, e então falou:

– É sobre a mancha, senhor – respondeu ele. – Aquela na toalha. Fui olhar para ela depois que o senhor saiu da sala e não pude compreender, senhor, mas... ela havia *desaparecido*!

– Desaparecido? – perguntou Archer.

– Desaparecido – confirmou Faulks.

O mordomo olhou para baixo, para o papel que segurava diante de si.

– Assim como *esta*, senhor! – disse ele, surpreso. Virando o papel para Archer, mostrou que não havia nem rastro de uma



Consciente de que algo muito fora do comum estava acontecendo, Archer olhou para o nada, pensativo. Faulks, observando-o, notou que o olhar do patrão de repente ficou mais focado.

– Olhe ali, Faulks – disse Archer, em voz baixa. – Ali, na parede.

Faulks obedeceu, tentando entender o sentido das instruções do patrão. Então compreendeu: ali, no papel de parede, logo abaixo de uma paisagem marítima indiferente, encontrava-se:



Archer se levantou, e os dois homens atravessaram o escritório.

– O que pode ser, senhor? – perguntou Faulks.

– Não faço ideia – respondeu Archer.

Ele virou-se para falar, mas, quando viu os olhos do mordomo irem na direção dos dele, voltou depressa o olhar para a parede. Tarde demais: a tinha desaparecido.

– Ela precisa ser constantemente observada – murmurou Archer.

Então, falou mais alto:

– Procure-a, Faulks. Procure-a. E, quando a encontrar, *não desgrude os olhos dela nem por um segundo*!

Eles caminharam pelo escritório em uma busca intensa. Mal começaram a procura quando Faulks soltou uma exclamação.

– Aqui, senhor! – gritou. – No parapeito!

Archer correu até o mordomo e viu:



– Não a perca de vista! – sibilou ele.

Enquanto o mordomo permanecia boquiaberto e com o olhar fixo, o patrão mordia furiosamente as articulações da mão esquerda. Fosse lá o que fosse, precisavam dar um jeito naquilo o mais rápido possível. Ele não permitiria que tal perturbação continuasse na casa.

Mas como se livrar daquilo? Archer começou a morder as articulações da outra mão e refletiu. A coisa toda tinha – ele detestava admitir, mas não tinha saída – um toque *sobrenatural*. Talvez fosse alguma espécie maldita de fantasma.

Ele enfiou as mãos, com suas articulações tão úteis, nos bolsos da calça. O gesto demonstrava o grande estado de agitação em que Archer se encontrava, pois não havia nada que ele detestasse mais do que criar volumes em um terno bem-feito. Quem entenderia de um assunto como aquele? Quem poderia lidar com aquilo?

A resposta surgiu em um instante: Sir Harry Mandifer! É claro! Archer conheceu Sir Harry na escola, quando ele era apenas Harry, é claro, e os dois

frequentaram vários clubes juntos. Harry se dedicou à escrita, se deu bem com isso, e atualmente, com pilhas de dinheiro para se entreter, passou a se dedicar ao espiritualismo, tornando-se, talvez, a maior autoridade no assunto. Sir Harry era o homem ideal! Se conseguisse *convencê-lo*.

Com o rosto marcado por linhas severas, Archer caminhou em direção ao telefone e discou o número de Sir Harry. Não era tão fácil entrar em contato com ele quanto antigamente. Havia secretárias discretas e cheias de suspeitas. Mas ele era conhecido, e isso fazia toda a diferença. Logo ele e Harry se encontravam na mesma linha. Após as saudações de sempre e a conversa fiada, Archer trouxe o assunto central à tona. De forma concisa e direta, descreveu os acontecimentos da manhã. Será que Sir Harry poderia visitá-lo? Ele achava que tempo era um fator importante. Sim, Sir Harry aceitou! Archer lhe agradeceu com todo o fervor que a sua personalidade fechada permitia e, com um sincero suspiro de alívio, colocou o telefone no gancho.

Mal tinha feito isso quando escutou Faulks soltar um pequeno grito de desespero. Ele se virou e se deparou com o velho camarada sacudindo as mãos, em sofrimento.

– Eu só pisquei, senhor! – falou, com a voz trêmula. – Só pisquei!

Foi suficiente. Uma fração de segundo sem ser observada, e a 🐦 desapareceu do parapeito.

Resignados, recomeçaram a busca.

Sir Harry Mandifer se acomodou no banco acolchoado da limusine e se parabenizou por ter resolvido a questão da reitoria Marston na noite anterior. Não poderia abandonar de uma hora para outra uma situação perigosa como aquela, mas foram encontrados, enfim, os ossos da freira Mewing, e ela poderia enfim descansar em paz em um túmulo sagrado. Não haveria mais crianças sem cabeça decorando o cenário da Cornualha, os lamentos das mães não ressoariam mais na noite. Ele fez seu trabalho, e muito bem, então poderia investigar o que parecia ser um mistério dos mais encantadores.

Contente, o homenzarrão acendeu um charuto e observou as ruas pelas quais passavam. Era delicioso o fato de que um homem tão cauteloso e organizado quanto o pobre velho Archer acabasse se deparando com algo tão chocante. Isso demonstrava que até as vidas mais organizadas têm como fundação areia movediça. Até o lugar mais seguro e acolhedor está cheio de alçapões, passagens secretas, sótãos inimagináveis e salas descobertas de repente. Por que seria uma exceção com o cuidadoso Archer? De fato, não era.

A limusine freou com suavidade em frente à casa de Archer. Saindo do carro, Mandifer olhou para a casa com deleite. Era uma graciosa construção georgiana que pertencia à família de Archer desde que foi erguida. Mandifer subiu os

degraus e estava prestes a usar o batedor da porta quando esta se abriu e ele se deparou com Faulks, que se encontrava em uma agitação desesperadora.

– Ah, senhor – falou o mordomo, exasperado, usando um tom queixoso. – Fico tão feliz que o senhor pôde vir! Não sabemos como solucionar a questão, senhor, e não conseguimos nem acompanhar a coisa, pois ela se mexe com tanta rapidez!

– Calma, Faulks, calma – disse Sir Harry, adentrando a casa com a autoridade de um grande navio com todas as velas içadas. – Não pode ser tão ruim assim, pode?

– Ah, pode, sim, senhor – disse Faulks, seguindo atrás de Mandifer pela saleta. – É impossível *segurá-la*, senhor, e a cada vez que retorna está *maior*, senhor!

– Está no escritório, certo? – perguntou Sir Harry, abrindo a porta e olhando para dentro.

Ele parou, rígido, e seus olhos se esbugalharam um pouco, pois o que enxergava era surpreendente, até mesmo para alguém com tanta experiência em visões peculiares quanto ele.

Imagine um cômodo belo, com mobílias formosas e muito bem-cuidado. Imagine a pessoa que ocupa o cômodo como um sujeito magro e alto, vestido de forma impecável, com roupas de muitíssimo bom gosto. Imagine tudo isso, homem e cômodo em combinação, formando um exemplo irretocável do tipo de perfeição de estilo que somente uma quantidade imensa de dinheiro, filtrada por gerações privilegiadas, pode gerar.

Agora veja este homem postado de quatro no canto, encarando a parede. E na parede imagine:



– Impressionante – disse Sir Harry Mandifer.

– Pois não é mesmo, senhor? – gemeu Faulks. – É mesmo, não?

– Fico tão feliz que você pôde vir, Sir Harry – disse Archer, ainda agachado no canto. Era difícil compreender o que dizia, pois falava com os dentes cerrados.

– Por favor, me perdoe por não me levantar, mas, se eu tirar os olhos disso, ou até mesmo piscar, a coisa toda... ah, *droga*!

No mesmo instante, a



DESAPARECEU DA PAREDE. ARCHER soltou um suspiro explosivo, colocou as mãos no rosto e se sentou pesadamente no chão.

– Não me diga para onde foi agora, Faulks – pediu ele. – Não quero saber. Não quero mais ouvir um pio sobre isso.

Faulks não falou nada, apenas tocou o ombro de Sir Harry com a mão trêmula e apontou para o teto. Quase no centro dele estava:



Sir Harry aproximou-se do ouvido de Faulks e sussurrou:

– Continue olhando para isso o máximo que puder, meu velho. Não deixe ir embora.

Então, em seu tom normal de conversa, que era uma espécie de rugido alegre, disse a Archer:

– Parece que você está com um problema pegajoso aqui, não é?

Archer olhou para cima, por entre os dedos, com uma expressão desolada. Então, com cuidado, baixou os braços e se levantou. Ele limpou a roupa, ajeitou o casaco e a gravata e falou:

– Sinto muito, Sir Harry. Temo ter deixado o problema me atingir.

– Nada disso! – exclamou Sir Harry Mandifer, dando um tapa nas costas de Archer. – Além disso, uma coisa dessas deixa qualquer um desse jeito. Eu mesmo fiquei bastante surpreso, e olha que estou acostumado com esse tipo de loucura!

Sir Harry tinha desenvolvido seu sólido método de incentivo durante uma campanha em uma casa assombrada e um pântano repleto de fantasmas, e o método sempre funcionava. Satisfeito com a recuperação, Sir Harry olhou para o teto.

– Você disse que começou como uma espécie de ponto? – perguntou ele, olhando para a coisa escura que se espraiava acima deles.

– Do tamanho de uma moedinha – respondeu Archer.

– Quais foram os estágios entre o momento inicial e o atual?

– Umas pontas saíram dele. Elas cresceram e, ao mesmo tempo, outras pontas apareceram e, como se não fosse o bastante, a coisa toda parece estar *inchando*, como se fosse um maldito balão.

– Assombroso – disse Sir Harry.

– Acho que atingiu quase um metro de diâmetro – falou Archer.

– No mínimo...

– O que você acha de tudo isso, Sir Harry?

– Para mim, parece uma planta.

Tanto o mordomo quanto Archer olharam para ele. A



desapareceu no mesmo instante.

– Sinto muito, senhor – disse o mordomo, abalado.

– Como assim, uma *planta*? – perguntou Archer. – Não pode ser uma planta, Sir Harry. É toda plana, para começar.

– Você a tocou?

Archer fungou.

– Pouco provável – disse ele.

Discretamente, o mordomo pigarreou.

– Senhores, está no chão agora – disse ele.



Os três olharam para baixo com expressões pensativas. O braço mais longo tinha cerca de um metro e vinte.

– Perceba que não é possível ver a textura do carpete por trás do preto, então não é como se fosse tinta ou uma mancha – disse Harry. – Tem uma superfície

própria.

Ele se abaixou de forma surpreendentemente graciosa para um homem daquele tamanho e, tirando um lápis do bolso, cutucou a coisa. O lápis afundou na escuridão por cerca de meio centímetro e então parou. Ele fincou o lápis em outro ponto, e dessa vez penetrou uns dois centímetros e meio.

– Veja – disse Sir Harry, levantando-se. – Ela tem uma forma complexa. Nossos olhos só podem percebê-la de forma bidimensional, mas, ao tocá-la, pode-se avançar na terceira dimensão. A conclusão de toda essa história de comprimento, largura e profundidade é que a planta veio de outra dimensão, percebe? Imagino que o ponto original era a semente. Estou sendo claro? Você entende?

Archer não estava entendendo muito bem, mas imitou a postura de um homem que compreendia tudo.

– Mas por que essa coisa amaldiçoada apareceu aqui? – perguntou ele.

Sir Harry parecia ter a resposta para essa pergunta também, mas Faulks interrompeu fosse lá o que ele fosse dizer, e nunca saberemos a resposta.

– Ah, senhor! – gritou ele. – Desapareceu de novo!

De fato. O tapete se mostrava sem nenhuma marca sob os pés dos três homens. Eles olharam de um lado a outro do cômodo, de forma um tanto ansiosa, mas não encontraram nem rastro do invasor.

– Talvez tenha retornado à sala de jantar – sugeriu Sir Harry, mas ao procurarem descobriram que não.

– Não há motivos para achar que a coisa deve ficar confinada entre esses dois lugares – afirmou Sir Harry, mordendo o lábio, reflexivo. – Nem mesmo dentro da própria casa.

Faulks, mais próximo da porta do corredor que os outros, cambaleou de leve e soltou um ruído estrangulado. Os outros se viraram e olharam para onde o homem apontava. Lá, atravessando o papel de parede listrado da sala, em frente à porta, encontrava-se:



– Isto é *realmente* um pouco demais, Sir Harry – disse Archer em uma voz engasgada. – Algo precisa ser feito, senão esse troço maldito vai dominar a casa inteira!

– Mantenha os olhos fixos nela, Faulks – ordenou Sir Harry. – Custe o que custar.

Ele se virou para Archer.

– Já provei que a coisa tem substância. Pode ser atacada. Você tem algum instrumento de corte por aí? Um facão? Algo do tipo?

Archer refletiu, então seu rosto se iluminou, de uma maneira um tanto sombria.

– Tenho uma adaga – disse.

– Vá buscar – pediu Sir Harry.

Archer saiu da sala, abrindo e fechando os punhos. Houve uma pausa demorada, e em seguida uma voz gritou da outra sala:

– Não consigo tirar essa coisa maldita do lugar!

– Vou aí ajudar – respondeu Sir Harry. Ele se virou para Faulks, que encarava a coisa na parede como se fosse um fiel cão de caça. – Não pestaneje, meu velho – pediu ele. – Mantenha o olhar fixo como uma pedra!

A adaga, um velho suvenir de guerra que o avô de Archer trouxera a casa, estava dentro de um painel, presa por um complexo arranjo de fios, e Sir Harry e Archer demoraram alguns bons minutos para tirá-la dali. Eles correram de volta para a sala e chegando lá, de repente, ficaram paralisados. A



tinha sumido, mas isso não era o pior: o mordomo Faulks também havia desaparecido! Archer e Sir Harry trocaram olhares preocupados e então chamaram o mordomo pelo nome, várias vezes. Não tiveram resposta alguma.

– O que pode ser isso, Sir Harry? – perguntou Archer. – O que, em nome de Deus, acabou de acontecer?

Sir Harry Mandifer não respondeu. Olhou a adaga diante dele, seus olhos indo

de um lado para outro, e Archer, para seu horror, notou que ele estava tremendo. Então, com um visível esforço para criar coragem, Sir Harry se recompôs e recuperou sua típica pose de determinação.

– Precisamos encontrá-la, Archer – disse ele, com o queixo elevado. – Precisamos encontrar essa coisa e matá-la. Talvez não tenhamos outra oportunidade se ela sumir de novo!

Com Sir Harry à frente, os dois homens percorreram o térreo, indo de sala em sala, mas não encontraram nada. Uma busca no segundo andar também se revelou infrutífera.

– Deus queira que a criatura não tenha abandonado a casa – disse Sir Harry, subindo para o próximo andar.

Archer, sem ar por causa do medo, subiu os degraus atrás dele, andando em passos irregulares.

– Talvez tenha retornado ao lugar de onde veio, Sir Harry – sugeriu ele.

– Não, agora não – discordou o outro, sombrio. – Não depois de Faulks. Acho que descobriu que gosta do nosso mundinho.

– Mas o que *é* essa coisa? – perguntou Archer.

– É o que eu disse que era, uma planta – respondeu o homenzarrão, abrindo uma porta e olhando para o cômodo que esta revelava. – Uma planta de um tipo muito especial. Nós também a temos aqui, na nossa dimensão.

Naquele momento, Archer compreendeu. Sir Harry abriu outra porta, depois outra, sem sucesso. Ainda restava o sótão. Eles subiram os degraus estreitos, Sir Harry à frente, com a adaga erguida. Archer mal conseguia se arrastar apoiado no corrimão. Respirava com pequenos gemidos.

– Uma planta que come carne, não é? – sussurrou ele. – *Não é*, Sir Harry?

Sir Harry Mandifer tirou a mão da maçaneta e virou-se na direção do companheiro.

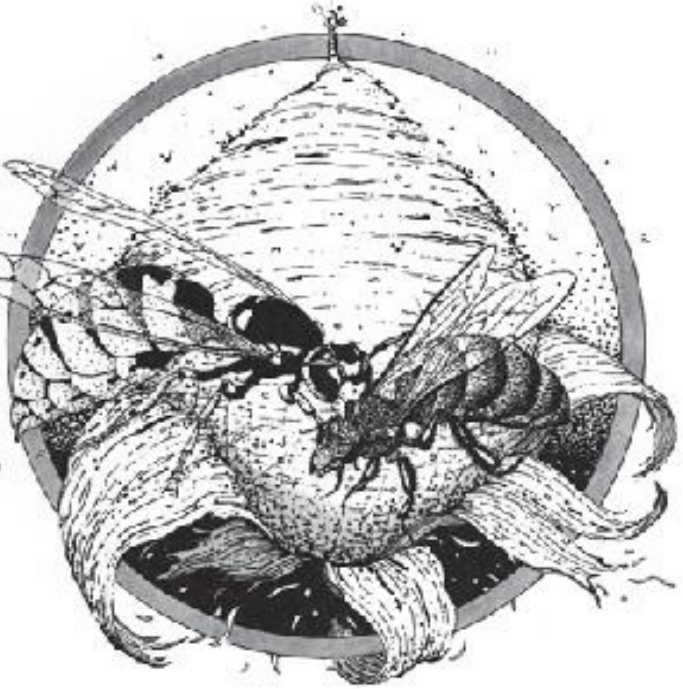
– Você está certo, Archer – disse, a porta se abrindo por trás sem que ele percebesse. – Essa coisa é uma planta carnívora.





Crio abelhas. Ou, pelo menos, há sete colmeias no meu jardim. (Sim, o mel é delicioso, e, sim, já fui picado, mas não é tão comum assim.) A coisa mais estranha das abelhas e vespas deste conto é que a parte da história natural está bastante correta (E. LILY YU entende muito de abelhas), mas ainda é algo, bem... sobrenatural. Lily ganhou o prêmio John W. Campbell de Melhor Autor Estreante. Além disso, ela canta no elevador.

Nesta história, conheceremos as vespas cartógrafas de Yiwei e a colônia de abelhas que elas consideram suas servas por natureza...



AS VESPAS CARTOGRAFAS E AS ABELHAS ANARQUISTAS



POR MUITO TEMPO, MAIS do que qualquer pessoa é capaz de lembrar, a vila de Yiwei exibia, em suas hortas e abaixo das calhas, globos de papel repletos de vespas zunindo. Os moradores do vilarejo mantiveram uma relação de paz nada tranquila com seus vizinhos por muitos anos, agindo com um tato inimitável e circunspecção. Mas tudo terminou no dia em que um garoto, cavoucando no leito do rio, encontrou uma pedra cujo balanço e peso lhe agradavam. Com ela, pensou, sou capaz de atingir um pardal no céu. Não havia nenhum pardal por perto, mas um globo de papel próximo se encontrava em uma altura baixa e convidativa. Ele refletiu por um instante, a cabeça erguida, então mirou e arremessou.

Após muito tempo, depois de colocarem curativos e tranquilizarem o garoto, a mãe dele jogou água fervente no ninho derrubado até que as vespas morressem fervilhando no papel. Foi assim que descobriram que os ninhos de vespa de Yiwei, quando mergulhados em água quente, revelavam mapas de incrível precisão das províncias distantes e próximas, desenhados com pigmentos vegetais e escritos em um mandarim cuidadoso que podia ser lido com a ajuda de um microscópio.

As experiências seguintes dos moradores com chaleiras de água fervente e máscara de apicultor logo dizimaram a população de vespas, sobrando apenas um punhado delas. Comandadas por uma vespa fundadora muito teimosa, as sobreviventes dobraram um ninho no formato de um barco de papel, preencheram-no de comida, com damascos caídos e flores de abóbora, e partiram pelo rio. Vacas e crianças fugiram do leito do rio com a descida das vespas, que navegavam cantarolando músicas de marinheiros.

Por fim, sessenta e cinco quilômetros ao sul de onde partiram, o barco ficou preso em um galho arrebitado e afundou. Só uma vespa morreu durante a evacuação, devido ao peso dos restos de um damasco. Elas se reencontraram em

um toco de árvore e se olharam entre si.

– É um bom lugar para desembarcar – disse a fundadora em sua voz suave de soprano, examinando os primeiros esboços dos mapas que as vespas que exploraram o lugar trouxeram de volta.

Havia várias centopeias, carvalhos de onde extrair tinta, arbustos com frutas, e nem sinal de outras vespas. Uma colônia de abelhas tinha se formado em um carvalho partido a três quilômetros de distância.

– Assim que nos estabelecermos, vamos enviar, é claro, uma delegação para cobrar impostos.

"Não cometeremos os mesmos erros do passado. Nossa raça é de exploradores e cientistas, cartógrafos e filósofos. O descanso e a preguiça são a morte. Assim que nos estabelecermos, vamos expandir nosso território."

Levou duas semanas para reconstruir as creches com móbiles de papel, e mais um mês para reconstruir a Grande Biblioteca e encher os escaninhos com o que os cartógrafos mais velhos se lembravam dos mapas perdidos. As idas e vindas delas não passaram despercebidas. Uma embaixatriz da colmeia chegou com um ultimato e foi executada no mesmo instante; suas asas foram transformadas em janelas de vidro temperado para a sala do conselho, e o ferrão foi devolvido à colmeia em um envelope de papel. A segunda embaixatriz veio com uma atitude diferente e uma proposta de dividir o reino das abelhas de modo igual entre os dois governos, mantendo o direito ao pólen e à água exclusivo das abelhas.

– É um reconhecimento aos usos preexistentes dos recursos naturais de um território comum, reivindicados por um povo livre – explicou ela.

As vespas do conselho foram educadas e a privaram apenas do ferrão. Ela sobreviveu tempo suficiente para contar o ocorrido à colmeia.

A terceira embaixatriz chegou com uma bola de cera na ponta do ferrão e foi mais bem recebida.

– Vocês precisam entender que nós não somos refugiados pedindo reconhecimento em um território onde vocês são soberanas – disse a fundadora, enquanto eram servidas de néctar em copos de papel. – Nem estamos negociando condições iguais. Isso era o que as suas predecessoras achavam. Elas estavam enganadas.

– Espero que eu me saia melhor – disse a diplomata, rígida.

Ela era mais velha que as outras, e tinha poucos e desbotados pelos no tórax.

– Espero que sim.

– Ao contrário delas, posso falar com completa autoridade em nome da colmeia. Vocês têm propostas para nós; isso ficou claro. Estamos prontas para ouvi-las.

– Ah, que bom.

A fundadora terminou de beber um copo e pegou outro.

– A sociedade de vocês é antiga e de cultura ampla, apesar da indolência de sua rainha, o que entendemos que é uma predisposição racial, não uma inclinação pessoal. Vocês têm leis, danças típicas, conhecimentos matemáticos e princípios que nós com certeza respeitamos.

– Por favor, quais são suas condições?

Ela sorriu.

– Como há uma população local de traça-da-seda, que achamos mais adequada para incubação, não precisamos fazer nada tão antirrepublicano como instaurar um regime de escravidão. Se vocês não planejarem uma insurreição, podem manter um regime próprio. Mas nós ficaremos com um quinto do que armazenam em um ano normal, um décimo em anos de seca, e com uma a cada cem larvas.

– Para comer?

A antena dela tremulava de nojo.

– Só se houver pouca comida. Não, a larva crescerá conosco, aprenderá nossas tradições e nossa arte, e então atuará em cargos oficiais e burocráticos entre seu povo. Será bom para vocês, podem apostar.

A diplomata parou por um momento, olhando para o nada. Enfim, ela disse:

– Um décimo em um bom ano...

– Nossas condições não são negociáveis – declarou a fundadora.

Os guardas se remexeram, batendo as placas de armadura e exibindo as pontas reluzentes dos ferrões.

– Não tenho escolha, não é?

– Pode escolher entre escravidão ou cooperação – respondeu a fundadora. – Para sua colmeia, quero dizer. Você pode escolher outra coisa, é claro, mas eles possuem dez mil abelhas que podem substituir você.

A diplomata curvou a cabeça.

– Sou velha – disse ela. – Servi à colmeia minha vida toda, de todas as formas possíveis. Minha lealdade é com a colmeia e farei o que for melhor por ela.

– Fico muito contente com isso.

– Eu peço, eu imploro, que esperem três ou quatro dias antes de impor suas condições. Até lá, já estarei morta e não verei minhas irmãs se tornarem um povo servil.

A fundadora ficou batendo uma garra na outra.

– Essa demora nos negócios é um hábito de vocês? Não possuímos tal prática. Você terá a honra de nos ver elevando suas irmãs a um patamar moral e tecnológico que você não é sequer capaz de imaginar.

A diplomata estremeceu.

– Volte para sua rainha, minha cara. Conte as boas notícias.

Uma crise tomou conta da monarquia constitucional. Uma revolta estourou no Distrito 6, destruindo a produção de cera real e derrubando os monumentos feitos de ossos de camundongo antes de ser brutalmente reprimida. A rainha teve que se acalmar com uma grande quantidade de geleia após cair em pranto sobre os ombros das ministras.

– Vossa Majestade, a senhora não deve se preocupar – disse uma delas. – Fique em paz.

– São minhas filhas – disse a rainha, fungando. – Você também sofreria por elas se fosse mãe.

– Ainda bem que não sou – retrucou a ministra, em tom brusco. – Então, indo direto ao assunto...

– Entrar em guerra está fora de cogitação.

– Elas são muito mais poderosas.

– Mas temos trezentas vezes mais soldados!

– Elas são guerreiras experientes. Morreriam sessenta abelhas para cada uma delas. Podemos afugentá-las, mas perderíamos a maior parte da colmeia e talvez até mesmo nossa rainha...

A rainha começou a soluçar outra vez e teve que ser limpa e reconfortada.

– Temos alguma alternativa?

Instaurou-se um curto silêncio.

– Muito bem.

As condições do tratado foram copiadas, sob supervisão das vespas, em pequenas placas de papel afixadas com própolis e cera por toda a colmeia. Como o papel e a tinta eram substâncias novas para as abelhas, elas mexiam e provavam as notas até que o papel se esfarelasse. As vespas encarregadas da supervisão não gostaram nem um pouco disso. Vários civis morreram antes de aceitarem que as abelhas não sabiam ler o dialeto Yiwei.

Então, as químicas da colmeia ficaram responsáveis por compor feromônios complexos a ponto de incluir as condições do tratado. Aplicaram-se os feromônios nos papéis, para que ambas as espécies compreendessem a relação entre os dois Estados.

Antes da infestação de vespas, a colmeia estava muito ocupada, mas contente. Agora, as abelhas viviam no desespero. As condições naturais de vida se deterioraram, pois precisavam reunir mel tanto para a colmeia quanto para o ninho de vespas. Passaram a percorrer distâncias cada vez maiores em busca de néctar e pararam de cantar. Elas dançavam ao redor das flores que descobriam

com seriedade, sem deleite. A própria rainha emagreceu por dar cria a substitutas, e certas ministras que compreendiam a situação passaram a dar geleia real para as larvas mais fortes.

Enquanto isso, as vespas ficavam cada vez mais elegantes e fortes. Uma legião de estudiosos, botânicos, cartógrafos e soldados foi enviada ao rio em pequenos ninhos flutuantes selados com cera de abelha e carregados de rações de mel para explorar as terras desconhecidas ao sul. Ao voltar, portavam belos mapas com cidades, fazendas e populações desconhecidas de vespas cuidadosamente anotadas com tinta azul e púrpura. Depois de terem sido estudados pela fundadora e por seus generais, os mapas eram arquivados com cautela nas profundezas da Grande Biblioteca em preparação para o avanço ao sul no próximo ano.

As abelhas adotadas pelas vespas foram treinadas, a princípio, para tarefas burocráticas, mas, assim que se descobriu que era possível ensiná-las a ler e escrever, foram designadas para missões de reconhecimento. As melhores alunas, boas em trigonometria e ângulos, foram educadas lado a lado com os cartógrafos e se revelaram assistentes muito valiosas. Elas aprenderam a não olhar para as lagartas verdes e gordas presas em correntes de prata nem para as abelhas mortas que serviam de alimento para as famílias de vespas. Era mais fácil dessa maneira.

Quando a velha rainha morreu, não choraram.

Pelo mais puro acaso, uma das abelhas treinadas como assistente de cartógrafo era anarquista. Pode ter sido pelo estresse na colmeia ou por sorte; fosse lá de onde veio, a mudança tornou-se possível. Ela depositou vários de seus próprios ovos em cera de abelha e papéis de vespa e os guardou entre os escaninhos da biblioteca, depois alimentou as larvas com leite e pão às escondidas. Ela sussurrava aos filhos – e todos eram filhos –, que ficavam em berços de seda, os preceitos que desenvolveu enquanto calculava trajetórias de voo e azimutes: que não deveria haver rainha ou Estado, e que, assim como no ninho das vespas, os machos deveriam trabalhar e ganhar tanto quanto as fêmeas. Enquanto dormiam e se transformavam aos poucos, escutaram os ensinamentos e as instruções, e, quando cavaram, à base de mordidas, uma saída das celas e do ninho de vespas, eles viajaram até a colmeia.

Descobriram o dano causado ao ninho, é claro, mas quando isso ocorreu a anarquista já tinha morrido de velhice. Ela realizou um trabalho impecável, suspirou o tutor dela, olhando a filigrana de suas inscrições, mas às vezes os gênios tinham problemas mentais, não? Ele enterrou entre resmungos e trabalhos o carinho que tinha por ela, algo que se tornou um motivo de tristeza para ele e

um problema político, e nunca mais foi tutor de nenhum aluno da colmeia que demonstrasse um pouquinho de talento.

Apesar de carregarem o odor amargo do ninho de vespas nos pelos, os vinte filhos da anarquista podiam vagar livremente pela colmeia, pois se imaginava que eles eram espiões ou estavam lá por causa de algum assunto oficial. Quando a nova rainha saiu de seu cômodo, eles se juntaram aos outros zangões no voo de núpcias, onde passaram despercebidos. Dois se acasalaram com ela. Os que falharam e sobreviveram contaram depois, em uma voz sussurrante, o que havia sido feito em nome da ideologia. Antes de morrerem, pegaram própolis e tinta de bugalhos e escreveram nas pilastras da colmeia, em uma caligrafia que tinham desenvolvido, a história da primeira anarquista e de seus vinte filhos.

Como o anarquismo era um traço hereditário nas abelhas, muitas filhas da nova abelha começaram a questionar a utilidade da monarquia. Duas foram acolhidas pelas vespas e aprenderam a ler e escrever. Em uma de suas visitas à colmeia, encontraram a história de seus antecessores e, como eram excelentes estudiosas, não demoraram em traduzi-la. Localizaram na colmeia outras irmãs de alma irrequieta e sussurraram o estranho aprendizado que obtiveram entre as vespas: astronomia, estratégia militar, como era o mundo nos lugares distantes que as abelhas não alcançam voando. Educadas até então como dançarinas e arquitetas, enfermeiras e trabalhadoras dedicadas a reunir provisões, as abelhas ficaram deslumbradas com aquelas novas maravilhas, que eram mais estranhas até mesmo do que sentir o sol nas costas no primeiro dia em que saíram voando da colmeia.

– Por favor, tornem-se nossas governantes – pediram às duas anarquistas que aprenderam com as vespas, mas elas recusaram.

– Uma sociedade perfeita não precisa de governantes – disseram. – O conhecimento e a autoridade devem ser compartilhados. Para imaginarmos uma nova forma de existência, precisamos nos libertar tanto das estruturas de nosso sistema de governo falido quanto da hegemonia injustificável dos ninhos de vespas. Ouçam o que puderem e aprendam o que puderem enquanto estivermos entre elas. Mas preparem-se.

Aquele era o primeiro verão em Yiwei sem o tradicional zunido das vespas cartógrafas. Nos jardins, apesar de estarem estourando de maduras, as frutas caídas permaneceram intocadas, e as crianças brincavam tranquilas de pés descalços. Uma das filhas dos moradores do vilarejo que cursava o terceiro ano em uma universidade de agricultura voltou para casa na parte traseira de uma caminhonete no fim de julho. Ela bateu sua única maleta no portão antes de abri-

lo, para afastar as galinhas, então levantou a tranca, abriu o portão de ferro e foi logo envolvida em um abraço voador.

Depois que se soltou do irmão e dos pais e saiu distribuindo beijos, ela ouviu as novidades que tinha perdido enquanto estava fora: as vacas estavam morrendo por beber serragem nos riachos; o preço dos grãos estava despencando em toda a parte, apesar da seca; e o irmão dela, tolo como era, tinha derrubado um ninho de vespas e ficado com a cara empolada, toda vermelha e branca. Contaram-lhe que um dos mapas mais detalhados das vespas tinha chegado à capital e um burocrata havia aparecido em um elegante carro preto. Mas, como as vespas estavam todas mortas, ele achou que não passava de uma brincadeira, uma aberração ou um milagre. Ninguém investigou mais a fundo.

O irmão mostrou a ela, em um pote de vidro, junto com um dos mapas menores, os corpos quebradiços e torrados de inúmeras vespas. Ela fez cócegas no irmão até ele entregar um de seus troféus, prometeu uma cesta de pêssegos em troca e rendeu-se ao nervosismo. Para a consternação da família, ela escreveu uma carta urgente para a Academia de Ciências e encheu uma mochila com roupas e dinheiro. Se pudesse encontrar mais um ninho de vespas, ela disse, a família ficaria rica e famosa. Mas precisava ser rápida.

Na manhã seguinte, antes de o galo cantar, e quando o céu ainda estava arroxeado, ela subiu na velha bicicleta e saiu pelo caminho empoeirado.

As abelhas não voam à noite, nem mentem entre si, mas as anarquistas aprenderam ambas as técnicas com as vespas. Em uma noite clara e quente, elas enfim saíram da colmeia, voando em direção ao oeste em uma nuvem pequena e compacta. Ao redor delas, escutavam-se as vozes dos insetos de verão, ruídos estranhos e perturbadores. Muitos quilômetros a oeste da velha colmeia e do ninho de vespa, em um olmo atingido por raios, as anarquistas montaram um depósito de mel roubado, guardado em papel e cera. À noite, descansaram ali, em cápsulas de cera branca, e, na manhã seguinte, acordaram para construir a cidade.

As primeiras tarefas da nova colônia eram depositar ovos, algo que muitos trabalhadores começaram a fazer, e reunir provisões para o inverno. Um ovo da velha rainha, transportado da colmeia na mandíbula de uma anarquista, chocou, e a prole foi criada como uma nova mãe. Sem coroa e sem preocupações, ela também produzia cera, mastigava madeira para fazer papel e ventilava os depósitos com as asas.

As anarquistas trabalhavam de forma sorrateira, mas com rapidez, zangões ao lado dos trabalhadores, pois já dava para sentir o gosto acobreado do outono no ar. Nenhuma delas tinha visto o inverno antes, mas a memória da espécie é sutil e longa, e, em seus corações, apesar do sol de verão, elas sentiam uma escuridão

iminente.

As flores iam desaparecendo nos campos. A cada dia, as anarquistas colocavam mais ouro quente nos cofres e construíam muros brancos mais altos. A cada dia, o ar ficava um pouco mais árido; a grama, um pouco mais seca. Elas cantavam enquanto trabalhavam, às vezes entoavam baladas da velha colmeia, às vezes músicas que elas mesmas criaram, e por um bom tempo foram felizes. Em seguida, as folhas ganharam tons flamejantes e caíram das árvores, e logo não havia mais flores. As anarquistas lacraram o último cofre de mel e se perguntaram o que iria acontecer.

A seis quilômetros de distância, no primeiro sopro de frio, as vespas selaram as portas de papel e dormiram em um nó bastante apertado ao redor da fundadora. Em ambas as colmeias, as abelhas se juntaram, despertas e cautelosas, e se aqueceram com o sacudir das asas. As anarquistas murmuraram palavras de conforto umas às outras.

– Outras virão depois de nós. Vai haver outro período de reprodução.

– Somos apenas o começo.

– Outras virão.

A neve caía em silêncio do lado de fora.

A neve estava na altura dos tornozelos e o rio congelado quando a garota de Yiwei alcançou os galhos vazios de um carvalho e arrancou o castelo de papel de um ninho. As vespas lá dentro, tontas de frio, murmuraram, mas não se mexeram. Nos quartéis, os soldados sonhavam com o sul inexplorado e com batalhas em terras estrangeiras contra povos estranhos, e os exploradores sonhavam com os cadáveres de cervos que morreram de frio e fome. Os cartógrafos sonhavam com mudanças que o inverno traria ao cenário, os riachos se desviariam e as árvores mortas que eles teriam que registrar. Não sentiam a sacola de pano ao redor delas, nem o barulho dos pneus pela estrada congelada.

Ela passou semanas percorrendo a serra, interrogando apicultores e crianças do vilarejo, olhando para o alto das árvores e para colmeias, até encontrar as últimas vespas de Yiwei. Precisou esperar, então, pelo inverno e o frio anestesiante. Mas, de volta ao calor do próprio quarto, ela quebrou as leves páginas do ninho e empurrou para o lado a massa de vespas reluzentes até encontrar a fundadora, que tropeçava com as patas indecisas.

Quando descongelasse, criaria novas fundadoras entre as árvores de damasco do vilarejo. As cartas que recebia mostravam que havia uma grande demanda por vespas assim na capital, especialmente por parte dos generais e dos capitães de explorações científicas. Nos anos seguintes, a vila de Yiwei ficaria conhecida pelos mapas inscritos de forma delicada, pela legenda quase impossível de ler, de

tão pequena, e não pelo malte e pela aveia, pelos damascos aveludados ou pelas peras quebradiças.

Na primavera, a antiga colmeia acordou, e descobriu-se que as vespas tinham ido embora, como um pesadelo que termina com a chegada do dia. Foi difícil acreditar, mas como não encontraram nem um pedaço de papel de vespa, a colmeia inteira cantou em alegria. Até mesmo a rainha, que foi avisada pela pupa sobre os detalhes do Estado e as condições pelas quais regeria, e que sentia, talvez, mais simpatia pelas vespas do que deveria, limpou a garganta e cantarolou uma ou duas vezes. Só poucos notaram que ela não cantou tão alto ou com tanta alegria quanto o resto, e, de qualquer maneira, o inverno tinha sido duro.

Os mapas desapareceram junto com as vespas. Nenhum mais seria feito. Aqueles que estudaram com as vespas começaram a redigir memorandos e os primeiros decretos independentes da rainha e do conselho. Para se proteger de invasões futuras, decidiu-se que um destacamento de abelhas voaria até as fronteiras e ao retornar relataria o que viRAM. FOI EM UMA DESSAS PATRULHAS QUE UMA PEquena colmeia foi avistada na bifurcação de um olmo. Havia abelhas mortas e ressecadas ao redor da colmeia, e nem sinal de uma rainha entre elas. Não havia nem rastro de mel no depósito; a cera escura dos muros fora destroçada. Até mesmo as cápsulas de incubação tinham sido esvaziadas. Porém, no último dos hexágonos intactos, encontraram, enroladas e cobertas de cera, páginas e páginas preenchidas com palavras revolucionárias. Leram os papéis em silêncio.

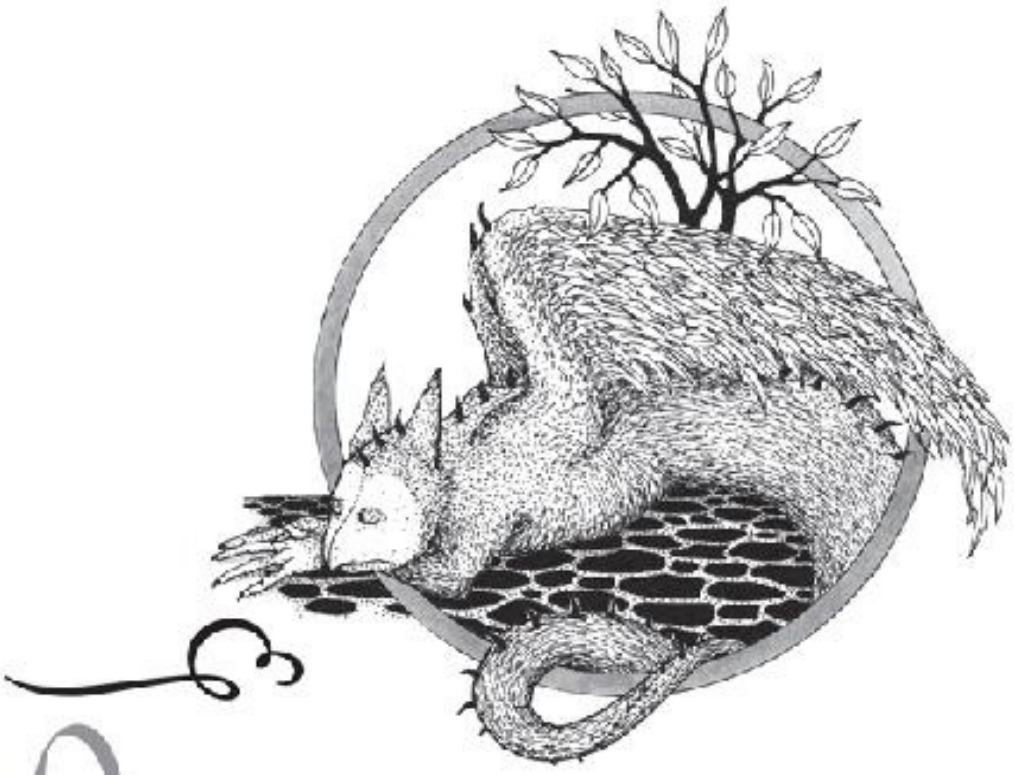
E então...

– Escreva – disse uma abelha à outra, e foi o que ela fez.



Li essa história pela primeira vez quando eu era um garoto, e nunca esqueci seu otimismo, seu bom humor sutil ou a relação entre os dois protagonistas. FRANK R. STOCKTON era um escritor e comediante norte-americano, mais conhecido pelo conto “A dama ou o tigre?”.

Um grifo solitário visita uma vila e decide viver confortavelmente ao lado do Cônego Menor, que foi designado para impedi-lo de comer os moradores do vilarejo. Ele insiste que só sentirá fome durante o equinócio, mas, quando o momento se aproxima, os moradores ficam preocupados e decidem resolver o assunto com as próprias mãos...



O GRIFO E O CÔNEGO MENOR

Por

Frank R. Stockton

ACIMA DA GRANDE PORTA DE UMA IGREJA muito, muito velha, situada em um povoado silencioso em uma terra muito distante, havia a figura de um grande grifo esculpida em pedra. O escultor daquela época realizou um trabalho cuidadoso, mas a imagem que criou não era agradável aos olhos. Tinha uma cabeça ampla, com uma boca aberta enorme e dentes ferozes; de suas costas, surgiam grandes asas, equipadas com pontas e ganchos afiados; tinha pernas gorduchas na frente, com garras protuberantes, mas nenhuma perna atrás: o corpo terminava em um rabo longo e poderoso, com uma ponta farpada. O rabo ficava enrolado sob o grifo, a ponta saindo bem atrás das asas.

O escultor, ou quem encomendou a figura de pedra, com certeza gostou muito do resultado, pois pequenas cópias, também feitas em pedra, foram colocadas aqui e acolá nas laterais da igreja, não muito distantes do chão, de modo que as pessoas podiam facilmente olhar para elas e refletir sobre suas formas curiosas. Havia muitas outras esculturas do lado de fora da igreja – santos, mártires, cabeças grotescas de homens, bestas e pássaros, assim como outras criaturas que não podem ser nomeadas, pois ninguém sabe ao certo o que eram; mas nenhuma era tão curiosa e interessante quanto o grande grifo em cima da porta e os pequenos grifos nas laterais da igreja.

Em um lugar muito, muito distante da cidade, no meio de um território selvagem e apavorante quase desconhecido pelos homens, vivia o Grifo cuja imagem foi esculpida acima da porta da igreja. De algum jeito, o antigo escultor o viu, e, depois, tentando ser o mais fiel possível à lembrança, registrou sua imagem em pedra. O Grifo não sabia disso, até que, após centenas de anos, ouviu de um pássaro, de um animal selvagem ou de alguma outra maneira difícil de descobrir agora, que havia uma figura semelhante a ele na velha igreja do povoado distante. Esse Grifo, veja bem, não fazia ideia de como era sua aparência. Ele nunca tinha visto um espelho, e os riachos do lugar onde vivia eram tão turbulentos e violentos, que ele não encontrava um trecho de água

tranquila para contemplar seu reflexo. Pelo que se pode saber, ele era o último de sua raça. Nunca vira outro grifo. Portanto, quando soube que havia uma representação em pedra de sua imagem, ficou muito ansioso para saber como era sua aparência, e enfim decidiu ir até a velha igreja, para conferir com os próprios olhos que espécie de criatura era. Então, ele saiu do território selvagem e voou por um longo tempo, até alcançar os lugares habitados pelo homem, onde sua aparição no ar causou grande preocupação; mas ele não desceu em nenhum ponto, mantendo um voo constante até chegar aos arredores do povoado cuja igreja tinha sua imagem gravada. Ali, no fim da tarde, ele desceu no campo verdejante ao lado de um riacho e se espichou na grama para descansar. Suas grandes asas estavam cansadas, pois ele não percorria uma distância tão grande havia um século ou mais.

As notícias de sua chegada se espalharam com rapidez pelo povoado, e os moradores, quase em pânico de tão assustados que ficaram com a chegada de um visitante extraordinário assim, correram para dentro de casa, onde se trancaram. O Grifo bradou para que alguém viesse até ele, mas, quanto mais chamava, mais as pessoas ficavam com medo de aparecer. A distância, ele viu dois trabalhadores correndo pelos campos em direção a suas casas e, em uma voz apavorante, ordenou que parassem. Não ousando desobedecer, os homens ficaram parados, tremendo.

– Qual é o problema de vocês? – gritou o Grifo. – Nenhum homem nesta cidade tem coragem de falar comigo?

– Acho... – disse um dos trabalhadores, a voz tão trêmula que mal se compreendia – ... que... talvez... o Cônego Menor... possa vir.

– Então, chame-o! – pediu o Grifo. – Quero vê-lo.

O Cônego Menor, que ocupava um cargo inferior na igreja, tinha terminado pouco antes os serviços da tarde e saía por uma porta lateral, ao lado de três mulheres idosas que formavam a congregação para os dias de semana. Ele era um jovem de boa índole, que ansiava por ajudar as pessoas da cidade. Além de seus deveres na igreja, onde rezava a missa nos dias de semana, ele visitava os doentes e pobres, aconselhava e auxiliava pessoas com problemas, e lecionava em uma escola que reunia apenas as crianças problemáticas com as quais ninguém queria lidar. Sempre que as pessoas precisavam resolver algo difícil, consultavam o Cônego Menor. Por isso, o trabalhador pensou no jovem padre quando descobriu que alguém precisaria conversar com o Grifo. O Cônego Menor não tinha ficado sabendo do estranho acontecimento. Todos sabiam, menos ele e as três mulheres idosas. Ao ser informado da situação e do fato de que o Grifo queria vê-lo, ele ficou muito surpreso e assustado.

– Eu! – exclamou ele. – Ele nunca ouviu falar de mim! O que ele pode querer

comigo?

– Ah! Você precisa ir lá neste instante! – declararam os dois homens.

– Ele está muito irritado porque ficou um tempão esperando; e ninguém sabe o que vai acontecer se você não for correndo lá.

O pobre Cônego Menor preferia ter a mão arrancada a encontrar um grifo irritado; mas sentiu que era sua obrigação, afinal seria horrível se algo acontecesse com o povo da cidade porque ele não teve coragem de atender ao chamado do Grifo. Então, pálido e assustado, ele saiu caminhando.

– Bem – disse o Grifo, assim que viu o jovem se aproximar –, fico feliz que alguém criou coragem para me ver.

O Cônego Menor não se sentiu muito corajoso, mas curvou a cabeça.

– Este é o povoado onde há uma igreja com uma figura semelhante a mim sobre uma das portas? – perguntou o Grifo.

O Cônego Menor olhou para a apavorante criatura diante dele e concluiu que ela era, sem dúvida, exatamente igual à imagem de pedra na igreja.

– Sim – disse ele. – Você está certo.

– Bem, então, você poderia me levar até ela? Eu gostaria muito de vê-la.

O Cônego Menor pensou no mesmo instante que, se o Grifo entrasse na cidade sem que as pessoas soubessem de suas intenções, algumas morreriam de medo, por isso ele achou melhor tentar ganhar tempo para preparar o povo.

– Está escurecendo – disse ele, com muito medo de que suas palavras irritassem o Grifo. – E os objetos que ficam na parte da frente da igreja não podem ser vistos direito. O melhor é esperar até a manhã, se você quiser dar uma boa olhada em sua imagem em pedra.

– Parece ótimo para mim – respondeu o Grifo. – Vejo que você é um homem de bom senso. Estou cansado e vou tirar um cochilo aqui nesta grama macia, enquanto refresco meu rabo no pequeno riacho que corre aqui perto. A ponta de meu rabo fica ardendo de quente quando estou irritado ou empolgado e está bem quente agora. Então você pode ir, mas volte aqui amanhã cedo e me mostre o caminho até a igreja.

O Cônego Menor ficou feliz de poder ir embora e saiu correndo em direção ao povoado. Na frente da igreja, encontrou muitas pessoas reunidas para ouvir seu relato de como tinha sido o encontro com o Grifo. Quando descobriram que ele não apareceu para semear a ruína e a devastação, mas apenas conferir sua imagem em pedra, elas não ficaram nem aliviadas nem contentes, mas começaram a questionar o fato de o Cônego Menor ter aceitado conduzir a criatura pelo povoado.

– O que mais eu poderia fazer? – gemeu o jovem. – Se eu não o trouxesse, ele viria por conta própria e talvez acabasse tocando fogo na cidade com seu rabo

em chamas.

Ainda assim, as pessoas não ficaram satisfeitas, e bolaram muitos planos para impedir a entrada do Grifo na cidade. Alguns idosos imploraram aos jovens que fossem lá matar o Grifo; mas os jovens rejeitaram tal ideia ridícula. Então, alguém disse que seria bom destruir a imagem de pedra, para que o Grifo não tivesse motivos para entrar na cidade; essa proposta foi recebida com tanta empolgação que muitos correram para buscar martelos, cinzéis e pés de cabra para destruir o grifo de pedra. Mas o Cônego Menor lutou contra esse plano com corpo e alma. Garantiu ao povo que a ação irritaria demais o Grifo, pois seria impossível esconder dele o fato de que a imagem tinha sido destruída durante a noite. Porém, as pessoas estavam tão determinadas a quebrar o grifo de pedra que o Cônego Menor viu que não podia fazer nada além de ficar ali para protegê-lo. Ele caminhou para cima e para baixo a noite toda em frente à porta da igreja, afastando os homens que traziam escadas e planejavam subir para derrubar o grifo de pedra com martelos e cinzéis. Após muitas horas, as pessoas tiveram que desistir e foram para casa dormir, mas o Cônego Menor permaneceu no posto até de manhã cedo, então correu em direção ao campo, onde havia deixado o Grifo.

O monstro havia acabado de acordar e, equilibrando-se nas patas dianteiras e se sacudindo, disse que estava pronto para ir até o povoado. O Cônego Menor, portanto, começou o caminho de volta, enquanto o Grifo voava lentamente pelo ar, mantendo uma curta distância da cabeça de seu guia. Não se enxergava uma só pessoa nas ruas, e eles se dirigiram diretamente até a frente da igreja, onde o Cônego Menor apontou para o grifo de pedra.

O verdadeiro Grifo aterrissou no pequeno quadrado em frente à igreja e olhou com uma convicção sincera para a escultura feita à sua semelhança. Assim fez por um bom tempo. Ele virou a cabeça para um lado e depois para o outro; fechou o olho direito e olhou com o esquerdo, em seguida fechou o esquerdo e olhou com o direito. Então, foi um pouco para o lado e olhou a imagem, depois para o outro lado. Após um certo tempo, ele disse ao Cônego Menor, que tinha ficado parado o tempo todo:

– Deve ser muito semelhante! A distância entre os olhos, a testa ampla, a mandíbula imensa! Sinto que é muito parecido comigo. Se há algum defeito nisso, é que o pescoço é muito duro. Mas isso não é nada. Devo admitir que é de uma semelhança admirável. Admirável!

O Grifo ficou sentado olhando sua imagem por toda a manhã e toda a tarde. O Cônego ficou com medo de partir e deixá-lo ali, e esperava que, no decorrer do dia, ele ficasse satisfeito com a inspeção e voltasse voando para casa. Mas, ao cair da noite, o pobre homem estava exausto e sentiu que precisava comer e

dormir. Ele admitiu isso com franqueza ao Grifo e perguntou se ele não gostaria de algo para comer. Ele disse isso por se sentir obrigado, por questões de educação, mas assim que pronunciou as palavras foi tomado por um terror de que o monstro iria pedir algo como meia dúzia de bebês ou alguma refeição apetitosa desse tipo.

– Ah, não – disse o Grifo. – Nunca como entre um equinócio e outro. No equinócio de primavera e no de outono eu como uma boa refeição e com ela me sustento por meio ano. Tenho hábitos extremamente regulares e não acho saudável comer fora de hora. Mas, se você precisa de comida, vá lá, e eu vou voltar para a grama macia onde dormi na noite passada para tirar outra soneca.

No dia seguinte, o Grifo voltou mais uma vez para o pequeno quadrado em frente à igreja e ficou lá até anoitecer, observando o grifo de pedra com atenção. O Cônego Menor apareceu uma ou duas vezes para vê-lo, e o Grifo pareceu ficar muito feliz com a visita; mas o jovem clérigo não podia ficar tanto quanto antes, pois tinha muitas tarefas. Ninguém apareceu na igreja, mas as pessoas foram até a casa do Cônego e perguntaram, ansiosas, por quanto tempo o Grifo iria ficar.

– Não sei – respondeu ele. – Mas acho que logo, logo ele vai ficar satisfeito com sua imagem em pedra e então irá embora.

Mas o Grifo não foi. Todas as manhãs aparecia na igreja, mas depois de um tempo nem ficava mais lá. Ele parecia ter desenvolvido um grande apreço pelo Cônego Menor e o seguia enquanto ele realizava suas várias obrigações. Esperava-o ao lado da igreja, pois o Cônego Menor rezava missas todos os dias, à manhã e à tarde, embora ninguém mais aparecesse.

– Se alguém vier, preciso estar a postos – disse ele a si mesmo.

Quando o jovem saía, o Grifo o acompanhava nas suas visitas aos pobres e enfermos, e assistia pela janela da escola às aulas que o Cônego dava aos alunos indisciplinados. Todas as outras escolas estavam fechadas, mas os pais dos alunos do Cônego forçavam as crianças a ir para a aula, pois eram tão bagunceiros que não suportavam os filhos em casa o dia todo, com ou sem grifo. Mas cabe dizer que eles se comportavam muito bem quando o monstro se sentava sobre o rabo e os observava pela janela da escola.

Quando perceberam que o Grifo não dava indícios de que iria embora, todos os que podiam sair da cidade assim o fizeram. Os cônegos e os oficiais superiores da igreja fugiram durante o primeiro dia da visita do Grifo, deixando para trás somente o Cônego Menor e alguns dos homens que abriam as portas e limpavam a igreja. Todos os cidadãos com dinheiro suficiente fecharam as casas e viajaram para lugares distantes, e só restaram trabalhadores e pobres na cidade. Após alguns dias, eles tiveram que continuar suas tarefas cotidianas, pois morreriam de fome se não trabalhassem. Começaram a se acostumar a ver o

Grifo e, sendo informados de que ele só se alimentava nos equinócios, não sentiram mais tanto medo. A cada dia, o Grifo se sentia mais próximo do Cônego Menor. Ele ficava perto do cônego boa parte do tempo e muitas vezes passava a noite em frente à pequena casa onde o jovem vivia sozinho. A estranha companhia muitas vezes se mostrou um fardo para o Cônego Menor; mas, por outro lado, ele não podia negar que se beneficiava da presença do Grifo e aprendia com ele. Por ter vivido por centenas de anos e visto muitos acontecimentos, o Grifo contava coisas incríveis ao Cônego Menor.

– É como ler um livro antigo – disse consigo mesmo o jovem clérigo. – Mas quantos livros eu teria que ler para aprender o que o Grifo me contou sobre a terra, o ar, a água, os minerais e os metais, e sobre coisas que crescem e todas as maravilhas do mundo!

E assim foi passando o verão, que se aproximava do fim. O povo da cidade voltou a ficar bastante preocupado.

– Logo mais chegará o equinócio de outono, e o monstro precisará se alimentar – comentaram. – Ele vai estar morrendo de fome, pois se exercitou muito desde a última refeição. Ele vai devorar nossos filhos. Sem dúvida, vai comer a todos. O que se pode fazer a respeito?

Ninguém sabia a resposta, mas todos concordavam com o fato de que o Grifo não deveria ficar até a chegada do equinócio. Depois de discutir por um bom tempo a questão, uma multidão foi até o Cônego Menor, em um momento em que o Grifo não o acompanhava.

– A presença do monstro entre nós é culpa sua – disseram. – Foi você que o trouxe aqui, então tem que mandá-lo embora. É por sua causa que ele continua aqui, pois, apesar de visitar a escultura todos os dias, ele passa a maior parte do tempo com você. Se você não estivesse aqui, ele não ficaria. É seu dever, portanto, ir embora, para que ele possa segui-lo, e assim ficaremos livres desse horripilante perigo que paira sobre nós.

– Ir embora! – gritou o Cônego Menor, muito entristecido por falarem com ele daquela maneira. – Para onde eu poderia ir? Se for para outro povoado, não vou levar este problema para lá? Tenho o direito de fazer isso?

– Não – respondeu o povo. – Você não deve ir a nenhuma outra cidade. Não há cidade longe o bastante. Você deve ir até a floresta apavorante onde mora o Grifo; e ele deve segui-lo e ficar lá.

Eles não disseram se esperavam ou não que o Cônego Menor também ficasse lá, e ele não perguntou. O jovem fez uma reverência e voltou para casa a fim de refletir. Quanto mais ele pensava, mais claro ficava que era seu dever ir embora e assim libertar a cidade da presença do Grifo.

Naquela noite, ele encheu uma mochila de couro com pão e carne e, na manhã

seguinte, partiu em uma jornada rumo à apavorante floresta. Era um caminho longo, cansativo e sombrio, especialmente depois de sair dos terrenos habitados pelos homens, mas o Cônego Menor continuou em postura corajosa, sem nunca hesitar. O caminho era mais longo do que ele imaginava, e as provisões logo escassearam, de modo que ele foi obrigado a comer muito pouco todos os dias, mas permaneceu valente e continuou. Depois de muitos dias de viagem exaustiva, ele chegou à apavorante floresta. Quando o Grifo descobriu que o Cônego Menor tinha saído do povoado, ficou triste, mas não demonstrou interesse em ir atrás dele. Após alguns dias, ele ficou muito incomodado e perguntou às pessoas aonde tinha ido o Cônego Menor. Mas, embora os cidadãos quisessem muito que o clérigo fosse à floresta, pensando que o Grifo o seguiria em breve, eles tinham medo de revelar para onde o Cônego tinha ido, pois o monstro já parecia irritado e, se suspeitasse do truque, ele com certeza ficaria furioso. Então, todos responderam que não sabiam, e o Grifo andou sem rumo, desconsolado. Certa manhã, ele olhou para a escola do Cônego Menor, que estava sempre vazia, e pensou que era uma pena que todos devessem sofrer por causa da ausência do jovem.

– Não me importo muito com a igreja, pois ninguém a frequentava – disse o Grifo. – Porém, é uma pena o estado em que a escola ficou. Acho que eu mesmo vou dar aulas até ele retornar.

Na hora do início das aulas, o Grifo entrou na escola e soou o sino. Algumas das crianças que ouviram o sino entraram para ver o que era, achando que era uma brincadeira de algum colega; quando viram o Grifo, ficaram surpresas e assustadas.

– Chamem os alunos – anunciou o monstro. – Digam que a escola está aberta e que, se não aparecerem aqui em dez minutos, eu vou atrás deles.

Em sete minutos, todos os alunos estavam em seus devidos lugares. Nunca se viu uma escola tão comportada. Nenhum menino ou menina se mexeu ou trocou um sussurro. O Grifo sentou-se no assento do professor, com as amplas asas abertas para os lados, pois ele não conseguia se recostar na cadeira com elas para trás, e o longo rabo enroscado na frente da mesa, a ponta farpada para o alto, pronta para cutucar qualquer menino ou menina que não se comportasse. O Grifo se dirigia aos alunos, contando que pretendia lecionar na escola enquanto o professor viajava. Em sua fala, ele pretendia imitar, o melhor que pudesse, o tom gentil e tranquilo do Cônego Menor, mas deve-se admitir que ele não obteve êxito na tarefa. Ele tinha prestado muita atenção ao que era lecionado na escola e decidiu que não tentaria ensinar nada de novo, apenas revisar o conteúdo; então ele convocou várias classes e questionou os alunos sobre o conteúdo das aulas anteriores. As crianças se esforçaram para se lembrar do que tinham aprendido.

Elas tinham tanto medo de irritar o Grifo que recitavam a lição como nunca. Um dos garotos mais atrasados da turma respondeu tão bem que o Grifo ficou perplexo.

– Acho que você deveria ser um dos primeiros da classe – disse ele. – Tenho certeza de que você nunca recitou tão bem. Por quê?

– Nunca me dei o trabalho – respondeu o garoto, todo trêmulo.

Ele se sentiu obrigado a dizer a verdade, pois todas as crianças achavam que os grandes olhos do Grifo poderiam enxergar através delas e que, portanto, ele saberia quando estavam mentindo.

– Você deveria se envergonhar disso – falou o Grifo. – Vá para o fundo da classe, e, se você não estiver na frente em dois dias, saberei o motivo.

Na tarde seguinte, o garoto era o número um.

Era impressionante o quanto as crianças aprendiam, uma vez que estavam estudando. Era como se elas estivessem sendo reeducadas. O Grifo nunca foi severo, mas havia algo nele que fazia todas só irem para a cama depois de terem aprendido direitinho as lições para a aula seguinte.

O Grifo passou a achar que deveria visitar os pobres e doentes; e começou a percorrer a cidade com esse propósito. O efeito sobre os enfermos foi milagroso. Todos, exceto aqueles muito doentes, saltavam da cama quando o viam aproximar-se e declaravam estar se sentindo muito bem. Para os que não conseguiam se levantar, o Grifo dava ervas e raízes que ninguém nunca tinha usado como remédio, mas que ele viu sendo usadas em várias partes do mundo; a maioria deles se recuperou. Mas, apesar disso, diziam que, independentemente do que acontecesse com eles, esperavam nunca mais ter que ver um médico daqueles ao lado da cama, tomando o pulso e olhando as línguas.

Quanto aos pobres, eles pareciam ter desaparecido por completo. Todos os que dependiam de caridade para ganhar o pão de cada dia passaram a trabalhar de alguma forma ou de outra; muitos realizavam pequenos trabalhos para os vizinhos em troca de comida, algo que quase não ocorria antigamente na cidade. O Grifo não encontrou ninguém que precisasse de auxílio.

O verão tinha terminado e o equinócio de outono logo se aproximava. Os cidadãos sofriam de grande ansiedade e preocupação. O Grifo não dava sinais de que iria embora, mas parecia ter se instalado com eles para sempre. Em pouco tempo, o dia de sua refeição semianual chegaria, e o que iria acontecer? O monstro com certeza estaria esfomeado e devoraria todas as crianças.

O povo se arrependia e lamentava por ter mandado o Cônego embora; ele era o único que poderia ajudá-los, pois conseguia conversar livremente com o Grifo e poderia descobrir algo que pudesse ser feito. Mas de nada adiantaria continuar sem fazer nada. Alguma coisa tinha que ser feita imediatamente. Uma reunião

dos moradores foi organizada, e dois idosos foram designados para falar com o Grifo. Foram instruídos a preparar para ele, no dia do equinócio, um jantar incrível, que fosse capaz de satisfazer sua fome. Eles iriam lhe oferecer a ovelha mais gorda, a carne bovina mais macia, peixe e carne de caça de várias espécies; e tudo o mais de que ele pudesse gostar. Se nada disso servisse, eles deveriam mencionar que havia um asilo de órfãos na cidade mais próxima.

– Qualquer coisa será melhor do que ver nossas crianças serem devoradas – disseram os cidadãos.

Os velhos foram conversar com o Grifo, mas as propostas não foram bem recebidas.

– Pelo que vi do povo desta cidade, acho que não quero comer nada preparado por ele – contou o monstro. – Todos dão a impressão de serem covardes e, portanto, maldosos e egoístas. Quanto a comer algum deles, velho ou jovem, não cogitei nem por um segundo. Na verdade, há apenas uma criatura em todo este lugar que me dá apetite: o Cônego Menor, que partiu. Ele era bravo, bondoso e honesto, e acho que eu deveria ter me contentado com ele.

– Ah – disse um dos velhos, de forma muito educada. – Neste caso, nós não deveríamos ter mandado ele para a apavorante floresta!

– O quê? – gritou o Grifo. – Como assim? Explique neste mesmo instante do que você está falando!

O velho, terrivelmente assustado com o que ouviu, foi obrigado a explicar por que tinham enviado o Cônego Menor para longe do povoado, na esperança de que o Grifo fosse induzido a segui-lo.

Quando o monstro escutou a história, ficou furioso. Ele se afastou depressa dos velhos e, abrindo as asas, foi sobrevoar a cidade de um lado para outro. Ele estava tão agitado que seu rabo ficou vermelho como fogo e brilhava como um meteoro em contraste com o céu noturno. Quando, enfim, desceu no pequeno campo onde costumava descansar e colocou o rabo no riacho, o vapor emergiu como uma nuvem, e a água do riacho percorreu a cidade quase fervendo de tão quente. Os cidadãos ficaram muito assustados e culparam o velho por falar sobre o Cônego Menor.

– Ficou claro que o Grifo tinha decidido enfim sair em busca dele, e nós provavelmente estaríamos salvos – disseram. – Agora, sabe-se lá qual desgraça você trouxe para nós.

O Grifo não ficou muito tempo no campo. Assim que seu rabo esfriou, ele voou até a prefeitura e tocou o sino. Os cidadãos sabiam que o Grifo esperava que eles fossem até lá e, embora tivessem medo, tinham mais medo ainda de não ir, então lotaram a prefeitura. O Grifo estava em uma plataforma em uma ponta, sacudindo as asas e andando de um lado para outro. A ponta do rabo ainda estava

tão quente que queimava de leve as tábuas do piso.

Quando todos os que podiam aparecer estavam lá, o Grifo parou de caminhar e dirigiu-se ao público:

– Minha opinião sobre vocês é desprezível – disse ele. – Há muito descobri que vocês são covardes, mas não fazia ideia de que eram tão ingratos, egoístas e cruéis como agora os considero. Morava aqui um Cônego Menor, que trabalhava dia e noite para o bem de vocês, e só pensava em como poderia melhorar suas vidas e deixá-los contentes; e, assim que vocês se consideram ameaçados por algo, pois eu sei muito bem que morrem de medo de mim, vocês o mandam embora sem se importar se ele conseguirá retornar ou se morrerá, esperando assim salvar a própria pele. Veja bem, eu me afeiçoei muito a esse jovem e pretendia, em um ou dois dias, partir em busca dele. Mas mudei de ideia. Vou encontrá-lo, mas vou mandá-lo de volta para viver aqui entre vocês, e meu plano é que ele aproveite a recompensa de todo o seu trabalho e sacrifício. Sugiro que alguns de vocês encontrem os oficiais da igreja, que foram covardes e fugiram quando eu apareci, e digam a eles para nunca mais retornarem a esta cidade, sob pena de morte. E se, quando o Cônego Menor voltar para a cidade, vocês não se curvarem diante dele, colocarem-no na mais alta posição e o servirem e honrarem por toda a vida, temam minha terrível vingança! Há apenas duas coisas boas nesta cidade: o Cônego Menor e minha imagem de pedra em cima da porta da igreja. Uma dessas vocês expulsaram, e a outra eu levarei comigo.

Com essas palavras, ele encerrou o encontro, e já não era sem tempo, pois seu rabo ficou tão quente que havia o risco de atear fogo no lugar todo.

Na manhã seguinte, o Grifo apareceu na igreja, arrancou a imagem de pedra das amarras sobre a grande porta, agarrou a escultura com suas poderosas patas dianteiras e saiu voando. Então, após sobrevoar a cidade por um tempo, deu uma forte sacudida no rabo e partiu em direção à apavorante floresta. Quando alcançou a região desolada, posicionou o grifo de pedra sobre a saliência de uma rocha que ficava em frente à horrenda caverna que ele chamava de lar. Assim, a imagem ocupava uma posição um tanto similar à que tinha em cima da porta da igreja; e o Grifo, ofegante por causa do esforço de carregar tanto peso por uma distância tão grande, deitou-se no chão e contemplou a escultura com muita satisfação. Quando se sentiu um pouco descansado, saiu em busca do Cônego Menor. Ele encontrou o jovem, fragilizado e esfomeado, deitado sob a sombra de uma rocha. Após levantá-lo e carregá-lo até a caverna, voou até um charco distante, onde procurou algumas raízes e ervas que sabia que fortaleceriam e regenerariam o homem, embora o Grifo nunca as tivesse experimentado. Após se alimentar delas, o Cônego Menor se sentiu bastante recuperado e se sentou para ouvir o que o Grifo lhe contava dos acontecimentos da cidade.

– Sabia que eu tinha, e ainda tenho, um grande apreço por você? – perguntou o monstro, quando terminou de explicar.

– Fico muito contente de ouvir isso – respondeu o Cônego Menor, com sua polidez de sempre.

– Não sei se você continuaria contente se entendesse o que isso na verdade significa, mas não vamos discutir agora – disse o Grifo. – Se algumas coisas fossem diferentes, outras também seriam. Fiquei tão irritado ao descobrir a maneira como você foi tratado que determinei que você irá, enfim, colher as recompensas às quais tem direito. Deite-se e durma bem, então eu lhe levarei de volta à cidade.

Ao escutar essas palavras, um olhar preocupado apareceu no rosto do jovem.

– Você não precisa ficar ansioso quanto ao meu retorno à cidade – falou o Grifo. – Não permanecerei lá. Agora que possuo aquela admirável escultura feita à minha semelhança na frente de minha caverna, onde posso me sentar e contemplar suas proporções magníficas e suas características tão nobres, não tenho interesse em conviver com aquele povo covarde e egoísta.

O Cônego Menor, aliviado, recostou-se e caiu no sono; enquanto dormia profundamente, o Grifo o levantou e o carregou de volta à cidade. Ele chegou pouco antes do raiar do sol e, colocando o jovem com delicadeza sobre a grama, no pequeno campo onde costumava descansar, o monstro voou de volta para casa, sem ser visto por nenhum habitante.

Quando o Cônego Menor apareceu entre os moradores, durante a manhã, o entusiasmo e a cordialidade com que o receberam foram realmente maravilhosos. Foi levado até a casa antes ocupada por um dos oficiais superiores do lugar, e todos estavam dispostos a fazer o possível em nome do bem-estar e do conforto dele. Os moradores lotavam a igreja quando ele rezava a missa, a tal ponto que as três idosas que formavam a congregação nos dias de semana não conseguiam mais ocupar os melhores lugares; e os pais das crianças indisciplinadas decidiram educá-las melhor em casa, para que o Cônego não tivesse o trabalho de manter a escola. Ele foi designado para o cargo mais alto da velha igreja e, antes de morrer, tornou-se bispo.

Durante os primeiros anos após seu retorno da aterrorizante floresta, o povo olhava-o como um homem a quem reverenciavam e honravam; mas também, com alguma frequência, olhavam para o céu para ver se havia algum sinal do retorno do Grifo. No entanto, com o passar do tempo, aprenderam a honrar e reverenciar o Cônego sem medo de serem punidos por não fazer isso.

Mas eles nem tinham por que temer o Grifo. Chegou o equinócio de outono, e o monstro não comeu nada. Se não pudesse ter o Cônego Menor, não se interessava por mais nada. Então, deitado, com os olhos fixos no grande grifo de

pedra, ele aos poucos definhou e morreu. Ainda bem que alguns dos moradores não ficaram sabendo.

Se você algum dia visitar a velha cidade, ainda pode ver os pequenos grifos ao lado da igreja; mas o grande grifo de pedra sobre a porta não está mais lá.



Eu estava lá quando NNEDI OKORAFOR ganhou o Prêmio World Fantasy de Melhor Romance por *Who Fears Death*, e vibrei tanto quanto todo mundo. Ela é uma escritora maravilhosa que mora em Chicago e tem o melhor cabelo do mundo.

Aos doze anos de idade e com a capacidade de conversar com cobras venenosas, Ozioma é a campeã invicta de seu vilarejo – embora todos achem que ela é uma bruxa. Certo dia, no entanto, uma imensa serpente desce dos céus e testa a coragem de Ozioma...



OZIOMA, A MALIGNA

Por

Nnedi Okorafor

PARA A MAIORIA DAS PESSOAS, Ozioma era uma garotinha desagradável cujo coração puro havia enegrecido dois anos antes, logo depois da morte de seu pai. Só a mãe dela discordava, mas a mãe era apenas a quarta esposa de um fazendeiro falecido que cultivava inhame, então ninguém se importava com o que ela pensava.

Aos doze anos de idade, Ozioma passava dias sem falar. As pessoas mantinham distância dela, até mesmo os parentes. Todos temiam o que poderia acontecer caso a irritassem. Chamavam-na de bruxa, de criança feiticeira, títulos temidos e desrespeitosamente respeitados no pequeno vilarejo de Agwotown. É claro, só a chamavam por esses nomes feios mas poderosos pelas costas, nunca na sua frente. A maior parte das pessoas não ousava olhar nos olhos castanho-escuros dela. Isso tudo graças ao que Ozioma era capaz de fazer.

Veja bem, o povo de Agwotown tinha muito mais medo de picada de cobra do que outros nigerianos. Embora a cidade fosse antiga, com construções e casas bem-feitas e uma floresta bem-controlada, as cobras da região continuavam firmes e fortes. Elas permaneciam lá e, por alguma razão, eram muito, muito letais. Escondiam-se em arbustos e na grama alta que cercava os lares, atravessavam tranquilas as ruas à noite, quando havia poucos carros e caminhões, e andavam livremente pelos caminhos de terra que cruzavam a floresta até o riacho.

Uma pessoa podia estar se divertindo com os amigos, rindo e tagarelando, e de repente, com um passo meio torto, pisava na grama. Antes que ela percebesse, uma cobra já estaria cravando as presas em seu tornozelo. A morte costumava chegar com uma rapidez dolorosa, ainda mais se fosse uma cascavel ou uma víbora. A maior parte das pessoas de Agwotown tinha perdido parentes, amigos, colegas e inimigos por picada de cobra. Por isso, em Agwotown, as pessoas não tinham medo de estradas perigosas, assaltos à mão armada ou de ter

a conta bancária esvaziada por causa de alguma fraude. As pessoas temiam cobras. E Ozioma sabia falar com elas.

Aqueles que ouviram a história da proeza que a menina realizou dois anos antes não paravam de falar no assunto. Foi um incidente que dizem que a deixou com o "coração negro", pois quem seria capaz de se comunicar com uma cobra? Só pessoas corrompidas. Havia uma cobra no campo de inhame do tio, que serpenteou por trás dele enquanto ele cuidava de uma raiz. Quando ele se virou, ficou face a face com um demônio de capuz marrom, uma naja. Ozioma, por acaso, estava saindo de casa com uma garrafa de Fanta laranja.

Ela não falava com ninguém havia dois dias.

– Estava naquele mau humor dela – contou o tio quando os filhos mais velhos perguntaram do incidente.

O pai havia morrido um mês antes, e as pessoas ainda não tinham começado a evitá-la.

– Não! – gritou Ozioma quando viu o tio face a face com a cobra.

Ela deixou cair a garrafa e correu com suas pernas longas e fortes. Por sorte, nem o tio nem a naja se mexeram. Testemunhas afirmam que ela se agachou e aproximou o rosto do da serpente. O tio estava ombro com ombro com a sobrinha, paralisado de medo.

– A cobra *beijou* os lábios dela com a língua enquanto ela sussurrava – contou depois o tio, com um arrepio de nojo. – Eu estava logo ao lado, mas não entendi uma palavra do que ela falou.

Os filhos mais velhos sentiram o mesmo nojo só de escutar. Um deles até se virou para o lado e cuspiu. Ainda assim, Ozioma deve ter dito algo, pois a cobra retornou ao chão e foi embora. Ozioma se virou para o tio, sorrindo aliviada – sorrindo pela primeira vez desde a morte do pai. Ela sentia muita falta do pai. Era empolgante usar a habilidade que sempre possuiu e que ela só tinha mostrado algumas poucas vezes aos pais. E utilizá-la para salvar o tio, que tanto se parecia com o pai, fez as nuvens ao redor de seu coração se dissiparem, deixando passar os raios de sol. Ela amava o tio como amava todos os parentes, de uma maneira própria e silenciosa.

No entanto, o tio não retribuiu seu sorriso, e a surpreendeu com uma expressão irritada que faria murchar a flor mais orgulhosa. Ozioma afastou-se dele encolhida, levantou-se e foi para casa. Depois disso, o tio nunca mais dirigiu uma palavra à sobrinha – maligna, encantadora de serpentes.

O tio contou aos filhos mais velhos e a vários amigos o que ela havia feito, descrevendo sempre que estava prestes a partir a cobra em dois quando ela apareceu e conversou com a fera como se fossem melhores amigas. Então, essas pessoas contaram para outras, e estas para mais outras. Logo, todo mundo em

Agwotown conhecia os talentos malignos de Ozioma. Todos disseram que isso era de se esperar. Uma garota de família pobre, órfã de pai, só poderia ser uma garota com tendências à bruxaria. Ainda assim, no dia em que a cobra venenosa desceu da gigantesca sumaúma, a quem vocês acham que eles recorreram?

Ozioma estava parada diante do panelão borbulhante de um ensopado vermelho, cantarolando para si mesma. A mãe estava conversando com a tia nos fundos. A garota estava com o mp3 player conectado a umas caixas de som antigas e tocava um afrobeat que o pai adorava. Lá fora trovejava, e choveria a qualquer instante, mas isso não a preocupava. Ela estava cozinhando, algo que adorava fazer desde que a mãe a ensinou, três anos antes. Cozinhar fazia com que se sentisse no controle, madura.

Ela picou as cebolas com cuidado, provou os tomates vermelhos, deliciando-se com a suavidade e a perfeição, acrescentou uma mistura de tomilho, pimenta-vermelha, sal e curry, e contemplou maravilhada o verde das folhas. Ela tirou do forno e fatiou a meia galinha que havia temperado e assado com esmero. Cantarolava enquanto mexia o molho lentamente para não partir a galinha assada que tinha acrescentado ao ensopado.

– Ozioma!

Seus olhos, que estavam sem rumo, perdidos em visões de comida deliciosa, de repente se focaram. Ela piscou, notando a presença de um colega da escola, Afam, parado na janela. Afam era um dos poucos que não a chamavam de "beijoqueira de serpentes". E, certa vez, pediu-lhe que mostrasse como se conversava com uma cobra. Ela cogitou, mas decidiu não mostrar. Às vezes, as cobras eram enganosas. Nem sempre faziam o que você pedia. Embora não fossem machucá-la, poderiam morder Afam. Cobras gostam de testar a textura da pele.

Ela franziu o cenho, em expressão questionadora, para Afam. Não estava no clima de falar com ninguém naquele dia. Só queria cozinhar.

– Venha! – disse Afam.

Ele fez uma pausa.

– Corra!

Foi essa pausa que atingiu Ozioma. E uma sensação. Ela largou a colher, que afundou no denso ensopado vermelho. Correu pela porta sem se preocupar em calçar as sandálias. O ar estava pesado e úmido, pressionando-lhe a pele.

Seguiu Afam pela rua. Passou pela casa da tia Nwaduba, que certa vez lhe deu um tapa por não a ter cumprimentado alto e bom som. Passou pela casa dos Efere, o velho casal que gostava de cultivar flores no período de chuvas e detestava quando Ozioma se aproximava demais deles. O sr. Efere estava

sentado na varanda, em frente aos lírios-tigre, e a observou correr, desconfiado. Passou pela casa do tio dela. Pelos fundos. Atravessou o jardim de inhame onde ela o salvou de uma cobra. E, enfim, subiu até o centro da cidade, o ponto de encontro junto à imensa sumaúma que se estendia rumo aos céus. Afam parou, sem fôlego.

– Ali – disse ele, apontando.

Então ele se afastou depressa e saiu correndo, escondendo-se atrás da casa mais próxima, espiando o que acontecia. Ozioma se virou para a árvore, justo quando começou a chover.

Com a forma de duas aranhas, uma maior de cabeça para baixo sobre uma menor, os galhos grossos e suaves e as raízes eram ideais para se sentar. Em dias de folga, os homens se reuniam ao redor da árvore para discutir, conversar, beber, fumar e jogar carteado em vários níveis dos galhos.

Ozioma franziu o cenho, enquanto trovões ribombavam e raios disparavam. Era o último lugar onde alguém gostaria de estar durante uma tempestade. Além de correr o risco de ser atingida por um raio, a árvore era conhecida por ser o lar de bons e maus espíritos, conforme o dia. Pelo menos é o que diziam. Era óbvio que naquele dia hospedava algo diferente. Enquanto Ozioma avaliava a situação, ali parada, grandes gotas quentes caíam como lágrimas de um peixe-boi. Era a época do ano em que a árvore soltava suas sementes. Na chuva, sementes fofas, amarelas e à prova d'água quicavam como bolhas brancas, ao lado das gotas de chuva. Seis homens estavam ao redor da árvore, de bermudas, calças, camisetas e sandálias. Encontravam-se imóveis como a árvore. Exceto um deles. Esse homem contorcia-se no barro vermelho, que ficava cada vez mais parecido com o ensopado que ela deixou queimando no fogão. O homem gritava e cobria com força os olhos. Ozioma viu o irmão mais velho, o filho da segunda esposa do pai que sempre lhe dava as costas e se afastava quando a via se aproximando. Ele estava parado feito pedra ao lado do homem que se contorcia. Ozioma não se permitiu olhar muito de perto o homem agonizando no chão. Ela o reconheceria. Olhou para o alto da árvore e seu coração deu um salto, então a menina sentiu o corpo ser inundado de adrenalina. Ela tirou as gotas de chuva dos olhos com uma piscada, certa de que aquilo que via não podia ser verdade. Mas era. Igual às histórias que a *dibia* gostava de contar. A enorme corrente balançava entre as nuvens cinzentas e pesadas no meio dos galhos mais altos da árvore. Na chuva, parecia preta. Ozioma sabia que era feita com o ferro mais puro e forte, que ferreiro nenhum era capaz de torcer. Era mais antiga que o tempo, a escada dos deuses. E algo havia descido rastejando por ela.

– Quantas? – perguntou Ozioma em voz baixa, dirigindo-se ao homem mais próximo, Sammy, outro primo que parou de falar com ela desde o incidente com

a cobra.

Ela receava que ele não a escutaria por causa do barulho da chuva, mas não poderia se arriscar a falar mais alto.

– Uma – sussurrou ele, a água pingando dos lábios enquanto falava. – Muito, muito, muito grande, ó! Debaixo das raízes.

A menina sentia todos os olhos cravados nela. Todos desejando, torcendo, rezando para que ela os ajudasse. Todas essas pessoas que, em outras ocasiões, evitariam vê-la, que se recusavam a enxergá-la. Ozioma desejou voltar à cozinha, onde preparava o ensopado perfeito.

Ela viu a criatura entre um emaranhado de raízes. Parte dela, ao menos. A menina deixou escapar um suspiro lento. Aquela cobra precisaria de muito convencimento. Era maior do que dois homens. Se erguesse a parte posterior do corpo com certeza ficaria da altura de Ozioma. Assim, seria capaz de cuspir veneno em seus olhos. Uma cobra que cospe. O veneno seria tão poderoso que queimaria como ácido. A vítima não morreria logo; ficaria cega por dias e então morreria.

Ainda assim, por ser uma cuspideira, esse tipo de serpente não enxergava direito, até os outros moradores do vilarejo sabiam. E, se alguém permanecesse imóvel, o animal não seria capaz de diferenciar um ser humano de uma árvore. Isso era conhecimento básico entre os moradores de Agwotown. Portanto, assim que a cobra cuspiu no olho de um dos homens, deixando-o se contorcendo de dor na terra, todos, de forma automática, ficaram parados no mesmo instante.

A mãe de Ozioma certa vez contou que, quando ela ainda era um bebê, Ozioma costumava comer terra e brincar com folhas e insetos:

– Talvez seja por isso você consiga falar a língua das cobras. Você adorava rastejar, de barriga para baixo, igual a elas.

Talvez fosse verdade. Fosse lá qual fosse o motivo, antes mesmo de ela ter visto a serpente, sabia que era uma cuspideira e também que era diferente de todas as outras. Lentamente, Ozioma avançou. A cobra a observava por entre as raízes, e rastejou lentamente para fora. Sua face era algo de outro mundo, parecia a de um velho dissimulado que viveu muito tempo e tinha assistido em silêncio a muitas guerras e a muitos períodos de paz. Uma corrente de pingos de chuva escorria pela cabeça e pelo longo e imponente corpo da serpente.

– Ozioma, o que você vai fazer? – sussurrou o irmão dela.

– Fique quieto – disse ela.

“Só quando os monstros aparecem é que eles lembram meu nome”, pensou Ozioma, irritada. “Agora estão cheios de medo no olhar, e eu sei porque só agora eles olham para mim.”

Ozioma ficou ali parada, na chuva, a um metro e meio de distância da criatura,

fitando-a nos olhos, com o short jeans e a camiseta vermelha ensopados. Os homens ao redor permaneceram congelados, com o medo e o instinto de sobrevivência à flor da pele. A serpente tinha olhos dourados e um corpo verde-floresta, não o típico marrom-avermelhado das cuspideiras. Ela se ergueu devagar e abriu o capuz, que era de um verde ainda mais claro. Ainda de pé, aproximou-se deslizando, enquanto se mantinha erguida, algo que era difícil para a maioria das serpentes. Ozioma queria sair correndo aos gritos dali, mas era tarde demais. Ela já estava lá. A cobra cuspiria veneno em seus olhos antes que escapasse. Ela mesma tinha se colocado naquela situação. Para salvar seu povo, que a odiava. Seu pai teria feito o mesmo. Certa vez, ele enfrentou ladrões armados que tentaram assaltar um mercado. Foi o único homem corajoso o bastante para gritar com o grupo de ladrões imbecis, que acabaram se revelando adolescentes que morriam de medo de atacar com os facões com os quais ameaçavam as pessoas. A chuva escorria pela cabeça escamosa da cobra, mas nenhuma das frutas da árvore caiu sobre ela. Quando a criatura falou, sua voz chegou a Ozioma como a de qualquer outra serpente, um ruído sibilante muito próximo do ouvido. *Saia daí. Quero esta árvore. Gosto dela. É minha*.

– Não – disse ela, em voz alta. – A árvore é nossa. Estes aqui são meus... parentes.

A serpente olhou para ela, sem expressão no rosto, como o de qualquer outro animal.

Vou matar você e todos os humanos ao meu redor, então. Eles não podem ficar imóveis para sempre.

– Este é meu lar – disse ela. – É tudo o que eu tenho. Eles me odeiam e muitas vezes eu também os odeio, mas sempre vou amá-los. Não vou deixar você ferir mais nenhum deles!

Ela podia ler, tranquila, seus livros favoritos. Podia ficar sozinha, se sentindo isolada, enquanto os colegas socializavam. Podia ansiar pelo amor dos irmãos, tias, tios e primos. Podia se olhar no espelho e desejar ter um sorriso fácil. E podia chorar e chorar pela morte do pai. Mas não era capaz de suportar a ideia de ver pessoas de sua cidade serem mortas por aquela fera.

Os olhos de fera da cobra cravaram-se nos de Ozioma, que estremeceu. Mas a menina não afastou o olhar. A serpente aproximou o rosto, lenta, gradual, perigosamente, do dela. E então a encarou. O cheiro da criatura era agridoce, como uma flor que cresceu no meio de dejetos químicos. A serpente abriu a boca de forma que era possível enxergar as presas que cuspiam veneno. Ozioma gritava por dentro. A pele estava toda arrepiada e a chuva que caía sobre ela parecia sangue.

Ainda assim, Ozioma retribuiu o olhar.

Quem é você?

– Ozioma.

Quem são eles?

– Meu povo.

Eles detestam você.

Ozioma se encolheu.

– Isso não muda nada.

Você não tem respeito. Até mesmo agora você me encara nos olhos. Até mesmo agora você FALA comigo. Posso transformar a carne de sua cabeça em geleia e forçar você a sentir toda a dor.

– Por... por que você quer nossa árvore?

Eu faço o que quero. Assim como tirei a vida daquele homem.

Ozioma não se virou para olhar o homem que já devia ter deixado de sentir dor. Ela manteve o olhar fixo na cobra. Tinha a sensação de que, se parasse de encará-la, tudo estaria perdido.

– Mas você veio do céu.

A árvore é alta. Alcança o reino dos espíritos. Quero-a para mim.

Elas se encararam. Fazia quantos minutos que ela estava ali parada fitando a alma da fera? Ainda despencavam gotas quentes de chuva. Ela via os homens pela visão periférica. Quanto tempo aguentariam imóveis?

Você é como eu. Dê espaço. Deixe-me acabar com eles, quando não aguentarem mais ficar parados.

– Vou enfrentar você – insistiu ela.

Mas, quanto mais encarava a serpente, mais sentia que a coragem a abandonava.

Você não tem veneno.

– Tenho minhas mãos.

Será uma luta rápida, menina.

– Não sou uma menina – disse ela, irritada, e a sua audácia aumentou por um momento. – Tenho doze anos e meu pai está morto.

A cobra se aproximou um centímetro, e a boca sem língua tocou o rosto de Ozioma. Até mesmo na chuva quente, a pele da cobra era seca e gelada.

Se você não é uma menina, é uma adulta fraca.

A cobra lhe deu um empurrão forte e Ozioma não teve escolha a não ser cambalear para trás, os pés arrastando na lama. A criatura passou uma impressão de solidez e peso, milhões de quilos de músculos e tendões que desceram do céu. Toda a força que Ozioma reuniu foi drenada, como se fosse água derramada. Ela desviou o olhar. Tinha perdido. Estava tudo acabado para ela. Para todos. A menina cravou o calcanhar na lama, preparando-se para fugir.

A chuva começou a amainar. Ozioma olhou para cima e a chuvarada virou um chuvisco. As nuvens abriram um espaço no céu, acima da árvore, e até a cobra olhou para o alto. Os homens, que tinham permanecido imóveis por vários minutos, aproveitaram a oportunidade para se afastar depressa. Alguns se esconderam atrás da árvore, outros atrás de casas ou de arbustos próximos. Naquele momento, muitos habitantes tinham se reunido nesses locais para testemunhar a cena. Ozioma, no entanto, permaneceu onde estava. Olhando, como a cobra gigante, para o espaço entre as nuvens.

Algo espiralava pela chuva como um peixe serpenteando por um coral. Tinha o corpo de uma serpente, um torso feminino forte e o rosto comum de uma feirante. Ozioma caiu de joelhos, boquiaberta, enquanto muitos outros arfavam e apontavam e falavam o nome da deusa que se aproximava.

– Aida-Wedo! É Aida-Wedo!

– Céus, Ozioma irritou a deusa!

Um arco-íris surgiu ao redor de Aida-Wedo e a chuva parou. As nuvens desapareceram como cães em fuga com sua chegada. O arco-íris se espraiou e se curvou sobre a árvore.

A deusa voou até a corrente, agarrou-a com uma das mãos e desceu se remexendo até o topo da árvore. Ela enrolou a parte inferior do corpo verde-amarronzado de serpente em um dos galhos mais finos, como se fosse um dos mais resistentes. Inclinou-se para o lado a fim de observar melhor Ozioma através da árvore. Até a parte superior do corpo, marrom-escura, se movia com o poder e o controle de uma cobra. Seus grandes seios sacudiam como ondas no oceano.

– *É uma bela árvore* – disse ela em uma voz muito nítida que provavelmente chegava aos ouvidos de todos os que estavam escondidos, observando e escutando.

Ela apontou para a serpente e a criatura logo retornou à árvore e começou a escalá-la. Ozioma soltou um suspiro de alívio e levantou aos poucos.

Quando a serpente alcançou Aida-Wedo, aproximou-se e falou com a deusa. Ozioma podia escutá-la sussurrando, mas estava longe demais para discernir as palavras. A fera parou, olhando para Ozioma.

– *Ozioma Ugochukwu Mbagwu, você sabe quem é essa serpente?* – perguntou Aida-Wedo.

– Não – respondeu Ozioma.

– *Trata-se de Ekemini. Ele é do* meu *povo.*

Ela riu deliberadamente, e o arco-íris se ampliou, banhando tudo em amarelo-claro, tangerina, rosa suave, azul-turquesa e verde-madeira.

– *E meu povo é poderoso e bastante... imprevisível. Você sabe quanta sorte*

tem de estar viva?

– Eu não queria que ele matasse mais ninguém – explicou Ozioma, endurecendo a voz.

Ela fez um sinal para o homem que agonizou no chão. Ele havia parado de se mexer. Ozioma ainda não tinha visto seu rosto, mas não importava. Não havia ninguém na cidade que ela não conhecesse e que não conhecesse Ozioma.

A deusa não falou nada enquanto analisava Ozioma. A menina manteve uma postura erguida. Ela havia acabado de encarar a morte nos olhos por dez minutos. A deusa tinha até insinuado isso. A própria Ozioma se sentia uma deusa. O que era a morte? Ela retribuiu o olhar da deusa, mas depois, por respeito, baixou os olhos. O pai tinha lhe ensinado a sempre, sempre, sempre respeitar os mais velhos. E o que podia ser mais velho do que uma deusa?

– Ele disse estar impressionado com você – disse Aida-Wedo.

"Que maneira estranha de demonstrar", pensou a menina. "Não estava prestes a me matar?!"

Ela não disse nada disso, é claro. Era melhor não contar à deusa o que achava da fera que havia acabado de assassinar um dos moradores. Ozioma ainda olhava com deferência para o chão quando viu o primeiro objeto cair na lama. Ela fitou aquilo boquiaberta. Então se abaixou, pegou o objeto e o lavou em uma poça. Ergueu o objeto próximo aos olhos. Ouro sólido no formato de uma gota de chuva. À luz do arco-íris da deusa, brilhava como o ouro mais perfeito. Outro caiu, depois mais outro. Nenhum atingiu Ozioma, e centenas cobriram o corpo do homem que tinha morrido.

A deusa ascendeu pela gigantesca corrente de ferro antes que a chuva de ouro sólido acabasse. Naquele momento, homens corriam ao redor de Ozioma, guardando os valiosos presentes nos bolsos e ocasionalmente tocando nos ombros de Ozioma. Respeito, deslumbramento, pedido de desculpas e compreensão, tudo isso reunido em toques sem palavras. Ozioma também juntou sua parte quando teve certeza de que a serpente e a deusa tinham ido embora. Pelos próximos setenta e cinco anos, nenhuma pessoa na cidade de Agwotown foi picada por uma cobra. Pelo menos até um garotinho chamado Nwojeki, que sabia falar com águias, desafiar o destino. Mas essa é outra história.



A primeira vez que encontrei o pássaro desta história foi na obra de E. Nesbit. Escrevi um conto à moda de um grande escritor norte-americano chamado R. A. Lafferty, como um presente de aniversário de dezoito anos para minha filha Holly. Espero que gostem.

Vaga-lumes, delfins, escaravelhos, carne de rabo de unicórnio... Os membros intrépidos da Sociedade Epicuriana já comeram toda espécie de animal. Ou será que não?



PÁSSARO DO SOL



NAQUELA ÉPOCA, O CLUBE EPICURIANO ERA FORMADO por um grupo rico e barulhento. Eles com certeza sabiam se divertir. Eram cinco.

Augustus “Duas Penas” McCoy, do tamanho de três homens, comia por quatro e bebia por cinco. Seu tataravô tinha fundado o Clube Epicuriano com uma herança que recebeu em sua totalidade através de muito esforço, da maneira mais tradicional.

O Professor Mandalay, um homem pequeno, cheio de tiques e cinza como um fantasma (e talvez fosse mesmo um fantasma; coisas ainda mais estranhas já ocorreram), não bebia nada além de água e comia porções minúsculas em pratos do tamanho de pires. Ainda assim, não é necessário ser comilão para gostar de gastronomia, e Mandalay sempre apreciava ao máximo cada prato posto em sua frente.

Virginia Boote, por sua vez, era uma crítica gastronômica que fora, no passado, muito bela, mas que, no presente, era uma grande e magnífica ruína que se regozijava de sua própria decadência.

Jackie Newhouse era o descendente (bastardo) do grande amante, glutão, violinista e duelista Giacomo Casanova. Jackie Newhouse tinha, assim como seu notório ancestral, partido uma série de corações e comido numerosos pratos excepcionais.

Zebediah T. Crawcrustle, por último, era o único dos Epicurianos completamente falido: chegava da rua para as reuniões sem ter feito a barba, com meia garrafa de birita em um saco marrom, sem chapéu, sem casaco e, muitas vezes, parcialmente sem camisa, mas comia com mais apetite do que qualquer outro. Augustus “Duas Penas” McCoy estava falando...

– Nós já comemos tudo o que pode ser comido – disse, e escutavam-se remorso e um luto indireto em sua voz. – Comemos abutre, toupeira, morcego.

Mandalay consultou sua caderneta.

– Abutre tinha gosto de faisão podre. Toupeira tinha gosto de lesma. Morcego

tinha um gosto supreendentemente parecido com o de um doce porquinho-da-índia.

– Comemos papagaio-mocho, aie-aie e panda gigante.

– Ah, aquele bife grelhado de panda... – suspirou Virginia Boote, salivando ao lembrar.

– Comemos diversas espécies extintas há muito tempo – disse Augustus "Duas Penas" McCoy. – Comemos mamute congelado e uma preguiça-gigante da Patagônia.

– Ah, se tivéssemos conseguido o mamute um pouco mais rápido! – suspirou Jackie Newhouse. – No entanto, entendo por que os elefantes peludos desapareceram tão depressa assim que as pessoas experimentaram sua carne. Sou um homem de prazeres refinados, mas após uma mordida só penso no molho de churrasco de Kansas City e em como uma costelinha ficaria com aquilo, caso estivesse fresca.

– Não há nada de errado em ficar congelado por um milênio ou dois – falou Zebediah T. Crawcrustle.

Ele sorriu. Seus dentes podiam ser tortos, mas eram afiados e fortes.

– Mas, para quem realmente aprecia o sabor, é preciso comer um belo e simples mastodonte de vez em quando. As pessoas só se contentam com mamutes quando não conseguem comer um mastodonte.

– Comemos lula, lula-gigante e lula-colossal – comentou Augustus "Duas Penas" McCoy. – Comemos lêmingues e tigres-da-tasmânia. Comemos pássaro-arquiteto, sombria e pavão. Comemos delfim (que não parece o golfinho mamífero), tartaruga-gigante e rinoceronte-da-sumatra. Comemos tudo o que é comestível.

– Bobagem. Há centenas de coisas que não provamos – disse o Professor Mandalay. – Milhares, talvez. Pense em todas as espécies de besouro que existem por aí, nunca saboreadas.

– Ah, Mandy – suspirou Virginia Boote. – Quando você experimenta um besouro, experimenta todos. E todos nós provamos centenas de espécies. Pelo menos os escaravelhos tinham algo de diferente.

– Não – disse Jackie Newhouse. – Aquilo eram as bolas de lama dos escaravelhos. Os escaravelhos em si não eram nada excepcionais. Ainda assim, entendo seu argumento. Escalamos o ápice da gastronomia, mergulhamos nas profundezas da degustação. Nós nos tornamos cosmonautas explorando mundos nunca sonhados de deleite e glutonaria.

– Verdade, verdade, verdade – reconheceu Augustus "Duas Penas" McCoy. – Houve reuniões dos Epicurianos todos os meses por cento e cinquenta anos, na época de meu pai, na época de meu avô, na época de meu bisavô, e agora receio

que precisamos jogar a toalha, pois não sobrou nada que nós, do clube, ou nossos predecessores, não tenhamos comido.

– Queria ter feito parte do clube nos anos vinte, quando era possível, legalmente, incluir carne humana no cardápio – disse Virginia Boote.

– Só depois de terem sido eletrocutados – complementou Zebediah T. Crawcrustle. – Já estava meio frito, todo crocante e torrado. Desse jeito, ninguém virou entusiasta de presunto humano, exceto aquele sujeito que já tinha a predisposição, e ele saiu do clube logo depois de qualquer forma.

– Ah, Crusty, por que você finge que estava lá? – perguntou Virginia Boote, bocejando. – Todos sabem que você não é velho o bastante para isso. Você não pode ter mais do que sessenta, mesmo com a devastação do tempo e da sarjeta.

– Ah, isso devasta mesmo – comentou Zebediah T. Crawcrustle. – Mas não tanto quanto você imagina. De qualquer modo, há uma grande variedade de coisas que não provamos ainda.

– Cite uma – pediu Mandalay, com o lápis apoiado logo acima de sua caderneta.

– Bem, há o Pássaro do Sol, da Cidade do Sol – disse Zebediah T. Crawcrustle, abrindo seu sorriso roto, com os dentes tortos mas afiados.

– Nunca ouvi falar – retrucou Jackie Newhouse. – Você está inventando.

– Já ouvi falar – falou o Professor Mandalay. – Mas em outro contexto. E, além disso, é um animal imaginário.

– Unicórnios são imaginários – falou Virginia Boote. – Mas, céus, aquele tartare de lombo de unicórnio era delicioso. Lembrava um pouco o gosto de cavalo, um pouco o gosto de cabra, e ficou ainda melhor com alcaparras e ovos de codorna crus.

– Há algo acerca dos Pássaros do Sol em uma das atas do Clube Epicuriano dos tempos de outrora – disse Augustus “Duas Penas” McCoy. – Mas não lembro mais o que era.

– Eles escreveram sobre o gosto? – perguntou Virginia.

– Acho que não – respondeu Augustus, franzindo o cenho. – Eu precisaria inspecionar os registros, é claro.

– Besteira – disse Zebediah T. Crawcrustle. – Isso está nos volumes queimados. Você nunca encontrará nada lá.

Augustus “Duas Penas” McCoy coçou a cabeça. Ele realmente tinha duas penas, que atravessavam o cocuruto de cabelo escuro com uma faixa de grisalho, e elas um dia foram douradas, embora parecessem meio ordinárias, amarelas e esfarrapadas. Ganhou-as quando menino.

– Besouros – disse o Professor Mandalay. – Certa vez, calculei que, se um homem como eu comesse seis espécies diferentes de besouro por dia, seriam

necessários mais de vinte anos para comer todos os besouros já identificados. E, durante esses vinte anos, novas espécies de besouros teriam sido descobertas, o que o manteria comendo besouros por mais cinco anos. E, nesses cinco anos, outros besouros poderiam ser descobertos, de modo a mantê-lo comendo por mais dois anos e meio, e assim por diante. É um paradoxo inacabável. Eu o denominaria Besouro de Mandalay. Mas você precisaria gostar de comer besouros – acrescentou. – Ou seria algo muito desagradável.

– Nada de errado em comer besouros se são da espécie certa – disse Zebediah T. Crawcrustle. – Neste momento, estou sentindo desejo por vaga-lumes. Há um prazer específico no brilho do vaga-lume que pode muito bem ser aquilo de que estou precisando.

– Apesar de os vaga-lumes (*Photinus pyralis*) estarem mais próximos dos besouros do que dos pirilampos, nem na mais fértil das imaginações seriam comestíveis – disse Mandalay.

– Podem não ser comestíveis – disse Crawcrustle. – Mas abrem apetite. Acho que vou assar um. Vaga-lumes com pimenta *habanero*. Humm.

Virginia Boote era uma mulher muito prática. Ela disse:

– E se quiséssemos comer um Pássaro do Sol? Onde deveríamos começar nossa busca?

Zebediah T. Crawcrustle coçou a espinhenta barba de sete dias que despontava do queixo (nunca cresceu mais do que isso; barbas de sete dias não crescem mais).

– Se fosse eu, iria para a Cidade do Sol ao meio-dia de um dia de verão, encontraria um lugar agradável para me sentar, como o café de Mustapha Stroheim, por exemplo, e esperaria o Pássaro do Sol – sugeriu ele. – Então o caçaria da maneira tradicional e o cozinharia da maneira tradicional também.

– E qual seria a maneira tradicional de capturá-lo? – perguntou Jackie Newhouse.

– Ora, da mesma maneira como seu famoso antepassado caçava codorna e tetraz – disse Crawcrustle.

– Não há nada nas memórias de Casanova sobre caça a codornas – replicou Jackie Newhouse.

– Seu antepassado era um sujeito ocupado – respondeu Crawcrustle. – Não podemos esperar que ele anotasse tudo. Mas era um bom caçador de codornas, de qualquer forma.

– Com milho seco e mirtilo, ensopado em uísque – disse Augustus “Duas Penas” McCoy. – Meus pais sempre prepararam assim.

– E era assim que Casanova cozinhava – disse Crawcrustle –, embora tenha usado trigo misturado com passas e embebido as passas em xerez. Foi ele

mesmo que me ensinou.

Jackie Newhouse ignorou a declaração. Era fácil ignorar boa parte do que Zebediah T. Crawcrustle falava. Então, Jackie Newhouse perguntou:

– E onde fica o café de Mustapha Stroheim na Cidade do Sol?

– Ora, onde sempre esteve, na terceira rua após o velho mercado do distrito, logo antes de chegar à antiga vala de drenagem que, no passado, era um canal de irrigação. E, se você se deparar com a loja de tapetes do Khayam Caolho, é porque passou do ponto – disse Crawcrustle. – Mas vejo por suas expressões irritadas que vocês esperavam uma descrição menos sucinta, menos precisa. Muito bem, então. É na Cidade do Sol, e a Cidade do Sol fica no Cairo, no Egito, onde sempre esteve, ou quase sempre.

– E quem pagará por uma expedição até lá? – perguntou Augustus "Duas Penas" McCoy. – E quem irá na expedição? Pergunto, embora já saiba a resposta e não goste nem um pouco dela.

– Ora, você irá pagar, Augustus, e todos nós iremos – disse Zebediah T. Crawcrustle. – Você pode descontar de nossas taxas de afiliação ao clube. E eu levarei meu avental de chef e meus utensílios de cozinha.

Augustus sabia que fazia um bom tempo que Crawcrustle não pagava a taxa de afiliação, mas o Clube Epicuriano cobriria a dívida; Crawcrustle era um membro da época do pai de Augustus. Ele apenas disse:

– E quando partimos?

Crawcrustle o fitou com seu velho olho doido e balançou a cabeça, decepcionado.

– Ora, Augustus – disse ele. – Vamos à Cidade do Sol capturar o Pássaro do Sol. Quando mais partiríamos?

– Domingo, que é um *Sunday*! – cantarolou Virginia Boote. – Queridos, partiremos no domingo.

– Ainda há esperança para você, minha jovem – disse Zebediah T. Crawcrustle. – Partiremos em um domingo, de fato. Daqui a três domingos. E viajaremos ao Egito. Lá, passaremos vários dias caçando e capturando o esquivo Pássaro do Sol, e, finalmente, lidaremos com ele da maneira tradicional.

Com um piscar de desânimo, Professor Mandalay disse:

– Mas eu dou aula na segunda-feira. Às segundas, leciono mitologia; às terças, sapateado; às quartas, marcenaria.

– Arranje um monitor para assumir esses cursos, Mandalay, meu caro Mandalay. Segunda-feira você caçará o Pássaro do Sol – disse Zebediah T. Crawcrustle. – E quantos outros professores são capazes de dizer isso?

Eles foram, de um em um, encontrar Crawcrustle para discutir a jornada e dividir

suas apreensões. Zebediah T. Crawcrustle era um homem sem residência fixa. Ainda assim, havia lugares onde poderia ser encontrado, caso você quisesse encontrá-lo. Nas madrugadas, ele dormia no terminal de ônibus, onde os bancos eram confortáveis e os guardas de trânsito lhe permitiam dormir; no calor das tardes, perambulava pelo parque, próximo às estátuas de generais muito antes esquecidos, com os alcoólatras e bebuns, aproveitando a companhia deles e suas garrafas, e oferecendo em troca sua opinião, que era, como a de todo Epicuriano, sempre levada em conta, respeitada e talvez até mesmo bem-vinda.

Augustus "Duas Penas" McCoy procurou Crawcrustle no parque; ele estava com a filha, Hollyberry "Sem Penas" McCoy. Era miúda, mas de raciocínio mais afiado que o dente de um tubarão.

– Sabe, há algo de muito familiar nisso tudo – disse Augustus.

– Nisso o quê? – perguntou Zebediah.

– Tudo isso. Na expedição ao Egito. No Pássaro do Sol. Parece que eu já ouvi essa história antes.

Crawcrustle apenas aquiesceu. Ele estava mastigando algo que tinha tirado de um saco marrom de papel.

Augustus disse:

– Pesquisei nos anais encadernados do Clube Epicuriano. E havia algo que tomei como referência ao Pássaro do Sol no índice, quarenta anos atrás, mas não encontrei nada além disso.

– E por que não? – perguntou Zebediah T. Crawcrustle, fazendo barulho ao engolir.

Augustus "Duas Penas" McCoy suspirou.

– Encontrei a página relevante nos anais – contou ele. – Mas ela tinha sido queimada, e depois disso ocorreu uma grande confusão na administração do Clube Epicuriano.

– Você está comendo vaga-lumes em um saco de papel – comentou Hollyberry "Sem Penas" McCoy. – Eu vi.

– Estou mesmo, minha pequena dama – respondeu Zebediah T. Crawcrustle.

– Você se lembra desses dias de grande confusão, Crawcrustle? – perguntou Augustus.

– De fato, eu me recordo – disse Crawcrustle. – E me lembro de você. Você tinha a idade que a jovem Hollyberry tem agora. Mas sempre há alguma confusão, Augustus, e depois não há mais. É como o nascer do sol e o pôr do sol.

Jackie Newhouse e o Professor Mandalay encontraram Crawcrustle naquela tarde atrás dos trilhos de trem. Ele estava assando alguma coisa em uma lata sobre uma pequena fogueira de carvão.

– O que você está preparando, Crawcrustle? – indagou Jackie Newhouse.

– Mais carvão – respondeu Crawcrustle. – Limpa o sangue, purifica o espírito.

Havia pedaços cortados de madeira de tília e nogueira no fundo da lata, pretos e fumegantes.

– E você vai mesmo comer o carvão, Crawcrustle? – perguntou o Professor Mandalay.

Como resposta, Crawcrustle lambeu os dedos e pegou um naco de carvão da lata. Assobiava e fumegava em sua mão.

– Um belo truque – disse o Professor Mandalay. – É assim que os engolidores de fogo fazem, creio eu.

Crawcrustle jogou o carvão na boca e o esmagou com os seus dentes velhos e arruinados.

– É mesmo – disse ele. – É mesmo.

Jackie Newhouse limpou a garganta.

– A verdade é que o Professor Mandalay e eu estamos profundamente preocupados com a jornada vindoura – disse ele.

Zebediah apenas mastigou o carvão.

– Não está quente o bastante – comentou, pegando um pedaço de madeira do fogo e arrancando com uma mordida a ponta alaranjada. – Agora, sim.

– É só uma ilusão – comentou Jackie Newhouse.

– Nada disso – respondeu Zebediah T. Crawcrustle, todo empertigado. – É um olmo espinhento.

– Tenho grandes receios quanto a isso tudo – disse Jackie Newhouse. – Meus antepassados e eu possuímos um refinado instinto de preservação pessoal, que muitas vezes nos deixou apavorados em telhados e escondidos em rios, a um passo da lei, de cavalheiros armados ou de riscos verdadeiros. E esse instinto de autopreservação está me dizendo para não ir à Cidade do Sol com você.

– Sou um acadêmico – disse o Professor Mandalay. – E, portanto, não tenho instintos bem desenvolvidos que seriam compreensíveis a outras pessoas que nunca precisaram avaliar provas sem, de fato, lê-las. Ainda assim, acho tudo isso bastante suspeito. Se o Pássaro do Sol é tão saboroso, por que nunca ouvi falar dele?

– Você já ouviu, meu bom e velho Mandy. Você já ouviu – repetiu Zebediah T. Crawcrustle.

– Além disso, sou especialista em características geográficas desde Tulsa, no Oklahoma, até Timbuktu – prosseguiu o Professor Mandalay. – Ainda assim, nunca me deparei com uma só menção a um local chamado Cidade do Sol no Cairo.

– Encontrar uma menção? Oras, mas você deu aula sobre isso – disse

Crawcrustle, e mergulhou um naco de carvão em brasa em um molho de pimenta antes de jogar o pedaço na boca e mastigá-lo.

– Não acredito que você está realmente comendo isso – disse Jackie Newhouse. – Mas, mesmo sendo um truque, está me deixando desconfortável. Acho que é hora de partir.

E partiu. Talvez o Professor Mandalay tenha ido embora com ele: aquele homem era tão cinza e fantasmagórico que nunca dava para saber se estava lá ou não.

Virginia Boote tropeçou em Zebediah T. Crawcrustle enquanto ele descansava frente a sua porta de entrada, na madrugada. Ela estava voltando de um restaurante que precisava avaliar. Saiu do táxi, tropeçou em Crawcrustle e saiu voando. Aterrissou próximo dali.

– Nossa! – disse ela. – Que tombo, hein?

– De fato, Virginia – respondeu Zebediah T. Crawcrustle. – Você não teria uma caixa de fósforos, teria?

– Tenho uma caixinha em algum lugar – disse ela, e começou a remexer na bolsa, que era muito grande e muito marrom. – Aqui.

Zebediah T. Crawcrustle estava carregando uma garrafa de álcool etílico, que derramou em um copo plástico.

– Metileno? – perguntou Virginia Boote. – Não sei por quê, mas nunca achei que você bebesse essas coisas, Zebby.

– Nem eu – respondeu Crawcrustle. – Coisa nojenta. Estraga as entranhas e arruína as papilas gustativas. Mas não achei fluido de isqueiro a esta hora da noite.

Ele acendeu um fósforo e o mergulhou na ponta do copo de álcool, que começou a queimar com uma luz flamejante. Comeu o fósforo. Em seguida, fez gargarejo com o líquido incandescente e cuspiu uma lâmina de fogo na rua, incinerando uma folha de jornal que voava ao vento.

– Crusty – disse Virginia Boote. – Essa é uma boa maneira de se matar.

Zebediah T. Crawcrustle sorriu com seus dentes negros.

– Eu não bebo de fato – comentou ele. – Só gargarejo e cuspo.

– Você está brincando com fogo – avisou-o ela.

– É assim que sei que estou vivo – respondeu Zebediah T. Crawcrustle.

Virginia disse:

– Ah, Zeb. Estou entusiasmada. Qual você acha que é o gosto do Pássaro do Sol?

– Mais saboroso do que codorna e mais molhado do que peru, mais gorduroso do que ostra e mais apetitoso do que pato – respondeu Zebediah T. Crawcrustle.

– É impossível se esquecer do gosto depois de provar.

– Vamos para o Egito. Nunca estive lá – disse ela.

E acrescentou:

– Você tem onde dormir hoje à noite?

Ele tossiu, uma tosse breve que reverberou em seu velho peito.

– Estou ficando velho demais para dormir nas sarjetas e nas portas de casas – disse ele. – Mas ainda tenho meu orgulho.

– Bem, você poderia dormir no meu sofá – sugeriu ela, olhando para o homem.

– Não pense que não estou grato pela oferta – disse ele. – Mas na rodoviária tem um banco com meu nome.

E ele se ergueu e saiu cambaleando majestosamente pela rua.

De fato, havia um banco na rodoviária com o nome dele. Ele doou o banco à rodoviária quando era rico, e seu nome estava na parte de trás, gravado em uma placa de bronze. Zebediah T. Crawcrustle não foi sempre pobre. Foi rico algumas vezes, mas não guardava dinheiro e, sempre que ficava endinheirado, descobria que o mundo olhava com desprezo para homens ricos que comiam em selvas de mendigos atrás de estações de trens ou que se relacionavam com os alcoólatras no parque, então torrava o dinheiro o mais rápido possível. Sempre restava um pouquinho aqui e acolá, e ele sempre se esquecia e às vezes esquecia que detestava ser rico e buscava outra vez sua fortuna, sempre a encontrando. Ele precisava fazer a barba havia uma semana, e os pelos de sete dias começavam a sair brancos como a neve.

Os Epicurianos rumaram ao Egito em um domingo. Estavam em cinco, e Hollyberry “Sem Penas” McCoy deu tchau para eles no aeroporto. Era um aeroporto muito pequeno, que ainda permitia que pessoas se despedissem.

– Tchau, pai! – gritou Hollyberry “Sem Penas” McCoy.

Augustus “Duas Penas” McCoy acenou para ela enquanto caminhavam até o pequeno turboélice, para dar início à primeira parte da jornada.

– Tenho a impressão de que me lembro de um dia como este, muito, muito tempo atrás, embora seja uma lembrança fraca – disse Augustus “Duas Penas” McCoy. – Em minha memória, ainda sou um garotinho dando tchau. Acho que foi a última vez que vi meu pai, e novamente sou afetado por um pressentimento de desastre.

Ele acenou uma última vez para a garota do outro lado do campo, e ela acenou de volta.

– Você acenou com o mesmo entusiasmo naquela época – concordou Zebediah T. Crawcrustle. – Mas acho que ela acena com um pouco mais de

confiança.

Era verdade.

Tomaram um avião pequeno, depois um maior, depois um menor ainda, depois um dirigível, uma gôndola, um trem, um balão e um jipe alugado.

Eles trotaram pelo Cairo naquele jipe. Passaram pelo velho mercado, então entraram na terceira rua depois dele (se tivessem continuado, parariam na vala de drenagem que, no passado, foi um canal de irrigação). Mustapha Stroheim estava do lado de fora, sentado em uma antiga cadeira de palha. Todas as mesas e cadeiras ficavam na rua, e não era uma rua especialmente ampla.

– Sejam bem-vindos, meus amigos, a meu *kahwa* – disse Mustapha Stroheim. – *Kahwa* é a palavra egípcia que significa "café" ou "cafeteria". Gostariam de um chá? Ou uma partida de dominós?

– Gostaríamos de ver nossos quartos – anunciou Jackie Newhouse.

– Eu, não – disse Zebediah T. Crawcrustle. – Vou dormir na rua. Está quente, e esta soleira parece muito confortável.

– Aceito um café, por favor – falou Augustus "Duas Penas" McCoy.

– Certamente.

– Você pode me trazer uma água? – perguntou o Professor Mandalay.

– Quem disse isso? – questionou Mustapha Stroheim.

– Ah, foi você, homenzinho cinza. Erro meu. Quando eu o vi, pensei que fosse a sombra de alguém.

– Vou querer um *shay sokkar bosta* – disse Virginia Boote, referindo-se a uma xícara quente de chá com açúcar à parte. – E jogo gamão com quem ousar me enfrentar. Não há uma só alma no Cairo que eu não consiga vencer no gamão, se lembrar as regras.

Mostraram o quarto a Augustus "Duas Penas" McCoy. Mostraram o quarto ao Professor Mandalay. Mostraram o quarto a Jackie Newhouse. Não foi um procedimento demorado; todos estavam no mesmo quarto, afinal. Havia outro quarto aos fundos onde Virginia Boote dormiria, e um terceiro quarto para Mustapha Stroheim e sua família.

– O que você está escrevendo? – perguntou Jackie Newhouse.

– São os procedimentos, anais e minutas do Clube Epicuriano – disse o Professor Mandalay, escrevendo com uma pequena caneta preta em um grande caderno com encadernação de couro. – Estou redigindo a crônica de nossa jornada, e todas as coisas que comemos no caminho. Vou continuar anotando até comermos o Pássaro do Sol, a fim de registrar para a posteridade todos os gostos e texturas, todos os cheiros e fluidos.

– Crawcrustle disse como ia preparar o Pássaro do Sol? – perguntou Jackie

Newhouse.

– Sim – respondeu Augustus “Duas Penas” McCoy. – Ele disse que irá entornar uma lata de cerveja, deixando apenas um terço. Em seguida, vai acrescentar ervas e temperos à lata de cerveja. Ele vai colocar o pássaro em cima da lata, com a lata presa na sua cavidade interna, e então colocá-lo para assar como um churrasco. Ele disse que é o método tradicional.

Jackie Newhouse fungou.

– Acho que parece moderno demais.

– Crawcrustle afirmou que é a maneira tradicional de preparar o Pássaro do Sol – repetiu Augustus.

– Foi o que, de fato, afirmei – disse Crawcrustle subindo as escadas.

Era um prédio pequeno. As escadas não eram tão afastadas e as paredes não eram grossas.

– A cerveja mais velha do mundo é a egípcia, e eles cozinham Pássaro do Sol há mais de cinco mil anos – explicou.

– Mas a lata de cerveja é uma invenção relativamente moderna – disse o Professor Mandalay enquanto Zebediah T. Crawcrustle atravessava a porta.

Crawcrustle carregava consigo uma xícara de café turco, escuro como piche, que fumegava como uma chaleira e borbulhava como um poço de piche.

– Esse café parece bem quente – comentou Augustus “Duas Penas” McCoy.

Crawcrustle emborcou a xícara, tomando metade do líquido.

– Não... – disse ele. – Não tão quente. E a lata de cerveja não é uma invenção tão nova. Nós produzíamos latinhas com uma mistura de cobre e estanho antigamente, às vezes até com um pouco de prata. Dependia do ferreiro, do que ele tinha em mãos. É preciso de algo que aguente o calor. Vejo que vocês estão me olhando desconfiados. Senhores, reflitam: é claro que os antigos egípcios faziam latas de cerveja; onde mais armazenariam a bebida?

Do lado de fora da janela, das mesas na rua, veio um gemido de muitas vozes diferentes. Virginia Boote tinha convencido os habitantes locais a jogar gamão valendo dinheiro e estava limpando a mesa. A mulher era um tubarão no jogo.

Nos fundos do café de Mustapha Stroheim, havia um pátio com uma churrasqueira velha e quebrada, feita de tijolos de argila e uma grelha de metal meio derretida, e uma antiga mesa de madeira. Crawcrustle passou o dia seguinte reconstruindo a churrasqueira e limpando-a, engraxando a grelha de metal.

– Tenho a impressão de que não é usada há quarenta anos – comentou Virginia Boote.

Ninguém mais queria jogar gamão com ela, e a bolsa estava estourando de tantas moedas sujas de piastra.

– Algo do tipo – disse Crawcrustle. – Talvez um pouco mais. Ei, Ginnie, dê uma ajuda. Anotei uma lista de coisas do mercado de que preciso. Ervas, temperos e lascas de madeira. Pode pedir a um dos filhos do Mustapha Stroheim para traduzir para você.

– Com todo o prazer, Crusty.

Os outros três membros do Clube Epicuriano se mantinham ocupados, cada um a sua maneira. Jackie Newhouse fazia amizade com muitas pessoas do local, que se sentiram atraídas por seu terno elegante e sua habilidade para tocar um violino. Augustus "Duas Penas" McCoy dava longas caminhadas. Professor Mandalay gastava seu tempo traduzindo os hieróglifos que notou estarem inscritos nos tijolos da churrasqueira. Ele disse que um tolo poderia achar que eram provas de que a churrasqueira no quintal de Mustapha Stroheim foi, certa vez, um local sagrado para o sol.

– Mas eu, que sou um homem inteligente, logo noto que o que aconteceu foi que um dos tijolos que formavam parte de um templo, há muito tempo, mais de mil anos atrás, foi reutilizado – disse ele. – Duvido que essas pessoas saibam o valor do que possuem aqui.

– Ah, eles sabem muito bem – respondeu Zebediah T. Crawcrustle. – E esses tijolos não eram parte de nenhum templo. Estão aqui há mais de cinco mil anos, desde que construímos a churrasqueira. Antes disso, usávamos pedras.

Virginia Boote retornou com uma cesta de compras cheia.

– Aqui está – disse ela. – Sândalo-vermelho e patchuli, favas de baunilha, ramos de lavanda e folhas de sálvia e canela, noz-moscada, dentes de alho, cravo e alecrim. Tudo o que você queria e mais um pouco.

Zebediah T. Crawcrustle deu um sorriso alegre.

– O Pássaro do Sol ficará contente – falou a ela. Ele passou a tarde preparando um molho de churrasco. Disse que era respeitoso, e, além do mais, a carne do Pássaro do Sol tendia ao seco.

Os Epicurianos passaram aquela tarde sentados nas cadeiras de palha na rua, em frente ao café, enquanto Mustapha Stroheim e a família traziam chá, café e bebidas quentes de menta. Zebediah T. Crawcrustle tinha dito que eles prepariam um Pássaro do Sol da Cidade do Sol no almoço de domingo e sugeriu que eles ficassem sem comer na noite anterior para estarem com fome.

– Estou com um péssimo pressentimento – disse Augustus "Duas Penas" McCoy naquela noite, em uma cama pequena demais para ele, antes de adormecer. – E temo que virá na forma de um molho de churrasco.

Todos estavam esfomeados na manhã seguinte. Zebediah T. Crawcrustle usava um avental cômico, com a frase BEIJE O COZINHEIRO escrita em letras de um

verde muito forte. Ele já tinha espalhado as passas encharcadas de xerez e o trigo sob o diminuto abacateiro atrás da casa, organizado as lascas de madeira aromatizadas, as ervas e os temperos no leito de carvão. Mustapha Stroheim e a família haviam ido visitar os parentes do outro lado do Cairo.

– Alguém tem um fósforo? – perguntou Crawcrustle.

Jackie Newhouse pegou um isqueiro Zippo e ofereceu a Crawcrustle, que acendeu as folhas secas de canela e de louro atrás do carvão. A fumaça subiu pelo ar do meio-dia.

– A canela e a fumaça do sândalo vão atrair o Pássaro do Sol – disse Crawcrustle.

– Atrair de onde? – perguntou Augustus "Duas Penas" McCoy.

– Do Sol – respondeu Crawcrustle. – É onde ele dorme.

O Professor Mandalay tossiu discretamente. Ele disse:

– Em seu momento mais próximo do Sol, a Terra fica a 146 milhões de quilômetros do astro. O mergulho mais rápido já registrado de um pássaro é o do falcão peregrino, de 440 quilômetros por hora. Voando a essa velocidade, partindo do Sol, demoraria cerca de trinta e oito anos para o pássaro nos alcançar. Se fosse possível voar pelo vácuo escuro e gélido do espaço, é claro.

– É claro – concordou Zebediah T. Crawcrustle.

Com a mão na testa, fez um pouco de sombra, espremeu os olhos e olhou para cima.

– Lá vem ele – disse.

Parecia mesmo que o pássaro voava direto do Sol; mas não podia ser. Afinal, não dava para olhar diretamente para o sol do meio-dia.

Primeiro, enxergou-se uma silhueta preta contra o sol e o céu azul, depois a luz solar bateu nas penas, e os espectadores no chão ficaram sem fôlego. Nunca se viu nada como a luz solar nas penas do Pássaro do Sol; ver algo desse tipo deixaria qualquer um sem fôlego.

O Pássaro do Sol bateu as longas asas uma vez e então começou a planar em círculos cada vez menores no ar, sobre o café de Mustapha Stroheim.

O pássaro aterrissou no abacateiro. As penas eram douradas, roxas e prateadas. Era menor do que um peru, maior do que um galo e tinha as patas e o pescoço compridos de uma garça, embora a cabeça mais se parecesse com a de uma águia.

– É muito bonito – disse Virginia Boote.

– Olhem essas duas penas compridas na cabeça. Não são belas?

– De fato, muito belo – disse o Professor Mandalay.

– Há algo de muito familiar nas penas da cabeça do pássaro – disse Augustus "Duas Penas" McCoy.

– Vamos arrancá-las antes de assar o pássaro – avisou Zebediah T. Crawcrustle. – É assim que sempre foi feito.

O Pássaro do Sol se empoleirou em um galho do abacateiro onde batia sol. Parecia estar quase brilhando, delicadamente, na luz, como se as penas fossem feitas de luz do sol, iridescentes em púrpura, verde e dourado. Ele alisou as penas, estendendo uma das asas na luz do sol, e mordiscou e mexeu na asa com o bico até todas as penas estarem na posição correta e bem lubrificadas. Em seguida, estendeu a outra asa e repetiu o processo. Por fim, o pássaro emitiu um chilro contente e em um voo breve percorreu a curta distância do galho até o chão. O animal se pavoneou pela lama ressequida, olhando de um lado para outro com sua visão pouco apurada.

– Veja! – disse Jackie Newhouse. – Encontrou o trigo.

– Parece até que estava procurando por ele – disse Augustus “Duas Penas” McCoy. – Que esperava que o trigo estivesse lá.

– É onde eu sempre deixo – disse Zebediah T. Crawcrustle.

– É adorável – disse Virginia Boote. – Mas agora, vendo de perto, posso perceber que é muito mais velho do que eu imaginava. Os olhos estão nublados e as patas tremem. Ainda assim, é um animal adorável.

– O pássaro Bennu é o mais adorável de todos – disse Zebediah T. Crawcrustle.

O que Virginia Boote falava de egípcio era suficiente para se virar em um restaurante, mas, fora isso, ficava perdida.

– O que é um pássaro Bennu? – perguntou. – É o nome egípcio do Pássaro do Sol?

– O pássaro Bennu se empoleira nos abacateiros – contou o Professor Mandalay. – Tem duas asas na cabeça. Às vezes é representado como uma garça, às vezes como uma águia. Há mais informações sobre o animal, mas são tão improváveis, que não vale a pena contá-las.

– Comeu todo o trigo e as passas! – exclamou Jackie Newhouse. – Agora está cambaleando feito um bêbado de um lado para outro. Tão majestoso, mesmo embriagado!

Zebediah T. Crawcrustle caminhou até o Pássaro do Sol, que, com um grande esforço, andava para a frente e para trás na lama abaixo do abacateiro, sem tropeçar nas próprias patas. Ele parou em frente ao pássaro e, bem devagar, curvou-se diante dele. Curvava-se como um idoso, de forma lenta e barulhenta, mas ainda assim se curvava. O Pássaro do Sol retribuiu a reverência e desabou na lama. Zebediah T. Crawcrustle o levantou com deferência e o carregou nos braços, como se faria com uma criança, e o levou até o local atrás do café de Mustapha Stroheim. Os outros o seguiram. Primeiro, arrancou as duas

majestosas penas da cabeça do pássaro e colocou-as ao lado. Então, sem depenar o resto do animal, ele o destripou e dispôs as vísceras sobre os galhos fumegantes. Colocou a lata de cerveja pela metade dentro da cavidade corporal e posicionou o pássaro na churrasqueira.

– O Pássaro do Sol cozinha bem rápido – avisou Crawcrustle. – Estejam com os pratos prontos.

As cervejas do antigo Egito eram aromatizadas com cardamomo e coentro, pois os egípcios não possuíam lúpulo; as cervejas eram saborosas e matavam a sede. Podiam-se construir pirâmides depois de beber aquela cerveja, como alguns de fato fizeram. Na churrasqueira, a cerveja soltava um vapor dentro do Pássaro do Sol, mantendo-o úmido. Quando o calor do carvão chegou até eles, as penas do pássaro pegaram fogo com um clarão que lembrava o de um sinalizador, tão forte que os Epicurianos tiveram que desviar o olhar.

O cheiro de ave assada preencheu o ar, mais saboroso que o de pavão, mais apetitoso que o de pato. As bocas dos Epicurianos ali reunidos começaram a salivar. Parecia que ele tinha acabado de começar a cozinhar, mas Zebediah tirou o Pássaro do Sol do leito de carvão e o dispôs na mesa. Então, com uma faca de trinchar, fatiou-o e serviu a carne fumegante nos pratos. Colocou a carcaça do pássaro em contato direto com as chamas.

Os membros do Clube Epicuriano se sentaram nos fundos do café de Mustapha Stroheim, ao redor de uma antiga mesa de madeira, e comeram com as mãos.

– Zebby, ficou incrível! – disse Virginia Boote, falando enquanto mastigava. – Derrete na boca. Tem gosto de paraíso!

– Tem gosto de sol – disse Augustus “Duas Penas” McCoy, comendo como só um homenzarrão come.

Ele estava com uma pata em uma das mãos e um pedaço de peito na outra.

– É a melhor coisa que já comi e não me arrependo de comê-lo, mas acho que vou sentir falta de minha filha.

– É perfeito – comentou Jackie Newhouse. – Tem gosto de amor e de boa música. Tem o gosto da verdade.

O Professor Mandalay anotava nos anais encadernados do Clube Epicuriano. Ele registrava sua reação e a dos outros à carne do pássaro, tentando não sujar a página enquanto escrevia, pois com uma das mãos segurava a caneta e com a outra uma asa que ele comia com grande cuidado.

– É estranho – disse Jackie Newhouse. – Quanto mais eu como, mais minha boca e meu estômago esquentam.

– É. Tem esse efeito. É melhor estar preparado – comentou Zebediah T. Crawcrustle. – Comer carvão, chamas e vaga-lumes para se acostumar. Senão a

comida pode cair um tanto pesada.

Zebediah T. Crawcrustle comia a cabeça do pássaro, esmagando os ossos e o bico na boca. Enquanto comia, os ossos disparavam pequenas centelhas em seus dentes. Ele sorria e continuava mastigando. Os ossos da carcaça do Pássaro do Sol queimavam, alaranjados, na churrasqueira, depois ficaram brancos. Havia uma espessa nuvem de calor no pátio aos fundos do café de Mustapha Stroheim, e nela tudo reluzia, como se as pessoas à mesa estivessem vendo o mundo através de um filete d'água ou em um sonho.

– É tão bom! – comentou Virginia Boote enquanto comia. – É a melhor coisa que já comi. Tem o sabor da minha juventude. Tem o gosto da eternidade.

Ela lambeu os dedos e pegou os últimos pedaços de carne do prato.

– O Pássaro do Sol da Cidade do Sol. Tem outro nome?

– Fênix de Heliópolis – disse Zebediah T. Crawcrustle. – É o pássaro que morre nas chamas e cinzas, e renasce, geração após geração. É o pássaro Bennu, que atravessou as águas na escuridão. Quando chegar a hora, será queimado no fogo de madeiras raras, ervas e especiarias, e nas cinzas renascerá, vez após outra, até o fim dos tempos.

– Fogo! – exclamou o Professor Mandalay. – Sinto como se estivesse pegando fogo por dentro!

Ele bebeu água, mas não pareceu ter ficado mais feliz com isso.

– Meus dedos – disse Virginia Boote. – Olhem para eles.

Ela levantou os dedos, que brilhavam por dentro, como se iluminados por chamas internas. O ar tinha ficado tão quente que era possível cozinhar um ovo. Uma faísca saltou e ouviu-se o barulho de algo crepitando. As duas penas amarelas do cabelo de Augustus "Duas Penas" McCoy acenderam como fogos de artifícios.

– Crawcrustle – disse Jackie Newhouse, em chamas, – por favor, me responda. Há quanto tempo você come a Fênix?

– Há pouco mais de dez mil anos – respondeu Zebediah. – Ou alguns mil anos a mais ou a menos. Não é difícil, depois de dominar o truque. Dominar o truque, isso, sim, que é dureza. Mas é a melhor Fênix que já preparei. Ou será que eu deveria dizer: "Esta é a melhor vez que eu cozinhei esta Fênix"?

– Os anos! – disse Virginia Boote. – Eles estão sendo queimados de você!

– Acontece – admitiu Zebediah. – Mas você precisa se acostumar ao calor antes de comer. Senão você pode acabar queimado.

– Por que não me lembrei disso? – perguntou Augustus "Duas Penas" McCooy, entre as chamas reluzentes ao redor. – Por que não me lembrei de que foi assim que meu pai morreu, e o pai dele, e assim por diante, que todos foram a Heliópolis comer a Fênix? Por que só me lembrei disso agora?

– Porque os anos estão sendo queimados de você – explicou o Professor Mandalay.

Ele tinha fechado o livro de couro assim que a página que ele escrevia pegou fogo. As pontas do livro estavam chamuscadas, mas o resto do livro se manteria intacto.

– Quando os anos queimam, as memórias desses anos voltam.

Ele parecia mais sólido, no ar flamejante, e sorria. Ninguém nunca tinha visto o Professor Mandalay sorrindo antes.

– Vamos queimar até não sobrar nada? – perguntou Virginia Boote, incandescente. – Ou vamos queimar até a infância e até os fantasmas e anjos e então retornar? Não importa. Ah, Crusty, que *divertido*!

– Talvez tenha sido usado muito vinagre no molho – disse Jackie Newhouse através do fogo. – Acho que uma carne desse tipo combinaria com algo mais robusto.

Então ele desapareceu, deixando apenas uma imagem residual.

– *Chacun à son goût* – disse Zebediah T. Crawcrustle, que significa, em francês, "cada um com seu gosto", depois lambeu os dedos e balançou a cabeça. – Nunca foi melhor – disse, com grande satisfação.

– Adeus, Crusty – disse Virginia. Ela estendeu a sua mão branca flamejante e agarrou com força a mão escura dele por um instante ou dois, talvez.

Então, não sobrou nada no pátio do *kahwa* (ou café) de Mustapha Stroheim em Heliópolis (que certa vez foi a Cidade do Sol, e agora é um subúrbio do Cairo), nada além de cinzas brancas, que a brisa momentânea soprou até fazê-las cair no chão como açúcar polvilhado ou neve; e não restou ninguém ali além de um jovem de cabelo muito escuro e dentes cor de marfim que vestia um avental escrito BEIJE O COZINHEIRO.

Um pequeno pássaro dourado-arroxeado se remexia no leito espesso de cinzas nos tijolos de argila, como se caminhasse pela primeira vez. Emitia um *piu!* muito agudo e olhava diretamente para o Sol, como um bebê olha para um pai. Abriu as asas como se buscasse secá-las e, por fim, quando ficou pronto, voou para o alto, em direção ao Sol, e ninguém o observou partir além do jovem no pátio.

Havia duas longas penas douradas aos pés do jovem, abaixo da cinza que um dia foi uma mesa de madeira, e ele as juntou, tirou as cinzas e as guardou na jaqueta. Então, tirou o avental e seguiu seu caminho.

Hollyberry "Duas Penas" McCoy é uma mulher madura, com filhos. Tem cabelos grisalhos misturados aos fios escuros na cabeça, debaixo das penas douradas no coque. Pode-se notar que as penas um dia tiveram uma aparência

muito especial, mas isso foi muito tempo atrás. Ela é a presidente do Clube Epicuriano – um grupo rico e barulhento –, tendo herdado a posição que, anos antes, foi do pai dela.

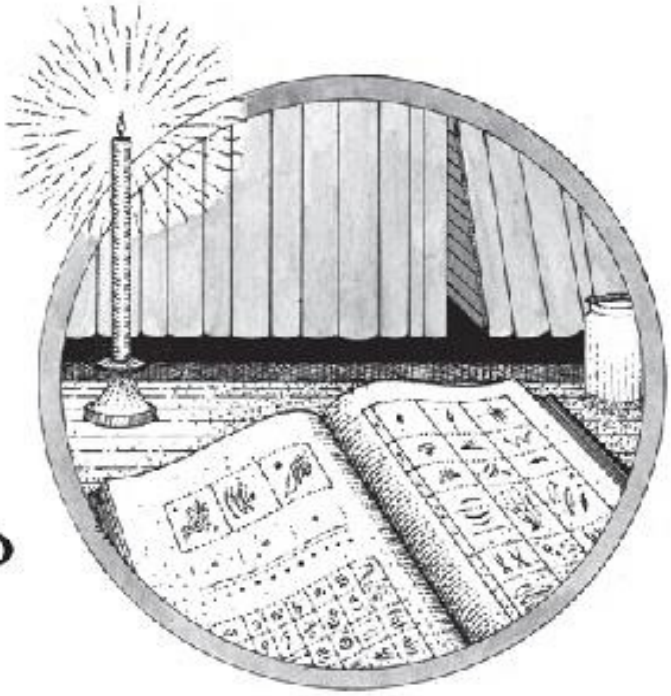
Ouvi dizer que os Epicurianos começaram a resmungar de novo. Dizem que já comeram de tudo.

(Para H. M. G. – um presente de aniversário atrasado).



DIANA WYNNE JONES escrevia histórias que mesclam humor e magia, aventura e sabedoria. Ela é uma de minhas escritoras favoritas e uma das pessoas de que mais gosto. Sinto sua falta. Você deveria ler os livros dela. Neste conto, conhecerá Crestomanci, o encantador que verifica se alguém está abusando da magia. Ele também pode ser encontrado em *Vida encantada* e vários outros livros.

Esta é uma história sobre dragões invisíveis, sobre deuses e sobre um sábio e um jovem que sai a sua procura.



O SÁBIO DE THEARE



EXISTIA UM MUNDO CHAMADO THEARE onde o Paraíso era muito organizado. Tudo estava tão precisamente definido que cada deus conhecia muito bem seus deveres, as rezas certas, a hora ideal para tratar de negócios, os atributos exatos e o lugar correto na hierarquia dos deuses. Era assim com o Grande Zond, o Rei dos Deuses, e com todos os outros deuses, divindades, deidades menores e potestades, até a mais imaterial das ninfas. Até os dragões invisíveis que habitavam os rios tinham suas demarcações invisíveis de território. O universo funcionava como um relógio. A humanidade nem sempre era tão regular, mas os deuses estavam lá para ajustá-la. Foi assim por séculos.

Houve, portanto, uma ruptura na própria natureza das coisas, quando, no meio do anual Festival da Água, do qual só divindades aquosas podiam participar, o Grande Zond olhou para cima e viu Imperion, o deus do Sol, descendo do alto dos saguões do Paraíso.

– Vá embora! – gritou Zond, perplexo.

Mas Imperion prosseguiu, fazendo as divindades da água ali reunidas soltarem vapor e chiarem, e chegou em uma onda de calor e água quente aos pés do imponente trono de Zond.

– Pai! – gritou Imperion com urgência.

Um deus superior como Imperion tinha o direito de chamar Zond de Pai. Zond não lembrava se era de fato pai de Imperion. As origens dos deuses não eram tão ordenadas quanto sua existência naquele momento. Mas Zond sabia que, filho dele ou não, Imperion tinha violado todas as regras.

– Abaixe-se – ordenou Zond com severidade.

Imperion ignorou essa ordem também. O que talvez tenha sido bom, pois o chão do Paraíso já estava molhado e soltando vapor. Imperion manteve o olhar flamejante em Zond.

– Pai! Nasceu o Sábio da Dissolução!

Zond estremeceu entre as nuvens de vapor quente e tentou se sentir resignado.

– Está escrito – disse ele. – Um Sábio nascerá para questionar tudo. Suas dúvidas derrubarão a ordem delicada do Paraíso e levarão todos os deuses à desordem. Também está escrito...

Naquele momento, Zond percebeu que Imperion também o fizera quebrar as regras. O procedimento correto deveria ser o seguinte: Zond convocaria o deus da profecia e o faria consultar o Livro do Paraíso. Então, percebeu que Imperion *era* o deus da profecia. Era justamente um dos deveres designados a ele. Zond rebateu Imperion.

– E por que você veio me contar isso? Você é o deus da profecia! Vá conferir o Livro do Paraíso.

– Já o fiz, Pai – disse Imperion. – Descobri que profetizei a chegada do Sábio da Dissolução quando surgiram os deuses. Está escrito que o Sábio nascerá e que eu não saberei disso.

– Então, como você veio me contar que ele *nasceu*? – perguntou Zond.

– O mero fato de eu ter vindo aqui, interrompendo o Festival da Água, demonstra que o Sábio nasceu – disse Imperion. – Está claro que nossa Dissolução teve início.

Houve um respingo de consternação entre os deuses de água. Estavam reunidos no fundo da sala, o mais longe possível de Imperion, mas todos tinham escutado. Zond tentou raciocinar. Com o vapor que Imperion levantou e a espuma de desconcerto que os outros jogaram, as salas do Paraíso beiravam o caos, um estado que ele não via há milênios. Se piorasse, o Sábio nem precisaria fazer perguntas.

– Deixe-nos a sós – disse Zond aos deuses de água. – Devido a acontecimentos que fogem de meu controle, este Festival será interrompido. Vocês serão informados da decisão que eu tomar.

Para o choque de Zond, os seres de água hesitaram: mais um indício da Dissolução.

– Prometo – acrescentou.

Os seres de água se decidiram. Partiram em ondas, todos exceto um, Ock, deus de todos os oceanos. Ock tinha o mesmo status de Imperion e o calor não o ameaçava. Ele permaneceu onde estava.

Zond não estava nada contente. Para ele, Ock sempre pareceu ser o menos ordeiro dos deuses. Não sabia qual era seu lugar. Era inquieto e insondável, como a humanidade. Mas, como a Dissolução já havia começado, o que Zond poderia fazer?

– Você tem minha permissão para permanecer aqui – disse ele, de forma cortês, a Ock.

A Imperion, perguntou:

– Como sabe que o Sábio nasceu?

– Eu estava consultando o Livro do Paraíso acerca de outro assunto e a página se abriu na profecia sobre o Sábio da Dissolução – disse Imperion. – Como consta que eu não saberia a data nem a hora em que o Sábio nasceu, presume-se que ele já tenha nascido, ou eu não saberia. Mas o resto da profecia tinha uma precisão impressionante. Daqui a vinte anos, ele começará a questionar o Paraíso. O que faremos para impedi-lo?

– Não vejo nada que possamos fazer – respondeu Zond, sem esperanças. – Profecia é profecia.

– Mas precisamos fazer algo! – urgiu Imperion. – Eu insisto! Sou um deus da ordem, mais até do que você. Pense no que aconteceria se o Sol deixasse de ser exato! Significaria mais para mim do que para qualquer outro. Quero que encontrem o Sábio da Dissolução e o matem antes que ele possa fazer perguntas.

Zond ficou chocado.

– Não posso! Se a profecia diz que ele tem que fazer perguntas, então ele tem que fazer perguntas.

Naquele momento, Ock se aproximou.

– Toda profecia tem uma brecha – disse ele.

– É claro – interrompeu Imperion. – Posso ver a brecha tão bem quanto você. Estou aproveitando a oportunidade aberta pela desordem causada pelo nascimento do Sábio para pedir ao Grande Zond para matá-lo e acabar com a profecia, restaurando, assim, a ordem.

– Não sugeri que você entortasse a lógica – disse Ock.

Os dois deuses se encararam. O vapor que emanava de Ock se espalhava por Imperion, então voltava ao estado líquido e chovia em Ock, em um ritmo tão regular quanto a respiração.

– O que você sugere, então? – perguntou Imperion.

– A profecia não deixa claro em qual mundo o Sábio fará as perguntas – afirmou Ock. – Há muitos outros mundos. A humanidade os chama de mundos do e-se?, ou seja, lugares que um dia foram o mesmo mundo de Theare, mas que se separaram após cada acontecimento duvidoso na história. Cada mundo do e-se? tem um Paraíso próprio. Deve existir um mundo em que os deuses não são tão organizados quanto o nosso. Deixe o Sábio ser posto nesse mundo. Deixe-o fazer suas perguntas predestinadas lá.

– Boa ideia! – Zond bateu palmas, aliviado, causando tempestades inesperadas em todo o Theare. – De acordo, Imperion?

– Sim – disse Imperion.

Ele fulgiu de alívio. E, pego de surpresa, tornou-se profético no mesmo

instante.

– Devo avisar, no entanto, que coisas muito estranhas acontecem quando se mexe com o destino.

– Coisas estranhas talvez, mas nunca de forma desordenada – asseverou Zond.

Ele chamou de volta os deuses da água e também todos os outros deuses de Theare. Contou-lhes que uma criança acabara de nascer e que estava destinada a espalhar a Dissolução e ordenou a cada um deles que procurasse a criança pelos quatro cantos da terra. (“Pelos quatro cantos da terra” era uma fórmula jurídica. Zond não acreditava, de fato, que Theare fosse plano. Mas a expressão permanecia imutável havia séculos, assim como o restante do Paraíso. Significava: “Procurem em todos os lugares.”)

O Paraíso inteiro saiu à procura da criança, no alto e a nível do mar. Ninfas e divindades menores varreram as montanhas, cavernas e florestas. Deuses domésticos bisbilhotaram berços. Deuses da água buscaram nas praias, barrancos e margens dos rios. A deusa do amor pesquisou em seus arquivos para descobrir quem poderiam ser os pais do Sábio. Os dragões invisíveis saíram nadando e olharam dentro de barcas e casas flutuantes. Como havia deuses para todas as coisas em Theare, nenhum local passou despercebido, nada foi omitido. Imperion procurou mais do que qualquer outro, disparando por cada canto e fenda de um lado do mundo e exortando a deusa da lua para que fizesse o mesmo do outro lado. E ninguém encontrou o Sábio. Houve um ou dois alarmes falsos, como quando uma deusa doméstica relatou que um bebê não parava nunca de chorar. O bebê, contou, estava prestes a enlouquecê-la e, se isso não fosse a Dissolução, ela não sabia o que poderia ser. Também houve vários relatos de crianças nascidas com dentes, ou seis dedos, ou outras estranhezas do tipo. Mas, em cada caso, Zond provou que a criança não tinha nada a ver com a Dissolução. Após um mês, ficou claro que o Sábio não seria encontrado.

Imperion estava desesperado, pois, como afirmou a Zond, a ordem era mais importante para ele do que para qualquer outro deus. Ficou tão preocupado que levou o Sol a perder um pouco de calor. Após um certo tempo, a deusa do amor lhe sugeriu relaxar com alguma mulher mortal antes que ele mesmo causasse a tal Dissolução. Imperion concordou. Desceu para visitar a mulher humana que ele amava havia alguns anos. Era um costume aceito os deuses amarem um mortal. Alguns visitavam as pessoas amadas tomando formas muito elegantes, e alguns tinham vários amores ao mesmo tempo. Mas Imperion era honesto e fiel. Nunca visitou Nestara tomando outra forma que não a de um belo homem e a amava com devoção. Três anos antes, ela lhe dera um filho, que Imperion amava quase tanto quanto amava Nestara. Antes de o Sábio nascer para perturbá-lo, Imperion tentou mudar um pouco as regras do Paraíso para que seu filho

também fosse aceito como um deus. O nome da criança era Thasper. Ao descer à terra, Imperion viu Thasper cavando na areia do lado de fora da casa de Nestara – uma bela criança, de cabelo claro e olhos azuis. Imperion se perguntou, em tom afetuoso, se Thasper já tinha aprendido a falar direito.

Imperion aterrissou ao lado do filho.

– Olá, Thasper. O que você está cavando para estar tão absorto?

Em vez de responder, Thasper ergueu a cabeça dourada e gritou:

– Mamãe! – berrou. – Por que tudo fica claro quando o pai aparece?

Todo o prazer de Imperion sumiu. Claro que ninguém é capaz de fazer perguntas antes de aprender a falar. Mas seria muito cruel se o próprio filho fosse o Sábio da Dissolução.

– Por que não deveria? – questionou ele, na defensiva.

Thasper fez uma cara de irritação.

– Quero saber. *Por quê*?

– Talvez porque você fique feliz em me ver – sugeriu Imperion.

– Não estou feliz – disse Thasper.

Ele fez um beiço. Seus olhos azuis se encheram d'água.

– Por que fica tão claro? Quero *saber*. Mamãe! Não estou feliz!

Nestara veio correndo de dentro de casa, um pouco preocupada demais para sorrir para Imperion.

– Thasper, meu amor, qual é o problema?

– Eu quero *saber*! – gemeu Thasper.

– O que você quer saber? Nunca conheci alguém tão cheio de perguntas – comentou Nestara, orgulhosa, enquanto pegava Thasper no colo. – Por isso ele demorou para aprender a falar. Não queria abrir a boca até aprender a fazer perguntas. E, se você não lhe dá a resposta exata, ele chora por horas.

– Quando ele começou a fazer perguntas? – indagou Imperion, tenso.

– Cerca de um mês atrás – respondeu Nestara.

Imperion ficou desolado, mas disfarçou o sentimento. Estava claro para ele que Thasper era, de fato, o Sábio da Dissolução e que ia ter que levá-lo para outro mundo. Ele sorriu e disse:

– Meu amor, tenho grandes notícias para você. Thasper foi aceito como um deus. O Grande Zond em pessoa o terá como copeiro.

– Ah, não agora! – gritou Nestara. – Ele é tão pequenininho!

Ela fez várias outras objeções. Mas, ao final, deixou Imperion levar Thasper. Afinal, qual futuro poderia ser melhor para o filho? Ela acomodou Thasper nos braços de Imperion e deu toda espécie de conselhos ansiosos sobre o que ele comia e o horário de ir para cama. Imperion deu um beijo de despedida nela com um peso no coração. Ele não era um deus da enganação. Sabia que não ousaria

vê-la nunca mais por medo de contar a verdade. Então, com Thasper nos braços, Imperion subiu até as regiões médias abaixo do Paraíso, em busca de um novo mundo.

Thasper olhou para baixo, curioso em relação à grande bola azul do mundo.

– Por que...? – começou ele.

Imperion logo o cercou em uma esfera de esquecimento. Ele não podia deixar que Thasper fizesse perguntas naquele lugar. Perguntas que espalhassem a Dissolução na terra teriam um efeito ainda mais poderoso na região média. A esfera era prateada, não era transparente nem opaca. Nela, Thasper ficaria aparentemente adormecido, sem se mexer, sem crescer, até a esfera ser aberta. Com o filho em segurança, Imperion pendurou a esfera no ombro e adentrou o mundo vizinho. Ele foi de mundo em mundo. Ficou contente em descobrir que havia um número quase infinito de mundos, pois a decisão se mostrou muito difícil. Alguns eram tão desordenados que ele preferiu não deixar Thasper neles. Em outros, os deuses se irritavam com a intrusão de Imperion e gritavam para que fosse embora. Um mundo que ele visitou era tão racional que descobriu, para seu pavor, que todos os deuses estavam mortos. Havia vários outros que ele achou bons o bastante, até deixar o espírito da profecia soprar por ele, e, em todos os casos, era informado de que Thasper sofreria ali. Mas, enfim, encontrou um bom mundo. Parecia calmo e elegante. Os poucos deuses soavam civilizados, mas casuais. Imperion ficou um tanto intrigado com o fato de que esses deuses pareciam compartilhar boa parte de seu poder com a humanidade. Mas a humanidade não aparentava abusar do poder, e o espírito da profecia garantiu que, se Thasper fosse abandonado naquela esfera de esquecimento, ela seria aberta por alguém que o trataria bem.

Imperion colocou a esfera em um bosque e voltou o mais rápido possível para Theare, com o coração aliviado. Lá, relatou a Zond o que tinha feito, e todo o Paraíso celebrou o acontecimento. Imperion assegurou um casamento com um homem rico para Nestara, alguém que lhe desse não apenas dinheiro e alegria, mas muitos filhos para substituir Thasper. Então, um tanto triste, ele retornou à vida ordenada do Paraíso. A refinada organização de Theare continuou sem perturbações causadas pela Dissolução.

Sete anos se passaram.

No meio-tempo, Thasper ficou sem saber de nada e permaneceu com três anos de idade. Então, um certo dia, a esfera de esquecimento se partiu em dois e ele piscou ao ver a luz do sol um pouco menos dourada do que a que conhecia.

– Então, é isso que está causando tanta perturbação – murmurou um homem alto.

– Pobre alma! – disse a mulher.

Havia uma floresta ao redor de Thasper, e pessoas que estavam no local olhavam para ele, mas, pelo que Thasper sabia, nada tinha acontecido desde que saiu voando até a região média com o pai. Ele fez a pergunta que pretendia fazer antes de ser interrompido.

– Por que o mundo é redondo? – questionou ele.

– Boa pergunta – respondeu o homem alto. – A resposta que normalmente se dá é que os cantos se gastaram ao girar ao redor do Sol. Mas o mundo pode ter sido feito assim para nos levar de volta ao lugar de onde partimos.

– Senhor, você vai confundir o menino falando desse jeito – disse outra moça. – Ele é tão pequenininho.

– Não, ele está interessado – disse outro homem. – Olhe para ele.

Thasper de fato estava interessado. Ele gostou do homem alto. Estava um pouco curioso acerca de onde ele tinha vindo, mas achava que o homem alto devia ter aparecido ali porque era melhor em responder perguntas do que Imperion. Ele se perguntou para onde tinha ido o pai.

– Por que você não é meu pai? – perguntou ao homem alto.

– Outra pergunta muito incisiva – disse o homem alto. – Porque, pelo que sabemos, seu pai vive em outro mundo. Diga-me seu nome.

Mais um ponto a favor do homem alto. Thasper nunca respondia perguntas: ele só as fazia. Mas aquela era uma ordem. O homem alto compreendia Thasper.

– Thasper – respondeu o menino, obediente.

– Que doçura! – disse a primeira moça. – Quero adotá-lo.

As outras mulheres ao redor concordaram com entusiasmo.

– Impossível – disse o homem alto.

Seu tom era suave como leite e firme como uma rocha. As damas tiveram que implorar para cuidar de Thasper por um dia, que fosse. Uma hora.

– Não – respondeu o homem alto. – Ele precisa voltar imediatamente.

E todas as mulheres gritaram que Thasper devia estar correndo algum risco em sua terra natal. O homem alto disse:

– Vou me encarregar disso, é claro.

E então estendeu a mão e ergueu o menino.

– Vamos lá, Thasper.

Assim que Thasper saiu da esfera, os dois pedaços desapareceram. Uma das mulheres pegou na sua outra mão e ele foi transportado em um veículo balançante – que ele adorou – até uma casa enorme, onde havia uma sala muito impressionante. Nesse cômodo, Thasper se sentou em uma estrela de cinco pontas e imagens apareciam sem parar ao redor dele. As pessoas balançavam a cabeça.

– Não, esse mundo também não.

O homem alto respondeu a todas as perguntas de Thasper, que estava interessado demais para se incomodar quando não permitiram que comesse nada.

– Por que não? – questionou.

– Porque, só de estar aqui, você está dando uma sacudida neste mundo – explicou o homem alto. – Se você ingerir comida, pode ficar em frangalhos, pois a comida é uma parte pesada de nosso mundo.

Logo depois, uma nova imagem apareceu. Todos disseram:

– Ah!

E o homem alto falou:

– Então é em Theare!

Ele olhou para Thasper, surpreso.

– Você deve ter dado a impressão de ser muito desordenado – comentou.

Então olhou mais uma vez para a imagem, de maneira preguiçosa e, de certo modo, atenciosa.

– Sem desordem – disse. – Sem perigo. Venha comigo.

Ele pegou Thasper pela mão outra vez e o conduziu para dentro da imagem. Ao fazer isso, o cabelo de Thasper escureceu bastante.

– Uma simples precaução – murmurou o homem alto, um pouco em tom de desculpas, mas Thasper nem notou.

Ele não sabia qual era a cor original de seu cabelo; além disso, ficou surpreso com a velocidade na qual viajavam. Passaram zunindo por uma cidade e pararam de forma abrupta. Era uma boa casa, às margens de um distrito mais pobre.

– Aqui está alguém bom – comentou o homem alto, e bateu à porta. Uma mulher de olhar tristonho abriu a porta.

– Perdão, minha senhora – disse o homem alto. – Por algum acaso, você perdeu um garotinho?

– Sim – respondeu a dama. – Mas não é este.

Ela piscou os olhos.

– Sim, é *ele*! – gritou. – Ah, Thasper! Como você pôde fugir daquele jeito? Muito obrigada, senhor.

Mas o homem alto já havia partido.

O nome da mulher era Alina Altun, e ela estava tão convencida de que era a mãe de Thasper que logo Thasper também se convenceu. Ele ficou feliz em se estabelecer ao lado dela e do marido, um médico que trabalhava bastante, mas não era muito rico. Thasper logo esqueceu o homem alto, Imperion e Nestara. Às vezes, ficava intrigado – e isso também deixava sua nova mãe intrigada – com o fato de que, quando ela o mostrava para alguém, sempre sentia a obrigação de dizer:

– Este é Badien, mas nós o chamamos de Thasper.

Graças ao homem alto, nenhum deles jamais soube que o verdadeiro Badien saiu andando no dia em que Thasper apareceu e caiu no rio, onde um dragão invisível o engoliu.

Se Thasper se lembrasse do homem alto, poderia também se perguntar por que sua chegada parece ter conduzido o dr. Altun ao caminho da prosperidade. As pessoas no distrito pobre das redondezas de repente descobriram que o dr. Altun era um bom médico e, ainda, cobrava pouco. Alina logo mandou Thasper para uma ótima escola, onde o menino com frequência deixava os professores exasperados com seus questionamentos. Ele tinha, como sua nova mãe orgulhosamente declarava, uma mente questionadora. Apesar de ter aprendido com mais rapidez que os outros as Dez Primeiras Lições e as Nove Graças da Infância, os professores ainda assim ficavam muitas vezes incomodados e retrucavam:

– Ah, vá perguntar a um dragão invisível.

Era algo que as pessoas de Theare diziam quando se sentiam importunadas.

Thasper, com dificuldade, acabou se curando aos poucos do hábito de nunca responder perguntas. Mas sempre preferia perguntar a responder. Em casa, questionava o tempo todo:

– Por que o deus da cozinha vai prestar contas no Paraíso uma vez por ano? É para eu ter tempo de roubar biscoitos? Por que os dragões são invisíveis? Tem um deus para cada coisa? Por que tem um deus para cada coisa? Se os deuses deixam as pessoas doentes, como meu pai pode curá-las? Por que eu preciso ter um irmãozinho ou irmãzinha?

Alina Altun era uma boa mãe. Ela respondia com diligência a todas as perguntas, incluindo a última. Ela contou a Thasper de onde vinham os bebês, encerrando seu relato com:

– Então, se os deuses abençoarem meu ventre, virá um bebê.

Ela era uma pessoa devota.

– Não quero que você seja abençoada! – disse Thasper, recorrendo a uma afirmação, algo que ele só pronunciava quando estava muito comovido.

Ele parecia não ter poder de decisão sobre o assunto. Aos dez anos de idade, os deuses acharam que era uma boa ideia abençoá-lo com dois irmãos e duas irmãs. Na opinião de Thasper, se eles fossem uma bênção, eram de um nível baixíssimo.

– Por que eles não têm a mesma idade que eu? – exigiu ele, diversas vezes.

Começou a guardar um certo rancor pelos deuses por causa disso.

O dr. Altun continuou prosperando, e seus rendimentos acompanhavam o crescimento da família. Alina contratou uma babá, um cozinheiro e muitos outros auxiliares temporários. Foi um desses auxiliares que, quando Thasper

tinha onze anos, timidamente entregou ao menino um papel dobrado na forma de um quadrado. Curioso, Thasper o desdobrou. Tocar o papel causou-lhe uma sensação estranha, como se o papel vibrasse entre seus dedos. E também incluía um aviso muito severo para que ele não contasse a ninguém. Estava escrito:

> Prezado Thasper,
> Sua situação é bastante singular. Por favor, entre em contato comigo quando você ficar frente a frente consigo mesmo. Estarei em vigília e aparecerei no mesmo instante.
> Crestomanci

Como Thasper não tinha uma única lembrança de seus primeiros anos de vida, a carta o deixou extremamente intrigado. Ele sabia que não poderia contar a ninguém sobre ela, mas também sabia que isso não incluía o auxiliar. Com a carta na mão, correu atrás dele na cozinha. Parou no primeiro degrau do alto da escadaria da cozinha ao ouvir o estrondo de pratos se quebrando lá embaixo. Depois, ouviu o cozinheiro levantar a voz, xingando o auxiliar de forma ininterrupta. Thasper sabia que não adiantaria nada entrar na cozinha. O auxiliar – que tinha o estranho nome de Cat – estava sendo despedido, como todos os outros antes dele. O melhor seria aguardá-lo na porta dos fundos. Thasper olhou para a carta em suas mãos. Ao fazer isso, seus dedos coçaram. A carta tinha desaparecido.

– Sumiu! – exclamou ele, e o uso de afirmação revelou o quão chocado estava.

Thasper nunca poderia ter previsto o que fez em seguida. Em vez de esperar o auxiliar na porta dos fundos, correu até a sala, com os planos de contar à mãe sobre a carta, apesar do aviso.

– Quer saber? – indagou ele.

Ele tinha inventado essa pergunta inútil para contar coisas às pessoas e ainda assim usar a fórmula interrogativa.

– Quer saber?

Alina olhou para cima. Thasper, embora estivesse determinado a contar a ela sobre a carta misteriosa, acabou dizendo:

– O cozinheiro acaba de demitir o novo auxiliar.

– Rapaz! – disse Alina. – Vou ter que achar outro agora.

Irritado consigo mesmo, Thasper tentou contar outra vez.

– Quer saber? Estou surpreso que o cozinheiro não mandou o deus da cozinha embora também.

– Silêncio, meu querido. Não fale dos deuses dessa maneira! – disse a devota mulher.

Àquela altura, o auxiliar já tinha saído e Thasper perdido a vontade de contar a quem quer que fosse sobre a carta, que guardou consigo na forma de um segredo empolgante. Pensava nela como A Carta da Pessoa Desconhecida. Às vezes, sussurrava o estranho nome da Pessoa Desconhecida para si mesmo quando ninguém podia escutá-lo. Mas nada nunca acontecia, nem quando falava em voz alta aquele nome. Desistiu depois de um tempo. Tinha outras coisas com as quais se preocupar. Ele ficou fascinado por Regras, Leis e Sistemas.

Regras e Sistemas eram uma parte importante da vida da humanidade em Theare. Fazia sentido, já que a vida no Paraíso era tão organizada. As pessoas codificavam todo comportamento em coisas como os Sete Sutis Gestos de Educação, ou os Cem Caminhos para a Divindade. Thasper aprendeu tudo isso quando tinha três anos. Estava acostumado a ouvir Alina discutir as nuances das Setenta e Duas Leis da Vida Doméstica com amigas. Thasper de repente descobriu que todas as Regras formavam um incrível arcabouço para a mente explorar. Ele fez listas de regras, e refinou as regras, e estabeleceu maneiras possíveis de fazer o oposto do que as regras diziam e ainda assim mantê-las. Ele inventou um novo código de regras. Preencheu cadernos e desenhou diagramas. Inventou jogos com regras imensas e complicadas, e jogou-os com os amigos. Outras pessoas achavam esses jogos complicados e toscos, mas Thasper e os amigos se divertiam muito com eles. O melhor momento de qualquer um dos jogos era quando alguém parava de jogar e gritava:

– Pensei em uma regra nova!

Essa obsessão com regras durou até Thasper completar quinze anos. Certo dia, ele voltava para a casa depois da escola e pensava em uma lista de regras para Vinte Cortes de Cabelo Cheios de Estilo. Ou seja, Thasper estava de olho nas meninas, mas elas ainda não pareciam notar a existência dele. E estava pensando em qual garota deveria usar qual penteado, quando sua atenção foi roubada por umas palavras escritas a giz no muro:

> SE AS REGRAS FORMAM UM ARCABOUÇO PARA A MENTE EXPLORAR, POR QUE A MENTE NÃO PODE SAIR DELAS, DIZ O SÁBIO DA DISSOLUÇÃO.

Naquele mesmo dia, houve grande consternação no Paraíso. Zond convocou

todos os deuses diante de seu trono.

– O Sábio da Dissolução começou a pregar – anunciou ele, pesaroso. – Imperion, pensei que você tivesse se livrado dele.

– Pensei ter me livrado – declarou Imperion.

Ele estava ainda mais abismado do que Zond. Se o Sábio tivesse começado a pregar, isso significava que Imperion havia se livrado de Thasper e se afastado de Nestara desnecessariamente.

– Devo ter me enganado – admitiu.

Ock, então, se pronunciou, soltando um vapor suave:

– Pai Zond, posso sugerir, com todo o respeito, que você mesmo lide com o Sábio, para não haver enganos dessa vez?

– Era justo o que eu ia sugerir – respondeu Zond, agradecido. – Todos de acordo?

Todos os deuses concordaram. Estavam acostumados demais à ordem para discordar.

Quanto a Thasper, ele observava as palavras escritas a giz, tremendo da cabeça aos pés. O que era aquilo? Quem estava usando os seus próprios pensamentos acerca das regras? Quem era o Sábio da Dissolução? Thasper se sentiu envergonhado. Ele, que era tão bom em fazer perguntas, nunca tinha pensado naquela. Por que a mente não pode sair das regras, afinal? Foi para casa e perguntou aos pais sobre o Sábio da Dissolução. Ele esperava que soubessem de algo. Ficou bastante agitado quando descobriu que não sabiam. Mas eles tinham um vizinho, que encaminhou Thasper a outro vizinho, que tinha um amigo, que, quando Thasper finalmente o localizou, disse que tinha ouvido falar que o Sábio era um jovem esperto que ganhava a vida escarnecendo dos deuses.

No dia seguinte, alguém tinha limpado o muro. Mas, no seguinte, um pôster mal impresso apareceu no mesmo local.

O SÁBIO DA DISSOLUÇÃO PERGUNTA: ESSA ORDEM É DE QUEM? VENHA PARA A PEQUENA SALA DE CONCERTOS DA UNÇÃO SUBLIME HOJE ÀS 6H30.

Às 6h20, Thasper jantava. Às 6h24, ele tomou uma decisão e saiu. Às 6h32, chegou ofegante à Pequena Sala de Unção. Era um prédio pequeno e capenga bem próximo de onde ele morava. Não havia ninguém lá. Pelo que Thasper pôde extrair do caseiro ranzinza, o encontro tinha ocorrido na noite anterior. Thasper foi embora, muito decepcionado. Quem expediu a ordem era a pergunta cuja resposta ele desejava encontrar. Era profunda. Ele tinha a sensação de que o homem que se intitulava o Sábio da Dissolução era realmente brilhante.

Como forma de alimentar sua decepção, ele foi para a escola por um caminho que passava pela Pequena Sala de Concertos da Unção. O local tinha pegado

fogo à noite. Só restavam paredes de tijolo enegrecidas. Quando ele chegou à escola, muitas pessoas conversavam sobre isso. Disseram que pegou fogo pouco antes das 7h na noite anterior.

– Sabia que o Sábio da Dissolução esteve lá anteontem? – perguntou Thasper.

Foi assim que ele descobriu que não era o único interessado no Sábio. Metade da turma era formada por admiradores da Dissolução. Foi então, também, que as garotas se deram ao trabalho de perceber a existência dele.

– Ele é genial no que diz respeito aos deuses – disse uma garota. – Ninguém nunca tinha feito esse tipo de pergunta.

A maioria da turma, no entanto, garotas e garotos, só sabia um pouco mais do que Thasper sobre o assunto, e a maior parte das coisas tinham ouvido em segunda mão. Mas um garoto mostrou a ele um artigo de jornal cuidadosamente recortado no qual um estudioso conhecido discutia o que chamava de "a pretensa Doutrina da Dissolução". Afirmava, de forma prolixa, que o Sábio e seus seguidores agiam de forma indelicada em relação aos deuses e eram contrários a todas as regras. Não serviu muito a Thasper, mas já era algo. Ele percebeu, de modo um tanto pesaroso, que sua obsessão por regras era muito equivocada e levou-o a ficar atrasado em comparação ao resto da turma no aprendizado daquela maravilhosa doutrina nova. Ele se tornou um Discípulo da Dissolução no mesmo instante. Juntou-se à turma no esforço de descobrir o máximo possível acerca do Sábio. Saiu caminhando com eles, escrevendo nas paredes REGRAS DA DISSOLUÇÃO OK.

Por muito tempo, a única coisa que a turma de Thasper aprendeu do Sábio eram rastros de perguntas feitas a giz nos muros e logo apagadas.

QUAL A NECESSIDADE DE ORAÇÕES? POR QUE DEVERIA HAVER CEM CAMINHOS PARA A SANTIDADE, NEM MAIS NEM MENOS? PODEMOS SUBIR DE QUALQUER LUGAR A ESCADA PARA O PARAÍSO? O QUE É A PERFEIÇÃO: UM PROCESSO OU UM ESTADO? QUANDO ALCANÇAMOS A PERFEIÇÃO, VIRA UM ASSUNTO PARA OS DEUSES?

Thasper registrava obsessivamente essas frases. Ele ficara obcecado antes, admitia, mas daquela vez era diferente. Ele pensava e pensava. De início, bolava apenas perguntas espertas para fazer ao Sábio. Esforçava-se para encontrar perguntas que ninguém tinha feito. Mas, no meio do processo, a sua mente pareceu relaxar, e logo ele estava pensando em como o Sábio poderia responder suas perguntas. Ele refletiu sobre a ordem, as regras e o Paraíso, e se deu conta de que havia um motivo por trás de todas as perguntas brilhantes que o Sábio fazia. Ele ficou tonto de tanto pensar.

Thasper descobriu o motivo por trás das questões do Sábio na manhã em que se barbeou pela primeira vez na vida. Pensou: “Os deuses precisam de seres humanos para poderem ser deuses!” Ofuscado pela revelação, Thasper encarou o espelho, vendo o próprio rosto coberto pela metade com espuma branca. Sem humanos acreditando neles, os deuses não eram nada! A ordem do Paraíso, as regras e os códigos da terra só existiam por causa das pessoas! Era algo transcendente. Enquanto Thasper fitava seu rosto, a carta do Desconhecido voltou a sua mente.

– Será que isto é ficar face a face comigo mesmo? – perguntou-se.

Mas não tinha certeza. E ele teve certeza de que quando chegasse a hora não precisaria mais se questionar.

Então se deu conta de que o Crestomanci Desconhecido era, muito provavelmente, o próprio Sábio. Ficou empolgado. O Sábio tinha desenvolvido um interesse misterioso e especial por um adolescente, Thasper Altun. A carta que desaparecia se adequava com perfeição à figura do esquivo Sábio. E o Sábio permanecia esquivo. A próxima notícia confiável que se teve dele foi um artigo de jornal sobre um raio que atingiu a Galeria Celestial. O teto do local desabou, informou a matéria: “poucos segundos depois de um jovem conhecido como o Sábio da Dissolução ter proferido uma de suas homílias, angustiantes e autoquestionadoras, e ter saído do local acompanhado por seus discípulos.”

– Ele não duvida de si mesmo – comentou Thasper com seus botões. – Ele sabe sobre os deuses. Se *eu* sei, então *ele* também sabe, com certeza.

Ele e os colegas fizeram uma excursão à galeria destroçada. Era um local melhor do que a Pequena Sala de Unção. Parecia que o Sábio estava subindo na vida. Então, algo causou uma empolgação enorme. Uma das garotas encontrou um pequeno anúncio em um jornal. O Sábio daria outra palestra, na imensa Sala do Reino do Esplendor. Ele tinha subido mais ainda na vida. Thasper e os amigos vestiram suas melhores roupas e foram lá em grupo. Mas parece que erraram o horário na divulgação. A palestra tinha acabado de terminar. Pessoas saíam da sala com cara de decepção.

Thasper e os amigos ainda estavam na rua quando o local explodiu. Por sorte, ninguém se machucou. A polícia disse que foi uma bomba. Thasper e os amigos ajudaram a tirar pessoas feridas do local em chamas. Foi empolgante, mas não era o Sábio.

Thasper sabia que ele nunca seria feliz até encontrar o Sábio. Disse a si mesmo que precisava descobrir se a razão por trás das perguntas do Sábio era a que ele achava que era, mas ainda havia outras coisas. Thasper estava convicto de que seu destino estava ligado ao do Sábio. Tinha certeza de que o Sábio *queria* que Thasper o encontrasse.

Porém, começou a circular um forte boato, na escola e na cidade, de que o Sábio tinha se cansado de palestras e bombardeios. Ele se isolou para escrever um livro. O título seria *As perguntas da Dissolução*. Também havia rumores de que o Sábio se encontrava hospedado em um lugar próximo à Estrada dos Quatro Leões.

Thasper foi até a Estrada dos Quatro Leões. Lá, deixou de sentir vergonha. Saiu batendo nas portas e interrogando transeuntes. Disseram-lhe muitas vezes para perguntar a um dragão invisível, mas ele não deu bola. Continuou perguntando até alguém dizer que a srta. Tunap, do 403, talvez soubesse. Thasper bateu na porta do 403, com o coração galopando.

A srta. Tunap era uma mulher empertigada que usava um turbante verde.

– Sinto muito, querido – disse. – Sou nova por aqui.

Mas antes que o coração de Thasper ficasse desconsolado, ela acrescentou:

– Mas, antes de mim, havia outro inquilino. Um senhor bastante quieto. Ele foi embora logo antes de minha chegada.

– Ele deixou um endereço? – perguntou Thasper, prendendo a respiração.

A srta. Tunap consultou um antigo envelope preso na parede.

– Diz aqui: “Inquilino foi para a Praça do Coração Dourado”, querido.

Mas, na praça do Coração Dourado, um jovem que poderia ser o Sábio só olhou um quarto e foi embora. Depois disso, Thasper tinha que voltar para casa. Os Altun não estavam acostumados com adolescentes e receavam que Thasper talvez quisesse sair todas as noites.

Curiosamente, houve um incêndio no 403 da Estrada dos Quatro Leões naquela noite.

Thasper notava com clareza que havia assassinos que buscavam o Sábio tanto quanto ele. Assim, ficou cada vez mais obcecado em localizá-lo. Sabia que poderia salvar o Sábio se o encontrasse antes dos assassinos. Não culpava o Sábio por estar sempre em movimento. Pois, de fato, o Sábio se deslocava bastante. Os boatos diziam que seu próximo paradeiro era a rua Partridge Pleasaunce. Quando Thasper foi até lá, descobriu que o Sábio tinha se mudado para a praça Fauntel. Da praça Fauntel, o Sábio parecia ter ido para o Boulevard da Ventania, daí para uma casa mais simples na rua da Estação. Houve muitos lugares depois desses. Thasper havia desenvolvido uma espécie de faro, de sexto sentido, para sentir onde o Sábio poderia estar. Uma palavra, uma simples menção a um inquilino silencioso, e lá ia Thasper, batendo às portas, interrogando pessoas, sendo informado de que deveria perguntar a um dragão invisível e deixando seus pais exasperados com suas saídas apressadas de casa todas as tardes. Mas, não interessava o quão rápido Thasper agisse, o Sábio

sempre tinha acabado de partir. E Thasper, na maioria dos casos, estava somente um passo à frente dos assassinos. Casas pegavam fogo ou explodiam às vezes quando ele ainda estava na mesma rua.

Por fim, ele estava seguindo uma pista muito fraca, que poderia ou não o conduzir à rua do Novo Unicórnio. Thasper foi até o local, sonhando em não ter que passar o dia todo na escola. O Sábio talvez estivesse sempre em movimento, mas Thasper estava preso a um local o dia todo. Por isso não seria de se admirar que ele nunca o encontrasse. Mas ele tinha uma grande esperança quanto à rua do Novo Unicórnio. Era o tipo de lugar pobre que o Sábio andava preferindo no momento. Infelizmente, suas esperanças foram por água abaixo. A mulher gorda que abriu a porta riu, em tom grosseiro, da cara de Thasper.

– Não me encha o saco, filho! Vá perguntar a um dragão invisível!

E bateu a porta.

Thasper ficou parado na rua, sentindo-se humilhado. E sem ideias do rumo que deveria tomar. Suspeitas horríveis brotaram em sua mente: ele estava fazendo papel de bobo; tinha se envolvido em uma perseguição sem sentido; o Sábio não existia. Para deixar de pensar nessas coisas, ele cedeu à ira.

– Certo! – gritou em frente à porta que tinha sido batida. – Vou *perguntar* ao dragão invisível! Muito bem!

Movido pela fúria, saiu correndo até o rio e começou a atravessar a primeira ponte que encontrou. Parou no meio da ponte, debruçou-se no parapeito e soube que estava fazendo papel de tonto. Dragões invisíveis não existiam. Ele tinha certeza. Mas ainda estava preso a sua obsessão, e aquilo era algo que ele estava determinado a fazer. Ainda assim, se tivesse alguém por perto, Thasper teria ido embora. Mas a ponte estava deserta. Sentindo-se um imbecil, ele fez o gesto de oração a Ock, Rei dos Oceanos – pois Ock era o deus encarregado de tudo o que se relacionava à água –, mas em segredo, por baixo do parapeito, para que ninguém o visse. Então disse, quase em um sussurro:

– Tem algum dragão invisível por aqui? Tenho perguntas a fazer.

Gotas d’água pingaram nele. Algo molhado espirrou em sua cara. Ele ouviu um barulho repetitivo. Virou o rosto na direção do ruído e viu três marcas d’água ao longo do parapeito, cada uma a meio metro de distância da outra e do tamanho de suas duas mãos abertas. O mais estranho é que a água pingava do nada por todo o parapeito, cobrindo uma distância de quase o dobro da altura de Thasper.

O garoto riu, desconfortável.

– Estou imaginando um dragão – disse ele. – Se houvesse um dragão, essas marcas estariam onde seu corpo está apoiado. Dragões d’água não têm pés. E o comprimento das marcas úmidas sugere que eu devo estar imaginando um

dragão de cerca de três metros de comprimento.

– Eu tenho quatro metros – disse uma voz vinda de lugar nenhum.

Estava um tanto próximo demais do rosto de Thasper para que ele se sentisse confortável, e soprava fumaça na direção dele. O garoto se afastou.

– Seja rápido, filho-de-um-deus – disse a voz. – O que você queria me perguntar?

– Eu-eu-eu – gaguejou Thasper.

Não era só o fato de estar assustado. Esse era um golpe que sentia no corpo. Modificava sua crença de que os deuses precisavam que os homens acreditassem neles para existirem. Mas logo se recuperou. Sua voz só tremulou um pouco quando ele falou:

– Estou procurando o Sábio da Dissolução. Você sabe onde ele está?

O dragão riu. Era um barulho peculiar, como um daqueles apitos d'água que as pessoas usam para fazer sons de passarinho.

– Receio que não possa dizer onde exatamente está o Sábio – disse a voz vinda de lugar algum. – Você precisa encontrá-lo por conta própria. Pense nisso, filho-de-um-deus. Você deve ter percebido que há um padrão.

– Sim, claro que há um padrão! – retrucou Thasper. – Em todo lugar aonde ele vai, por pouco não o encontro, e depois o local pega fogo!

– Sim – disse o dragão. – Mas há um padrão nos lugares onde ele se hospeda. Investigue. É tudo o que posso dizer, filho-de-um-deus. Alguma outra pergunta?

– Não. Por incrível que pareça – disse Thasper. – Muito obrigado.

– Por nada – respondeu o dragão invisível. – As pessoas sempre sugerem que nos perguntem coisas, mas quase ninguém de fato faz isso. Verei você outra vez.

Um ar úmido soprou no rosto de Thasper. Ele se debruçou sobre o parapeito e viu um movimento grande e preciso no rio, e bolhas prateadas subindo. Depois, nada. Notou, surpreso, que suas pernas tremiam.

Firmou os joelhos e voltou caminhando para casa. Foi para o quarto e, antes de qualquer outra coisa, agindo por um impulso supersticioso que não julgava possuir, tirou a figura de um deus que Alina insistiu para que ele guardasse em uma prateleira sobre a cama. Retirou a imagem com cuidado. Em seguida, pegou um mapa da cidade e alguns adesivos vermelhos e marcou todos os lugares onde quase encontrou o Sábio. O resultado o deixou dançando de empolgação. O dragão estava certo. Havia um padrão. O Sábio começou em bons alojamentos na parte nobre da cidade. Depois foi migrando aos poucos para regiões mais pobres, mas fazendo uma curva, descendo até a estação e depois voltando para a parte nobre. A casa dos Altun ficava nos limites da região mais pobre. O Sábio estava vindo *em sua direção*! A rua do Unicórnio Novo não era tão distante. O próximo lugar devia ser ainda mais próximo. Thasper só precisaria procurar uma

casa pegando fogo.

Escurecia naquele momento. Thasper abriu as cortinas e se debruçou sobre a janela para olhar as ruas mais pobres. E lá estava! Havia um brilho vermelho e laranja à esquerda – na rua da Lua Cheia, provavelmente. Thasper gargalhou alto e bom som. Ele estava até grato pelos assassinos!

Desceu as escadas correndo e saiu da casa. As perguntas ansiosas dos pais e os gritos dos irmãos e irmãs perseguiram o garoto, mas ele bateu a porta na cara deles. Após correr por dois minutos, chegou ao local do incêndio. A rua estava repleta de silhuetas escuras contra o brilho insano das chamas. As pessoas empilhavam móveis na rua. Alguns ajudavam uma mulher desnorteada que usava um turbante marrom esfarrapado a se sentar em uma poltrona com algumas marcas de queimado.

– Você também não tinha inquilino? – alguém perguntou a ela em tom nervoso.

A mulher continuava tentando ajeitar o turbante. Era a única coisa com a qual se preocupava.

– Ele não ficou – disse ela. – Acho que foi para a Lua Minguante agora.

Thasper não esperou mais. Saiu zunindo pelas ruas. A Lua Minguante era uma taverna que ficava na esquina daquela mesma rua. A maioria das pessoas que bebiam lá devia estar na rua, ajudando a resgatar móveis, mas havia uma luz tênue no local, clara o bastante para revelar um aviso branco colado na janela. TEMOS QUARTOS, dizia.

Thasper entrou de supetão. O barman estava sentado em um banquinho em frente à janela, curvando-se para ver a casa que queimava. Ele não olhou para Thasper.

– Onde está seu inquilino? – perguntou Thasper, ofegante. – Tenho uma mensagem para ele. Urgente.

O barman não se virou.

– Lá em cima, primeira porta à esquerda – disse. – O fogo chegou ao telhado. Vão precisar agir depressa para salvar as casas ao lado.

Thasper ouviu-o enquanto subia correndo as escadas. Virou à esquerda. Deu a batida mais breve possível na porta, escancarou-a e adentrou às pressas.

O quarto se encontrava vazio. A luz estava acesa, e havia ali uma cama precária, uma mesa manchada com uma caneca vazia e algumas folhas de papel, bem como uma lareira com um espelho em cima. Além da lareira, outra porta tinha acabado de ser fechada. Estava evidente que alguém passou por ela no momento em que ele entrou no quarto. Thasper correu rumo à porta. Mas se examinou, por um segundo, no espelho sobre a lareira. Ele não pretendia parar. Mas, graças a algum truque do espelho, que era marrom, velho e manchado, ele

pareceu muito mais velho do que era. Parecia ter mais do que vinte anos. Parecia...

Ele se lembrou da Carta do Desconhecido. Havia chegado a hora. Ele tinha certeza disso. Estava prestes a conhecer o Sábio. Só precisava chamá-lo. Thasper se aproximou aos poucos da porta basculante. Hesitou. A Carta dizia para chamá-lo logo de uma vez. Sabendo que o Sábio estava logo do outro lado da porta, Thasper a empurrou um pouco e a segurou com os dedos. Estava tomado por dúvidas. Pensava: "Será que eu acho mesmo que os deuses precisam de pessoas? Tenho tanta certeza disso? O que vou dizer para o Sábio, afinal de contas?" Ele deixou a porta se fechar outra vez.

– Crestomanci – disse ele, tristonho.

Um sopro de vento passou por trás dele. Fez Thasper arrodear nessa direção. Ele olhou fixamente. Um homem alto estava ao lado da cama. Era uma figura extraordinária em um longo manto preto, com bordados que pareciam ser pequenos cometas amarelos. A parte interna do manto, que rodopiava no ar, revelou-se amarela, intercalada por cometas pretos. O homem alto tinha uma cabeça escura muito lisa, olhos pretos muito brilhantes e, nos pés, o que pareciam ser pantufas vermelhas.

– Graças aos céus – disse essa pessoa tão incomum. – Por um instante, fiquei com receio de que você fosse entrar por aquela porta.

A voz trouxe recordações a Thasper.

– Você me levou para casa através de uma imagem quando eu era pequeno – disse ele. – Você que é Crestomanci?

– Sim – respondeu o homem alto e incomum. – E você é Thasper. E agora precisamos partir antes que este lugar pegue fogo.

Ele pegou Thasper pelo braço e o levou até a porta que conduzia à escadaria. Assim que abriu a porta, uma fumaça densa penetrou o ambiente, acompanhada de um forte crepitar. Dava para notar que a taverna já estava pegando fogo. Crestomanci fechou a porta outra vez. A fumaça fez os dois tossir, e Crestomanci tossia com tanta força que Thasper achou que ele fosse se engasgar. Ambos voltaram para o quarto. Naquele momento, a fumaça se infiltrava por entre as tábuas do chão, levando Crestomanci a ter outra crise de tosse.

– Isso acontece logo que eu acordo gripado! – disse ele, quando conseguiu falar. – Assim é a vida. Esses seus deuses ordeiros não nos dão escolha.

Ele atravessou o piso fumegante e empurrou a porta ao lado da lareira. Dava para um espaço em branco. Thasper soltou um grito de pavor.

– Exatamente – tossiu Crestomanci. – Você ia morrer em uma queda.

– Não podemos pular até o chão? – sugeriu Thasper.

Crestomanci negou com um movimento de sua cabeça lisa.

– Não depois do que fizeram aqui. Não. Vamos ter que levar a luta até eles e visitar os deuses. Você seria gentil e me emprestaria seu turbante antes de partirmos?

Thasper encarou-o após esse pedido estranho.

– Gostaria de usá-lo como um cinto – grunhiu Crestomanci. – O caminho para o Paraíso é um tanto gelado, e eu só estou de pijama por baixo do manto.

A roupa listrada que Crestomanci trajava por baixo realmente parecia um pouco fina. Thasper desamarrou o turbante devagar. Pensou que ficar diante dos deuses sem nada na cabeça não devia ser pior do que os encontrar de pijama. Além disso, ele não acreditava que deuses existissem. Entregou o turbante. Crestomanci amarrou o tecido azul-claro ao redor do manto preto e amarelo e deu a impressão de que se sentia mais à vontade.

– Agora, agarre-se em mim e você vai ficar bem – disse.

Ele pegou Thasper pelo braço outra vez e ergueu-se rumo ao céu, levando o garoto consigo. Por algum tempo, Thasper estava chocado demais para falar. Ficou admirado com a maneira que percorriam o céu, como se estivessem escalando uma escada invisível. Crestomanci fazia isso com naturalidade, tossindo de vez em quando e tremendo um pouco, mas segurando Thasper com firmeza. Em pouco tempo, a cidade se tornou apenas um amontoado de casas de boneca com pontinhos luminosos, e duas manchas vermelhas nos locais que estavam em chamas. As estrelas rodopiavam ao redor, acima e abaixo, pois eles já tinham ultrapassado algumas.

– É uma longa escalada até o Paraíso – observou Crestomanci. – Há algo que você queira saber antes de chegarmos lá?

– Sim – respondeu Thasper. – Você disse que os deuses estavam tentando me matar?

– Eles estão tentando eliminar o Sábio da Dissolução – respondeu Crestomanci. – O que talvez eles não percebam é que você e o Sábio são a mesma coisa. Veja bem, você é o Sábio.

– Não! – insistiu Thasper. – O Sábio é mais velho do que eu e faz perguntas que eu nunca tinha sequer imaginado antes de ouvir falar dele.

– Ah, sim – disse Crestomanci. – Receio que haja uma terrível circularidade nisso tudo. É culpa de quem tentou se livrar de você quando era pequeno, seja lá quem foi. Pelo que pude entender, você permaneceu com três anos de idade por sete anos, até causar um tumulto tão grande em nosso mundo que tivemos que localizá-lo e mandá-lo embora. Mas, neste mundo de Theare, altamente organizado e rígido como é, a profecia afirmava que você começaria a pregar a Dissolução aos vinte e três anos, ou pelo menos no ano em que completaria essa idade. Portanto, a pregação precisava começar neste ano. Você não precisava

aparecer. Já falou com alguém que de fato ouviu o Sábio pregar?

– Não – respondeu Thasper. – Agora que parei para pensar nisso.

– Ninguém ouviu – disse Crestomanci. – Você começou aos poucos, de qualquer forma. Primeiro, escreveu um livro, ao qual ninguém deu bola...

– Não, não é verdade – objetou Thasper. – Ele-eu-ãã, o Sábio estava escrevendo um livro *depois* da pregação.

– Mas você não percebe porque, como você tinha voltado a Theare nessa época, os fatos tinham que tentar alcançá-lo – disse Crestomanci. – Eles fizeram isso correndo para trás até você chegar aonde deveria estar. Que era naquele quarto na taverna, no início de sua carreira. Eu acho que você já tem idade para começar. E suspeito que nossos amigos celestiais lá em cima chegaram atrasados à história e tentaram acabar com você. Não teria sido nada bom para eles, como em breve vou lhes contar.

Ele começou a tossir outra vez. Tinham subido até um ponto amargamente gélido. Naquele momento, o mundo era apenas um arco escuro abaixo deles. Thasper avistou o vermelho do sol, começando a revelar-se abaixo do mundo. Eles continuaram subindo. A luz aumentou. O sol apareceu, com um grande brilho e bem longe lá embaixo. Uma memória sutil retornou a Thasper. Ele tinha dificuldades em acreditar que aquilo tudo era verdade, mas não conseguiu.

– Como você sabe de tudo isso? – perguntou ele de repente.

– Você já ouviu falar do deus Ock? – tossiu Crestomanci. – Ele veio falar comigo quando você deveria ter a idade que tem agora. Estava preocupado... – Tossiu outra vez. – Tenho que guardar meu fôlego para o Paraíso.

Continuaram subindo e as estrelas nadavam ao redor deles, até que a coisa que escalavam se tornou mais sólida. Logo subiam por uma rampa escura, que ficava perolada à medida que iam caminhando. Então, Crestomanci soltou o braço de Thasper e assoou o nariz em um lenço de bordas douradas, com uma expressão de alívio. O perolado da rampa tornou-se prateado e a prata mudou de cor para um branco estonteante. Por um bom tempo, percorreram um caminho plano todo branco, atravessando salões e mais salões.

Os deuses tinham se reunido para encontrá-los. Nenhum parecia cordial.

– Receio que não estamos com trajes para a ocasião – murmurou Crestomanci.

Thasper olhou para os deuses, depois para Crestomanci, e se encolheu de vergonha. Por mais chiques e estranhas que fossem as vestes de Crestomanci, ainda eram claramente um pijama. As coisas nos pés dele eram pantufas de lã. E ali, parecendo um barbante azul ao redor da cintura de Crestomanci, encontrava-se o turbante que Thasper deveria estar usando. Os deuses eram magníficos, trajavam calças douradas e turbantes cheios de joias, e ficavam mais impressionantes ao passo que os dois se aproximavam dos deuses maiores. A

atenção de Thasper foi fisgada por um deus que vestia um tecido brilhante de ouro, que o surpreendeu por oferecer um olhar amigável, quase ansioso. Diante dele havia uma figura imensa e de aparência líquida coberta de pérolas e diamantes. Esse deus piscou – de forma discreta mas inconfundível. Thasper estava muito impressionado para reagir, mas Crestomanci calmamente retribuiu a piscada.

Ao final dessa série de salões, sobre um trono gigantesco, pairava a imponente figura do Grande Zond, trajando branco e púrpura, com uma coroa na cabeça. Crestomanci olhou para cima, fitando Zond, e, pensativo, assoou o nariz. Não foi uma atitude muito respeitável.

– Por que motivo dois mortais invadiram nossos salões? – questionou Zond com uma voz trovejante.

Crestomanci espirrou.

– Por causa da insensatez de vocês – disse ele. – Os deuses de Theare deixam tudo tão organizado há tanto tempo que não conseguem enxergar além da própria rotina.

– Eu deveria destruí-lo por dizer isso – anunciou Zond.

– Não se vocês desejarem sobreviver – retrucou Crestomanci.

Um grande murmúrio de protesto correu entre os outros deuses. Eles queriam sobreviver. Estavam tentando entender o que Crestomanci tinha dito. Zond enxergou naquilo uma ameaça a sua autoridade e pensou que deveria ser cauteloso.

– Prossiga – disse.

– Uma das características mais marcantes de vocês é que suas profecias sempre se concretizam – disse Crestomanci. – Então por que, quando uma profecia se revela desagradável, acham que podem alterá-la? Isso, meus caros deuses, é uma grande insensatez. Além disso, ninguém pode interromper a Dissolução, muito menos vocês, deuses de Theare. Mas vocês esqueceram. Esqueceram que privaram tanto a humanidade quanto vocês mesmos de qualquer livre-arbítrio ao estabelecer uma organização tão precisa. Vocês levaram Thasper, o Sábio da Dissolução, a meu mundo, esquecendo que lá ainda existe o acaso. E, por acaso, Thasper foi descoberto apenas sete anos depois. Para a sorte dele. Sinto um arrepio só de pensar o que teria acontecido caso Thasper tivesse permanecido com três anos de idade a vida toda.

– Isso foi culpa minha! – gritou Imperion. – Assumo a culpa.

Ele se virou para Thasper.

– Por favor, me perdoe – disse. – Você é meu filho.

Thasper se perguntou: era isso que Alina queria dizer quando falava de deuses abençoando seu ventre? Ele achava que era apenas uma metáfora. Olhou para

Imperion, piscando os olhos graças ao brilho do deus. Não estava tão impressionado. Era um bom deus, honesto, mas Thasper notava que ele tinha uma visão limitada da vida.

– É claro que eu o perdoo – respondeu, com a voz educada.

– Também foi sorte que nenhum de vocês conseguiu matar o Sábio – continuou Crestomanci. – Thasper é filho de um deus. Ou seja, só existe um dele, e graças a sua profecia ele tem que estar vivo para pregar a Dissolução. Vocês poderiam ter destruído Theare. Do jeito que está, tornou-se uma grande teia de rachaduras. Theare é organizado demais para se partir em dois mundos alternativos, como ocorreria em meu mundo. Então, acontecimentos tiveram que ocorrer, coisas que não precisavam ter acontecido. Theare rachou e se distorceu, e vocês mesmos causaram a Dissolução.

– O que podemos fazer? – indagou Zond, exasperado.

– Só há uma coisa que pode ser feita – respondeu Crestomanci. – Deixe Thasper em paz. Deixem-no pregar a Dissolução e parem de tentar acabar com ele. Isso trará o livre-arbítrio e um futuro livre. A partir daí, Theare se regenerará ou se dividirá, de forma limpa e indolor, em dois mundos novos e saudáveis.

– Então, somos responsáveis por nossa própria queda? – perguntou Zond, pesaroso.

– Sempre foi inevitável – disse Crestomanci.

Zond suspirou.

– Está certo. Thasper, filho de Imperion, é com relutância que lhe dou minha bênção para pregar a Dissolução. Vá em paz.

Thasper se curvou. E ficou ali, em silêncio, por um bom tempo. Não notou que Imperion e Ock tentavam chamar sua atenção. O artigo de jornal se referia ao Sábio como alguém cheio de angústia, que duvidava de si mesmo. Ele entendeu o porquê. Olhou para Crestomanci, que assoava o nariz outra vez.

– Como poderei pregar a Dissolução? – questionou ele. – Como posso não acreditar nos deuses se os vi com meus próprios olhos?

– Essa é uma pergunta que você certamente deveria fazer – grunhiu Crestomanci. – Volte a Theare e pergunte.

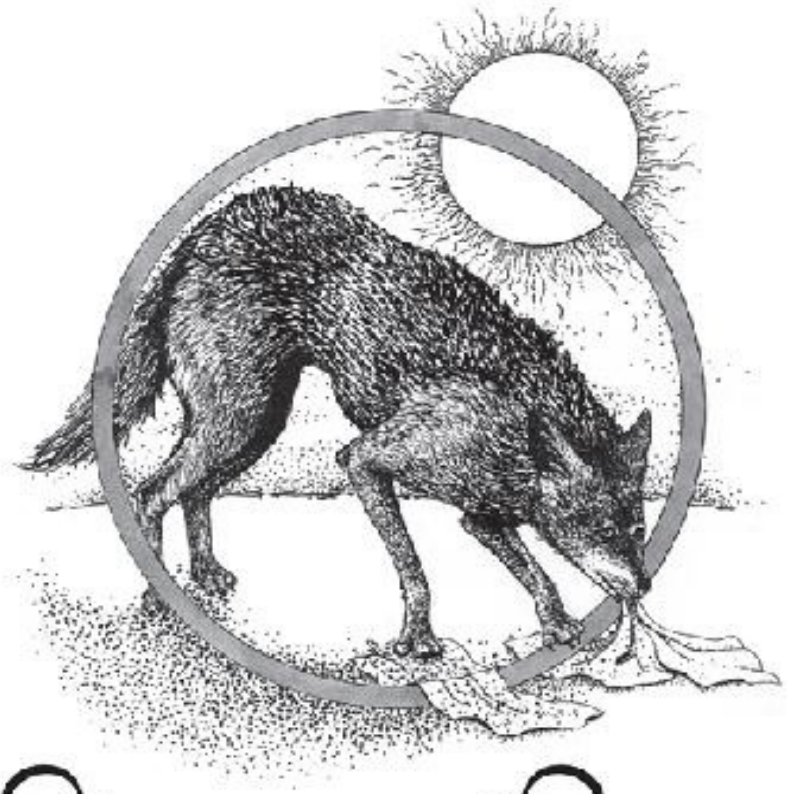
Thasper assentiu e se virou para ir embora. Crestomanci se inclinou na direção do garoto e disse, por trás do lenço:

– Também se pergunte isto: será que os deuses podem pegar uma gripe? Acho que passei a doença para todos eles. Seja um bom rapaz e descubra isso para mim.



SAKI era o pseudônimo de um escritor e jornalista inglês chamado H. H. Munro. Ele foi morto com um tiro de um franco-atirador na Primeira Guerra Mundial. Alguns de seus contos são engraçados. Outros são sinistros. Alguns são engraçados e sinistros ao mesmo tempo.

Há uma fera selvagem na floresta. Ou um garoto. Ou talvez...



GABRIEL-ERNEST

Por

Saki

– TEM UMA FERA SELVAGEM NA FLORESTA – disse Cunningham, o artista, enquanto era conduzido para a estação.

Foi o único comentário que fez durante o trajeto, mas, como Van Cheele falava sem parar, o silêncio do companheiro não era perceptível.

– Uma raposa ou duas e algumas doninhas. Nada mais formidável do que isso – disse Van Cheele.

O artista ficou quieto.

– O que você quis dizer quando falou de uma fera selvagem? – perguntou Van Cheele mais tarde, quando já estavam na plataforma.

– Nada. Foi só minha imaginação. Chegou o trem – disse Cunningham.

Naquela tarde, Van Cheele fez uma de suas frequentes caminhadas no bosque de sua propriedade. Em seu escritório havia um alcaravão empalhado, e ele sabia o nome de um número considerável de flores silvestres, então a tia talvez tivesse motivos para descrevê-lo como um grande naturalista. Seja como for, ele era um grande andarilho. Tinha o hábito de fazer anotações mentais de tudo o que via durante as caminhadas, não tanto com o intuito de aprofundar os estudos científicos, mas para ter assuntos sobre os quais conversar depois. Quando os jacintos começaram a florir, ele se deu ao trabalho de informar a todos; a estação do ano poderia ter avisado seus interlocutores dessa possibilidade, mas pelo menos eles sentiam que ele estava sendo bastante honesto.

O que Van Cheele viu naquela tarde em especial foi, no entanto, algo muito distante de sua experiência cotidiana. Sobre uma saliência de pedra polida acima de uma poça funda que tinha sido criada no buraco do tronco de um carvalho derrubado, encontrava-se um garoto de cerca de dezesseis anos, secando o corpo amarronzado no sol. O cabelo úmido, dividido graças a um mergulho recente, estava colado na testa, e os olhos castanho-claros, tão claros que havia quase um brilho de tigre neles, estavam fixados em Van Cheele com uma certa atenção preguiçosa. Foi uma aparição inesperada, e Van Cheele se dedicou a algo novo:

pensar antes de falar. De onde raios poderia ter vindo aquele garoto de visual tão selvagem? A esposa do moleiro tinha perdido um filho cerca de dois meses antes, supostamente arrastado pela corrente d'água do moinho, mas a criança ainda era um bebê, não um rapaz quase adulto.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ele.

– Tomando banho de sol, é claro – respondeu o garoto.

– Onde você mora?

– Aqui, na floresta.

– Você não pode viver na floresta – disse Van Cheele.

– É uma floresta ótima – respondeu o garoto, com um toque de arrogância na voz.

– Mas onde você dorme à noite?

– Não durmo à noite; é o período em que estou mais ocupado.

Van Cheele começou a ter a sensação irritante de estar diante de um problema que o confundia.

– Do que você se alimenta? – indagou.

– Carne – respondeu o garoto, pronunciando a palavra devagar, com deleite, como se estivesse saboreando-a.

– Carne! Que carne?

– Já que o assunto lhe interessa tanto, coelhos, aves selvagens, lebres, passarinhos, cordeiros quando estão na temporada, e crianças quando consigo alguma; costumam ficar muito resguardadas à noite, horário em que saio à caça. Faz uns belos dois meses que não como carne de criança.

Ignorando a natureza zombeteira do último comentário, Van Cheele tentou mudar de assunto para as possíveis operações de caça.

– Você fala como se fosse o rei da caça às lebres.

(Levando em conta a situação precária da higiene do garoto, a comparação com um rei não era nada adequada.)

– As lebres de nossa encosta não são nada fáceis de capturar.

– À noite, caço sobre quatro patas – foi a resposta um tanto misteriosa.

– Você quer dizer que caça com um cão? – arriscou Van Cheele.

O garoto rolou devagar, ficou de costas no chão e soltou uma gargalhada estranha e grave, que era agradável como uma risada e desagradável como um rosnado.

– Acho que nenhum cão gostaria de minha companhia, ainda mais à noite.

Van Cheele começou a sentir que havia algo de fato esquisito no jovem de olhos estranhos e fala estranha.

– Não posso deixar você aqui na floresta – declarou ele, autoritário.

– Suponho que você prefira que eu fique aqui dentro de sua casa – disse o

garoto.

A perspectiva de ter aquele animal nu e selvagem na casa organizada e limpa de Van Cheele era muito alarmante.

– Se você não for embora, terei que expulsá-lo – disse Van Cheele.

O garoto virou-se como um raio, mergulhou na poça e em um instante jogou o corpo molhado e reluzente quase até o ponto onde Van Cheele estava parado. Seria um movimento comum para uma lontra; mas ver um garoto fazer isso era bastante assombroso, na opinião de Van Cheele. O pé do rapaz deslizou ao dar um passo involuntário para trás e quando deu por si estava prostrado no terreno escorregadio e coberto de grama, com os olhos amarelos de tigre não muito distantes dos de Van Cheele. Quase instintivamente, levou a mão em direção à garganta do homem, parando na metade do caminho. O garoto riu outra vez, uma gargalhada que era mais rosnado do que risada, então, com outro de seus movimentos relâmpagos, desapareceu de vista adentrando um emaranhado de grama e samambaias.

– Que animal selvagem extraordinário! – exclamou Van Cheele enquanto se levantava.

E se lembrou do comentário de Cunningham: “Tem uma fera selvagem na floresta.”

Voltando devagar para casa, Van Cheele tentou se lembrar de ocorrências locais que poderiam estar ligadas à presença daquele incrível jovem selvagem.

Algo andava reduzindo a quantidade de animais na floresta, aves estavam desaparecendo das fazendas, lebres ficavam cada vez mais escassas, e havia reclamações de cordeiros sendo arrastados dos morros. Seria possível que aquele garoto selvagem estivesse mesmo caçando na companhia de algum cão de caça muito esperto? Ele tinha falado em caçar “a quatro patas” à noite, mas também tinha sugerido que nenhum cão queria se aproximar dele, “especialmente à noite”. Era intrigante. Então, enquanto tentava rememorar as várias depredações que ocorreram nos últimos meses, Van Cheele parou de repente, tanto sua caminhada quanto suas especulações. A criança que desapareceu no moinho dois meses antes – a teoria era que ela caíra na corrente do moinho e fora levada pela água; mas a mãe sempre contou ter ouvido um grito vindo do morro ao lado da casa, na direção contrária à da água. Era inconcebível, é claro, mas ele desejava que o garoto não tivesse feito aquele estranho comentário sobre ter comido carne de criança dois meses antes. Tais coisas pavorosas não devem ser ditas em voz alta nem brincando. Van Cheele, contrariando sua índole, não ansiava contar aos outros sobre sua descoberta na floresta. Sua posição de conselheiro paroquial e juiz de paz parecia estar, de certa forma, comprometida pelo fato de que estava

abrigando uma pessoa de reputação tão duvidosa em sua propriedade; também havia a possibilidade de uma cobrança pesada para compensar o roubo dos cordeiros e das aves acabar parando à sua porta. No jantar, ele se mostrou estranhamente quieto.

– Onde foi parar sua voz? – perguntou a tia. – Parece que você viu um lobo.

Van Cheele, que não conhecia esse velho ditado, achou o comentário tolo; se ele *tivesse* visto um lobo na propriedade, sua língua estaria muito ocupada com o assunto.

No café da manhã do dia seguinte, Van Cheele tinha consciência de que a sensação de desconforto quanto ao episódio da véspera não havia desaparecido, e ele decidiu ir de trem até a cidade vizinha, localizar Cunningham e descobrir o que o levou a fazer aquele comentário sobre a fera selvagem. Tendo tomado essa decisão, sua alegria voltou um pouco, e ele assobiou uma melodia alegre enquanto rumava tranquilo até a sala de leitura para o cigarro matinal. Ao entrar na sala, a melodia deu lugar a uma exclamação. Esparramado com graça pela otomana, em uma postura quase exagerada de descanso, encontrava-se o garoto da floresta. Estava mais seco do que a última vez que Van Cheele o viu, mas não se percebia nada de diferente em sua higiene.

– Como você ousa vir até aqui? – perguntou Van Cheele, furioso.

– Você me disse para eu não ficar na floresta – respondeu o garoto, em tom calmo.

– Mas não era para vir aqui. Imagine se minha tia o vê!

E, com o intuito de minimizar a catástrofe, Van Cheele tapou, apressado, o melhor que pôde, o visitante indesejado com páginas do *Morning Post*. Naquele instante, sua tia entrou na sala.

– É um garoto pobre que se perdeu... e perdeu a memória. Ele não sabe quem é ou de onde veio – explicou Van Cheele, desesperado, olhando com apreensão para o rosto do menino, para descobrir se uma de suas características selvagens era a de possuir uma honestidade inconveniente.

A senhora Van Cheele ficou muito interessada na história.

– Talvez haja alguma marca na roupa de baixo dele – sugeriu ela.

– Parece que ele a perdeu também – disse Van Cheele, ajeitando freneticamente as páginas do *Morning Post* para manter o jornal no lugar.

Uma criança sem-teto pelada era, para a senhora Van Cheele, tão encantadora quanto um gatinho perdido ou um filhote de cachorro maltratado.

– Temos que fazer tudo o que for possível por ele – decidiu ela.

Em poucos instantes um mensageiro, enviado até o presbitério, onde se encontrava um empregado, retornou com várias roupas da despensa e acessórios necessários, como camisa, sapatos, colarinho etc. Vestido, limpo e arrumado, o

garoto não perdeu nem um pouco de sua estranheza para Van Cheele, mas a tia achou o garoto adorável.

– Precisamos chamá-lo de algo até descobrirmos quem ele realmente é – disse ela. – Gabriel-Ernest, penso. Acho que são nomes muito simpáticos e adequados.

Van Cheele concordou, mas não sabia se aqueles nomes seriam atribuídos a uma criança simpática e adequada. Suas desconfianças não diminuíram graças ao fato de que seu cachorro spaniel, velho e tranquilo, saiu em disparada da casa quando viu o garoto chegando e ficou tremendo sem parar e latindo no canto mais afastado do pomar, enquanto o canário, quase tão tagarela quanto Van Cheele, passou a economizar nos piados. Estava mais decidido do que nunca a consultar Cunningham o quanto antes. Enquanto dirigia rumo à estação, a tia já estava dando um jeito de Gabriel-Ernest ajudá-la a divertir os jovens membros da aula de domingo na hora do chá.

Cunningham não se mostrou comunicativo de início.

– Minha mãe morreu por causa de um problema no cérebro – disse ele. – Então, você deve compreender por que evito me deter em algo de uma natureza tão impossivelmente fantástica como o que vi ou penso ter visto.

– Mas o que *foi* que você viu? – perguntou Van Cleese com persistência.

– O que pensei ter visto foi algo tão extraordinário que nenhum homem são daria crédito ao fato que parece ter ocorrido. Estava parado, na última noite, meio escondido pela cerca viva do pomar, observando a luminescência do pôr do sol se desvanecer. De repente, eu me dei conta de que havia um menino nu. Achei que fosse um banhista de alguma lagoa próxima dali, que estava parado na encosta também vendo o sol se pôr. A pose dele era tão similar à de um fauno de algum mito pagão que eu quis naquele mesmo instante usá-lo de modelo, e, em algum momento, devo ter acenado para ele. Mas logo o sol sumiu do campo de visão, e o laranja e o cor-de-rosa desapareceram do cenário, deixando tudo cinza e gélido. Naquele mesmo instante, algo incrível aconteceu. O garoto também sumiu!

– O quê! Ele se esfumou? – perguntou Van Cheele, entusiasmado.

– Não; essa é a parte terrível – respondeu o artista. – Na encosta onde o garoto estava parado até um segundo atrás, encontrava-se um grande lobo, de cor escura, com presas reluzentes e olhos amarelos e cruéis. Você pode achar que...

Mas Van Cheele nem parou para dedicar-se a algo tão fútil como refletir sobre o relato. Ele já estava correndo a toda a velocidade rumo à estação. Descartou a ideia de mandar um telegrama. “Gabriel-Ernest é um lobisomem” era uma tentativa das mais inadequadas de explicar a situação, e sua tia acharia que era uma mensagem escrita em código e ele esquecera-se de ensiná-la a decifrá-lo. Sua única esperança era chegar em casa antes do pôr do sol. O táxi que tomou

após a viagem de trem o matou de tédio em um percurso que lhe parecia de uma lentidão exasperante pelas estradas do campo tingidas de rosa e malva com o mergulho do sol que afundava no horizonte. Sua tia estava guardando as geleias e o bolo quando ele chegou.

– Onde está Gabriel-Ernest? – quase gritou ele.

– Está acompanhando o pequeno Toop até a casa dele – respondeu a tia. – Estava ficando tarde, então pensei que não era seguro deixar a criança voltar sozinha. Que belo pôr do sol, não?

Mas Van Cheele, embora estivesse ciente do brilho no céu a oeste, não ficou ali para discutir amenidades. Correndo em uma velocidade para a qual não estava preparado, partiu pelo caminho estreito que conduzia até a casa dos Toop. De um lado, passava a rápida corrente do moinho; do outro, aparecia um pedaço da encosta. A ponta minguante do sol avermelhado ainda aparecia no horizonte, e a próxima curva deveria colocá-lo em uma posição capaz de enxergar a dupla que perseguia. Então, de repente, a cor desapareceu de todas as coisas, e uma luz cinza se firmou com um leve estremecimento sobre a paisagem. Van Cheele escutou um gemido agudo de medo e parou de correr.

Nunca mais se viu nem a criança dos Toop, nem Gabriel-Ernest, mas foram encontradas as roupas descartadas deste último ao longo da estrada, então se supôs que a criança tivesse caído na água e que o garoto tivesse tirado a roupa e pulado na água em uma tentativa frustrada de salvá-la. Van Cheele e alguns trabalhadores que estavam ali perto declararam ter ouvido uma criança gritar bem alto perto do lugar onde as roupas foram encontradas. A senhora Toop, que tinha outros onze filhos, resignou-se ao luto, mas a senhora Van Cheele lamentou sinceramente a perda do menino abandonado. Foi por iniciativa dela que colocaram uma placa de bronze na igreja em homenagem a “Gabriel-Ernest, um garoto desconhecido que sacrificou bravamente sua vida para salvar outra”.

Van Cheele costumava aceitar tudo o que a tia pedia, mas se recusou a assinar o memorial a Gabriel-Ernest.



E. NESBIT escrevia histórias para crianças há mais de cem anos. Produziu tanto contos realistas quanto mágicos. Este é um dos poucos contos que parecem uma brincadeira. E o cacatucano é um vilão maravilhoso.

Arrumada e enfiada em um vestido apertado demais, mandam Matilda visitar sua velha tia-avó Willoughby, mas algo dá muito errado no meio do caminho...



O CACATUCANO; OU, A TIA-AVÓ WILLOUGHBY



AS ORELHAS DE MATILDA ERAM VERMELHAS E RELUZENTES. Assim como as bochechas. As mãos também eram vermelhas. Isso porque Pridmore tinha dado banho nela. Não foi o banho de sempre, que deixa você limpo e se sentindo confortável, mas “uma lavada das boas”, que deixa você ardendo e com inveja dos pobres selvagens que não sabem de nada, correm pelados ao sol e só entram na água quando estão com calor. Matilda desejou ter nascido em uma tribo de selvagens em vez de Brixton.

– As orelhas dos pequenos selvagens não são tão esfregadas, e eles não usam vestidos novos que pinicam ao redor do braço e machucam o pescoço, não é, Pridmore?

Mas Pridmore apenas respondeu:

– Quanta bobagem.

E então disse:

– Não se sacuda tanto, pelo amor de Deus.

Pridmore era a babá, e Matilda às vezes a achava cansativa.

Matilda tinha razão em acreditar que as crianças selvagens não trajavam vestidos que machucavam. Também era verdade que as crianças selvagens não se lavavam tanto, nem se escovavam e se penteavam, nem vestiam luvas, botas e chapéus, nem pegavam uma carruagem até Streatham para visitar a tia-avó Willoughby. Esse, na verdade, era o destino de Matilda. Sua mãe tinha decidido. Pridmore a havia preparado para isso. Sabendo que oferecer resistência era inútil, Matilda cedeu.

Mas o Destino não fora consultado. E o Destino tinha seus próprios planos para Matilda.

Quando o último botão das botas de Matilda foi abotoado (a presilha sempre foi temperamental, ainda mais quando tentavam apressá-la, e naquele dia deu uma mordida na perna de Matilda com bastante raiva), a coitada da menina foi levada para o térreo e colocada em uma cadeira na sala para que aguardasse a

vez de Pridmore se arrumar.

– Só um minutinho – disse Pridmore.

Matilda sabia que demoraria mais. Ela se ajeitou, pronta para aguardar, e ficou balançando as pernas, tristonha. Já tinha ido, outra vez, à casa da tia-avó Willoughby, e sabia muito bem o que esperar. Iriam lhe perguntar das aulas, das notas, e se ela tinha sido uma boa menina. Não entendo por que os adultos não percebem quão impertinentes são essas perguntas. Imagine se você respondesse:

– Sou a melhor da turma, tia, obrigada, e sou muito boazinha. Agora, vamos conversar um pouquinho sobre você, tia querida. Quanto dinheiro possui? E você tem maltratado os empregados de novo, ou tentou ser boa e paciente, como uma tia educada deveria ser, hein, querida?

Use esse método com uma de suas tias na próxima vez que ela começar a fazer perguntas e me escreva para contar o que ela respondeu.

Matilda sabia exatamente quais seriam as perguntas da tia Willoughby e sabia que, assim que fossem respondidas, a tia lhe daria um biscoitinho com sementes de cominho, e iria lhe dizer para ir ao banheiro com Pridmore a fim de lavar as mãos e o rosto. De novo!

Então, seria mandada ao jardim; o jardim tinha uma trilha arenosa e canteiros de gerânios, sapatinhos-de-vênus e campânulas. Você não pode colher nada. No jantar, seria servida vitela moída, com torradas de três pontas ao redor do prato e um pudim de tapioca. Então, uma longa tarde com um livro, um volume encadernado de *Os passatempos de um sábado à noite*, com uma letra pequenina, e todas as histórias de crianças que morreram jovens, pois eram boas demais para este mundo.

Matilda estremeceu, infeliz. Se estivesse um pouco menos desconfortável, teria chorado, mas o vestido novo era tão apertado e piniquento que ela não era capaz de ignorá-lo nem por um segundo para chorar. Quando Pridmore enfim desceu, ela disse:

– Ah, que cara triste é essa?

E Matilda respondeu:

– Não estou triste.

– Ah, está, sim – disse Pridmore. – E você sabe disso. Você não valoriza a sorte que tem.

– Queria que fosse *sua* tia Willoughby – retrucou Matilda.

– Sua coisinha chata e rancorosa – disse Pridmore, e deu uma sacudidela em Matilda.

Matilda tentou dar um tapa em Pridmore, e as duas saíram de casa muito irritadas uma com a outra.

Caminharam pela estrada sem graça até a carruagem sem graça, enquanto

Matilda chorava um pouco. Veja bem, Pridmore era uma pessoa muita cuidadosa, apesar de zangada; mas até mesmo a pessoa mais cuidadosa comete erros, e ela deve ter tomado a carruagem errada, caso contrário esta história nunca teria ocorrido, e o que seria de nós, então? Isso nos mostra que até mesmo os erros são valiosos às vezes, portanto não seja tão severo com os adultos se eles errarem de vez em quando. Você sabe, afinal, que isso quase não acontece.

Era uma carruagem verde-clara e dourada, e, na parte interna, os assentos eram verdes e muito fofos. Matilda e a babá tinham toda a carruagem só para elas, e a menina começou a se sentir mais confortável, ainda mais depois de estourar a costura de um dos ombros de tanto se sacudir, o que abriu mais espaço para ela dentro do vestido.

Então disse:

– Desculpa por ter ficado tão irritada, Priddy, querida.

Pridmore respondeu:

– Você deveria mesmo pedir desculpas.

Ela, por outro lado, nunca pediu desculpas por estar irritada. Mas não dá para se esperar tal coisa de um adulto. Certamente tomaram a carruagem errada – pois, em vez de ir balançando devagar por ruas empoeiradas, o veículo seguiu com rapidez, suavemente, ao longo de uma estrada arborizada, com flores nos arbustos e árvores verdes. Matilda estava tão encantada que ficou sentada bem paradinha, algo incomum para ela. Pridmore lia uma historieta chamada “A vingança da Dama Constantia”, então nem percebeu nada.

– Não me importo. Nem vou falar para ela – disse Matilda. – Ela ia parar a carruagem quase com certeza.

Até que enfim a carruagem parou ao chegar ao fim do trajeto. Pridmore guardou o livro no bolso e começou a sair.

– Bem, eu nunca – disse ela, e saiu muito depressa e correu até o lugar onde ficavam os cavalos. Havia quatro cavalos brancos com arreios verdes e rabos muito compridos.

– Olá, meu jovem – disse Pridmore, cumprimentando o cocheiro. – Você nos trouxe ao lugar errado. Aqui não é Streatham Common.

O cocheiro era o mais belo cocheiro que já se viu. E suas roupas correspondiam à beleza. Vestia meias brancas de seda e uma camisa branca de seda drapeada – e o casaco e a calça eram verdes e dourados, assim como o chapéu de três pontas que ele levantou de forma muito educada quando Pridmore lhe dirigiu a palavra.

– Receio que você tomou, por algum lamentável equívoco, a carruagem errada! – disse ele, em tom gentil.

– E quando a próxima faz o caminho de volta?

– Não volta. Vai de Brixton até aqui uma vez por mês, mas não volta.

– Mas como ela faz para voltar a Brixton, para recomeçar o trajeto, quero dizer? – perguntou Matilda.

– É uma carruagem diferente todas as vezes – disse o cocheiro, levantando mais uma vez o chapéu de três pontas.

– E o que acontece com as antigas? – perguntou Matilda.

– Ah, depende – respondeu o cocheiro, sorridente. – Nunca se sabe de antemão, e as coisas mudam tão depressa hoje em dia. Tenham um bom dia. Muito obrigado por usarem o serviço. Não, não, de modo algum, madame.

Ele rejeitou a moeda de oito tostões que Pridmore tentava oferecer pela passagem e retomou as rédeas em um instante.

Então, as duas olharam ao redor. Não, o lugar com certeza *não* era Streatham Common. A carruagem errada as conduziu até um vilarejo estranho – o vilarejo mais limpo, belo, vermelho, verde, organizado e bonito de todo o mundo. As casas estavam agrupadas ao redor de um jardim da vila, onde crianças em vestidos ou blusas bastante soltos brincavam alegremente. Não se enxergava nenhuma manga apertada, ou sequer se imaginava tal coisa naquele lugar. Matilda se inflou de alegria e acabou arrebentando três presilhas e um pouco mais das costuras dos ombros.

Matilda achou as lojas um pouco estranhas. Os nomes dos lugares não correspondiam ao produto que vendiam. Por exemplo, onde estava escrito “Elias Grimes, funileiro” havia pães e bolos na janela; e a loja que anunciava “Padaria” estava cheia de carrinhos de bebê; o verdureiro e o homem que consertava rodas de carruagem pareciam ter trocado de nome, ou de loja, ou algo assim; e a sra. Scrimpling, costureira e chapeleira, tinha a vitrine cheia de salsicha e embutidos de porco.

– Que lugar simpático e engraçado – comentou Matilda. – Estou *feli*z por termos tomado a carruagem errada.

Um garotinho em uma bata amarela se aproximou delas.

– Com licença – disse ele, muito educado –, mas todos os estrangeiros são levados diante do Rei assim que chegam. Por favor, me sigam.

– Nossa, mas que impertinência! – falou Pridmore. – Estrangeiros mesmo! E quem é você, posso saber?

– Eu sou o Primeiro-Ministro – respondeu o garoto, curvando-se bastante. – Sei que não aparento ser, mas as aparências enganam. É temporário; amanhã provavelmente voltarei a ser eu mesmo.

Pridmore murmurou algo que o garotinho não escutou. Matilda captou algumas palavras – “tabefe”, “cama”, “pão e água” –, palavras conhecidas, todas elas.

– Se isso é uma brincadeira, eu adoraria participar – disse Matilda ao garoto.

Ele franziu o cenho.

– Recomendo que vocês vão lá imediatamente – disse ele, de forma tão severa que até mesmo Pridmore ficou um pouco assustada. – O palácio de Sua Majestade fica nessa direção.

Ele se afastou, e Matilda deu um pulo súbito, soltou a mão de Pridmore e saiu correndo atrás dele. Pridmore teve que segui-la, ainda resmungando.

O palácio ficava em um grande parque verde, pontilhado por espinheiros brancos. Não se parecia em nada com um palácio inglês – o palácio de St. James ou o Buckingham, por exemplo – porque era muito belo e muito limpo. Quando entraram, viram que havia seda verde pendurada no palácio e os soldados vestiam uniformes verdes e dourados, e as roupas das outras pessoas da corte tinham a mesma cor. Matilda e Pridmore tiveram que esperar alguns instantes enquanto o Rei trocava o cetro e colocava uma coroa limpa, então foram conduzidas à sala de audiência. O Rei apareceu para cumprimentá-las.

– É *muito* gentil de vocês virem de tão longe – disse ele. – É *claro* que vocês ficarão no palácio, correto?

Ele olhou ansioso para Matilda.

– Você está confortável, minha cara? – perguntou, duvidoso. Matilda era uma garota muito sincera.

– Não – respondeu. – Meu vestido machuca meus braços.

– Ah, e você não trouxe bagagem – disse ele. – Alguns dos vestidos da Princesa podem servir. Os mais antigos, talvez. Sim, sim; essa pessoa é sua ama, sem dúvida.

Uma gargalhada estrondosa percorreu o salão. O Rei olhou incomodado ao redor, esperando que algo acontecesse. Mas nada parecia prestes a ocorrer.

– Sim – disse Matilda. – Pridmore é... Ah, meu deus!

Pois, diante de seus olhos, viu uma mudança horrível ocorrer em Pridmore. Em um instante, tudo o que sobrou da Pridmore original eram as botas e a barra da saia – a parte de cima tinha se transformado em ferro pintado e vidro e, enquanto Matilda observava, a parte que sobrou da saia se aplainou e ficou lisa, dura e quadrada, e os dois pés se tornaram quatro, e eram pés de ferro, e não sobrou mais nada de Pridmore.

– Ah, minha pobre criança – disse o Rei. – Sua ama se tornou uma Máquina Automática.

Era verdade. Ela se transformara em uma máquina como aquelas que você encontra nas estações de trem – coisas gananciosas e avarentas que pegam suas moedas e não devolvem quase nada em chocolate, e nada de troco.

Mas não se enxergava chocolate pelo vidro da máquina que antes fora

Pridmore. Apenas pequenos rolos de papel.

O Rei entregou umas moedas a Matilda em silêncio.

Ela colocou uma na máquina e puxou a gavetinha. Havia um rolo de papel. Matilda desenrolou e leu:

– Não seja cansativa.

Ela tentou de novo. Dessa vez, o papel dizia:

– Se você não parar, vou contar para sua mãe assim que ela chegar em casa.

A próxima era:

– Apenas aceite isso, certo? Sempre esquentando a cabeça.

Então, Matilda *entendeu*.

– Sim – disse o Rei, com a voz triste. – Sinto informar que não há mais dúvidas. Sua dama de companhia se tornou uma Máquina Automática de Reclamações. Não se preocupe, minha cara. Ela vai voltar ao normal amanhã.

– Eu gosto mais dela assim, obrigada – respondeu Matilda. – Não preciso mais colocar moedas.

– Ah! Não devemos ser indelicados ou negligentes – disse o Rei, em voz baixa, e colocou uma moeda.

Ele recebeu:

– Rapaz irritante. Deixe-me em paz.

– Não dá para evitar – disse o rei, com ar de cansaço. – Você não faz ideia de como as coisas mudam de repente por aqui. Isso acontece porque... vou contar durante o chá. Vá com sua babá agora, minha cara, e veja se algum dos vestidos da Princesa serve em você.

Então, uma simpática, bondosa e querida babá levou Matilda até os aposentos da Princesa e tirou aquele vestido doloroso, depois vestiu a menina com uma roupa de seda verde tão suave como o peito de um pássaro, e Matilda deu um beijo nela, tão alegre que ficou por estar se sentindo confortável.

– E agora, querida – disse a babá. – Você gostaria de ver a Princesa, não? Tome cuidado para não se machucar. Ela é bastante afiada.

Matilda não entendeu o que isso queria dizer. Só depois compreendeu.

A babá a conduziu por corredores de mármore, para cima e para baixo em degraus de mármore, até que enfim chegaram a um jardim repleto de rosas brancas, e, no meio dele, em uma almofada de penas coberta em cetim, grande como uma cama, encontrava-se sentada a Princesa em um vestido branco.

Ela se levantou quando Matilda se aproximou, e era como ver mais de um metro de fita branca ficar de pé em uma ponta e se curvar – mais de um metro de uma larga fita branca, é claro; mas o que é considerado largo para uma fita é muito estreito para uma Princesa.

– Como está você? – perguntou Matilda, que aprendeu regras de etiqueta.

– Muito magra mesmo, obrigada – respondeu a Princesa.

E ela de fato era. Seu rosto era tão branco e magro que parecia ser feito de concha de ostra. As mãos eram magras e finas, e os dedos faziam Matilda pensar em ossos de peixe. O cabelo e os olhos eram pretos, e Matilda pensou que ela poderia ser bonita se fosse mais gorda. Matilda se machucou ao apertar a mão da Princesa, de tão ossuda que era.

A Princesa parecia contente em ver a visitante e convidou a menina para se sentar ao lado de Sua Majestade na almofada de cetim.

– Preciso ser muito cuidadosa, senão acabo quebrando – disse ela. – Por isso a almofada é tão macia. E não posso brincar muito, porque há risco de acidentes. Você conhece alguma brincadeira que dê para se fazer sentada?

A única em que Matilda conseguia pensar era “cama de gato”. Então fizeram essa brincadeira com a fita verde de cabelo da Princesa. Os dedos de espinha de peixe da Princesa eram muito mais adequados para o jogo do que as patinhas rosadas e gordinhas de Matilda. Matilda olhou ao redor entre um jogo e outro e admirou bastante tudo o que via. E fez perguntas, é claro. Havia um pássaro imenso acorrentado a um poleiro no meio de uma jaula muito grande. De fato, a jaula era tão grande que ocupava todo um lado do jardim de rosas. O pássaro tinha uma crista amarela como uma cacatua e um bico avantajado como o de um tucano (se você não sabe o que é um tucano, não merece ir novamente ao Jardim Zoológico).

– Que pássaro é esse? – perguntou Matilda.

– Ah, esse é meu Cacatucano de estimação – respondeu a Princesa. – Ele é muito valioso. Se morresse ou fosse roubado, a Terra Verde definharia e se tornaria como New Cross ou Islington.

– Que horrível – comentou Matilda, tremendo.

– Nunca estive nessas cidades, é claro – disse a Princesa, estremecendo. – Mas acho que sei tudo de geografia.

– Tudo? – perguntou Matilda.

– Até as exportações e importações – gabou-se a Princesa. – Adeus. Sou tão magra que preciso descansar bastante, senão fico exausta. Babá, leve-a embora.

A babá levou Matilda para uma sala incrível, onde ela se divertiu até a hora do chá com vários tipos de brinquedos, daqueles que se veem nas lojas quando alguém compra uma caixa de tijolinhos ou um quebra-cabeça de mapas – o tipo de brinquedo que você nunca ganha porque é muito caro.

Matilda tomou chá com o rei. Ele se comportou com muita polidez e tratou a menina como se fosse adulta, por isso ela ficou extremamente feliz e se comportou muito bem. O Rei contou a ela todos os seus problemas.

– Veja só que belo lugar um dia foi minha Terra Verde – disse ele. – Tem

pontos ótimos ainda hoje; mas as coisas não são mais como antigamente. É aquele pássaro, o Cacatucano. Não temos coragem de matá-lo ou passá-lo adiante, e sempre que ele ri algo muda. Olhe meu Primeiro-Ministro. Ele era um homem de um metro e oitenta, e olhe para ele agora. Seria capaz de levantá-lo com uma das mãos; e sua pobre babá. Tudo culpa daquele pássaro malvado.

– Mas *por que* ele ri? – perguntou Matilda.

– Não faço ideia – respondeu o Rei. – *Eu* não vejo motivos para rir.

– Não dá para você mandá-lo para a escola ou fazer alguma outra coisa muito ruim para deixá-lo triste?

– Eu fiz. Garanto, minha querida, as aulas que o pássaro teve que engolir seriam capazes de fazer um professor engasgar.

– Ele come algo além de aulas?

– Bolo natalino. Mas do que adianta falar disso? O pássaro iria rir mesmo se dessem ração de cachorro e chá de fedegoso.

Sua Majestade suspirou e passou-lhe a torrada com manteiga.

– Você não faz nem ideia do tipo de coisa que acontece – continuou ele. – Certo dia, o pássaro riu de um Conselho de Gabinete, e todos os meus ministros viraram garotinhos de batas amarelas. E não conseguimos aprovar mais nenhuma lei até eles voltarem ao normal. Não é culpa deles. E eu devo manter os seus cargos reservados, é claro, pobrezinhos.

– É claro – disse Matilda.

– Tivemos problemas com um dragão – contou o Rei. – Quando ele apareceu, ofereci a mão da Princesa e metade de meu reino para quem o matasse; é uma oferta que se costuma fazer, como sabe.

– Sim – respondeu Matilda.

– Bem, apareceu um jovem Príncipe muito respeitável, e todos foram vê-lo lutar com o dragão; o preço dos assentos na fileira da frente era de nove tostões, eu lhe asseguro, e as trombetas soaram e apareceu o dragão, apressado. Uma trombeta é como tocar o sino do jantar para um dragão, sabe. E o Príncipe sacou sua reluzente espada, e todos nós gritamos, então o pássaro maldito riu e o dragão se transformou em um gatinho e o Príncipe matou o bichano antes que conseguisse frear o movimento. A população ficou furiosa.

– E o que aconteceu? – perguntou Matilda.

– Bem, eu fiz o que pude. Disse: “Você vai se casar com a Princesa mesmo assim.” Então levei o Príncipe para casa, e, quando cheguei lá, o Cacatucano acabara de dar outra risada, e a Princesa tinha se transformado em uma governanta alemã muito idosa. O Príncipe voltou correndo para casa, de muito mau humor. A Princesa voltou ao normal em um ou dois dias. São tempos difíceis, minha cara.

– Sinto muito – disse Matilda, enquanto continuava comendo gengibre em conserva.

– Pode sentir mesmo – disse o triste monarca. – Pois, se eu fosse contar-lhe tudo o que esse maldito pássaro causou a meu reino, você ficaria ouvindo até depois da hora de ir para a cama.

– *Eu* não me importo – disse Matilda, com gentileza. – Por favor, conte-me mais.

– Ora – continuou o rei, cada vez mais e mais agitado. – Ora, com uma risadinha daquele pássaro detestável, uma longa fileira de ancestrais na parede de meu palácio ficou com o rosto vermelho e vulgar; começaram a falar de um jeito diferente e a jurar que o nome deles era Smith, e vinham de Clapham Junction.

– Que pavoroso!

– E, certa vez – continuou o Rei, sussurrando –, ele riu tão alto que dois domingos se uniram, e a próxima quinta-feira se perdeu e saiu vagueando por aí e se escondeu depois do Natal. E agora é hora de dormir – disse, de repente.

– Preciso mesmo? – perguntou Matilda.

– Sim, por favor – respondeu o Rei. – Conto esta história trágica a todos os estrangeiros porque sempre sinto que talvez *alguém de fora* seja esperto o bastante para me ajudar. Você parece uma garotinha muito simpática. Acha que é esperta?

É muito bom quando *perguntam* se você é uma pessoa esperta. A tia Willoughby sabe que você não é. Mas os Reis dizem coisas simpáticas. Matilda ficou encantada.

– Eu não *acho* que sou esperta – disse ela, com bastante honestidade, quando de repente o ruído de uma gargalhada rouca percorreu a sala de banquete.

Matilda colocou as mãos na cabeça.

– Ai, meu Deus – gritou ela. – Estou me sentindo tão diferente! Espere um pouco. Ah, o que será? Ah!

Ela ficou em silêncio por um tempo. Então, olhou para o Rei e disse:

– Eu estava errada, Vossa Majestade. Eu *sou* esperta e sei que não devo ficar acordada até tarde. Boa noite. Muito obrigada pela ótima festa. Pela manhã, acho que talvez eu esteja inteligente o bastante para ajudá-lo, se o pássaro não me transformar em outro tipo de Matilda.

Mas, na manhã seguinte, a mente de Matilda ainda parecia estranhamente nítida. Só que, quando ela desceu para tomar o café da manhã, cheia de planos de como ajudar o Rei, descobriu que o Cacatucano deve ter gargalhado à noite, pois o belo palácio tinha se transformado em um açougue, e o Rei, que era sábio demais para lutar contra o destino, guardou as roupas da realeza e estava

pesando duzentos gramas de cordeiro picado para uma doméstica que carregava uma cesta.

– Não sei se você pode me ajudar agora – disse ele, desesperado. – Enquanto o palácio permanecer assim, não adianta continuar tentando ser rei ou qualquer coisa do tipo. Só posso tentar ser um bom açougueiro, e você vai cuidar das contas, se quiser, até o pássaro dar uma risada que me coloque de volta ao palácio.

Então, o Rei continuou no trabalho, respeitado por todos, que tiveram, afinal, seus altos e baixos desde a chegada do Cacatucano. E Matilda cuidava dos livros de contabilidade e preenchia as notas, e os dois foram de fato felizes. Pridmore, disfarçada de Máquina Automática, ficou parada no açougue, onde atraiu muitos clientes. Pais levavam os filhos e faziam os pobres inocentes colocarem moedinhas e lerem os bons conselhos de Pridmore. Alguns pais são muito severos. E a Princesa sentava-se no quintal com o Cacatucano, e Matilda brincava com ela todas as tardes. Mas, certo dia, enquanto o Rei percorria outro reino, o Rei daquele reino olhou pela janela e riu quando a carruagem passou, e gritou:

– Açougueiro!

O Açougueiro-Rei não se importou, pois era verdade, por mais rude que tenha sido. Mas então o outro Rei perguntou:

– Qual o preço da carne de gato?

O Rei ficou de fato furioso, porque eles só vendiam carne da melhor qualidade. Quando contou tudo isso a Matilda, ela respondeu:

– Mande o exército acabar com ele.

Então o Rei mandou o exército e o inimigo foi esmagado. O pássaro riu e o Rei voltou ao trono, e com uma risada o açougue desapareceu, justo a tempo de Sua Majestade proclamar um feriado e organizar uma recepção magnífica para o exército. Matilda ajudou o Rei a cuidar de tudo, e ela adorava a nova e deliciosa sensação de ser esperta. Então, achou muito ruim quando o Cacatucano riu – justo quando a recepção estava tão bem organizada. Ele riu, e o feriado se transformou em um novo imposto; e a grande recepção virou uma reprimenda real, e o exército virou uma massa descontente de alunos da escola dominical, e os soldados precisaram ser alimentados com bolos e levados para casa enquanto choravam.

– Algo *precisa* ser feito – disse o Rei.

– Bem – disse Matilda. – Andei pensando. Se você me tornar a governanta da Princesa, verei o que pode ser feito. Sou esperta o bastante para...

– Preciso abrir o Parlamento para isso – disse o Rei. – É uma mudança constitucional.

Ele saiu apressado rua afora para abrir o Parlamento. Mas o pássaro curvou a cabeça e deu uma risada enquanto o Rei saía. Ele tentou correr, mas sua bela coroa ficou cada vez maior e de bronze, preenchida com vidro colorido de muito mau gosto. Suas vestes de veludo e pele de arminho viraram flanela e pele de coelho; o cetro ficou com seis metros de comprimento e dificílimo de carregar. Mas ele perseverou. Seu sangue azul tinha subido para a cabeça.

– Nenhum pássaro me afastará de meu dever e de meu Parlamento – anunciou.

Mas, quando chegou lá, estava tão agitado que não era capaz de se lembrar de qual era a chave para abrir o Parlamento. Acabou estragando a fechadura e não conseguiu abrir de jeito nenhum. Todos os membros do Parlamento saíram fazendo discursos pelas ruas, tornando o trânsito um caos.

O pobre Rei voltou para casa e caiu em prantos.

– Matilda, isso passou dos limites – disse ele. – Você sempre me confortou. Ficou a meu lado quando eu era açougueiro. Cuidou das contas, organizou os pedidos, encomendou carnes. Se você é realmente esperta, chegou a hora de me ajudar. Do contrário, vou desistir de tudo. Deixarei de ser Rei, vou me tornar um açougueiro em Camberwell New Road e vou arranjar outra garota para me auxiliar com a contabilidade. Não você.

Então Matilda tomou uma decisão. Ela disse:

– Muito bem, Vossa Majestade. Então me dê permissão para vagar à noite. Talvez eu descubra o que faz o Cacatucano rir. Se descobrir, podemos cuidar para que ele nunca possa rir.

– Ah, *se você conseguisse*! – exclamou o pobre Rei.

Quando Matilda foi para a cama naquela noite, não dormiu: ficou deitada e esperou até o palácio inteiro ficar em silêncio, depois saiu de modo furtivo, delicado, como um gato, como um rato, até o jardim, onde se encontrava a jaula do Cacatucano, e se escondeu detrás de um arbusto de rosas brancas, e olhou e escutou. Nada aconteceu até o raiar do sol, e só então o Cacatucano acordou. Mas, quando o sol era um círculo vermelho sobre o teto do palácio, uma coisa saiu do palácio de modo furtivo, como um gato, como um rato. E parecia que mais de um metro de fita branca saía também, e era a própria Princesa.

Ela aproximou-se da jaula e se espremeu por entre as grades; eram grades muito estreitas, mas um metro de fita branca pode atravessar as grades de qualquer jaula que *eu* já vi. E a Princesa foi até o Cacatucano e fez cócegas debaixo das asas até ele gargalhar. Em seguida, a Princesa espremeu-se depressa entre as barras e voltou ao quarto antes que o pássaro parasse de rir. E Matilda voltou para a cama. No dia seguinte, todos os pardais tinham virado cavalos de carruagem; todas as estradas estavam bloqueadas.

Naquele dia, quando ela foi brincar com a Princesa, como sempre fazia,

Matilda perguntou, de repente:

– Princesa, por que você é tão magra?

A Princesa tomou a mão de Matilda e a pressionou com ternura.

– Matilda, você tem um coração nobre! – disse ela. – Ninguém nunca me perguntou isso, embora tenham tentado me curar. E eu não poderia responder sem que me perguntassem, certo? Foi uma história triste e trágica. Matilda, eu era tão gorda quanto você.

– Eu não sou *tão* gorda – respondeu Matilda.

– Enfim, eu era um tanto gorda – disse a Princesa, com impaciência. – E, então, emagreci.

– Mas como?

– Porque eles não me deixavam comer minha sobremesa favorita todos os dias.

– Que pena – disse Matilda. – E qual é sua sobremesa favorita?

– Pão com leite, é claro, coberto com pétalas de rosa e com recheio de balas de goma.

Claro que Matilda foi falar no mesmo dia com o Rei, mas no caminho o Cacatucano acabou rindo, e, quando ela chegou ao Rei, ele não tinha como pedir um jantar, pois tinha se transformado em uma pousada cheia de coisas modernas. Matilda só o reconheceu enquanto ele estava parado cabisbaixo no parque porque a coroa estava pendurada em uma das chaminés e a barra de pele de arminho repousava ao longo da trilha no jardim. Então, ela pediu por conta própria a sobremesa favorita da Princesa, e a Corte passou a prepará-la todos os dias na hora do jantar, até todos os membros da Corte passarem a detestar até o cheiro de pão e leite, e qualquer um sairia correndo vários quilômetros ao se deparar com uma bala de goma. Até Matilda se cansou da sobremesa; embora, sendo esperta, ela soubesse o quanto pão e leite são bons para você. Porém, a Princesa ficou cada vez mais gorda e cada vez mais rosada – tiveram que alargar cada vez mais seus vestidos cosidos com papel até não sobrar mais nenhuma costura para abrir – e depois ela teve que vestir as roupas antigas que Matilda tinha passado a usar e enfim voltou a ter roupas novas. Quanto mais ela engordava, mais bondosa ficava, e Matilda se afeiçoou a ela.

E o Cacatucano não riu por um mês.

Quando a Princesa estava tão gorda quanto qualquer Princesa deveria ser, Matilda a encontrou um certo dia, abraçou-a e beijou-a. A Princesa retribuiu o beijo e disse:

– Muito bem. *Sinto muito*, então. Não queria ter que dizer isso. Mas vou admitir. O Cacatucano nunca ri, só quando alguém faz cócegas nele. Ele detesta gargalhar.

– E você não vai mais fazer isso – disse Matilda. – Vai, meu bem?

– Não, claro que não – disse a Princesa, muito surpresa. – Por que faria isso? Eu era uma pessoa rancorosa quando era magra, mas agora voltei a ser gorda e quero que todos sejam felizes.

– Mas como alguém pode ser feliz quando todo mundo se transformou em outra coisa? – perguntou Matilda, severa. – Lá está seu querido pai. Virou uma pousada chique. O Primeiro-Ministro era um garotinho, voltou ao normal e depois se tornou uma ópera cômica. Metade das serviçais virou ondas colidindo contra a louça do palácio. Os soldados da marinha se tornaram poodles franceses, e os do exército viraram salsichas alemãs. Sua ama favorita se tornou uma máquina de lavar a vapor; e eu, infelizmente, tive minha esperteza duplicada. Não dá para aquele pássaro horrível ajeitar a situação para todos nós?

– Não – respondeu a Princesa, empapada de lágrimas ao ouvir a descrição do estado horrível das coisas. – Ele me disse certa vez que, quando ria, só podia mudar uma ou duas coisas, e, então, com certa frequência, acabava acontecendo algo que ele não esperava. A única maneira de ajeitar tudo seria... mas isso não pode ser feito! Só se o fizéssemos rir com o lado errado da boca. Esse é o segredo! Ele me contou, mas nem entendi direito. Como seria capaz de fazer isso? Você conseguiria, Matilda?

– Não – respondeu Matilda. – Mas vou cochichar, pois ele está escutando. *Pridmore conseguiria!* Ela sempre ameaçou fazer isso comigo, mas nunca o fez. Ah, Princesa, tenho uma ideia!

As duas cochichavam tão baixo que o Cacatucano não ouvia por mais que se esforçasse. Ele ficou de ouvidos abertos.

E escutou um som de rodas. Quatro homens apareceram no jardim de rosas, transportando uma coisa vermelha e grande em um carrinho, que posicionaram em frente ao Cacatucano. O pássaro ficou dançando de raiva no poleiro.

– Ah, se alguém me fizesse rir, eu mudaria essa coisa terrível – disse ele. – Com certeza. Transformaria em algo muito mais horrendo do que já é. Sinto em minhas penas.

A Princesa abriu a porta da jaula com a chave do Primeiro-Ministro, que um tenor encontrou no início de sua música. Também era a chave da ópera cômica. Ela chegou sorrateiramente por trás do Cacatucano e fez cócegas debaixo de ambas as asas. Ele direcionou seu olhar ameaçador à Máquina Automática vermelha e gargalhou muito, muito alto, então viu o ferro vermelho e o vidro se transformarem, diante de seus olhos, em Pridmore. Ela estava com as bochechas vermelhas de raiva e os olhos brilhavam como vidro de tanta fúria.

– Que educação! – disse ela. – Do que *você* está rindo, posso saber? Vou fazer você rir com o lado errado da boca, meu caro amigo!

Ela correu em direção à jaula e então, diante de uma Corte atônita, sacudiu o Cacatucano até ele de fato rir com o lado errado da boca. Foi algo horrível de presenciar, e o som daquela risada do lado errado era pavoroso.

Mas – no mesmo instante – tudo voltou ao normal, como em um passe de mágica: a máquina de lavar virou uma dama de companhia; a pousada virou um Rei; as outras pessoas voltaram a ser o que eram antes, e toda a incrível esperteza de Matilda desapareceu como uma vela sendo soprada.

O próprio Cacatucano se dividiu em dois: metade dele virou um tucano comum, igual àqueles que você viu centenas de vezes no zoológico – a não ser que você não seja digno o bastante para visitar aquele local tão alegre –, e a outra metade virou um galo meteorológico, que, como você sabe, está sempre mudando, e faz o vento mudar também. Assim, ele não perdeu todo o seu poder de outrora. Então, uma vez que ele está partido pela metade, qualquer poder que ainda tiver terá que ser usado sem risadas. O coitado do Cacatucano partido, assim como aquele Rei famoso das histórias, nunca mais, desde aquele dia, voltou a sorrir.

O Rei, muito grato, mandou uma escolta formada por todo o exército – que não vestia mais a pele de salsicha, mas uniformes de uma beleza estonteante, com tambores e flâmulas – conduzir Matilda e Pridmore de volta para casa. Mas Matilda estava muito sonolenta; passou tanto tempo sendo esperta que tinha ficado exausta. É, de fato, algo muito cansativo, como você certamente sabe. E os soldados também deviam estar sonolentos, pois foram desaparecendo um por um, e, quando Pridmore e Matilda chegaram em casa, só restava um homem de uniforme: o policial da esquina.

No dia seguinte, Matilda começou a conversar com Pridmore sobre a Terra Verde, o Cacatucano e o Rei-Pousada, mas Pridmore apenas respondeu:

– Quanta bobagem! Prenda essa língua.

Então, é claro, Matilda entendeu que Pridmore não gostaria de ser lembrada do tempo em que viveu como Máquina Automática de Reclamações, e, por ser uma garotinha educada, não tocou mais no assunto.

Matilda não contou suas aventuras para mais ninguém em casa, porque ela percebia que eles achavam que ela passara todo aquele tempo na companhia da tia-avó Willoughby.

E ela sabia que, se contasse que não tinha ido para a casa da tia-avó, iriam mandá-la para lá no mesmo instante, e Matilda não queria isso.

Muitas vezes ela tentou fazer Pridmore tomar a carruagem errada de novo, que é a única maneira de chegar à Terra Verde, mas ela só conseguiu uma vez, e a carruagem não foi para a Terra Verde, e, sim, para Elephant & Castle.

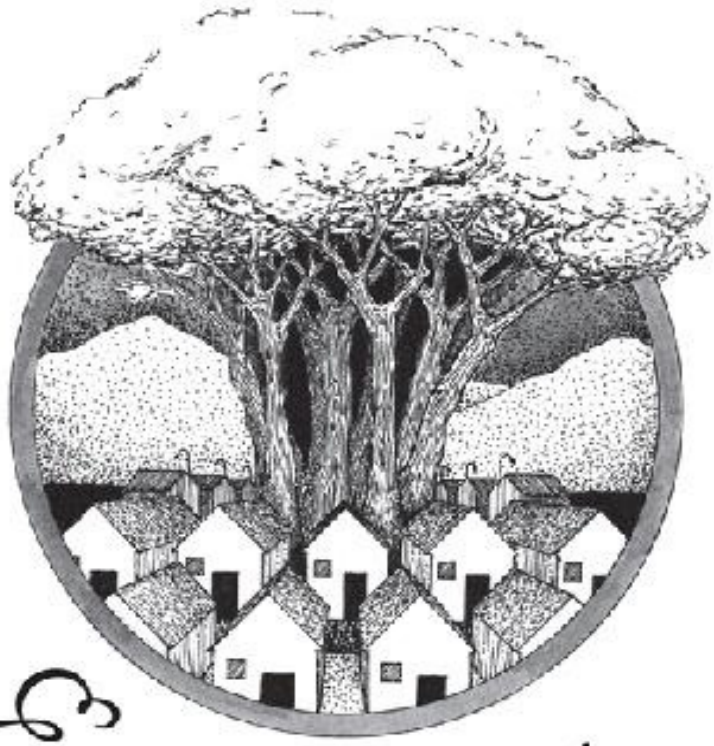
Mas não se espera que nenhuma garotinha vá para a Terra Verde mais do que

uma vez na vida. Muitos de nós, na verdade, não temos a sorte de ir para lá uma só vez que seja.



MARIA DAHVANA HEADLEY já foi autora de não ficção, então deu uma guinada na carreira e começou a inventar as coisas. Amei seu último romance, *Queen of Kings*,, sobre uma Cleópatra um tanto assustadora. Ela foi a editora-assistente que produziu este livro e fez tudo o que fui incapaz de fazer. E aqui ela conta a história de uma Fera em uma floresta.

Há uma Fera na minifloresta e todos sabem disso, especialmente Angela, cujo pai é caçador. Ela não quer saber de nada que envolva a Fera, até que um colecionador chega à cidade e tenta usá-la de isca...



O MAL TAMBÉM SE LEVANTA



É FIM DE TARDE DE UMA TERÇA-FEIRA quando conheço o colecionador de feras. Não espero que ninguém que entra na Cremoso Saboroso de Bastardópolis seja capaz de mudar minha vida. Parei de acreditar na Possibilidade aos sete anos de idade, assim como parei de acreditar no Papai Noel, no Coelhinho da Páscoa e na Fada do Dente. Só sobrou a Desconfiança. Então, Billy Beecham aparece em meu local de trabalho e muda tudo. Trabalho em uma sorvetteria. Os dois tês são propositais. O lugar parece saído de uma pintura de Norman Rockwell, mas é conhecido na região como a pior sorvetteria da história. Não que o sorvete seja ruim. Ele vem do mesmo caminhão de entrega que abastece todas as outras sorveterias da cidade. É geladinho. É quiescente. Não é o sorvete que é ruim. É a atitude. Assim como todos os outros funcionários de sorvetterias em qualquer lugar do mundo, visto um avental cor-de-rosa e uma viseira e escavo o sorvete nos potes como se minha vida dependesse disso. Depois entrego o sorvete e digo: “Tenha um péssimo dia.”

Os turistas acham o máximo. Querem que eu repita diversas vezes, mas, a não ser que comprem outra coisa, meu trabalho não me obriga a fazer isso. No dia em questão, o cara em questão caminha até meu guichê e pede um sorvete de baunilha, o que já contraria minhas regras. Ele prossegue:

– Aposto que você tem um lindo sorriso – comenta.

– Você sabe quantas pessoas já morreram ao tentar fazer isso? – pergunto, enquanto ajusto a viseira.

A resposta é: nenhumazinha.

– Um só – diz ele. – Você parece estar com vontade.

Não estou.

– Vamos lá, passei uma tarde infernal caçando na minifloresta – continua ele. – Tudo o que preciso é ver o sorriso de uma garota bonita.

Ele confere meu nome no crachá.

– Angela. Eu me chamo Billy Beecham. Sou um colecionador de Feras, com o...

– Tenha um péssimo dia – interrompo.

Mas na realidade não disse “péssimo”, e sim um termo bem mais explosivo. Um termo que, bem sabemos, constitui uma quebra de protocolo, mas ele também está quebrando o protocolo. Billy Beecham se debruça sobre o balcão de acrílico e tenta me beijar.

Antes que eu perceba o que acabo de fazer, ele já está com a cabeça enfiada em um pote de Pimenta Nervosa. Todas as garotas de Bastardópolis têm um semestre de aulas de defesa pessoal no segundo ano. Eu não sabia que a chave de pescoço ainda fazia parte de meu vocabulário físico.

– Como assim, colecionador de Feras? – pergunto, mas ele não responde.

Seu rosto está coberto de sorvete derretido e o chapéu de safári (sim, ele está de chapéu de safári) está coberto de granulado. Ele sorri, lambe o sorvete ao redor dos lábios e sai da Cremoso Saboroso como se não tivesse feito nada de errado.

– Só há uma Fera aqui – grito para ele. – E, só para sua informação, essa Fera não é colecionável.

Não é minha culpa. Estou praticando uma boa ação. Estou tentando salvá-lo. Às vezes, as pessoas são estúpidas.

– Até mais tarde, Angela – diz o colecionador sem se virar.

Recebo uma reprimenda de meu supervisor, Phil, que me puxa para a despensa e diz:

– Sem palavrões, Andrea. Bastardópolis é uma cidade de família.

Phil nunca lembra meu nome, muito embora tenha a mesma idade que eu e me conheça desde o jardim de infância.

– Todas as cidades são de família, Phil – respondo.

– Você não é uma pessoa legal – diz Phil. – Não deveria estar trabalhando em uma sorveteria.

Ele sai da despensa.

– Dê um tempo aqui e pense sobre sua má conduta.

– Não preciso ser legal – digo a Phil. – Este lugar não é legal.

Minha cidade foi fundada cerca de cem anos atrás com o objetivo de ser uma comunidade utópica em uma bela floresta. A floresta diminuiu e nós aumentamos, e o lance todo da utopia começou a desmoronar. Quando as pessoas perceberam que os bosques estavam encolhendo, já havíamos nos tornado uma cidade que cercava uma quadra de minifloresta. Mas é claro que, àquela altura, já havíamos nos dado conta de certas coisas e foi necessário permanecer aqui.

A Câmara de Comércio promoveu um referendo há nove anos com o objetivo de atrair turistas, e foi então que mudamos o nome para Bastardópolis. Terrivelândia ficou em segundo lugar, e o terceiro foi nada mais, nada menos do que Porcaria, a opção favorita entre os menores de idade. Não nos permitiram nomear a cidade com palavrões, porque mapas não têm classificação etária. Agora, recebemos visitas de mochileiros em busca de aventuras e de eventuais japoneses em férias. Alguns decidem ficar. Alguns ficam para sempre. A Fera também havia ficado. Bastardópolis, Estados Unidos: 465 habitantes, mais uma Fera. A minifloresta é o único lugar da cidade onde se encontra alguma árvore. Se você plantar uma em outro lugar, as raízes crescerão e percorrerão a Rua Principal até chegarem à minifloresta. É possível escutar os rugidos da Fera que vêm de lá todas as noites. O espaço é cercado de casas por todos os lados. Nós lidamos com a situação.

Lá em casa, minha Mãe está preparando tortas de creme pela segunda vez na semana e atirando-as na própria cara. Durante a noite, as ruas pertencem às Mães, e elas gostam que as coisas sejam assim. De manhã elas preparam ovos, e gostamos de pensar que jamais seremos envenenados, mas nunca se sabe ao certo. Minha Mãe não é diferente. Em Bastardópolis, as pessoas se casam com a pessoa que suas Mães acharem apropriadas. Elas se juntam e tiram nomes de um chapéu. Está chegando minha hora. Tenho dezesseis anos, mas minha Mãe não fez nada ainda. Devo cumprir meu papel, mas quer saber? Quero um papel diferente.

Não quero me casar. Se eu achar que serei obrigada, entrarei na minifloresta. Acho que a Fera pode ser melhor do que Phil. Ou do que qualquer outra pessoa que eu conheça. Minha Mãe também tentou fazer isso, mas a Fera não a aceitou e ela acabou se casando com meu Pai. Hoje somos a única Família em Bastardópolis cujo Pai caça a Fera em tempo integral. Meu Pai se mudou para a minifloresta cerca de três anos atrás com uma barraca e algumas latas de tomate. Ele me entregou um livro chamado *Sobrevivência: um guia*, apertou minha mão e caminhou em direção às árvores sem olhar para trás nem uma vez sequer. A Fera precisa ser caçada. Ela só fica satisfeita quando está envolvida em conflito. Às vezes alguém se compromete integralmente. Não mulheres. Apenas homens.

Só vejo Billy Beecham de novo na noite de sábado. Meus amigos e eu estamos fazendo um passeio por nossa trilha costumeira. Normalmente, damos algumas voltas na minifloresta e então nos sentamos nos brinquedos em frente à escola primária à espera de que algo aconteça.

A Fera ruge, mas não damos bola. Ela está só falando sozinha.

Estamos prestes a partir em busca de algo para destruir quando Billy Beecham sai da minifloresta de terno. Óculos, gravata, maleta na mão e um grande sorriso

no rosto. Ninguém sorri em Bastardópolis. Nossa Fera, cabe ressaltar, não é colecionável. Por que esse colecionador está sorrindo? E por que a Fera rugiu? Talvez estivesse conversando com Billy Beecham. Mas, se era o caso, não sei por que o colecionador está sorrindo. Sinto o sangue ferver no corpo, por isso saio em disparada e deixo para trás o resto do meu grupo.

Por um instante, no meio da noite, me preocupo comigo mesma. E se esse for mesmo meu lugar?

No dia seguinte, vejo meu Pai de relance. Eu não o via há meses. Todos os outros Pais em Bastardópolis podem ser encontrados ao lado da geladeira às onze da noite, fitando os condimentos com desespero, às vezes mergulhando o dedo na mostarda ou lambendo um pote de geleia. Por mais nojento que seja, seria ótimo saber onde encontrar meu Pai à noite. Todos os outros Pais comparecem ao casamento dos filhos. Eles ficam extremamente bêbados na festa. Espera-se que dancem ao menos uma música com a Mãe que lhes cabe. Em troca, espera-se que elas sigam os passos de dança do topo do salto e, ao cair da noite, dirijam-se ao Pai com más intenções, carregando suas bolsas de festa e um copo de martíni. Todos os Pais, exceto o meu.

Quando vejo meu Pai, ele está de pé na beira da minifloresta, no mesmo local de onde Billy Beeccham saiu. Ele está olhando para o vazio. Segura um balão vermelho de hélio em uma das mãos, e na outra tem um saco de fertilizante.

– Ei! – digo, mas ele sai correndo.

Não é justo que, em uma cidade onde tudo está errado, minha família seja mais errada que a de todos os outros.

Corro atrás dele o mais rápido que posso com a porcaria do sapato de salto cor-de-rosa do uniforme, mas quando meus olhos se adaptam ao escuro da minifloresta, ele já sumiu de vista. No entanto, por mais que não queira pensar nisso, tenho um pressentimento. Há a assustadora possibilidade de que meu Pai esteja apaixonado pela Fera. Não é isso que faz as pessoas deixarem suas casas e abandonarem suas famílias?

Vejo o balão flutuando e sigo em sua direção até escutar um berro e um estouro alto. Então só resta o escuro. Nunca adentrei tanto a minifloresta antes. Os berros da Fera não são algo que você gostaria de escutar. Ainda mais se não estiver com roupas camufladas, nunca houver lido *Sobrevivência: um guia* e estiver completa e estupidamente sozinha.

Um novo berro chega de todas as direções. Preparo-me para deixar meu Pai a sós com sua Fera, mas me deparo com Billy Beecham. Ele está vestindo um sobretudo e raspando amostras de musgo de uma das árvores. Há um novo berro, que parece assustado.

– Angela.

Ele pisca ao falar, como se fosse um prazer me encontrar em meio a uma minifloresta.

– Vou cair fora – digo. – Você deveria fazer o mesmo. A Fera está prestes a sair para uma voltinha.

– Você já viu? – pergunta.

– Vejo o tempo todo.

Escuto a voz de meu Pai em algum lugar próximo. Ele está começando a cantar "Parabéns pra você". Presumo que seja para ele mesmo. Ninguém sabe o aniversário da Fera. Acho que é possível descobrir, mas seria necessária uma motosserra. Será que as coisas poderiam ficar ainda mais patéticas? Aliso o uniforme e caio fora. Ou ao menos sigo na direção que acredito ser uma saída. É claro que isso é implausível, pois a minifloresta ocupa apenas uma quadra. Mesmo assim fico desnorteada. Sinto como se as coisas estivessem girando. Sinto como se as árvores estivessem mais altas do que antes. Reparo no fertilizante junto às raízes. Billy Beecham sorri para mim quando retorno.

– Perdida? – pergunta ele.

– O que você faz mesmo? Não é possível que esteja caçando essa Fera – indago, na tentativa de aproveitar o lado bom de uma situação ruim.

– Colecionador – responde ele. – Comecei com borboletas, agora me dedico a feras.

Ele tira algo do bolso. A coisa não para de sair, como se fosse o cachecol de um mágico. É uma rede, grande o suficiente para aprisionar uma baleia. Não é grande o suficiente para a Fera. Pobre imbecil.

– Você não vai capturar a Fera – digo a ele. – Ninguém conseguiria. Você vai acabar morando à margem da minifloresta. E você não quer isso, pode ter certeza.

– Como você sabe? – pergunta Billy Beecham.

– Ninguém *quer* morar aqui. Simplesmente moramos. Precisamos. Estamos aqui há muito tempo.

– Parabéns pra você – canta meu Pai em algum lugar distante.

Escuto-o assoprando suas próprias velas, e a minifloresta fica tão escura quanto é possível em uma minifloresta rodeada de postes de iluminação. A minifloresta também aumenta de tamanho. Posso sentir que isso está acontecendo. Como se ela estivesse respirando fundo.

Billy Beecham me pega pela mão e sai correndo. Estou voando atrás dele feito uma serpentina. Ele está fazendo uma espécie de sinal com um apito. Um grasno.

A Fera nunca grasnou antes. Os fundos de minha casa dão para a minifloresta, e se há alguém que conhece a voz da Fera sou eu. A Fera ruge.

Billy Beecham para e esbarro nele. Ele está balançando a rede sobre a cabeça. Não se faz isso com nossa Fera. Nossa Fera é incapturável.

– Vem cá, Fera – cantarola ele. – Fera, Fera, aqui, Fera. Ela precisa de uma virgem? Pode ser você.

Olho para ele. O cara nem sequer tem a elegância de ficar corado.

– Ela não precisa de virgens. Ela não liga para virgens.

– Não foi o que me disseram – diz Billy Beecham.

Ele volta a balançar a rede. Não tem ideia de como se atrai uma Fera. Decido lhe mostrar.

Como se chama uma Fera dessas? É o tipo de Fera que responde a batidas de palma com uma só mão, então bato no tronco de uma árvore. É o tipo de Fera que escuta quando uma árvore da minifloresta cai e não há ninguém por perto. Sinto-a começando a se mexer. Há o som de algo rasgando, de algo sendo amassado.

Não é como se nossa Fera não tivesse uma história. Antigamente ela era uma Fera muito, muito maior. Morava na Escócia e atravessou o oceano em um navio que dominou após conversar com as tábuas. Nós a mantemos sob controle. É por isso que estamos aqui, em todos os lados. Bastardópolis cuida de nossa Fera. Na última vez em que se perdeu, ela se apossou de metade das Montanhas Rochosas e criou um exército de pinheiros antes de conseguirmos trazê-la de volta. Billy Beecham está me olhando.

– O que foi? – pergunto.

– Você está tentando roubar minha Fera?

Já descobri que não gosto dele. Perdão por minha ilusão temporária. O lugar dele é com a cara enfiada em um pote de sorvete Pimenta Nervosa. O lugar dele é aqui, na minifloresta.

– A Fera não é sua – digo. – A Fera pertence a si mesma. Apenas mantemos ela em um espaço restrito.

A Fera começa a caminhar. Billy Beecham se senta de repente com o rosto empalidecido. Vejo meu Pai sair de trás de uma árvore, ainda segurando o saco de fertilizante. Ele sorri para mim enquanto a floresta começa a balançar e nos eleva no ar. Ele faz um sinal de positivo com o polegar erguido. Nunca me vi preparada para participar de uma situação dessas, mas, além de aprender a dar chave de pescoço, as garotas são treinadas desde cedo para a Gestão de Feras. Talvez seja minha vocação. Talvez eu seja uma caçadora. Talvez seja uma coletora. Estamos nos movendo. Penso nas casas na fronteira leste da Fera. Mas que florestinha ruim! Ela se mexe. Aquelas casas acabaram de ser reerguidas, mas, graças a Deus, estão vazias no momento. A Fera costuma gostar de caminhar em direção ao sol nascente. Aprendemos algumas coisas ao longo dos

anos. No geral, a Fera se mexe apenas alguns metros, mas hoje está chacoalhando tudo. Os pássaros que estavam reunidos no cabelo da Fera gritam insultos e levantam voo.

Enxergo um pouco em meio às árvores. Estamos bem depois dos postes de iluminação, e a Fera se ergue uns sete metros no ar e caminha apoiada em sua raiz principal. Billy Beecham está de queixo caído.

– Você sabe do que a Fera se alimenta? – pergunto a ele.

– Não – diz Billy Beecham. – Deixa eu descer.

Após me olhar por alguns instantes, ele assume um tom mais agudo e profere o lamento de alguém sendo preso contra a vontade.

– DEIXA EU DESCER.

Sinto um pouco de pena dele, mas é o mesmo cara que tentou me beijar sem ser convidado. Colecionador. Odeio ser colecionada tanto quanto a Fera. Não apareça em Bastardópolis achando que pode colecionar nossa Fera. Mantenha-se calmo, entre na minifloresta e deixe a Fera fazer um lanchinho. Era de se esperar que as pessoas aprendessem a lição. Quando ainda éramos utopistas, algumas pessoas chamavam o povo de Bastardópolis de “abraçadores de árvores”. Algumas pessoas nos chamavam de esquisitões, algumas pessoas nos chamavam de pagãos, e éramos isso tudo. Somos parte de uma velha tradição, Gestores de Feras, e esse tipo de Fera exige muitos cuidados de manutenção. Precisa de poda e fertilizantes. Precisa de exercício. Precisa de eventuais sacrifícios de sangue. Nada demais. É para isso que servem os colecionadores e turistas.

Enrolo a rede de Billy Beecham ao redor da mão e lanço-a sobre ele utilizando a mesma técnica da chave de pescoço. Enrolo uma das pontas ao redor de uma árvore e faço um nó. Aceno para meu Pai e saio da clareira para que a Fera faça o que Feras fazem.

– Você vai deixar que eu seja devorado?

Billy Beecham parece pasmo.

– Você não sabia que há quem colecione colecionadores de Feras?

– Mas você é uma virgem.

– Virgens nunca serviram para sacrifícios – digo. – Não para esse tipo de Fera. Virgens são ajudantes.

E a Fera se movimenta como não se movimentava há centenas de anos. A Fera dança, e viro o rosto quando Billy Beecham afunda na boca que se abre na minifloresta.

– Está contente agora? – pergunto à Fera.

A Fera ruge e diminui o passo, deitando-se a uma pequena distância de onde estava antes. Após alguns instantes, os pássaros retornam e o vento sopra outra vez os galhos da Fera. Os postes de luz voltam a se acender. As Mães retomam a

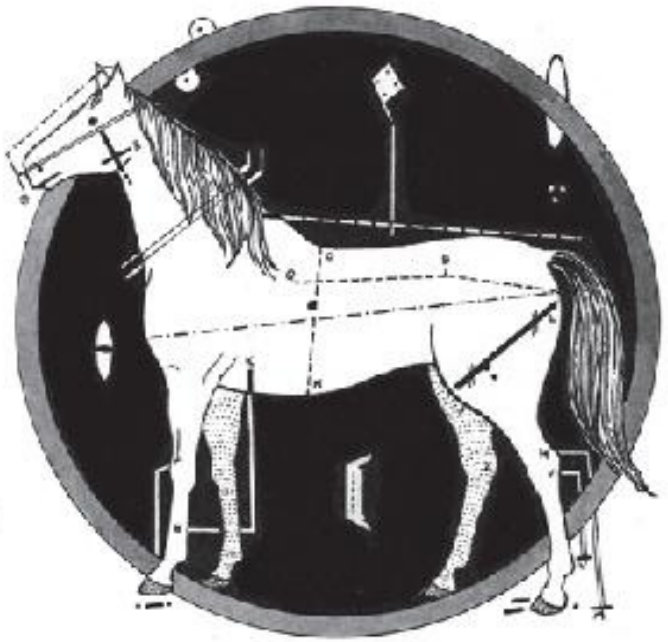
ronda noturna nas ruas de Bastardópolis. Meu pai sacode um pouquinho mais de fertilizante nas raízes da Fera, que dá um suspiro de satisfação.

Eu me recosto em uma das árvores da Fera e tiro os sapatos de salto da Cremoso Saboroso. Encosto a cabeça na Fera outra vez e escuto seu coração gigante bater.



LARRY NIVEN é mais conhecido como escritor de ficção científica. Ele criou Ringworld e diversos outros cenários futuristas. Aprendi muito sobre escrita com ele. Certa vez, ele afirmou que escritores devem valorizar os erros de ortografia que cometem, e fiz isso quando digitei Coraline em vez de Caroline. Cavalos são criaturas estranhas?

Ao viajar mil anos de volta no tempo para procurar um cavalo extinto, Svetz se sente perdido. Ele nunca viu um cavalo antes. Esse parece quase ideal...



O VOO DO CAVALO



ERA APROXIMADAMENTE O ANO DE 750 P.A. (Pré-Atômico) ou 1200 d.C. (depois de Cristo). Hanville Svetz saiu da gaiola e olhou ao redor. Da perspectiva de Svetz, a bomba atômica tinha sido inventada onze séculos antes e os cavalos estavam extintos havia mil anos. Era sua primeira viagem ao passado. Os treinamentos não contavam porque não incluíam verdadeiras viagens no tempo, que custam diversos milhões de comerciais cada. Svetz estava grogue devido aos peculiares efeitos colaterais de origem gravitacional causados por uma viagem no tempo. Estava chapado com o ar da era pré-industrial e embriagado com seu próprio destino; ao mesmo tempo, não estava de fato convencido de ter *ido* a lugar nenhum. Ou a tempo nenhum. Trocadilho. Ele não tinha consigo um rifle anestesiante. Viera pegar um cavalo e não esperava que um viesse bater em sua porta. Qual era o tamanho de um cavalo? Onde encontrar um cavalo? Levemos em conta o que o Instituto tinha a oferecer: algumas imagens em um livro infantil maltrapilho e uma lenda antiga, não confiável, de que outrora os cavalos haviam sido utilizados como veículo vivo!

Svetz se escorou na lateral curva da gaiola. Estava em um terreno vazio sob o céu nublado. Sua cabeça rodava. Ele levou diversos segundos para perceber que estava diante de um cavalo.

O animal estava a quinze metros de distância e observava Svetz com olhos castanhos grandes e inteligentes. Era muito maior do que ele esperava. Além disso, o cavalo do livro de figuras tinha o couro reluzente e uma crina curta, enquanto o quadrúpede que encarava Svetz era todo branco e possuía uma crina que se estendia como os cabelos longos de uma mulher. Havia outras diferenças... mas pouco importava. O animal era parecido demais com o do livro para que fosse qualquer coisa que não um cavalo.

Svetz tinha a impressão de que o animal o vigiava, esperando que ele entendesse o que estava acontecendo. Então, enquanto Svetz perdia mais tempo

pensando por que não estava com um rifle, o cavalo riu, deu meia-volta e partiu. Desapareceu a uma velocidade estonteante.

Svetz começou a tremer. Ninguém o alertara de que talvez os cavalos fossem seres conscientes! Mas a risada debochada da fera soara demasiado humana.

Ele passou a ter certeza. Estava bem longe no passado. Nem mesmo o cavalo fora tão convincente quanto o vazio que deixou para trás. Nenhum prédio residencial imponente rasgava o horizonte. Nenhuma linha de fumaça arranhava o céu. O mundo era apenas árvores, flores e gramados intocados pelo homem.

O silêncio... era como se Svetz houvesse ensurdecido. Ele não ouvia nenhum som desde a risada do cavalo. No ano 1100 Pós-Atômico, não se encontrava um silêncio daqueles em nenhum canto da terra. Ao escutar aquilo, Svetz enfim percebeu que estava na Grã-Bretanha antes da chegada da civilização. Havia viajado no tempo.

A gaiola era a parte da máquina do tempo que viabilizava a viagem. Era dotada de um sistema próprio de distribuição de ar necessário durante o deslocamento temporal. Mas não ali. Não antes do despertar da civilização, quando o ar ainda não havia sido poluído por dejetos da fissão nuclear e pela queima de hidrocarbonetos, tabaco, madeira, carvão etc.

Ao recuar em pânico para a gaiola, fugindo do mundo passado, Svetz deixou a porta aberta. Ele se sentia melhor na gaiola. Lá fora havia um planeta inexplorado, perigoso devido à ignorância dele. O interior da gaiola não diferia em nada de uma missão de treinamento. Svetz havia passado centenas de horas em uma réplica detalhada daquela gaiola, onde um computador cuidava da sintonização. Havia até mesmo gravidade artificial para simular os peculiares efeitos colaterais do deslocamento temporal.

Àquela altura, o cavalo já havia escapado. Mas Svetz já sabia seu tamanho e que havia cavalos na região. Então, ao trabalho...

Ele tirou o rifle anestésico do suporte na parede. Carregou-o com o dardo anestésico cristalino solúvel que julgou ser do tamanho adequado. Havia diversos tamanhos na caixa. O menor era capaz de deixar um ratinho inconsciente sem causar nenhum dano, e o maior poderia fazer o mesmo com um elefante. Ele prendeu a tira do rifle no ombro e se levantou. O mundo ficou cinza. Svetz se apoiou em uma das paredes para não cair no chão.

A gaiola havia parado de se mover vinte minutos antes. Ele já não deveria estar zonzo! Mas a viagem havia sido longa. O Instituto de Pesquisas Temporais jamais tinha mandado uma gaiola para uma data anterior ao ano 0 P.A. Fora uma longa e estranha viagem, em que a massa de Svetz havia sido prensada uniformemente em direção a seu próprio umbigo...

Quando a cabeça voltou ao normal, ele se virou para a parede onde estava o resto do equipamento. O bastão de voo era um gerador de campos gravitacionais inserido em um tubo com um metro e meio de comprimento, dotado de um manete de controle em uma das extremidades, uma descarga eletroestática na outra e um assento com cinto de segurança no centro. Compacto até mesmo para alguém com a idade de Svetz, o bastão de voo fora uma descoberta acidental das indústrias de voos espaciais. Ainda assim, pesava quinze quilos com o motor desligado. Ele precisou de toda a força para retirá-lo do suporte na parede. Svetz estava enjoado – muito enjoado.

Ele se inclinou para pegar o bastão de voo e de repente percebeu que estava prestes a desmaiar. Apertou o botão da porta e desmaiou.

– Não sabemos em que ponto da Terra você vai chegar – dissera Ra Chen.

Ra Chen era o Diretor do Instituto de Pesquisas Temporais, um homem grande e rechonchudo com traços rudes e exagerados e um ar de permanente reprovação.

– É porque não podemos focar em um dia ou horário específico. Nem em um ano, para ser mais preciso. Devido às condições energéticas, você não acabará no subterrâneo nem em um lugar fechado. Se chegar a trezentos metros do chão, a gaiola não cairá. Ela descerá devagar, utilizando uma quantidade de energia sem consideração por nosso orçamento...

E Svetz sonhara com aquela noite em detalhes vívidos. Diversas vezes a gaiola aparecia dentro de uma rocha sólida, explodindo com um estrondo e clarões de luz ofuscante.

– Oficialmente, o cavalo é para o Ministério de História – informara Ra Chen. – Na prática, é para o Secretário-Geral, um presente por seu vigésimo oitavo aniversário. Você sabe que a idade mental dele é de seis anos. A família real anda crescendo de forma um pouco incestuosa nos últimos tempos. Mandamos para ele um livro de gravuras que recolhemos em 130 P.A., e agora o rapaz deseja um cavalo...

Svetz se imaginou sendo executado por traição devido ao crime de ouvir uma conversa daquelas.

– Caso contrário, jamais teríamos recebido a verba para essa viagem. É por uma boa causa. Clonaremos o cavalo antes de enviar o original para a ONU. Então... bem, genes são um código, e códigos podem ser decifrados. Traga-nos um macho, e poderemos fazer quantos cavalos quisermos.

Mas por que alguém iria querer um cavalo? Svetz havia estudado uma réplica computadorizada do livro infantil de gravuras recuperado por um agente em uma casa em ruínas mil anos antes. O cavalo não o deixou impressionado.

Já Ra Chen o deixava apavorado.

– Nunca enviamos alguém tão longe no passado – dissera ele na noite anterior à missão, quando já era tarde demais para recuar sem ferir a honra. – Mantenha isso em mente. Se algo der errado, não conte com as instruções. Não conte com os instrumentos. Use sua cabeça. Sua cabeça, Svetz. Os Deuses bem sabem que não é muita coisa...

Svetz não dormiu nas horas que antecederam a partida.

– Você está duro de medo – comentou Ra Chen logo antes de Svetz entrar na gaiola. – E sabe esconder, Svetz. Acho que fui o único a reparar. É por isso que escolhi você, porque segue em frente mesmo quando está apavorado. Não volte sem um cavalo...

O Diretor falou mais alto.

– Não volte sem um cavalo, Svetz. Sua *cabeça*, Svetz, sua CABEÇA...

Svetz sentou-se em meio a convulsões. O ar! Morte lenta caso não fechasse a porta! Mas a porta encontrava-se fechada, e Svetz estava sentado no chão segurando a cabeça, que doía.

O sistema de ar havia sido transplantado intacto e com todos os instrumentos de medição de um barco de areia marciano. As medições estavam normais, é claro, visto que a gaiola estava lacrada.

Svetz reuniu coragem para abrir a porta. Quando o ar doce e rico da Grã-Bretanha do século XII encheu o ambiente, Svetz prendeu a respiração e viu as medições se transformarem. Fechou a porta no mesmo instante e esperou, suando muito enquanto o sistema de ar substituía aquele veneno inebriante por sua própria mistura segura e respirável.

Quando saiu da gaiola levando consigo o bastão de voo, Svetz vestia outra descoberta acidental da indústria de exploração interestelar. Era um balão que se utilizava sobre a cabeça, uma membrana de permeabilidade seletiva projetada para permitir a passagem de alguns gases e barrar a de outros, favorecendo o acúmulo de uma mistura respirável na parte interna. Era quase invisível, exceto na abertura da boca. Ali, onde a luz se refratava com maior intensidade, o balão revelava um círculo estreito e dourado que encapsulava a cabeça de Svetz. O efeito lembrava a aura vista em pinturas medievais. Mas Svetz não sabia nada sobre pinturas medievais. Ele também vestia um robe branco simples e sem ornamentos apertado nos pulsos, mas folgado no resto do corpo. O Instituto achava que aquele era o traje com menos chances de violar tabus sexuais ou de bons costumes. O kit de trocas sacolejava preso à cintura: era composto por um aparelho pressurizador, uma bolsinha de coríndon e um pequeno frasco de elementos para dar cor. Por fim, ele tinha no rosto uma expressão confusa e de

dor. Como era possível que não fosse capaz de respirar o ar puro de seu próprio passado? O ar da gaiola era o ar da época de Svetz, com quase quatro por cento de dióxido de carbono em sua composição. O ar de 750 pré-atômico tinha um décimo disso. Lá o homem ainda era um animal raro que respirou pouco ar, destruiu poucas florestas verdes e queimou pouco combustível desde o despertar dos tempos.

Mas a civilização industrial era sinônimo de combustão. Combustão era sinônimo de dióxido de carbono se acumulando na atmosfera muito mais rápido do que as plantas verdes eram capazes de transformá-lo em oxigênio. Svetz vivia no fim de um processo de dois mil anos de adaptação ao ar rico em CO2.

É preciso uma concentração de dióxido de carbono para disparar os nervos autonômicos nas glândulas linfáticas situadas no sovaco esquerdo de um homem. Svetz havia desmaiado porque não estava respirando.

Por isso, vestia um balão e se sentia rejeitado.

Ele se escarrapachou no bastão de voo e moveu o manete da extremidade. O bastão se ergueu do chão, e Svetz ziguezagueou no assento. Ele mexeu no manete mais uma vez e subiu no ar feito um balão de brinquedo. Svetz pairou sobre uma terra encantadora, verde e desabitada sob um céu cinza-perolado sem nenhum vestígio de fumaça. Logo se deparou com um muro em estado deteriorado e decidiu segui-lo.

A ideia era seguir o muro até encontrar um povoado. Se a lenda fosse verdade (e pelos cálculos de Svetz, sem dúvida os cavalos eram *grandes* o suficiente para puxar um veículo), haveria cavalos em qualquer lugar onde houvesse pessoas. Então, tornou-se óbvio que havia uma estrada ao lado do muro. O chão ali era batido e plano, além de ser amplo a ponto de possibilitar a passagem de um homem a pé, enquanto todo o resto do terreno era acidentado. Um caminho de chão batido não era o mesmo que uma autoestrada, mas Svetz entendeu o que aquilo significava.

Ele seguiu a estrada pairando a uma altura de dez metros. Havia um homem vestido em trajes marrons e caminhando pela estrada pacientemente exausto, apoiando o peso do corpo em um cajado. Estava encapuzado e de pés descalços. Seguia de costas para Svetz.

Ele pensou em descer e perguntar sobre os cavalos, mas se deteve. Como não sabia onde a gaiola pararia, não havia estudado nenhuma das línguas antigas.

Pensou no kit de trocas que levava consigo, cuja função não era ajudar na comunicação, mas substituí-la. Nunca havia sido testado em campo. De qualquer forma, não se destinava a encontros casuais. A bolsinha de coríndon era muito pequena.

Svetz escutou um grito abaixo de si. Olhou a tempo de ver o homem de

marrom correndo como o vento, deixando para trás o cajado e com ele sua fadiga.

"Algo o assustou", concluiu Svetz, sem ver nada de assustador. Devia ser algo pequeno, mas mortífero.

O Instituto estimava que o homem havia exterminado mais de mil espécies de pássaros, mamíferos e insetos – alguns por acidente, outros por maldade – entre aquele momento e o presente longínquo. Naquele local e momento, não havia como saber o que representava uma ameaça. Svetz deu de ombros. O homem de marrom com o rosto coberto de pelos poderia estar correndo de algo dotado de ferrão e destinado a matar Hanville Svetz.

Impaciente, Svetz aumentou a velocidade do bastão de voo. A missão estava levando tempo demais. Quem teria adivinhado que os centros populacionais ficavam tão longe uns dos outros?

Meia hora mais tarde, protegido do vento por um campo de força parabólico, Svetz percorria a estrada em disparada a oitenta quilômetros por hora.

Estava com um azar incrível. Sempre que se deparava com um ser humano, a pessoa estava indo embora. Não havia encontrado nenhum centro populacional.

Em determinado momento, percebeu um afloramento artificial de rochas no topo de uma colina. Nenhuma lei geológica que ele conhecesse poderia ter produzido uma monstruosidade tão angulosa e plana. Movido pela curiosidade, ele sobrevoou-a em círculos até perceber que a estrutura era oca e tinha buracos retangulares.

Uma habitação de seres humanos? Preferia acreditar que não. Viver em uma coisa daquelas seria como viver no subterrâneo. Mas os homens tendem a construir em ângulos retos, e a coisa era *toda* feita de ângulos retos.

Na parte de baixo, a estrutura de pedra oca era rodeada por montes de grama seca de aparência felpuda, cada uma com uma porta do tamanho de um ser humano. Obviamente, deviam ser ninhos de grandes insetos. Svetz deixou o local às pressas.

A estrada circundava uma colina verde que se elevava à frente dele. Svetz seguiu seu curso enquanto reduzia a velocidade.

Ele parou em pleno ar. *Água mineral: veneno puro*. Seria difícil dizer o que o deixou mais impressionado: o cavalo ou o fato de que havia acabado de cometer suicídio.

O animal olhou para cima e o enxergou.

Era o mesmo cavalo. Branco como o leite, com rabo e crina abundantes e da cor da neve – era quase certo que se tratava do mesmo cavalo que rira de Svetz e saíra correndo. Svetz reconheceu a malícia em seus olhos instantes antes de ele

lhe dar as costas.

Mas como podia ter chegado tão rápido?

Svetz estava pegando a arma quando a situação virou de ponta-cabeça.

A garota era jovem, de no máximo dezesseis anos. Tinha os cabelos longos, escuros e arrumados em um penteado complexo. O vestido, de um tecido azul e estranhamente duro, descia do pescoço até os tornozelos. Ela estava sentada à sombra de uma árvore em um manto preto estendido na terra preta. Svetz não havia reparado nela; talvez nunca tivesse reparado...

Mas o cavalo andou em sua direção, dobrou as pernas alternando os pares e deitou a cabeça bestial no colo dela.

A garota ainda não havia visto Svetz.

O cavalo obviamente pertencia a ela. Svetz não poderia atirar no animal e levá-lo embora. Precisaria comprá-lo... de alguma maneira.

Ele precisava de tempo para pensar! E não havia tempo, pois a garota poderia erguer o olhar a qualquer instante. Olhos castanhos e fatais repousaram nele durante os instantes de hesitação...

Ele não ousou perder mais tempo procurando por um cavalo selvagem no campo. Havia um grau de incerteza, um fator Finagle na matemática das viagens no tempo. Manifestava-se na forma de incerteza em relação à quantidade de energia demandada pelo retorno da gaiola e aumentava com o tempo. Se Svetz ficasse por lá tempo demais, poderia ser torrado vivo na gaiola durante o retorno.

Além disso, o cavalo havia bebido da água mineral. Ele iria morrer, e logo, caso Svetz não o levasse para 1100 Pós-Atômico. Assim, a remoção da fera de seu tempo de origem não mudaria a história do mundo de Svetz. Era uma boa decisão... caso sobrepusesse o medo que sentia da fera.

O cavalo era manso. Mesmo sendo jovem e esguia, a garota não tinha dificuldades para controlá-lo. O que havia para temer?

Mas lá estava sua arma natural... de que o traiçoeiro livro de gravuras de Ra Chen não havia mostrado nenhum sinal. Svetz deduziu que as gerações posteriores criaram o hábito de removê-la continuamente antes que os animais atingissem uma idade em que se tornassem perigosos. Ele deveria ter vindo alguns séculos mais tarde...

E havia seu olhar. O cavalo odiava Svetz e sabia que ele estava com medo. Será que Svetz poderia encurralá-lo em uma emboscada?

Não. A garota ficaria preocupada caso seu animal de estimação desabasse no chão sem motivo. E não conseguiria se concentrar no que Svetz teria para dizer.

Seria preciso trabalhar sob o olhar do animal. Se a garota não o controlasse (ou se ele perdesse a confiança dela), Svetz não tinha muitas dúvidas de que seria morto pelo cavalo.

Quando Svetz se aproximou, o cavalo ergueu o olhar, mas não se mexeu. A garota também ficou observando, os olhos arredondados pela dúvida. Ela disse algo que devia ter sido uma pergunta.

Svetz retribuiu o sorriso e continuou a se aproximar. Estava a uns trinta centímetros do chão e descia muito devagar. Como estava guiando o único bastão de voo do mundo, ele era deveras impressionante e estava ciente disso.

A garota não sorriu de volta. Observou-o preocupada e ficou de pé quando Svetz estava a poucos metros de distância.

Ele parou o bastão de voo de uma vez e pousou. Sorrindo de maneira conciliadora, retirou o aparelho pressurizador da cinta. Seus movimentos eram cuidadosos. A garota estava prestes a sair correndo.

O kit de trocas era composto por uma bolsinha de coríndon, AI2O3, diversos frascos de elementos corantes e o aparelho pressurizador. Svetz derramou o coríndon em um recipiente, acrescentou uma pitada de óxido crômico e acionou o pressurizador. A temperatura interna do cilindro aumentou. De pronto, Svetz virou na mão um rubi-estrela arroxeado, segurou-o entre os dedos e o ergueu em direção ao sol. A pedra tinha a mesma cor de sangue escuro, com uma estrela branca de seis pontas.

Estava quase quente demais para segurá-lo.

Imbecil! Svetz manteve o sorriso no rosto. Ra Chen teria vontade de matá-lo! O que ela pensaria ao sentir o calor sobrenatural da pedra? De que truques suspeitaria?

Mas ele precisava arriscar. O kit de troca era tudo o que tinha. Agachou-se e rolou a pedra na direção dela pelo chão úmido.

Ela se inclinou para juntá-la. Uma das mãos permaneceu no pescoço do cavalo a fim de mantê-lo calmo. Svetz reparou nos anéis de metal amarelo ao redor dos pulsos dela; reparou também na sujeira.

Ela ergueu a pedra e fitou o vermelho profundo.

– Oooooh – suspirou.

Ela sorriu com deleite e fascinação. Svetz retribuiu o sorriso, aproximou-se dois passos e entregou-lhe uma safira amarela.

Como era possível que houvesse se deparado duas vezes com o mesmo cavalo? Svetz nunca descobriu. Mas logo percebeu como fizera para chegar ali antes...

Ele havia presenteado a garota com três pedras. Tinha outras três na mão ao conduzi-la até o bastão de voo. Ela balançou a cabeça; não estava disposta a ir. Então, montou no animal.

A garota e o cavalo observaram Svetz, à espera do próximo movimento.

Svetz capitulou. Havia planejado que o cavalo seguisse a garota, que subiria

com ele no bastão de voo. Mas, se ambos seguissem Svetz por terra, daria no mesmo.

O cavalo posicionou-se ao lado e um pouco atrás do bastão de voo. Não parecia incomodado com o peso da garota. Por que deveria? Devia ter sido criado para a tarefa. Svetz aumentou a velocidade para ver o quão rápido era capaz de se movimentar sem esforços.

Ele acelerou o bastão de voo cada vez mais. O cavalo devia ter um limite... Já estava a quase cem por hora quando desistiu. A garota estava deitada no lombo do animal, abraçada no pescoço dele para proteger o rosto do vento. Mas o cavalo o acompanhava com um olhar desafiador.

Como descrever aquele movimento? Svetz nunca havia assistido a um balé. Ele sabia como as máquinas se movimentavam, e não era daquele jeito. Tudo o que imaginava era um homem e uma mulher fazendo amor. Movimentos escorregadios e suaves que obedeciam a um ritmo, movimento pelo mero prazer do movimento. O voo do cavalo era terrível em sua beleza.

A palavra para descrever aquele tipo de corrida devia ter morrido com o próprio cavalo. O cavalo jamais teria se cansado, mas a garota se cansou. Ela deu um puxão na crina do animal, que parou. Svetz deu-lhe as joias que levava consigo, fez outras quatro e lhe deu uma. Ela chorava por causa do vento, chorava e sorria ao pegar as joias. Estava sorrindo por causa das joias ou devido ao prazer daquele passeio? Exausta e ofegante, recostou as costas na lateral quente e pulsante do animal, que estava descansando. Apenas sua mão se mexia enquanto ela passava os dedos repetidas vezes pela crina prateada. O cavalo observava Svetz com os olhos castanhos e cruéis. A garota tinha um aspecto sofrido. Não era apenas a impactante ausência de maquiagem: havia sinais de fome e deficiência de vitaminas. Ela era baixa, com menos de um metro e meio, e magra. Tinha marcas deixadas por doenças na infância. Mas a alegria brilhava por trás do rosto judiado, deixando-a quase bonitinha ao manusear as pedras de coríndon.

Quando ela pareceu recuperada, Svetz subiu no bastão outra vez. Eles prosseguiram.

Ele estava quase sem coríndon quando chegaram à gaiola. Foi lá que começaram os problemas. A garota ficou maravilhada com as joias de Svetz e também com ele próprio, talvez por sua altura ou capacidade para voar. Mas a gaiola a assustava. Ele não podia culpá-la. O lado onde ficava a porta não era um problema: tratava-se apenas de um espelho esférico. Mas o outro lado revelava imagens distorcidas que os seres humanos eram incapazes de visualizar. Svetz se borrou de medo na primeira vez em que viu a máquina em funcionamento. Ele podia comprar o cavalo, atirar nele ali mesmo e arrastá-lo para dentro com o

auxílio do bastão de voo. Mas seria muito mais fácil se...

Valia a tentativa. Svetz usou o resto do coríndon. Caminhou até a gaiola, deixando atrás de si um rastro de pedrinhas de coríndon coloridas.

Ele temera que o pressurizador não conseguisse produzir mais joias. As pedras saíam sempre com o formato de um ovo de ganso em miniatura. Mas as cores poderiam ser variadas utilizando-se óxido crômico para as vermelhas, óxido férrico para as amarelas e titânio para as azuis. Além disso, o plano de incidência da pressão poderia ser alterado a fim de produzir padrões de estrela ou olho-de-gato de acordo com sua vontade. Ele deixou uma trilha de pequenas pedras vermelhas, amarelas e azuis...

E a garota seguiu. Estava apavorada, mas era incapaz de resistir à isca. Àquela altura, seu lenço já estava quase cheio de pedras. O cavalo a seguiu para dentro da gaiola. Lá ela olhou para as quatro pedras que Svetz tinha nas mãos: uma de cada cor, vermelha, amarela, azul-clara e preta, do maior tamanho que conseguiu fazer. Ele apontou para o cavalo e depois para as pedras.

A garota ficou angustiada. Svetz suava. Ela não queria abrir mão do cavalo... e Svetz não tinha mais coríndon...

Ela assentiu, um movimento ágil do queixo. Depressa, para que ela não tivesse tempo de mudar de ideia, Svetz pôs as pedras em sua mão. Ela pressionou o tesouro junto ao peito e saiu correndo da gaiola, aos prantos.

Svetz empunhou o rifle e atirou no animal. Um fio de sangue apareceu em seu pescoço. O cavalo recuou com cautela e espiou Svetz através de sua baioneta natural.

“Pobre jovem”, pensou Svetz ao se virar para a porta. Mas ela teria perdido o cavalo de qualquer jeito. Ele havia sorvido água poluída de um riacho aberto. Svetz só precisava trazer o bastão de voo para dentro.

Ele viu um movimento com o canto dos olhos.

Uma falsa suposição poderia ser mortal. Svetz não havia esperado o cavalo cair. Ficou um tanto chocado ao perceber que o animal não estava prestes a cair. Estava prestes a espetá-lo, como se fosse um aperitivo.

Svetz pressionou o botão da porta e se esquivou.

O chifre em espiral estranhamente gracioso e afiado atingiu a porta fechada. O animal se virou na gaiola à velocidade da luz, e Svetz salvou a própria vida ao desviar-se mais uma vez.

O chifre não o atingiu por um centímetro. Passou a seu lado e atingiu o painel de controle, perfurando o plástico do painel e a fiação que havia abaixo.

Algo soltou uma faísca e crepitou.

O cavalo estava mirando o alvo com atenção através do chifre na testa. Svetz fez a única coisa que veio à mente. Puxou a manivela para voltar para casa.

O cavalo gritou ao entrar em queda livre. O chifre que pretendia enfiar no umbigo de Svetz passou raspando por sua orelha e abriu um rasgo no balão de respiração.

Então, a gravidade retornou; mas era a gravidade *sui generis* de uma gaiola avançando no tempo. Svetz e o cavalo foram lançados às paredes acolchoadas. Svetz suspirou de alívio.

Ele inspirou outra vez, incrédulo. O cheiro era forte e estranho, diferente de qualquer coisa que já houvesse sentido antes. O terrível chifre do animal devia ter danificado o sistema de ar. Era bem provável que estivesse respirando veneno. Se a gaiola não retornasse a tempo...

Mas será que retornaria? Poderia estar indo a qualquer lugar, a qualquer tempo, considerando a maneira como o chifre de marfim atingira aqueles fios misteriosos. Eles poderiam parar no fim dos tempos, quando nem mesmo os infrassolares pretos forneciam calor suficiente para possibilitar a vida.

Talvez nem mesmo houvesse um futuro ao qual retornar. Ele havia deixado o bastão de voo para trás. Como o utilizariam? Para que empregariam aquele apetrecho com um manete em uma extremidade, uma descarga eletrostática em formato de escova na outra e um assento no meio? Talvez a garota tentasse usá-lo. Ele a imaginou no céu noturno, à luz da lua cheia... e como isso mudaria a história?

O cavalo parecia à beira de uma apoplexia. Seu corpo arquejava e seus olhos giravam descontrolados. Provavelmente era o ar da cabine, repleto de dióxido de carbono. Ou talvez fosse o veneno que o cavalo bebera daquele riacho ao ar livre.

A gravidade cedeu. Svetz e o cavalo caíram em queda livre, e o cavalo tentou avançar contra ele, sem jeito.

A gravidade retornou e Svetz, que estava preparado para isso, caiu por cima. Alguém já estava abrindo a porta.

Svetz se afastou de um salto. O cavalo foi atrás, urrando de raiva e com a intenção de matá-lo. Dois homens voaram pelos ares quando ele irrompeu na sala de controle do Instituto.

– Os anestésicos não surtem efeito! – gritou Svetz por cima do ombro.

A agilidade do animal foi contida pelas escrivaninhas e pelos painéis luminosos, e era provável que ele estivesse embriagado pela hiperventilação. Tropeçava nas escrivaninhas e nas pessoas. Svetz se manteve à frente do chifre cortante sem maiores dificuldades.

Estava se instalando um pânico geral...

– Não teríamos conseguido sem Zeera – disse Ra Chen bem mais tarde. – Seu

maldito cavalo idiota aterrorizou o Centro inteiro. Mas de repente ele ficou todo dócil, caminhou até Zeera, aquela vagabunda frígida, e deixou que ela o conduzisse.

– Levaram-no ao hospital veterinário a tempo?

Ra Chen assentiu melancólico. Melancolia era sua expressão facial favorita e não servia para indicar o que ele de fato sentia.

– Encontramos mais de cinquenta variedades desconhecidas de bactérias no sangue da fera. Ainda assim, ele não parecia nada doente! Parecia tão saudável quanto... quanto... ele deve ter uma resistência tremenda. Salvamos não apenas o cavalo, mas também a maior parte das bactérias, para mandá-las ao zoológico.

Svetz estava sentado em um leito hospitalar com o braço erguido à altura do ombro para um exame diagnóstico. Sempre havia a chance de que também houvesse contraído uma bactéria havia muito extinta. Ele se ajeitou com desconforto, tomando cuidado para não mexer o braço errado, e perguntou:

– Vocês encontraram algum anestésico que funcionasse?

– Não. Desculpe-me, Svetz. Ainda não sabemos por que suas agulhas não funcionaram. O maldito cavalo é imune a qualquer tipo de tranquilizante. Ah, e por sinal, não havia nada de errado com o sistema de ar. Você estava sentindo o cheiro do cavalo.

– Bem que eu queria ter sabido disso antes. Achei que estava morrendo.

– O cheiro está enlouquecendo os estagiários. E não conseguimos livrar o Centro dele.

Ra Chen sentou-se na beira da cama.

– O que me incomoda é o chifre na testa. O cavalo do livro de gravuras não tinha chifre.

– Não, senhor.

– Então devem ser de espécies diferentes. Não é um cavalo de verdade, Svetz. Teremos que mandá-lo de volta. Isso vai estourar nosso orçamento, Svetz.

– Discordo, senhor.

– Não seja tão insuportavelmente educado.

– Então, não seja tão insuportavelmente estúpido, senhor.

Svetz *não* voltaria para buscar outro cavalo.

– As pessoas que domesticavam cavalos devem ter desenvolvido o hábito de cortar o chifre quando o animal ainda era jovem. Por que não? Todos vimos como o chifre é perigoso. Perigoso demais para um animal doméstico.

– Então por que nosso cavalo tem um chifre?

– Foi por isso que pensei que fosse selvagem na primeira vez que o vi. Acho que só começaram a cortar os chifres mais tarde.

Ra Chen assentiu com melancólica satisfação.

– Foi o que pensei. O problema é que nosso Secretário-Geral mal tem a capacidade mental de perceber que este cavalo tem um chifre e o do livro, não. Sem dúvida, vai me culpar.

– Humm.

Svetz não sabia ao certo o que se esperava dele.

– Terei que mandar amputar o chifre.

– Alguém acabará reparando na cicatriz – disse Svetz.

– Maldição, é verdade. Tenho inimigos no tribunal. Eles ficariam muito contentes em alegar que mutilei o bicho de estimação do Secretário-Geral.

Ra Chen olhou para Svetz.

– Está bem, vamos ouvir *sua* ideia.

Svetz estava muito ocupado se arrependendo. Por que tinha falado? Seu belo e feroz cavalo sendo privado do chifre assassino... A mera ideia lhe era repulsiva. Ele havia sido traído por um impulso. O que poderiam fazer além de remover o chifre?

Então, veio a ideia.

– Mude o livro, não o cavalo. É possível duplicar cada detalhe do livro em um computador, mas inserindo um chifre em cada cavalo. Use os computadores do Instituto e depois apague os históricos.

Taciturno e perdido em pensamentos, Ra Chen disse:

– Pode ser que dê certo. Conheço uma pessoa que pode alterar os livros.

Ele ergueu o olhar sob as sobrancelhas cerradas e negras:

– Mas claro que você não poderia dizer nenhuma palavra.

– Sim, senhor.

– Não esqueça: você tem quatro semanas de férias assim que receber alta dos diagnósticos – disse Ra Chen ao se levantar.

– Você vai voltar para trazer um desses – ordenou Ra Chen quatro semanas mais tarde.

Ele abriu o bestiário.

– Recuperamos este livro em um parque público por volta de dez Pós-Atômico. Deixamos a criança que estava com ele brincando com um ovo de coríndon.

Svetz examinou a imagem.

– Que bicho *feio*. Feio mesmo. Você está tentando equilibrar a balança depois do cavalo, né? Ele era tão bonito que precisamos ter um desses, caso contrário o universo perderá o equilíbrio.

Ra Chen fechou os olhos em sofrimento.

– Vá lá e pegue o monstro de Gila, Svetz. O Secretário-Geral quer um

monstro de Gila.

– De que tamanho ele é?

Os dois olharam para a ilustração. Não dava para dizer ao certo.

– A julgar pela aparência, precisaremos da gaiola *grande*.

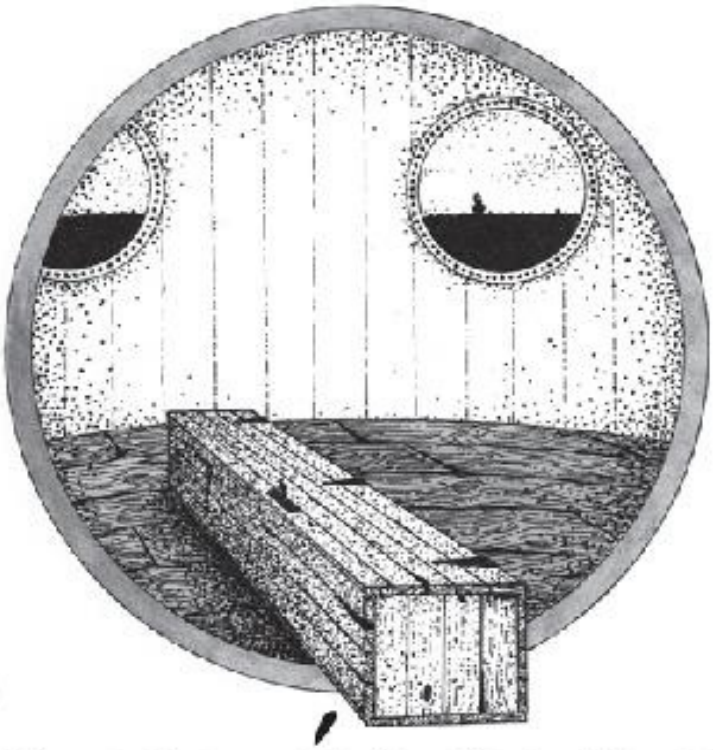
Dessa vez, Svetz quase não conseguiu voltar. Sofreu de exaustão e teve queimaduras severas de segundo grau. A coisa que trouxe de volta tinha dez metros de comprimento e asas vestigiais semelhantes às de um morcego, cuspia fogo e não era nada parecida com a ilustração. Mas foi o mais parecido que encontrou.

O Secretário-Geral adorou.



Quando eu era jovem, dois de meus escritores favoritos eram SAMUEL R. DELANY, autor de livros como *Nova* e *The Einstein Intersection*, que eu amava mesmo sem entender, e James Thurber, autor de *The 13 Clocks*, talvez um dos melhores livros do mundo. Aqui, o sr. Delany (Chip, para os íntimos) conta uma história que, embora inspirada em Thurber, é bastante original. E o que há no baú?

Um homem magro e muito grisalho entra em uma taverna com um imenso baú que contém seu "mais próximo e querido amigo". O homem oferece pagar pela ajuda do astuto Amos se este auxiliá-lo a encontrar a cura de que seu amigo necessita. Amos parte em busca de três fragmentos de um espelho mágico...



PRISMÁTICA

HOMENAGEM A JAMES THURBER


Por
Samuel R. Delany

UM

HAVIA UM HOMEM POBRE CHAMADO AMOS. Ele não tinha nada além de cabelos ruivos e radiantes, dedos rápidos, pés velozes e um pensamento ainda mais veloz. Em uma noite cinza, quando se ouviam em meio às nuvens os estrondos da chuva prestes a cair, ele desceu pela rua pavimentada em direção à Taverna dos Marujos para jogar varetas com Billy Belay, um navegante de perna de pau e boca cheia de histórias que ele mastigava e cuspia todas as noites. Billy Belay falava, bebia, dava risada e às vezes até cantava. Amos ficava em silêncio, escutava e invariavelmente ganhava no jogo de varetas.

Mas naquela noite Billy estava quieto quando Amos entrou na taverna, assim como todos os outros. Até mesmo Hidalga, a proprietária da taverna que não levava a sério as tagarelices de homem nenhum, estava com os cotovelos apoiados no balcão e escutava boquiaberta.

O único homem a falar era alto, magro e cinza. Vestia uma capa cinza, luvas cinza e botas cinza e tinha cabelos cinza. Sua voz lembrou Amos do vento passando por pelos de rato, ou da areia raspando em veludo antigo. A única coisa que não era cinza era o grande baú ao seu lado, que chegava à altura dos ombros. Diversos marinheiros rudes e encardidos estavam sentados à sua mesa com seus alfanjes – estavam tão sujos que não tinham cor nenhuma!

– Então... – prosseguiu a suave voz cinza. – Preciso de alguém esperto e corajoso para ajudar a mim e a meu mais próximo e querido amigo. A dedicação valerá a pena.

– Quem é seu amigo? – perguntou Amos.

Embora não tivesse escutado o início da história, achou a taverna quieta demais para uma noite de sábado. O homem cinza virou-se para ele e arqueou as sobrancelhas cinza.

– Ali está ele, meu mais próximo e querido amigo.

Ele apontou para o baú. De lá veio um "*onvbpmf*" baixo e sufocado. Todos os queixos caídos na taverna voltaram a sua posição de origem.

– De que tipo de ajuda ele precisa? – indagou Amos. – Um médico?

Os olhos cinza se abriram um pouco mais, e todos os queixos caíram outra vez.

– Você está falando de meu mais próximo e querido amigo – disse baixo a voz cinza.

Do outro lado do recinto, Billy Belay tentou fazer um sinal para que Amos

ficasse quieto, mas o homem cinza se virou e o dedo que Billy levara aos lábios entrou depressa na boca, como se estivesse limpando o dente.

– Amizade é algo raro hoje em dia – comentou Amos. – Que tipo de ajuda seu amigo precisa?

– A pergunta é: você estaria disposto a oferecê-la? – disse o homem cinza.

– E a resposta é: se valer a pena – respondeu Amos, que tinha um raciocínio muito rápido.

– Valeriam a pena todas as pérolas que você conseguisse enfiar no bolso, todo o ouro que você pudesse carregar em uma das mãos, todos os diamantes que fosse capaz de erguer com a outra e todas as esmeraldas que desse para tirar de um poço usando um bule de bronze?

– Não parece muito para uma amizade verdadeira – retrucou Amos.

– E valeria a pena se você pudesse ver um homem tendo o momento mais feliz de sua vida?

– Talvez, sim – admitiu Amos.

– Então você vai ajudar a mim e meu amigo?

– Se for por todas as pérolas que eu conseguir enfiar no bolso, todo o ouro que puder carregar em uma das mãos, todos os diamantes que for capaz de erguer com a outra e todas as esmeraldas que der para tirar de um poço usando um bule de bronze, mais a chance de ver um homem tendo o momento mais feliz de sua vida, estou disposto a ajudá-lo!

Billy Belay encostou a cabeça na mesa e começou a chorar. Hidalga cobriu o rosto com as mãos, e todas as outras pessoas na taverna desviaram o olhar e assumiram elas mesmas um aspecto cinza.

– Então, venha comigo – disse o homem cinza.

Os marinheiros rudes com seus alfanjes se levantaram ao redor dele e ergueram o baú sobre os ombros encardidos (escutou-se um "*humdfp*" vindo dele). O homem cinza sacudiu a capa, pegou Amos pela mão e saiu em direção à rua.

No céu, as nuvens rodopiavam e colidiam umas com as outras na tentativa de provocar uma chuva.

Após descerem metade da rua pavimentada, o homem de cinza gritou:

– Parem!

Todos pararam e soltaram o baú na calçada.

O homem cinza avançou e pegou um gato de rua alaranjado que procurava restos de peixe em um tonel de lixo.

– Abram o baú – disse ele.

Um dos marinheiros tirou uma chave de ferro do cinto e abriu a fechadura na parte de cima do baú. O homem cinza empunhou a espada fina de aço cinza e

ergueu a tampa só um pouquinho. Então, atirou o gato lá dentro.

Ele deixou a tampa cair de uma vez, e o marinheiro com a chave de ferro trancou a fechadura. De dentro ouviram-se miados que acabaram com um profundo e deprimido "*elmblmpf*".

– Acho que as coisas não estão muito bem ali dentro – disse Amos, que afinal de contas tinha raciocínio rápido e não demorava para dizer o que pensava.

– Fique quieto e me ajude – disse o homem cinza e magro. – Ou precisarei colocar *você* no baú junto com meu mais próximo e querido amigo.

Por um instante, Amos sentiu um pouquinho de medo.

DOIS

ELES ESTAVAM EM UM navio, e todas as tábuas eram cinza por estarem lá por tempo demais sem receber pintura. O homem cinza levou Amos até o camarote, e os dois se sentaram de lados opostos de uma mesa.

– Bem, aqui está um mapa – disse o homem cinza.

– Onde você o arranjou? – perguntou Amos.

– Roubei do meu pior e mais terrível inimigo.

– É um mapa de onde? – inquiriu Amos.

Ele sabia que, quando há muitas coisas que não sabemos, o melhor é fazer o máximo de perguntas possível.

– É um mapa de muitos lugares e muitos tesouros, e preciso de alguém para me ajudar a achá-los.

– Esses tesouros são as pérolas, o ouro, os diamantes e as esmeraldas dos quais você me falou?

– Que besteira – disse o homem cinza. – Tenho mais esmeraldas, diamantes, pérolas e ouro do que sou capaz de usar.

Ele abriu a porta de um armário.

Amos ficou embasbacado ao ver joias aos milhares se esparramarem pelo chão, brilhantes e reluzentes, vermelhas, verdes e amarelas.

– Ajude-me a guardá-las de volta no armário – disse o homem cinza. – Elas brilham tanto que, se eu olhar por tempo demais, fico com dor de cabeça.

Eles guardaram as joias e se apoiaram na porta do armário para fechá-la. Em seguida, os dois voltaram ao mapa.

– Então, *o que* são esses tesouros? – perguntou Amos, cheio de curiosidade.

– O tesouro é minha felicidade, e também a de meu mais próximo e querido amigo.

– Como você pretende encontrá-la?

– Em um espelho – respondeu o homem cinza. – Em três espelhos, ou melhor, em um espelho quebrado em três partes.

– Espelhos quebrados trazem má sorte – comentou Amos. – Quem o quebrou?

– Um mago tão velho, terrível e poderoso que eu e você jamais precisaremos nos preocupar com ele.

– Esse mapa diz onde estão escondidas todas as peças?

– Exatamente – disse o homem cinza. – Olhe, estamos aqui.

– Como você sabe?

– É o que o mapa diz – afirmou o homem cinza.

E, de fato, em um dos cantos do mapa estava escrito em letras grandes: AQUI.

– Talvez as peças estejam mais perto do que você imagina, em cima daquele lugar e seguindo duas léguas a partir dali.

– Sua maior felicidade será se olhar nesse espelho?

– Será minha maior felicidade, e também a de meu mais próximo e querido amigo.

– Maravilha – disse Amos. – Quando começamos?

– Quando houver neblina ao amanhecer, o sol se esconder e o ar estiver tão cinza quanto for possível.

– Maravilha – disse Amos pela segunda vez. – Até lá, vou perambular por aí e explorar seu navio.

– Será amanhã, às quatro da madrugada – disse o homem cinza. – Então não fique acordado até muito tarde.

– Maravilha – disse Amos pela terceira vez.

Quando Amos estava prestes a sair, o homem cinza juntou um rubi que havia caído do armário e não fora colocado de volta no lugar. Na lateral do baú, que estava em um canto do quarto, havia uma pequena porta triangular que Amos não tinha visto. O homem cinza abriu-a, atirou o rubi lá dentro e bateu a portinhola depressa: “*Orghmflbfe*”.

TRÊS

DO LADO DE FORA, as nuvens estavam tão baixas que o topo do mastro principal do navio ameaçava perfurar uma delas. O vento soprava os cabelos ruivos de Amos e corria por suas roupas esfarrapadas. Sentado na balaustrada do navio, um marinheiro juntava uma corda.

– Boa noite – disse Amos. – Estou explorando o navio e tenho muito pouco tempo. Preciso estar de pé às quatro da manhã. Você poderia me dizer se tem alguma parte que devo evitar, por ser tão boba e desinteressante que não há nada para se aprender ali?

O marinheiro franziu o cenho e disse:

– Não há nada de muito interessante na prisão do navio.

– Muito obrigado – disse Amos.

Ele caminhou até onde havia outro marinheiro com os pés ensopados de sabão e espuma. O homem arrastava um esfregão para a frente e para trás, então Amos deduziu que ele estava tentando remover o resto de cor que ainda havia nas tábuas cinza.

– Boa noite – disse Amos. – Estou explorando o navio e não tenho muito tempo, pois preciso estar de pé às quatro da manhã. Disseram-me para evitar a prisão. Será que você poderia me dizer onde ela fica? Não quero ir parar lá por acidente.

O marinheiro apoiou o queixo no cabo do esfregão por alguns instantes e disse:

– Se quer evitá-la, não desça na segunda escotilha atrás da casa do leme.

– Muito obrigado – disse Amos.

Ele foi apressado até a casa do leme. Quando encontrou a segunda escotilha, desceu apressado. Estava prestes a seguir até a cela gradeada, quando viu um marinheiro encardido com uma chave de metal. Amos pensou que devia ser o carcereiro.

– Boa noite – disse Amos. – Tudo bem com você?

– Tudo certo. Como vai o senhor, e o que está fazendo aqui?

– Estou tentando ser amistoso – disse Amos. – Disseram-me que não havia nada de interessante aqui em baixo. Já que as coisas são tão paradas, resolvi lhe fazer um pouco de companhia.

O marinheiro tamborilou um pouco na chave antes de dizer:

– Acho que isso é muito gentil de sua parte.

– É, sim – disse Amos.

– O que guardam aqui, que é tão desinteressante a ponto de todos me dizerem para evitar o lugar?

– É a prisão do navio, então é aqui que guardamos os prisioneiros. Ou deveríamos guardar outra coisa?

– Boa pergunta – falou Amos. – O que *você* está guardando?

O carcereiro tamborilou na chave mais uma vez e disse:

– Nada de interessante.

Naquele exato instante, Amos viu a pilha imunda de cobertores cinza se mexer. Um dos cantos desabou, e ele viu a ponta de algo tão vermelho quanto seu cabelo radiante.

– Então, acho que acertei em evitar esse lugar – disse Amos.

Ele deu meia-volta e foi embora. Mas naquela noite, enquanto a chuva caía e o tilin-tilin-tilintar de gotas pesadas embalava o sono de todos no navio, Amos se precipitou pelas tábuas escorregadias das bordas gotejantes da casa do leme até chegar à segunda escotilha e desceu. As lâmpadas estavam fracas e o carcereiro dormia amontoado em um canto sobre um pedaço de lona cinza, mas Amos foi imediatamente até as grades e olhou através delas. Mais cobertores haviam caído, e, além do vermelho tão radiante quanto seu cabelo, ele viu um verde da cor das penas de um papagaio, um amarelo tão pálido quanto mostarda chinesa e um azul tão brilhante quanto o céu de janeiro às oito da manhã. Você já viu alguém dormindo debaixo de uma pilha de cobertores? Dá para ver os cobertores subindo e descendo, subindo e descendo no ritmo da respiração. Foi assim que Amos soube que havia uma pessoa ali.

– *Psssiu* – chamou ele. – Ei, pessoa colorida, mas pouco interessante, acorde e venha conversar comigo.

Todos os cobertores caíram no chão, e o homem mais colorido que Amos já tinha visto sentou-se e esfregou os olhos. Suas mangas eram de seda verde com ornamentos roxos e azuis. Sua capa era carmesim com um padrão laranja. Sua camisa era dourada e tinha um xadrez com as cores do arco-íris, e uma das botas era branca e a outra, preta.

– Quem é você? – perguntou o prisioneiro multicolorido.

– Sou Amos, e estou aqui para ver o que o torna tão desinteressante para que todos me digam para evitá-lo e o cubram com cobertores.

– Sou Jack, o Príncipe do Arco-Íris Distante, e estou aqui como prisioneiro.

– Nenhum desses fatos é tão incrível se comparado a algumas das coisas estranhas que há neste mundo – comentou Amos. – Por que você é o Príncipe do Arco-Íris Distante, e por que está aqui como prisioneiro?

– Ah – disse Jack. – A segunda pergunta é fácil de responder, mas a primeira

não é tão simples. Estou aqui como prisioneiro porque um homem magrela e cinza roubou um mapa de mim e me atirou na prisão para que não o pegasse de volta. Mas por que sou o Príncipe do Arco-Íris Distante? É a mesma pergunta feita há exatamente um ano por um mago tão velho, terrível e poderoso que eu e você jamais precisaremos nos preocupar com ele. Respondi: “Sou o Príncipe porque meu pai é o Rei, e todos sabem que eu deveria sê-lo.” Então, o mago me perguntou: “Por que você deve ser o Príncipe, e não qualquer outro? Você está apto a dar ordens, sabe julgar de maneira justa, sabe resistir às tentações?” Eu não fazia ideia do que ele estava falando, e respondi mais uma vez: “Sou o Príncipe porque meu pai é o Rei.” O mago pegou um espelho e segurou-o diante de mim. “O que você vê?”, perguntou ele. “Vejo a mim mesmo, como era de se esperar; o Príncipe do Arco-Íris Distante”, falei. O mago ficou furioso, quebrou o espelho em três partes e gritou: “Você não será o Príncipe do Arco-Íris Distante até se olhar nesse espelho inteiro outra vez, pois uma mulher digna de um príncipe está presa atrás do vidro, e você não poderá reinar em sua terra antes de libertá-la.” Houve uma explosão, e quando acordei estava sem minha coroa, deitado em um gramado verde e vestido como estou agora. Em meu bolso havia um mapa que dizia onde todas as partes estavam escondidas. Só que não mostrava como voltar para Arco-Íris Distante. E continuo sem saber como voltar para casa.

– Entendi, entendi – disse Amos. – Como foi que o homem cinza e magrela roubou seu mapa e o que pretende com isso?

– Bem, como não consegui encontrar o caminho para casa, decidi que era melhor tentar encontrar os pedaços – respondeu Jack. – Por isso, comecei a procurar. A primeira pessoa que encontrei foi o homem cinza e magro. Ele estava com seu grande baú preto no qual, conforme disse, estava seu mais próximo e querido amigo. Ele disse que se eu trabalhasse carregando o baú me pagaria dinheiro suficiente para comprar um navio e continuar minha busca. E disse que ele próprio adoraria ver uma mulher digna de um príncipe. “Especialmente de um príncipe tão colorido como você”, acrescentou. Carreguei o baú por muitos meses, e no fim ele me pagou uma grande quantia com a qual comprei um navio. Mas então o homem cinza e magro roubou o mapa e meu navio, e me atirou aqui na prisão, dizendo que ele e seu mais próximo e querido amigo encontrariam o espelho por conta própria.

– O que ele poderia querer com uma mulher digna de um príncipe como você? – perguntou Amos.

– Não quero nem pensar nisso – disse Jack. – Uma vez ele me pediu para abrir a tira de couro na extremidade do baú e enfiar a cabeça lá dentro para ver como seu mais próximo e querido amigo estava. Mas não fiz isso, porque tinha visto o

homem pegar um belo pássaro azul de penas vermelhas pelo pescoço e enfiá-lo através da mesma abertura. Só o que ouvimos foi um som desconfortável vindo do baú, algo como "*orulmhf*".

– Ah, sim – disse Amos. – Conheço esse som. Também não quero nem pensar no que ele faria com uma mulher digna de um príncipe como você. – Mas Amos ficou pensando naquilo.

– A falta de empatia que ele sente por você certamente não depõe a favor da amizade dele com seu mais próximo e querido amigo.

Jack concordou.

– Por que ele não pega o espelho sozinho em vez de pedir para mim? – quis saber Amos.

– Você viu onde as peças estão escondidas? – perguntou Jack.

– Lembro que havia uma a duas léguas dali, a segunda ficava em cima desse lugar e a terceira está mais perto do que você imagina.

– Exatamente – disse Jack. – E mais perto do que você imagina é um imenso, cinza, tedioso, penoso, emaranhado e alagadiço pântano. A primeira peça está no fundo de um lago cujo centro é luminoso. Mas ele é tão cinza que o homem cinza acabaria se mesclando ao cenário e nunca mais conseguiria sair. Aquele lugar é uma montanha tão alta que o Vento do Norte mora em uma caverna por lá. A segunda peça do espelho está no cume mais alto da montanha. Mas lá há tanto vento e o homem cinza é tão magro que acabaria sendo levado pelo vento antes de chegar à metade da subida. A duas léguas dali, onde está a terceira peça, é o local em que se estende um jardim de cores violentas e perfumes complexos, onde borboletas pretas cintilam nas bordas de fontes de mármore cor-de-rosa e vinhas claras balançam de um lado a outro. A única coisa branca naquele jardim é um unicórnio prateado que protege a última peça do espelho. Talvez o homem cinza fosse capaz de pegar essa peça por conta própria, mas não vai querer porque fica com dor de cabeça ao ver muitas cores fortes.

– Então, o fato de que suportou suas roupas resplandecentes por tanto tempo é sinal de persistência – disse Amos. – De qualquer modo, não acho justo que nosso amigo cinza consiga o espelho usando o mapa. Você deveria ao menos ganhar uma chance. Vamos ver, o primeiro lugar a que iremos fica mais perto do que você imagina.

– É o pântano – disse Jack.

– Você gostaria de vir comigo e pegar você mesmo o espelho? – perguntou Amos.

– Claro – respondeu Jack. – Mas como?

– Tenho um plano – revelou Amos, que era capaz de pensar muito rápido quando necessário. – É só fazer o que eu pedir.

Amos começou a sussurrar através das barras. Atrás deles, o carcereiro roncou em seu pedaço de lona.

QUATRO

ÀS QUATRO HORAS DA manhã seguinte, quando havia neblina ao amanhecer, o sol se escondia e o ar estava tão cinza quanto era possível, o navio atracou na costa de um imenso, cinza, tedioso, penoso, emaranhado e alagadiço pântano.

– No centro do pântano há um lago luminoso – disse o homem cinza, apontando na balaustrada do navio. – No fundo dele está um pedaço do espelho. Você acha que consegue trazê-lo até a hora do almoço?

– Acho que sim – disse Amos. – Mas o lago é *terrivelmente* cinza. Talvez eu acabe me mesclando ao cenário e nunca mais saia.

– Com esses cabelos vermelhos? – perguntou o homem cinza.

– Meus cabelos vermelhos só cobrem o topo da cabeça – disse Amos. – Minhas roupas estão sujas e esfarrapadas, e provavelmente ficarão cinza rapidinho com esse nevoeiro todo. Não há nenhuma roupa colorida no navio, com ouro brilhante ou seda reluzente?

– Tenho aquele armário cheio de joias – respondeu o homem cinza. – Use quantas você quiser.

– Elas me deixariam muito pesado – replicou Amos. – E talvez eu não conseguisse voltar antes do almoço. Não, preciso de roupas brilhantes e claras o suficiente para me impedir de me perder ali no meio. Porque se *eu* me perder *você* ficará sem o espelho.

O homem cinza se virou para um de seus marinheiros e disse:

– Você sabe onde encontrar um traje assim.

Quando o homem ia partir, Amos disse:

– É uma pena despojar alguém de suas roupas desse jeito, sobretudo quando há uma chance de que elas não voltem. Dê meus trapos para o dono dessas roupas para que ele as vista até eu retornar.

Amos tirou os trapos e entregou-os ao marinheiro, que saiu trotando em direção à casa do leme. Alguns minutos mais tarde estava de volta com roupas vívidas: as mangas eram de seda verde com ornamentos roxos e azuis, a capa era carmesim com um padrão laranja, a camisa era dourada e tinha um xadrez com as cores do arco-íris, e uma das botas branca e a outra, preta.

– Bem isso que eu preciso – disse Amos.

Ele vestiu as roupas depressa, pois estava começando a ficar com frio só de cuecas. Então, pulou por cima da amurada em direção ao pântano. Estava tão chamativo e colorido que ninguém viu o vulto com os trapos sujos passar

correndo atrás deles na outra extremidade do navio e também entrar no pântano. Se o vulto fosse Amos (ele estava vestindo os trapos de Amos), o cabelo vermelho poderia ter chamado a atenção, mas, apesar de todas as suas roupas serem coloridas, o cabelo de Jack era de um castanho muito banal.

O homem cinza observou Amos até que desaparecesse. Pôs a mão na testa, que estava começando a latejar um pouco, e se apoiou no baú preto que havia sido levado até o convés.

Um "*glumphvmr*" saiu dali de dentro.

– Ah, meu mais próximo e querido amigo – disse o homem cinza. – Quase me esqueci de você. Desculpe-me.

Ele tirou um envelope do bolso, e de lá tirou uma mariposa grande e esvoaçante.

– Ela entrou voando por minha janela na noite passada – disse.

As asas eram de um azul pálido com listras marrons nas extremidades, e o lado de baixo era salpicado de pontos dourados. Ele abriu uma portinhola de metal comprida e fina na lateral do baú, semelhante a uma caixa de correio, e empurrou a mariposa para dentro.

Do baú escutou-se "*fuffle*", e o homem cinza sorriu.

No pântano, Amos esperou até que o príncipe o encontrasse.

– Foi difícil? – perguntou.

– Nem um pouco – respondeu Jack, rindo. – Eles nem perceberam que o carcereiro tinha sumido.

Na noite anterior, depois que deixamos os dois a sós, eles haviam roubado as chaves do carcereiro, libertado o príncipe, amarrado o carcereiro e o colocado na cela sob os cobertores cinza. De manhã, quando o marinheiro desceu para trocar as roupas, Jack se soltou mais uma vez após a saída dele e escapuliu do navio para se juntar a Amos.

– Agora vamos encontrar o lago luminoso para voltarmos antes do almoço – disse Amos.

Eles avançaram juntos em meio ao charco e o mau cheiro.

– Sabe, no fim das contas, este lugar nem é tão cinza assim. Olhe de perto – disse Amos, que parou ao ver uma teia de aranha cinza que se estendia do tronco de uma árvore sobre eles até vinhas caídas pelo chão.

Em cada gota de água em cada fio da teia, a luz havia se dispersado em azul, vermelho e amarelo, como se tivesse passado por um minúsculo prisma. Enquanto observavam isso, Jack suspirou.

– São as cores do Arco-Íris Distante – observou ele.

Ele não falou mais nada, mas Amos sentiu pena dele. Os dois seguiram depressa até o centro do pântano.

– Não, não é completamente cinza – disse Jack.

Em um toco à frente deles, um lagarto verde-acinzentado piscou um olho vermelho, uma vespa dourada passou zunindo sobre suas cabeças e uma cobra que era cinza do lado de cima rolou no meio do caminho e revelou uma barriga laranja.

– E olhe só isso! – gritou Amos.

Adiante havia troncos de árvores altas e verdes e luz prateada surgindo em meio ao nevoeiro.

De fato, estavam na borda de um lago redondo e prateado. Do lado oposto, grandes sapos coaxavam, e uma ou duas bolhas surgiram na superfície. Amos e Jack olharam juntos para a água.

Talvez esperassem ver o reflexo do espelho em meio às algas e pedregulhos no fundo do lago; talvez esperassem ver as próprias imagens refletidas. Mas não viram nenhuma das duas coisas. Em vez disso, o rosto de uma bela garota olhou-os sob a superfície.

Jack e Amos franziram as sobrancelhas. A garota gargalhou e a água borbulhou.

– Quem é você? – indagou Amos.

Eles escutaram a resposta vinda das bolhas:

– Quem são vocês?

– Eu sou Jack, o Príncipe do Arco-Íris Distante, e este é Amos.

– Eu me chamo Lea – disse o rosto na água. – E sou uma mulher digna de um príncipe.

– Por que você é digna de um príncipe? E como foi parar aí? – perguntou Amos.

– Ah – disse Lea. – A segunda pergunta é fácil de responder, mas a primeira não é tão simples. Pois é a mesma pergunta feita há exatamente um ano por um mago tão velho, terrível e poderoso que eu e você jamais precisaremos nos preocupar com ele.

– O que você disse a ele? – inquiriu Jack.

– Eu disse que sabia falar todas as línguas humanas, que era corajosa, forte, bonita e capaz de governar ao lado de qualquer homem. Ele disse que eu era orgulhosa, e esse orgulho era bom. Mas então viu como eu contemplava meu rosto nos espelhos, e disse que eu era vaidosa, e minha vaidade era ruim, pois me manteria longe do príncipe do qual eu era digna. A superfície brilhante de todas as coisas, disse ele, nos manterá separados até que um príncipe consiga reunir os pedaços do espelho outra vez para me libertar.

– Então, eu sou o príncipe que vai salvá-la – disse Jack.

– É mesmo? – perguntou Lea, sorrindo. – Um pedaço do espelho no qual

estou aprisionada está no fundo deste lago. Uma vez, eu mesma saltei de uma rocha em um oceano azul para recuperar uma pérola de fogo branco que hoje levo presa na testa. Um mergulho daquela altura jamais havia sido empreendido por um homem ou uma mulher, e esse lago é uns três metros mais fundo. Você está disposto a tentar?

– Tentarei, ou talvez morrerei tentando – disse Jack. – Não posso fazer nem mais nem menos do que isso.

Jack encheu os pulmões e mergulhou de cabeça no lago.

Amos, por sua vez, estava ciente do tempo que perderia hesitando caso lhe houvessem pedido a mesma coisa. Conforme os segundos passavam, ele começou a temer pela vida de Jack e desejou ter tido a chance de pensar em outra maneira de tirar o espelho dali. Passou-se um minuto – talvez pudessem ter persuadido a garota a trazer ela mesma o pedaço. Dois minutos – poderiam ter atado uma corda à perna de um sapo e enviado o animal para fazer as buscas. Três minutos – não havia bolhas na água, e Amos surpreendeu-se ao decidir que não lhe restava escolha a não ser pular no lago e ao menos tentar salvar o príncipe. Mas, então, sentiu água respingando no pé!

A cabeça de Jack emergiu, e um instante mais tarde surgiu sua mão, que segurava um grande fragmento de espelho quebrado. Amos ficou tão contente que começou a dar pulinhos. O príncipe nadou até a beira e Amos ajudou-o a sair. Em seguida, eles apoiaram o espelho em uma árvore e descansaram um pouco.

– Menos mal que usei seus trapos e não minhas próprias roupas, porque minha capa ficaria emaranhada nas algas e as botas me puxariam para baixo – comentou Jack. – Eu jamais teria voltado. Obrigado, Amos.

– Não precisa me agradecer por tão pouco – disse Amos. – Mas é melhor começarmos a voltar se quisermos chegar ao navio a tempo de almoçar.

Eles começaram o retorno e ao meio-dia já estavam quase chegando ao navio. Então, o príncipe deixou o espelho com Amos e disparou na frente para voltar à cela. Amos caminhou até o navio com o pedaço de espelho quebrado.

– Ei! – gritou para o homem cinza e magro que estava sentado no baú a sua espera. – Aqui está o pedaço do espelho recolhido do fundo do lago luminoso.

O homem cinza ficou tão contente que saltou do baú, deu uma cambalhota e ficou ofegando e tossindo. Ele precisou levar diversos tapas nas costas.

– Sorte sua – disse, quando Amos subiu até o convés e lhe entregou o pedaço do espelho. – Agora venha almoçar comigo, mas, pelo amor de deus, tire essa tenda de circo antes que eu fique com dor de cabeça outra vez.

Amos tirou as roupas do príncipe, e o marinheiro levou-as até a prisão e voltou com os trapos de Amos. Depois que ele se vestiu e estava pronto para

almoçar com o homem cinza, sua manga roçou no braço dele. O homem cinza parou e franziu a sobrancelha até ficar com o rosto quase preto.

– Estas roupas estão úmidas, e aquelas que você vestiu estão secas.

– É verdade – disse Amos. – Por que será?

O homem cinza ficou carrancudo, cogitando e contemplando, mas não chegou a nenhuma conclusão. Por fim, disse:

– Deixe pra lá. Venha, vamos comer.

Os marinheiros trouxeram o baú preto consigo, e Amos e o anfitrião comeram uma refeição farta e feita com carinho. O homem cinza fincou todos os rabanetes da salada com a faca e deslizou-os por um funil preso a uma abertura arredondada do baú: “*Fulrmp, melruf, ulfmphgrumf!*”

CINCO

– QUANDO IREI EM busca do próximo pedaço? – perguntou Amos, depois que terminaram de comer.

– Amanhã à tardinha, quando o pôr do sol estiver dourado, o céu turquesa e as rochas ficarem manchadas de vermelho sob o sol poente – disse o homem cinza. – Assistirei a todo o procedimento de óculos escuros.

– Parece-me uma boa ideia – disse Amos. – Assim você não vai ficar com uma dor de cabeça daquelas.

Naquela noite, Amos voltou à prisão. Ninguém ainda dera pela falta do carcereiro. Portanto, não havia nenhum guarda.

– Como vai nosso amigo? – indagou Amos ao príncipe, apontando para o monte de cobertores no canto.

– Bem, até – respondeu Jack. – Dei a ele comida e água quando me trouxeram um pouco. Acho que está dormindo.

– Ótimo – comentou Amos. – Então, já encontramos um terço de seu espelho mágico. Amanhã à tardinha partirei em busca da segunda parte. Você gostaria de vir comigo?

– Adoraria – disse Jack. – Mas amanhã à tardinha não será tão fácil, pois não haverá o nevoeiro para me esconder.

– Então teremos que dar um jeito para você não precisar se esconder – sugeriu Amos. – Se me lembro bem, a segunda parte está no topo de uma montanha ventosa tão alta que o Vento do Norte mora em uma caverna por lá.

– Exato – disse Jack.

– Muito *bem*, tenho um plano.

Mais uma vez, Amos sussurrou através da grade e Jack respondeu com sorrisos, concordando com a cabeça.

Eles navegaram durante a noite inteira e o dia seguinte, e à tardinha ancoraram em uma costa rochosa. Uma montanha se erguia a algumas centenas de metros da água, gigantesca sob a luz do crepúsculo.

Os marinheiros se reuniram no convés do navio assim que o sol começou a se pôr, e o homem cinza colocou uma de suas mãos calçada em uma luva cinza no ombro de Amos e apontou para a montanha com a outra.

– Lá, em meio aos cumes ventosos, fica a caverna do Vento do Norte. Ainda mais para cima, no cume mais alto e ventoso, está o segundo fragmento do

espelho. É uma escalada longa, perigosa e traiçoeira. Devo esperá-lo para o café da manhã?

– Sem dúvida – respondeu Amos. – Ovos fritos, se possível, apenas uma tostadinha de leve, e muita linguiça picante.

– Eu aviso o cozinheiro – prontificou-se o homem cinza.

– Ótimo – disse Amos. – Ah, só mais uma coisa. Você me disse que venta muito por lá. Pode ser que eu precise de bastante corda e, se possível, gostaria de levar um auxiliar comigo. Uma corda não é muito útil se não houver alguém preso na outra ponta. Se eu levar alguém comigo, posso segurá-lo se o vento carregá-lo, e ele poderá fazer o mesmo por mim.

Amos se virou para os marinheiros.

– Que tal aquele homem ali? Ele tem uma corda e está *bem* agasalhado contra o vento.

– Pode levar quem você quiser, desde que volte com meu espelho – consentiu o homem cinza.

O marinheiro bem-agasalhado e com um rolo de corda no ombro deu um passo à frente. Se o homem cinza não estivesse de óculos escuros, poderia ter percebido algo de familiar naquele marinheiro que olhava para a montanha sem jamais desviar o olhar. Mas naquela situação não desconfiou de nada.

Amos e o homem bem-agasalhado subiram nas pedras que o sol havia manchado de vermelho e seguiram em direção ao pé da montanha. O homem cinza levantou os olhos uma vez enquanto os observava, mas logo os abaixou porque estavam no momento mais dourado do pôr do sol. Quando o sol se pôs, ele já não conseguia vê-los. Ainda assim, permaneceu junto à amurada até ser arrancado de seus devaneios por um som na escuridão: “*Blmvghm!*”

Amos e Jack subiram com dificuldade até o cair da noite. Quando a escuridão envolveu o cenário, eles acharam que precisariam parar, mas as estrelas claras iluminaram a névoa sobre as pedras pontiagudas, e logo depois a lua surgiu. A partir daí ficou muito mais fácil. O vento começou a soprar pouco depois. No início era uma brisa que mal puxava seus colarinhos. Então, lufadas mais fortes começaram a beliscar seus dedos. Por fim, bofetadas de vento atiravam-nos às rochas e em seguida os arrancavam dali. A corda foi de fato muito útil, e nenhum dos dois teve do que reclamar. Continuaram a escalada, mantendo o ritmo conforme as horas passavam. Houve um instante em que Jack parou e se virou para olhar na direção do mar prateado, e disse algo que Amos não ouviu.

– O que você disse? – gritou Amos, mais alto do que os uivos do vento.

– Eu disse para você olhar para a lua! – gritou de volta o príncipe.

Amos também olhou para trás e viu que o disco branco estava descendo

lentamente.

Eles retomaram o caminho, escalando mais rápido do que nunca, mas depois de mais uma hora a parte de baixo da lua já havia desaparecido sob a linha do oceano. Por fim, eles chegaram a uma saliência onde o vento não era tão forte. Parecia impossível subir mais.

Jack olhou para a lua e suspirou.

– Pergunto-me se, caso houvesse luz do dia, eu veria Arco-Íris Distante daqui.

– É possível – disse Amos. Embora seu coração estivesse com Jack, ele ainda achava importante manter o espírito otimista.

– Mas talvez possamos ver bem melhor do topo dessa montanha. Assim que ele disse isso, o último resquício de luar sumiu. Até mesmo as estrelas sumiram, e a escuridão ao redor deles era total. Mas, quando os dois se viraram em busca de um lugar para se abrigar do vento, Amos gritou:

– Tem luz ali!

– Onde? – berrou Jack.

– Brilhando atrás das rochas – gritou Amos.

Um brilho alaranjado contornava o topo de um pedregulho escarpado. Eles correram na direção da saliência quebradiça. Quando subiram na pedra, viram uma luz vinda de trás de outro paredão rochoso um pouco mais adiante e foram até lá. Pedrinhas e pedaços de gelo se desprendiam sob suas mãos. Atrás da parede, viram que a luz era ainda mais forte abaixo de outra elevação e deram o máximo de si para escalar sem cair sabe-se lá quantas centenas de metros até apearem ao pé da montanha. Por fim, espremeram-se pela saliência e continuaram, arfantes. À frente, chamas alaranjadas crepitavam, e seus rostos se encheram de luz. Apesar de todo aquele vento frio, suas testas ainda reluziam de suor após o esforço.

– Vamos, só mais um pouquinho... – disse Amos.

Escutaram uma voz que chegava de meia dúzia de lugares:

– *Vamos, só mais um pouquinho... mais um pouquinho... um pouquinho...*

Eles se entreolharam, e Jack deu um salto.

– Ei, devemos estar na caverna do...

E escutaram o eco voltando:

– *devemos estar na caverna do... na caverna do... caverna do...*

– ... Vento do Norte – sussurrou Amos. Os dois prosseguiram mais uma vez em direção ao fogo. Estava tão escuro e a caverna era tão grande que nem mesmo com aquela iluminação eram capazes de ver o teto ou a parede longínquos. O fogo queimava em imensas bacias escavadas na pedra. Estavam ali como forma de aviso, pois logo adiante o chão da caverna despencava e havia apenas escuridão.

– Será que ele está em casa? – sussurrou Jack.

Então, escutaram um alvoroço e um ruído surdo mais adiante, seguido de uma queda semelhante a um trovão. Em meio às trevas, uma voz disse:

– Sou o Vento do Norte e me sinto bastante em casa.

Um sopro de vento fez o fogo vacilar nas bacias, e o chapéu de marinheiro que Jack tinha na cabeça desapareceu voando na escuridão.

– Você é mesmo o Vento do Norte? – perguntou Amos.

– Sim, sou mesmo o Vento do Norte – disse a voz trovejante. – Agora me digam quem são antes que eu sopre *vocês* até dividi-los em pequenas partes e espalhá-las pelo mundo.

– Eu me chamo Amos, e ele é Jack, o Príncipe do Arco-Íris Distante – respondeu Amos. – Entramos em sua caverna por acidente e não tínhamos a intenção de ser mal-educados. Mas a lua sumiu e precisamos interromper a escalada, então vimos suas luzes.

– Para onde vocês estão escalando?

Dessa vez foi Jack quem falou:

– Até o topo da montanha, onde há um pedaço de espelho.

– Sim, há um espelho lá – disse o Vento do Norte. – Um mago tão velho, terrível e poderoso que eu e você jamais precisaremos nos preocupar com ele, colocou-o ali um ano e um dia atrás. Eu mesmo soprei-o até lá para retribuir um favor que ele me fez um milhão de anos antes, pois foi ele quem construiu esta caverna para mim com sua magia engenhosa e espúria.

– Viemos aqui para reaver o espelho – disse Jack.

O Vento do Norte gargalhou tão alto que Amos e o príncipe precisaram se segurar nas paredes para não serem arrastados.

– É tão alto e tão frio no cume que vocês jamais subirão – disse o Vento. – Até mesmo o mago precisou de minha ajuda para chegar lá.

– Então, será que você não poderia nos ajudar também? – pediu Amos.

O Vento do Norte ficou em silêncio por um minuto. Então, perguntou:

– E por que eu faria isso? O mago construiu uma caverna para mim. O que vocês fizeram para merecer a ajuda?

– Por enquanto, nada – admitiu Amos. – Mas podemos ajudá-lo se você nos ajudar.

– Como vocês podem me ajudar? – perguntou o Vento.

– Bem, você nos disse que é o Vento do Norte – disse Amos. – Mas como pode provar?

– E como você provaria que é de fato você mesmo?

– É fácil – respondeu Amos. – Tenho cabelos ruivos, sardas, um e setenta de altura e olhos castanhos. Basta perguntar a Hidalga, a proprietária da Taverna

dos Marujos, e ela confirmará: “É meu querido Amos em pessoa.” E a palavra de Hidalga deveria ser prova suficiente para qualquer um. E você, qual é sua aparência?

– Qual é minha aparência? – questionou o Vento do Norte.

– Sim, descreva-se para mim.

– Sou grande, frio, tempestuoso e...

– Essa é a sensação que você passa – retrucou Amos. – Mas não é sua aparência. Quero saber como eu poderia reconhecê-lo se o visse caminhando tranquilamente pela rua e vindo em minha direção durante uma folga.

– Sou congelante, gélido, arrepiante e...

– Mais uma vez, essa não é sua aparência, é a sensação que você passa.

O Vento do Norte resmungou um pouco e enfim confessou:

– Mas ninguém jamais viu o vento.

– Foi o que me disseram – disse Amos. – Mas você nunca se olhou em um espelho?

– Ai, ai – suspirou o Vento do Norte. – As pessoas sempre guardam os espelhos em casa, e nunca sou convidado para entrar. Então, nunca tive a chance de me olhar em um espelho. Além disso, ando muito ocupado.

– Bem, se você nos ajudar a chegar ao cume da montanha, deixaremos você se espiar naquele fragmento de espelho – disse Amos.

E acrescentou:

– O que, aparentemente, já é mais do que o mago, seu amigo, fez.

Jack chutou Amos de leve, pois não era bom insultar um mago tão velho, terrível e poderoso, mesmo que jamais precisássemos nos preocupar com ele.

O Vento do Norte gemeu e resmungou na escuridão por alguns instantes, então disse:

– Muito bem. Subam em meus ombros, pois vou levá-los ao cume mais alto destas montanhas. Depois que tiver me olhado no espelho, vou carregá-los para baixo outra vez, até um ponto de onde vocês consigam descer por conta própria.

Amos e Jack ficaram felizes como nunca. O Vento do Norte uivou até a extremidade da saliência e eles subiram um em cada ombro. Os dois seguraram firme nos cabelos longos e espessos do Vento, cujas asas imensas encheram a caverna com uma grande lufada que só não apagou o fogo porque este era de caráter mágico. O barulho das grandes penas das asas roçando umas nas outras era como o de ferro batendo em bronze.

O Vento do Norte elevou-se na caverna e, acelerando, voou através de uma abertura tão alta que era impossível ver o topo e tão larga que eles não viam a parede oposta. Seu cabelo cheio de folhas emaranhadas roçou no teto, as unhas compridas e quebradiças do pé arranharam o chão e as pontas das asas

deslocaram pedregulhos nas duas laterais enquanto o Vento saltava na escuridão. Ele descreveu círculos no ar a uma altura tão elevada que espantaram as nuvens, e as estrelas voltaram a ser como diamantes que salpicavam a noite aveludada. O Vento voou pelo horizonte; e quando metade do círculo solar já havia se erguido da borda do oceano, ele apoiou um pé em um rochedo à esquerda e o outro em um pico à direita. Em seguida, inclinou-se para deixar os dois no cume mais alto que havia no meio.

– E agora, onde será que está o espelho? – perguntou Amos, olhando em volta.

O sol nascente respingava luz prateada sobre a neve e o gelo.

– Quando soprei o mago até aqui anos atrás, ele o deixou bem aqui, mas a neve e o gelo o cobriram – contou o Vento do Norte acima deles.

Amos e o príncipe começaram a escavar um montinho de neve que havia no chão e, debaixo da camada branca, encontraram gelo puro e reluzente. Era um grande bloco, quase do tamanho do baú preto do homem cinza e magro.

– Deve estar no meio desse monte de gelo – disse Jack.

Enquanto os dois fitavam o naco congelado e brilhante, algo se moveu ali dentro. Os dois viram os traços da encantadora Lea, que havia aparecido para eles no lago.

Ela sorriu e disse:

– Estou contente por vocês terem vindo atrás da segunda parte do espelho, mas ela está enterrada neste bloco de gelo. Uma vez, quando eu era pequena, cortei um pedaço de gelo a machadadas para recuperar um brinco que minha mãe havia perdido na noite anterior durante um baile de inverno. Era o bloco de gelo mais frio e duro que qualquer homem ou mulher jamais vira. Este bloco está dez graus mais gelado. Vocês conseguem quebrá-lo?

– Posso tentar, ou talvez morrer tentando – disse Jack. – Mas não posso fazer nem mais nem menos do que isso.

Ele pegou a picareta que os dois haviam utilizado para escalar a montanha.

– Você consegue terminar antes do café da manhã? – perguntou Amos, olhando para o sol.

– Claro que vai ser antes do café da manhã – disse o príncipe.

Ele começou a quebrar o gelo. Lascas voavam pelo ar, e ele trabalhou até ficar tão suado que precisou tirar a camisa, mesmo naquele frio todo. Trabalhou com tanto afinco que abriu o bloco em uma hora, e lá estava o pedaço quebrado do espelho. Cansado mas sorridente, o príncipe pegou o fragmento do gelo e entregou-o a Amos. Então, juntou sua camisa e seu casaco.

– Beleza, Vento do Norte – gritou Amos. – Venha dar uma espiadinha.

– Fiquem em uma posição em que o sol esteja em seus olhos, não quero que ninguém me veja antes de mim – disse o Vento do Norte ao erguer-se sobre

Amos.

Amos e Jack se viraram com os olhos voltados para o sol, e o uivante Vento do Norte agachou-se para se olhar no espelho. Deve ter gostado muito do que viu, porque deu uma risada alta e duradoura que quase os arrancou do cume. Na sequência, subiu um quilômetro no ar, mudou de direção três vezes e por fim arremeteu na direção deles, agarrou-os e colocou-os nos ombros. Amos e Jack agarraram seus longos e espessos cabelos e o Vento começou a descer a montanha. O Vento uivou com sua voz ventosa:

– Agora, preciso contar para todas as folhas e sussurrar para todas as ondas como é minha aparência, para que possam conversar sobre isso durante o outono e baixar a crista para mim em reverência quando eu passar antes de uma tempestade de inverno.

O Vento do Norte estava mais feliz do que nunca esteve desde que o mago fizera a caverna.

O dia fica claro no alto de uma montanha muito antes do que no pé, e aquela montanha era tão alta que, quando eles acabaram de descer, ainda nem dava para ver o sol. Restava uma boa meia hora antes do café da manhã.

– Corra e volte para sua cela – disse Amos. – Depois que houver se passado um tempo volto para comer meus ovos e linguiças.

O príncipe correu pelas rochas do litoral e se embrenhou para dentro do navio. Amos esperou o sol se erguer. Quando isso aconteceu, começou seu retorno.

SEIS

MAS NO NAVIO AS coisas não haviam acontecido conforme o plano de Amos. O homem cinza, ainda intrigado com as roupas úmidas de Amos, interrogou os marinheiros para saber quem Amos havia escolhido e desceu pessoalmente até a prisão.

Ele logo viu que não havia carcereiro na prisão, tampouco um prisioneiro. Furioso, ele correu para a cela e começou a atirar o monte de cobertores para o canto. Ali no meio, encontrou o carcereiro amarrado, amordaçado e vestido com os trajes coloridos do Príncipe do Arco-Íris Distante. Afinal, eram as roupas do carcereiro que Jack vestia ao partir com Amos em direção à montanha.

Quando a mordaça sumiu, a história surgiu, e o homem cinza deduziu sozinho a parte da história em que o carcereiro havia dormido. Então, desamarrou o carcereiro, reuniu os marinheiros e fez planos para quando Amos e o príncipe retornassem. A última coisa que o homem cinza fez foi levar o belo traje de volta ao camarote, onde o baú preto estava à espera.

Quando Amos chegou em frente ao navio com o espelho debaixo do braço, gritou:

– Aqui está seu espelho. Cadê meus ovos e salsichas?

– Estão bem quentinhos, esperando por você – disse o homem cinza ao erguer os óculos escuros. – Onde está o marinheiro que você levou para ajudá-lo?

– Ai, ai – disse Amos. – Ele foi carregado pelo vento.

Ele subiu a bordo pela escada e entregou o espelho para o homem cinza.

– Agora só falta um terço, se não estou enganado. Quando começarei a busca?

– Hoje depois do almoço, quando o sol estiver em seu momento de maior calor e elevação – disse o homem cinza.

– Não posso nem descansar? – perguntou Amos. – Passei a noite inteira subindo e descendo a montanha.

– Pode tirar um cochilo – consentiu o homem cinza. – Mas antes venha tomar o café da manhã.

O homem cinza pôs o braço sobre o ombro de Amos e o conduziu até o camarote, aonde o cozinheiro levou uma grande travessa fumegante com ovos e salsichas.

– Você se saiu muito bem – disse o homem cinza.

Ele apontou para a parede onde havia pendurado as duas primeiras partes

encaixadas do espelho. Já era possível deduzir o formato da terceira.

– Se você conseguir a terceira, terá mesmo se saído muito bem.

– Já quase sinto o peso dos diamantes, esmeraldas e pérolas e do ouro – disse Amos.

– É mesmo? – indagou o homem cinza.

Ele tirou um pedaço de seda verde do bolso, foi até a caixa preta e enfiou-a por uma pequena abertura quadrada: "*Orlmnb!*"

– Onde está escondido o terceiro espelho? – perguntou Amos.

– A duas léguas dali se estende um jardim de cores violentas e perfumes complexos, onde borboletas pretas cintilam nas bordas de fontes de mármore cor-de-rosa e vinhas claras balançam de um lado a outro. A única coisa branca naquele jardim é um unicórnio prateado que protege a terceira peça do espelho.

– Menos mal que vou pegá-lo para você – disse Amos. – Porque mesmo de óculos escuros você ficaria com uma dor de cabeça terrível.

– Maldição! – exclamou o homem cinza. – É verdade.

Ele tirou um trapo de tecido carmesim com um padrão laranja do bolso, foi até o baú e despejou-o através de um pequeno buraco redondo na parte de cima. Quando o pano desapareceu no baú, houve um "*mlpbgrm*".

– Estou muito ansioso para vê-lo tendo o momento mais feliz de sua vida – falou Amos. – Mas você ainda não me contou o que você e seu mais próximo e querido amigo pretendem encontrar no espelho.

– Ainda não? – disse o homem cinza. Ele pegou uma bota de couro branco debaixo da mesa, foi até o baú, ergueu a tranca e atirou-a lá dentro.

"*Org!*" Esse som não veio do baú; foi Amos engolindo o último pedaço de salsicha rápido demais. Ele e o homem cinza se entreolharam sem dizer nada. O único som vinha do baú: "*Grublmeumplefrmp... hic!*"

– Bem, vou sair um pouquinho e dar uma volta pelo convés – disse Amos por fim.

– Que besteira – comentou o homem cinza, que alisava as luvas no pulso. – Se você vai passar a tarde acordado, é melhor ir direto para a cama.

– Acredite em mim, um pouquinho de ar vai me fazer dormir muito melhor.

– Acredite em *mim* – insistiu o homem cinza. – Coloquei uma coisinha em seus ovos e em suas salsichas que farão você dormir melhor do que todo o ar do mundo.

De repente, Amos sentiu os olhos pesados e a cabeça leve. Ele escorregou na cadeira.

Quando acordou, estava deitado no chão da cela na prisão do navio, e Jack estava ao lado só de cueca (pois os marinheiros o haviam atacado quando ele retornou na manhã e devolvido as roupas do carcereiro) tentando acordá-lo.

– O que houve com você? – perguntou Amos, e Jack contou tudo.

– Então, fomos descobertos e foi tudo por água abaixo – disse o príncipe. – Pois já é hora do almoço, e o sol está em seu momento de maior calor e elevação. O barco está ancorado a duas léguas dali, e o homem cinza deve estar prestes a partir ele mesmo em busca do terceiro pedaço do espelho.

– Que sua cabeça se parta em mil pedaços por causa da dor – disse Amos.

– Baixem a bola aí – disse o carcereiro. – Estou tentando dormir.

Ele estendeu o pedaço de lona e se deitou.

Do lado de fora, a água batia no navio. Depois de alguns instantes, Jack disse:

– Há um rio que passa pelo castelo do Arco-Íris Distante, e do jardim é possível escutar a água batendo nas paredes desse jeito.

– Não fique triste – disse Amos. – Precisamos de nossas mentes em seu melhor funcionamento.

O barulho de alguém batendo na madeira chegou de algum lugar.

– Mas, para ser honesto, eu tinha um amigo chamado Billy Belay, um velho marinheiro com uma perna de pau, com quem sempre jogava varetas – contou Amos, olhando para o teto. – Quando ele subia para o quarto na Taverna dos Marujos, dava para escutá-lo subindo as escadas e o barulho era bem esse.

– Só tem o detalhe de que esse barulho não está vindo de cima, mas de baixo – constatou Jack.

Eles olharam para o chão. Jack se acocorou e olhou debaixo da cama.

– Tem um alçapão aqui – sussurrou para Amos. – E alguém está batendo.

– Um alçapão no *fundo* de um navio? – indagou Amos.

– Não cabe a nós questionar – disse Jack. – Devemos apenas abri-lo.

Eles pegaram a alça e puxaram a portinhola. Do outro lado da abertura, via-se somente a superfície verde da água. Sob essa superfície, Lea apareceu.

– O que você está fazendo aqui? – quis saber Amos.

– Vim ajudá-los – respondeu ela. – Vocês resgataram dois terços do espelho quebrado. Agora, precisam da última parte.

– Como você chegou aqui? – perguntou Jack.

– Não há nada além da superfície cristalina das coisas a nos separar – disse Lea. – Venham. Se vocês saírem por aqui, podem nadar por baixo do navio.

– Por que faríamos isso? – perguntou Jack.

– Eu tenho um plano – disse Amos.

– Mas vai dar certo mesmo que o homem cinza já esteja no jardim de cores violentas e perfumes complexos, passando por fontes de mármore em cujas bordas cintilam borboletas pretas? – indagou Jack.

– Vai funcionar enquanto o unicórnio prateado ainda estiver protegendo a última peça do espelho e o homem cinza não tiver posto as mãos nela – disse

Amos. – Vamos, mergulhe!

O príncipe mergulhou, e Amos foi atrás.

– Dá para vocês fecharem o bico? – pediu o carcereiro sem abrir os olhos.

No jardim, o homem cinza estava com os óculos escuros bem apertados nos olhos e uma sombrinha cobrindo a cabeça, andando de fato em meio a cores violentas e perfumes complexos e passando por borboletas pretas que cintilavam nas bordas de fontes de mármore cor-de-rosa. Estava quente; o suor pingava e sua cabeça o torturava.

Ele havia caminhado por muito tempo, e mesmo através dos óculos escuros discernia as flores verdes e vermelhas, os frutos roxos nos galhos e os melões alaranjados nas vinhas. No entanto, o mais incômodo de tudo eram os enxames de mosquitos dourados que zumbiam em seus ouvidos. Ele os enxotava com a sombrinha, mas os insetos voltavam logo em seguida.

Depois do que pareceu muito, muito tempo, ele viu o tremeluzir de algo branco e prateado. Ao aproximar-se, viu que era um unicórnio. O animal estava parado na pequena clareira e piscou. Logo atrás dele estava a última peça do espelho.

– Ufa, já não era sem tempo – disse o homem cinza.

Ele começou a caminhar na direção do fragmento, mas assim que pisou na clareira o unicórnio bufou e bateu as patas dianteiras no chão, uma após a outra.

– Só vou pegar aquilo rapidinho, sem maiores alardes – falou o homem cinza.

Mas, quando ele deu um passo à frente, o unicórnio também deu um passo à frente, e o homem cinza viu o chifre afiado do animal encostar no tecido cinza de sua roupa bem na altura de seu umbigo.

– Então, terei que dar a volta – disse o homem cinza.

Mas, quando ele foi para a direita, o unicórnio foi para a direita, e quando foi para a esquerda, o unicórnio o imitou.

Um riso veio do espelho.

O homem cinza espiou por cima dos ombros do unicórnio e, em vez do próprio reflexo, viu no pedaço de espelho o rosto de uma jovem mulher.

– Temo que você jamais conseguirá pegar o espelho – disse ela, em tom alegre. – A não ser que o unicórnio permita, pois ele foi colocado aqui por um mago tão velho, terrível e poderoso que eu e você jamais precisaremos nos preocupar com ele.

– E o que devo fazer para que esse animal teimoso me deixe passar? Responda logo, porque estou com pressa e dor de cabeça.

– Antes você precisa se mostrar digno – disse Lea.

– Como posso fazer isso?

– Você precisa mostrar que é esperto – disse Lea. – Quando ainda não estava presa neste espelho, para testar se eu tinha aprendido bem as lições, minha professora me fez três perguntas. Eu respondi as três, e aquelas três perguntas eram mais difíceis do que qualquer pergunta que um homem ou mulher jamais ouvira. Farei três perguntas dez vezes mais difíceis, e se você responder corretamente, poderá pegar o espelho.

– Pode perguntar – disse o homem cinza.

– Primeira – disse Lea. – Quem está de pé logo atrás de seu ombro esquerdo?

O homem cinza olhou por cima do ombro, mas não viu nada além das cores vívidas do jardim.

– Ninguém – respondeu ele.

– Segunda: quem está de pé logo atrás de seu ombro direito?

O homem cinza olhou por cima do ombro na direção contrária e quase tirou os óculos escuros. Mas achou que não era preciso, pois não viu nada além de uma mistura confusa de cores.

– Ninguém – disse.

– Terceira: o que farão com você?

– Não há ninguém aqui atrás, e não farão nada comigo – replicou o homem cinza.

– Você respondeu errado às três perguntas – declarou Lea, com tristeza.

Alguém agarrou o homem cinza pelo braço direito e alguém o agarrou pelo braço esquerdo, então o derrubaram de costas, giraram-no para que ficasse de barriga para baixo e ataram suas mãos atrás do corpo. Um pegou-o pelo ombro e outro pelos pés, e só pararam pelo tempo necessário para pegar o espelho na clareira, o que o unicórnio permitiu de bom grado, pois não havia dúvidas de que ambos saberiam responder às perguntas de Lea.

Um deles era Amos, que vestia a parte superior do traje do Príncipe do Arco-Íris Distante, exceto por um pequeno retalho da manga e um pedaço da capa carmesim; ele tinha ficado de pé atrás de alguns arbustos verdes, por isso o homem cinza não viu sua calça, que não era tão colorida. O outro era o próprio Príncipe Jack, que estava usando a parte de baixo do traje, exceto pela bota de couro branca; ele tinha ficado de pé atrás de um galho caído, por isso o homem cinza não viu seu corpo da cintura para cima.

Com o espelho a salvo – e eles não esqueceram a sombrinha e os óculos escuros do homem cinza –, levaram-no de volta ao navio. Ao que parecia, o plano de Amos tinha dado certo: os dois haviam conseguido reembarcar no navio e pegar o traje na cabine do homem cinza sem serem vistos, então escapuliram para persegui-lo no jardim.

Mas a partir daquele momento a sorte se voltou contra eles, pois assim que

chegaram à costa os marinheiros os atacaram. O carcereiro finalmente acordara e, ao perceber que os prisioneiros haviam fugido, organizou uma equipe de busca que chegou bem no momento em que Amos e o príncipe voltavam para o barco.

– Feito, refeito e satisfeito! – bradou o homem cinza, triunfante, enquanto Jack e Amos eram levados à prisão mais uma vez.

Dessa vez o alçapão estava pregado e lacrado, e nem mesmo Amos conseguiu pensar em um plano.

– Zarpar em direção à ilha mais cinzenta e sombria do mapa – gritou o homem cinza.

– Zarpar! – gritaram os marinheiros.

– E não me incomodem até chegarmos lá – disse o homem cinza e magro. – Tive um dia ruim hoje, e minha cabeça está explodindo.

O homem cinza levou o terceiro pedaço do espelho a sua cabine, mas estava com dor demais para encaixar os fragmentos. Então, deixou a última peça em cima do baú, engoliu diversas aspirinas e se deitou.

SETE

NA ILHA MAIS CINZENTA e sombria do mapa havia um grande castelo cinzento e sombrio. Degraus de pedra seguiam da praia até a entrada. Aquele era o lar cinzento e sombrio do homem cinza e magro. Na tarde cinzenta seguinte, o navio atracou no início da escadaria, e o homem cinza foi até a porta conduzindo os dois prisioneiros.

Mais tarde, Amos e o príncipe estavam amarrados no saguão do castelo de costas para a parede. O homem cinza deu uma risadinha ao pendurar o espelho com dois terços encaixados. O último pedaço estava na mesa.

– Enfim chegou a hora – disse o homem cinza. – Mas antes, Amos, devo recompensá-lo por ter me ajudado tanto.

Ele conduziu Amos ainda amarrado até uma portinha no muro.

– Ali fica meu jardim de joias. Tenho mais joias que qualquer outro homem no mundo. Eca! Elas me dão dor de cabeça. Vá depressa, escolha sua recompensa. Quando voltar, vou lhe mostrar um homem tendo o momento mais feliz de sua vida. Então, colocarei você *e* as joias no baú com meu mais próximo e querido amigo.

Com a ponta de sua espada cinza e afiada, ele cortou as cordas de Amos, empurrou-o para o jardim de joias e fechou a portinha com força.

Amos perambulou triste em meio às pilhas brilhantes de gemas preciosas, que reluziam e cintilavam. Os muros eram altos demais para serem escalados e circundavam o local. Como era um homem esperto, Amos sabia que havia situações em que pensar em escapar era um desperdício de neurônios. Então, desanimado, pegou um pequeno carrinho de mão que estava no topo de um monte de rubis e começou a encher os bolsos com pérolas. Quando já havia retirado do poço no centro do jardim ouro suficiente para encher um caldeirão, ele colocou as recompensas no carrinho de mão, voltou até a portinha e bateu.

A porta se abriu e, junto ao carrinho de mão, Amos foi empurrado e amarrado outra vez. O homem cinza o levou até o lado do príncipe e colocou o carrinho no centro da sala.

– Em apenas alguns instantes, você verá um homem tendo o momento mais feliz de sua vida – disse o homem cinza e magro. – Mas antes preciso garantir que meu mais próximo e querido amigo também possa testemunhar isso.

Ele foi até o grande baú preto, que parecia ainda maior e mais preto, e parou ao lado; em seguida, abriu quase até a metade com a grande chave de ferro para

que ficasse de frente para o espelho. Mas, de onde Amos e Jack estavam, não era possível ver nada do que havia ali.

O homem cinza pegou o último pedaço do espelho, foi até a parede e encaixou-o.

– Durante a vida inteira, o que eu mais queria para mim e para meu mais próximo e querido amigo era uma mulher digna de um príncipe – declarou ele.

Houve um estrondo e uma luz surgiu no espelho recomposto. O homem cinza deu um passo para trás, e do espelho saiu a bela e digna Lea.

– Ah, que felicidade! – falou, rindo, o homem cinza. – Ela também é cinza!

Lea estava envolta em um manto cinza da cabeça aos pés. Mas logo que as palavras foram proferidas, ela abriu o manto e deixou-o cair no chão.

– Ah, que horror! – gritou o homem cinza, e deu mais um passo para trás.

Sob o manto, ela vestia uma capa escarlate com rubis extravagantes que resplandeciam sob a luz. A mulher abriu a capa escarlate, que também caiu no chão.

– Ah, que tristeza! – bradou o homem cinza, e deu mais um passo para trás.

Pois sob a capa escarlate ela vestia um véu de cetim verde, e topázios amarelos refletiam a luz na bainha. Então, ela arrancou o véu dos ombros.

– Ah, que infortúnio! – guinchou o homem cinza, e deu mais um passo para trás, pois o vestido sob o véu era prateado com detalhes em ouro, e o corpete era de seda azul e estava repleto de safiras.

O último passo fez o homem cinza cair no baú aberto. Ele gritou e tropeçou, o baú virou de lado e a tampa caiu com um estrépito.

Não se ouviu nenhum som.

– Eu esperava que pudéssemos ter evitado essa situação – disse Lea ao se aproximar para desamarrar Jack e Amos. – Mas não há nada que possamos fazer. Nunca poderei agradecê-los o bastante por terem remontado o espelho e me libertado.

– Nem poderemos agradecê-la por nos ajudar – disse Amos.

– Agora posso me olhar no espelho novamente e ver por que sou o Príncipe do Arco-Íris Distante – disse Jack, esfregando os pulsos.

Ele e Lea caminharam até o espelho e olharam para seus reflexos.

– Pois então – disse Jack. – Sou um príncipe porque sou digno de ser um príncipe, e a meu lado está uma mulher digna de ser uma princesa.

No interior da moldura dourada já não se viam seus reflexos, mas uma terra ondulada com campinas verdes e amarelas, casas vermelhas e brancas e, ao longe, um castelo dourado sob o céu azul.

– É a terra do Arco-Íris Distante! – gritou Jack. – É quase como se pudéssemos dar um passo e chegar lá!

Ele começou a avançar.

– E eu? – gritou Amos. – Como faço para voltar para casa?

– Da mesma maneira que nós – disse Lea. – Depois que tivermos partido, olhe-se no espelho e também verá sua casa.

– E isto? – perguntou Amos apontando para o baú.

– Como assim? – disse Jack.

– Bem, o que tem aí dentro?

– Abra e veja – sugeriu Lea.

– Eu tenho medo – disse Amos. – O troço disse coisas tão horríveis e apavorantes...

– Você, com medo? – retrucou Jack, gargalhando. – Você, que me resgatou três vezes na prisão, desbravou o pântano cinza e andou nas costas do Vento do Norte!

Mas Lea perguntou em tom educado:

– O que foi que ele disse? Estudei as línguas dos homens, e talvez possa ajudá-lo. O que ele disse?

– Ah, coisas horríveis – disse Amos. – Como *onvbpmf*, *elmblmpf* e *orghmflbfe*.

– Significa: “Fui colocado neste baú por um mago tão velho, terrível e poderoso que eu e você jamais precisaremos nos preocupar com ele” – contou.

– Depois ele disse *glumphvmr*, *fuffle* e *fulrmp* – disse Amos.

– Significa: “Fui colocado aqui para ser o mais próximo e querido amigo de todas as pessoas cinza e repugnantes que trapaceiam todos que encontram pelo caminho e não gostam de nada colorido que há no mundo.”

– E depois ele disse *orlmnb*, *mlpbgrm* e *grublmeumplefrmp... hic!*.

– Em tradução livre: “Muitas vezes, é difícil cumprir nossas obrigações com a alegria, boa vontade e dedicação que esperam de nós; e no entanto...”

– E quando o homem cinza caiu no baú ele não fez nenhum som – disse Amos.

– O que pode ser traduzido como: “Já cumpri as minhas” – explicou Lea. – Mas é uma aproximação.

– Dá uma espiada no que tem no baú – disse Jack. – No fim das contas, não deve ser nada de tão horrível.

– Se você diz.

Amos foi até o baú, deu a volta nele três vezes com cautela e por fim ergueu a tampa. Ele não viu nada, por isso abriu mais um pouco. Como continuava sem ver nada, abriu tudo de uma vez.

– Ué, não tem nada aqui dentro...

Algo, então, chamou sua atenção bem no fundo do baú, e ele estendeu a mão.

– Um prisma! – disse Amos. – Que incrível! É a coisa mais incrível que já vi.

Mas ele estava sozinho no saguão do castelo. Jack e Lea já haviam partido. Amos correu até o espelho bem a tempo de vê-los caminhando pelas campinas verdes e amarelas em direção ao castelo dourado.

Lea encostou a cabeça no ombro de Jack, e o príncipe virou-se para beijar seus cabelos negros. Amos pensou:

"Aí estão *duas* pessoas tendo o momento mais feliz de suas vidas."

Então a imagem mudou, e ele se viu de frente a uma familiar rua pavimentada à beira-mar, umedecida por causa da chuva. Uma tempestade tinha acabado de cair e as nuvens estavam se dissipando. No fim da quadra, a placa da Taverna dos Marujos balançava ao vento.

Amos correu para buscar seu carrinho de mão, colocou o prisma no topo e empurrou-o até o espelho. Só para garantir, voltou e trancou o baú.

Alguém abriu a porta da Taverna dos Marujos e perguntou em voz alta:

– Por que estão todos tão abatidos nesta tarde em que há um belo arco-íris englobando o mundo todo?

– É Amos! – bradou Hidalga, que saiu correndo de trás do balcão.

– É Amos mesmo! – gritou Billy Belay, que foi mancando atrás dela com sua perna de pau.

Todos os outros na taverna também saíram correndo. Sem dúvida era Amos, e sem dúvida havia um arco-íris que se perdia no horizonte de ambos os lados.

– Por onde você andava? – perguntou Hidalga. – Achamos que você tivesse morrido.

– Você não acreditaria se eu contasse, porque está sempre dizendo que não leva a sério as tagarelices de homem nenhum.

– Qualquer homem capaz de sair de uma taverna à noite sem nada e retornar uma semana depois com esse negócio merece ser levado a sério – disse Hidalga, apontando para o carrinho de mão cheio de ouro e joias.

– Então, case-se comigo – disse Amos. – Sempre achei que você tem um bom senso atípico quando se trata de acreditar ou não nas coisas. Suas últimas palavras acabaram de mostrar que você é digna dessa opinião.

– Eu adoraria – disse Hidalga. – Sempre achei você um homem de inteligência atípica. Seu retorno com esse carrinho de mão acaba de mostrar que *você* é digno *dessa* opinião.

– Também achei que você tivesse morrido depois que saiu correndo daqui com aquele homem cinza e magro e seu grande baú preto – falou Billy Belay. – Ele nos contou histórias horríveis sobre os lugares aonde pretendia ir. E você entrou e partiu com ele sem ter ouvido nada além da recompensa.

– Há ocasiões em que é melhor conhecer apenas as recompensas, e não os perigos.

– E aquela sem dúvida foi uma dessas ocasiões, pois você voltou e agora vamos nos casar – disse Hidalga.

– Bem, então vamos entrar e jogar varetas – sugeriu Billy. – E você nos conta tudo.

Eles voltaram para a taverna empurrando o carrinho de mão.

– O que é isso? – perguntou Hidalga, quando já estavam lá dentro.

Ela pegou o prisma de vidro no topo do carrinho.

– Isso é a outra ponta do Arco-Íris Distante – revelou Amos.

– A outra ponta do Arco-Íris? – indagou Hidalga.

– Lá está aquela ponta – disse Amos, apontando para o lado de fora. – E ali está esta ponta.

Ele apontou para a janela que dava para a calçada.

– E aqui está a outra ponta.

Então, mostrou que ao atravessar o prisma a luz branca se dividia e preenchia as mãos de Hidalga com todas as cores imagináveis.

– Que incrível! – exclamou ela. – É a coisa mais incrível que já vi.

– Exatamente a mesma coisa que eu disse.

Os dois ficaram muito felizes, pois eram ambos bastante inteligentes para saber que, quando um marido e uma mulher concordam em algo assim, é um indício de que terão um casamento feliz e duradouro pela frente.



MEGAN KURASHIGE é uma dançarina que escreve de vez em quando. Eu gostaria que ela escrevesse mais, mas precisaria dançar menos. Aqui ela mostra algumas criaturas estranhas feitas à mão.

Há uma estranha coleção no Museu de História Natural, uma mostra de taxidermia ludibriosa, composta de fraudes criadas para que as pessoas acreditem que são monstros. Mas será que são mesmo fraudes?



A MANTICORA, A SEREIA E EU

Por

Megan Kurashige

ERA UM DIA QUENTE E AZULADO DE AGOSTO quando Matthew e eu fomos ao Museu de História Natural por causa do ar-condicionado. Eu queria ir ao cinema, mas a mãe de Matthew dissera a ele durante o café da manhã que estava encobrindo outro escândalo na Galeria Zoológica. Havia até um texto a respeito no jornal. Matthew tinha recortado o artigo antes de entrarmos no trem e começamos a discutir enquanto ele tentava encontrar o pedaço de papel no bolso traseiro.

– É mais barato que o cinema – disse ele. – Tenho o cartão da minha mãe, então na verdade é de graça. Tem ar-condicionado. Podemos ficar lá o dia inteiro.

Fiz uma careta. Certa vez, quando fomos à praia, Matthew passou a tarde inteira agachado em uma piscina formada pela maré. Enquanto eu perambulava pela areia, torrando devagarinho, ele ficou observando um pequeno caranguejo comer a ponta de uma estrela-do-mar morta. Era como assistir a um filme de terror em câmera lenta, mas Matthew achou aquilo a coisa mais interessante do mundo.

– O cinema tem ar-condicionado – retruquei.

– Sim, mas só ficaríamos lá durante uma hora e meia. No máximo duas.

O sistema de ventilação do trem tinha entregado os pontos e havia uma névoa espessa e úmida se formando no ar. Quando Matthew resgatou do bolso a matéria do jornal, o papel estava gasto e tão enrugado que ele precisou esticá-lo no joelho antes de ler.

“espécime estranho contrabandeado para museu”, dizia o papel. Sob a manchete, uma fotografia granulosa em preto e branco mostrava um texugo empalhado com um par de asas macias e acinzentadas nas costas. A fotografia mostrava uma vitrine, e o reflexo do fotógrafo obscurecia parcialmente o objeto central, mas o rosto do texugo era claramente visível, com lábios sugerindo um rosnado artificial. A legenda sob os pés do texugo classificava-o como “uma

fraude audaciosa”.

– O que diz o artigo? – perguntei.

– Só recortei a foto. É a parte que interessa. De qualquer forma, minha mãe disse que o artigo está errado. O animal não estava de fato em exibição: só o colaram na parede ao lado de uma das peças. Você não quer vê-lo?

– Na verdade, não.

O museu era o tipo de lugar que me dá pequenos arrepios, que sinto na parte de trás do pescoço. Espaços quietos cheios de coisas mortas, todas posando como se estivessem felizes.

– Sua mãe não disse que já tinham se livrado dele?

– Mas temos o cartão dela. Podemos entrar nos fundos e dar uma olhada. Além disso, é minha vez de escolher.

Matthew tirou o cartão do bolso e bateu com ele no nariz que ainda estava queimado do fim de semana anterior, quando fiz com que ficasse horas no parque de diversões para que pudéssemos andar na roda-gigante durante o pôr do sol.

– Está bem – consenti.

No fim de semana anterior, eu cometi um erro e o beijei enquanto estávamos apertados em nosso carrinho, rodeados por um céu vermelho e laranja, e eu não cometeria o mesmo erro outra vez. Sentamos de frente um para o outro no trem, com os joelhos recolhidos para que não se encostassem. Cruzei os braços e Matthew riu. Ele se inclinou tão perto que vi um cílio retorcido que havia se desprendido e estava pendurado em sua bochecha.

O museu estava frio e cheio de sombras. Ao chegarem da rua, onde a luz do sol refletia no chão, meus olhos não decidiam para onde olhar.

– Vamos, por aqui – disse Matthew.

Ele já sabia o caminho. Passamos depressa por mostruários com insetos secos presos em molduras, percorremos um saguão decorado com mapas topográficos, deixamos para trás uma sala iluminada com imensos ossos marrons e atravessamos uma rotunda repleta de dioramas. Havia grupos de visitantes atrás e na frente, todos seguindo na mesma direção. As crianças todas gritavam a mesma coisa:

– O texugo!

– O texugo!

Elas se amontoavam no vão da porta que levava à Galeria Zoológica, abrindo caminho em meio a um ar com traços de naftalina – uma substância química vaga e empoeirada que subia pelo nariz de maneira incômoda até chegar ao cérebro.

– O texugo!

Matthew riu e segurou minha mão. Avançamos pelas margens da multidão, viramos uma esquina e entramos em uma pequena sala que bem poderia ser um armário. Estava vazia, exceto por uma dupla de ornitorrincos australianos expostos ao lado de um ninho com ovos e um homem atarracado em cujo chapéu verde havia um amontoado de penas enfiado sob a aba. As penas lembravam uma isca de pesca.

– Tem alguém aí? – perguntou o homem.

– Ninguém, a não ser a gente – disse Matthew.

– Ótimo.

O homem tirou um pedaço de cartolina de uma sacola de papel, ergueu um bastão de cola, passou-o em um dos lados da cartolina descrevendo curvas extravagantes, então dobrou a cartolina. Depois, pressionou-a na placa que dizia "*Ornitorrinco, ou Ornithorhynchus anatinus*", e passou os dedos para alisar.

– Você não pode fazer isso – falei.

A cola transbordou pelas laterais, e o homem limpou com o polegar.

– Por que não? – perguntou. – Você nunca se cansa de olhar para as coisas do jeito que são?

Matthew apontou dois dedos para mim, imitando uma arma. Ele sempre me dizia a mesma coisa.

– Você não pode fazer isso porque outra pessoa teve todo o trabalho de descobrir o que era essa coisa, dar um nome a ela e escrevê-lo para que todos os outros pudessem saber o que estão vendo – expliquei. – E agora você está estragando tudo.

Empurrei o ombro de Matthew, e a arma fraquejou, esmoreceu e então desapareceu.

– Você podia ao menos ler – disse Matthew.

Li a cartolina. As letras eram muito pequenas.

a história de jenny haniver

Muito tempo atrás, havia uma garota chamada Jenny Haniver que morava à beira do mar. Ela morava só com a mãe, que era velha e cega. Jenny sabia navegar, sabia pescar e tinha os olhos da cor do mar.

A certa altura, um homem se apaixonou por Jenny. Eles teriam se casado e vivido felizes até ficarem velhos. Teriam tido filhos e netos e, em seu último dia de vida, teriam navegado juntos para fora da vida.

Mas antes que isso pudesse acontecer, o homem foi levado por uma onda. Ele teria se afogado, mas Jenny era uma excelente nadadora e o salvou. Em seguida, ela morreu.

A mãe de Jenny embrulhou o corpo da filha em peixes prateados. Costurou-os

com os cabelos que retirou da própria cabeça. Arrancou os olhos deles com um alfinete de prata e sussurrou palavras secretas em seus pequenos ouvidos de peixe.

Jenny Haniver nadou desta para a melhor sem dizer adeus. O homem a observou até que desaparecesse e continuou observando por muitos dias, mas ela havia se tornado outra coisa, algo novo, e nunca mais voltou.

Olhei outra vez para os ornitorrincos após terminar de ler. O homem havia substituído um deles por uma criatura seca e murcha de cabeça bulbosa, peito ossudo e uma cauda de peixe quebradiça e cor de terra. O ornitorrinco ao lado parecia igualmente estranho, uma criatura costurada a partir de diversas partes diferentes.

– Esse é o sr. Jabricot – falou Matthew. – Ele trabalha com a minha mãe.

O sr. Jabricot pressionou o queixo no peito. Ele apertou as mãos, inclinou a cabeça na direção delas e sorriu ao fazer a mesura.

– Sua mãe é uma mulher excelente – disse ele. – Uma mulher de caráter incontestável. É preciso dar o crédito: ela jamais suspeitaria que um empregado faria uma coisa dessas. Mas não é seu caso. Você viraria o lugar de cabeça para baixo antes de aceitar uma verdade tão simples como essa.

Ele se virou para mim e estendeu a mão. Eu a apertei, mas em vez de fechar a palma e sacudir, ele tamborilou nas costas de meus dedos com o polegar.

– Esperta. Moderadamente bonita. Pragmática. Gostou da história?

– Não – respondi.

Não estava com humor para finais tristes, não naquele momento. Esperei Matthew perceber que a conversa estava ficando estranha e que aquele poderia ser um bom momento para sairmos, visto que estávamos apenas matando tempo em uma salinha com um homem que havia acabado de desfigurar uma peça do museu com papel, cola e algo que, mesmo do melhor ângulo, parecia apenas um peixe encalhado no deserto; mas Matthew estava olhando para a coisa ao lado do ornitorrinco à procura de costuras.

– É uma história triste, eu sei – disse o sr. Jabricot. – Mas a maioria das histórias são assim, se as acompanharmos por tempo suficiente. Sabe qual é o nome que damos para uma Jenny Haniver hoje em dia?

Imaginei uma garota, antes morta, nadando com uma pele nova, feita de peixes antes mortos. Ela deslocava a cauda animada, apta a enfrentar os mares.

– Monstro?

– Não, monstro não – disse o sr. Jabricot.

Ele esfregou as pontas dos dedos, como se estivesse tentando sentir a textura dos pensamentos.

– Pode ser parecido, mas não é exatamente isso. Na era moderna, uma Jenny Haniver é o que chamamos de arte taxidérmica ludibriosa. Uma criatura especial conjurada da pele de animas mais simples e menos improváveis. Pedaços de macacos, pedaços de peixes. Basta sugerir, e as pessoas construirão um rol próprio de possibilidades, em que sereias perseguem navios e cantam para afogar marinheiros.

– É melhor a gente ir – disse Matthew.

Ele assobiou, projetando ar atrás de meu pescoço. Era para ser um sinal, um código secreto para quando não podíamos conversar, mas Matthew estava sempre mudando as regras sobre o significado das coisas.

– Minha mãe vai nos pegar.

Sentamos no trem. Ainda estava quente. Matthew apoiou Jenny Haniver no colo. A luz clara e escaldante do sol atravessava as janelas e incidia sobre a criatura falsa, ressaltando seu rosto contorcido e dissecado e a cauda esfacelada.

Eu não acreditava que ele tinha roubado aquele troço.

– Foi fácil – disse ele. – Segurei-a atrás das costas e, quando saímos, passei para a frente do corpo.

– Mas por quê? – perguntei.

Ele queria ver como era feita. Queria encontrar todas as costuras e abri-las, remover os tecidos e revelar o que estava escondido. O sr. Jabricot, disse ele, era um gênio, e Matthew não entendia nem metade – nem mesmo um quarto! – das coisas que ele fazia. Estava segurando a criatura ao falar, e peguei-a de suas mãos; caso contrário, ele ficaria sacudindo aquela coisa no ar e atrairia olhares para onde eu estava sentada com um item roubado apoiado nos joelhos. Fiquei surpresa com sua leveza e límpida perfeição. Se havia costuras, era impossível vê-las. Olhando de perto, parecia impossível que alguém a tivesse feito. Parecia mais morta do que algo morto.

– Não a desmonte – pedi.

Matthew parou de falar. Nós dois olhamos para a bela, ressecada e impossível criatura.

– Não farei isso hoje – disse ele. – Teremos que deixá-la na sua casa. Se minha mãe encontrá-la, coisas ruins acontecerão.

– Ela vai descobrir o que houve com o sr. Jabricot.

– Ela vai nos banir do museu.

– Ela vai deixar você de castigo.

– Ela vai dizer que sou má influência.

– Ela vai nos proibir de ser amigos.

Nossa lista de coisas ruins acabou antes de chegarmos a minha parada.

Meus pais não repararam na Jenny Haniver. Levei-a para meu quarto enquanto minha mãe estava na cozinha e meu pai zapeava entre diferentes versões do noticiário. Tivemos um ótimo jantar: macarrão e sorvete com uma conversa sobre encanamentos e vizinhos, repleta de gente que não conheço de fato, que entrou por um ouvido e saiu pelo outro.

– Como vai Matthew? – perguntou minha mãe.

Ela reservava o momento de lavar a louça para conversar comigo sobre coisas que julgava importantes. Ela esfregou o molho de tomate de um prato.

– Bem – respondi enquanto juntava os copos.

– Vocês já se conhecem há um bom tempo.

– É.

Sequei uma tigela com o pano e pensei um pouco na criatura enfiada debaixo de minha cama e na maneira como Matthew havia olhado para ela, como se fosse o tipo de coisa que se vê todos os dias, como se entendesse o encaixe das peças. Cotidiano. O de sempre.

– Bom – disse minha mãe.

Ela se virou para o processador de lixo e ligou o aparelho, que ficou rugindo em meio à cozinha.

– Espero que vocês estejam se divertindo.

No meio da noite, a criatura me acordou. Eu a sentia deitada debaixo da cama emitindo pensamentos nauseados de ondas de ponta-cabeça e vultos úmidos com filamentos dentados se embrenhando pelo colchão e para meus sonhos. Saí de baixo das cobertas e me agachei até estar com os joelhos encostando no chão.

– Vai dormir – falei.

Voltei para a cama e me senti muito boba.

No meio de um sonho que envolvia o lado de baixo das ondas e sombras dentadas, eu carregava a criatura até o banheiro. Ela precisava de água, conforme me disse. Fechei a porta, desliguei a luz e enchi a banheira.

Não muito frio, ela disse.

E eu disse: por favor?

Ela respingou água em mim quando a soltei, uma forma pálida que afundou e então ficou de lado de maneira brusca, inchando e tornando-se mais graciosa ao nadar em círculos na banheira. As escamas de um cinza-prateado eram lustrosas, e o corpo era salpicado de preto do topo da cabeça até as pontas das nadadeiras espiraladas e flexíveis. Quando ela nadava, o preto se amontoava e transformava-se em uma nuvem de cabelos esvoaçantes. A criatura revirou-se na banheira e cuspiu água em minhas bochechas já roliças.

Isso, ela disse, é o equivalente a rir. De você. Precisa ver sua cara.

No meio de um sonho em que eu secava a água do rosto, Jenny Haniver debruçava os braços nas laterais da banheira e me perguntava se eu acreditava em monstros.

– Há muitos tipos diferentes – disse ela. – Tem os que se parecem com o que são, como eu, e os outros. É difícil determinar qual é mais perigoso. Acho que há bons argumentos de ambos os lados.

Ela tirou o braço da banheira e o olhou como se estivesse admirando a maciez da pele. Em seguida, estendeu o braço, pinçou alguns fios de cabelo e arrancou-os de minha cabeça.

– Ah! – exclamei.

Aquilo era mais do que eu estava disposta a aguentar. Eu mataria Matthew se o visse outra vez. Iria atirá-lo da roda-gigante, iria fazê-lo ser devorado por caranguejos, alimentaria o ornitorrinco com seu corpo, iria denunciá-lo para o museu ou para a mãe dele, iria deixá-lo sozinho – completamente sozinho – com um pedaço seco de peixe e um pedaço de macaco unidos para formar um novo monstro.

Jenny Haniver tirou algo fino e pontudo do cabelo. Era uma agulha curva em uma das extremidades e reta na outra. Ela enrolou um fio de cabelo meu na agulha e apontou para um espaço na lateral de seu corpo, onde uma fissura aparecera e uma costura se desfizera, embora não houvesse nada transbordando.

– Gasta com o tempo – disse ela. – É sempre bom lembrar.

Quando acordei, a banheira estava vazia. Havia cheiro de peixe e um tufo de cabelos pretos e longos ao redor do ralo. Havia poças no chão. Ajeitei tudo antes que meus pais saíssem da cama.

A voz de Matthew saiu do telefone e atingiu meus ouvidos.

– Você precisa vir aqui! O sr. Jabricot tem coisas novas para um experimento. Ele disse que podemos assistir. Podemos ajudar. Podemos ser as primeiras pessoas a ver. Você tem ideia de como isso é incrível?

Eu escutava sua respiração pesada através do telefone, expirando muito, suspiros que mandavam assobios através da linha. Eu tinha certeza absoluta de que aquilo não era um código para nada, a não ser para o fato de que Matthew desmaiaria de emoção se fosse deixado sozinho.

– E Jenny Haniver? – perguntei.

Como você diz para um amigo que seu tesouro roubado saiu caminhando sozinho enquanto você dormia? Ou se arrastou por aí sobre dois braços enquanto

debatia a cauda retalhada? Como você diz isso para qualquer pessoa?

– Não se preocupe. O sr. Jabricot sabe de tudo. Ele nos acha hilários.

Matthew riu, e escutei mais alguém rindo atrás dele.

– Vamos lá. Venha logo.

Como falar com a pessoa que você considerava seu melhor amigo no mundo?

– Claro – respondi.

O sr. Jabricot me deixou entrar por uma porta simples nos fundos do museu. Atrás dela havia um corredor desinteressante, e segui o sr. Jabricot através dele. Passamos por portas em sua maioria fechadas. Ele estava usando o chapéu verde outra vez e uma jaqueta de tweed marrom com retalhos nos cotovelos. Lembrava um professor ou bibliotecário e, por algum motivo, a semelhança me deu vontade de rir.

– E Jenny Haniver? – perguntou ele. – O que você acha da história dela agora?

– É a mesma coisa – falei. – Ela é costurada. Vira um monstro. Vai embora.

– Acho que você está precisando de um pouco de inspiração.

O sr. Jabricot produziu dois estalos roucos na garganta.

– Ou está mentindo. A moral da história é: não é possível ver algo, a não ser que vejamos essa coisa dentro de outra pele. Seu amigo não percebe isso, mas presumo que você seja mais inteligente do que ele.

Ele deu um tapinha em meu ombro.

Concluí que eu estava mentindo, mas não havia percebido isso até ele mencionar a possibilidade. Eu estava prestes a me desculpar, mas o sr. Jabricot abriu a porta no fim do corredor. A sala estava fria e cheirava a emplastro, produtos químicos e um aroma cáustico e incômodo de desinfetante. Havia prateleiras repletas de ferramentas e garrafas e caixas cheias de retalhos macios que pareciam pelagens. Matthew estava sentado à ponta de uma mesa comprida esquadrinhando uma bandeja cheia de olhos de vidro avulsos.

– Esse é o escritório do sr. Jabricot. Minha mãe nunca entra aqui. Ela acha assustador.

Matthew ergueu um olho liso de ouro com uma ranhura na pupila até a altura do rosto.

– Para mim, é a sala mais deslumbrante do mundo. Sempre que venho aqui, me sinto como se fosse ser nocauteado pela empolgação.

Sentei à mesa ao lado dele. O sr. Jabricot se deslocou pela sala, devolvendo caixas às prateleiras e varrendo as superfícies expostas com um pincel seco. Pelos e poeira caíam no chão.

– Você trabalha mesmo aqui? – perguntei.

– É claro. Eu cuido dessa coleção. Remendo o dano das traças, encaixo olhos

soltos, pinto as listras e bolinhas quando começam a desaparecer. No tempo que sobra, faço todo o resto.

– Como Jenny Haniver? – indaguei. – E o texugo?

Perguntei-me se o texugo havia sido colocado em um depósito, jogado fora ou estava em algum lugar do lado de fora, andando a esmo pelas salas sobre as patas ágeis de unhas pretas.

– Sim – disse o sr. Jabricot. – E tem a coisa nova em que estou trabalhando. A que gostaria de lhe mostrar.

Ele foi até um armário na lateral da sala, mas Matthew saíra da mesa e estava à frente dele abrindo portas e juntando nos braços um monte de pele de zibelina e uma pilha rósea e escorregadia de pelagens com alguns pedaços se estendendo até o chão e terminando em algo que se arrastava e chacoalhava. Ele alcançou aquilo para mim, deu meia-volta, enfiou os braços e a cabeça ali dentro, emergindo logo depois vestindo o casaco de pele.

– É uma manticora – anunciou.

Ele sorriu com tanta força que seu rosto reluziu nos pontos da bochecha e do queixo onde a pele esticou. Era só Matthew vestindo um casaco de peles. Um casaco de peles com um par de patas penduradas nas mangas e outro caído no chão. A roupa tinha um rabo triste e danificado com um espinho preso na ponta e um colarinho macio que subia até a altura das orelhas.

– Você está ridículo – falei.

Matthew revirou os olhos.

– Uma manticora tem corpo de leão, cabeça de homem e rabo de dragão – disse o sr. Jabricot.

Ele tinha na mão uma agulha curva em uma das extremidades e reta na outra, que enrolou em algo comprido e preto. Matthew pegou outra agulha e os dois começaram a costurar, um a partir de cima e o outro a partir de baixo.

– A voz dela soa terrível, como uma dúzia de trompetes – falou Matthew. – A boca é repleta de dentes, três fileiras deles, como um tubarão.

Conforme os dois costuravam, o casaco foi encolhendo. Grudou nas costas de Matthew, ajustou-se nas pernas e puxou tanto os ombros para a frente que o obrigou a inclinar-se, depois a ajoelhar-se e por fim a apoiar-se nas quatro patas. As patas rasparam o chão.

Eles costuraram e costuraram. Pedi que parassem.

Parem, falei. Seja lá o que estão fazendo, é uma idiotice. Não acredito nisso, insisti. Por que o rabo está chicoteando? Não acredito que me tornei tão imbecil. Vou fechar os olhos e, quando os abrir, não estarei aqui, vocês não estarão aqui, nada disso terá acontecido.

Eles não me ouviram.

A voz de uma manticora soava exatamente como uma dúzia de trompetes, caso essa dúzia de trompetes estivesse tocando doze números de jazz diferentes e todos os músicos fossem surdos e seguissem tempos diferentes.

Abri os olhos.

A manticora estava sobre o sr. Jabricot. As patas estavam enfiadas no casaco de tweed marrom e o rabo balançava em arcos que reduziam o mundo a nada além do espinho venenoso na ponta. A manticora arrancou o chapéu da cabeça do sr. Jabricot, e vi que ele era careca no topo da cabeça, onde havia um círculo de carne reluzente e vulnerável circundado de cabelo ralinho, tão uniforme quanto os pelos de um rato.

– Ah, não! – disse o sr. Jabricot. – Ah, não! Ah, não! Ah, não!

A boca da manticora era repleta de dentes, três fileiras amareladas, e o monstro rangeu todos ao estudar as partes macias e delicadas do homem deitado sob suas patas. Os doze trompetes gritaram, e o sr. Jabricot tapou os ouvidos.

Os dentes no rosto de Matthew eram horríveis. Escancaravam tanto a boca dele que os lábios já não se fechavam. Espremiam o nariz e pressionavam o queixo para baixo a fim de acomodar as três dentições, alterando assim o formato do rosto. Ele não conseguiria gargalhar, sorrir ou erguer os lábios no canto da boca diante daquilo que o atraía mais do que qualquer outra coisa na sala.

– Tire isso – falei.

Avancei e agarrei a pele de manticora. Puxei-a em minha direção, ou talvez ela tenha me puxado na sua. Não sei ao certo, porque o sr. Jabricot se ergueu do chão e saiu correndo da sala. Ele estava soluçando; escutei mesmo em meio aos trompetes tinindo, as portas batendo e as vozes de pessoas vindas de diversas salas. Enfiei os dedos em uma abertura, já arrebentando-a e puxando em direções opostas. Rasguei-a e a manticora mordeu meu braço.

– Pare com isso – ordenei.

A manticora me ignorou, então ignorei os dentes afundando em meu braço, o cheiro de sangue, a dor contínua e o sofrimento excruciante e encontrei outra abertura, que também rasguei.

A manticora começou a se desfazer. Faixas compridas descascaram da pelagem. Os dentes caíram um por um. Ela soltou meu braço e correu em direção à porta, uivando com uma voz esganiçada que se parecia cada vez menos com um rugido.

Meus braços estavam sangrando, então dei alguns pontos. Havia agulhas em um armário, e utilizei um fio de cabelo de minha própria cabeça. Doeu mais do que eu pensava, mas menos do que ser mordida por uma manticora. Sarou em uma

semana, e, quando minha mãe perguntou o que havia acontecido, eu disse que havia sido arranhada por um gato.

– Precisa de algum antibiótico? – perguntou ela.

Eu disse que achava que não. Não era nada perigoso; além disso, já estava quase sarando.

Matthew ficou de castigo. Foi encontrado em um quartinho do museu, dormindo sobre as sobras de um espécime caríssimo – uma pele metade leão e metade tigre que o sr. Jabricot havia sido designado para preparar com o objetivo de incluí-la em uma exposição de híbridos raros do mundo. A mãe dele fez um pedido de desculpas formal para os dirigentes do museu e tentou se demitir, motivada pela vergonha, mas imploraram que ela voltasse, contanto que Matthew nunca mais fosse ao museu.

Ainda não decidi o que direi a ele. Acho que talvez ainda seja meu melhor amigo.

A cicatriz em meu braço é bem fina e fraca. Tem mais ou menos o tamanho de um fio de cabelo e faz três curvas entre o ombro e o cotovelo. Às vezes, em tardes quentes e silenciosas, saio sozinha e olho para ela sob a luz do sol.

Nessas raras ocasiões eu canto.

Um trompete, só um, soa muito agradável quando encontra o tom certo. Se você tiver sorte, um monstro também.



É o segundo conto com lobisomens neste livro. Se amo lobisomens (e eu amo), é porque li este conto, com um professor, um mago, espiões nazistas e atrizes de Hollywood, em uma idade em que essas coisas causam um impacto duradouro. É uma história muito boba de um escritor e editor muito bom, ANTHONY BOUCHER.

O prof. Lobato Lobo, sem sorte no amor, afoga as mágoas em um bar quando é informado por um mago que seu destino não é ser professor, e sim lobisomem. Detetives, espiões, secretárias astutas... Nem preciso dizer que as coisas não saem de acordo com o planejado.



O LOBISOMEM CABAL



O PROFESSOR LEU O RECADO:

Não seja bobo
– Gloria

Alberto Lobato Lobo amassou o pedaço de papel em uma bolinha amarelada e o atirou pela janela em direção ao sol primaveril do campus. Ele proferiu diversos comentários profanos em seu alto-alemão médio fluente.

Emily ergueu os olhos da máquina de escrever onde digitava o orçamento proposto para a biblioteca do departamento.

– Perdão, prof. Lobo, acho que não entendi. Não sou muito boa nessa variação do idioma.

– Só estou improvisando um pouco – disse Lobo.

Ele jogou pela janela uma cópia da *Revista de Filologia Inglesa e Germânica* atrás do telegrama.

Emily se levantou.

– Alguma coisa está errada. O comitê rejeitou sua monografia sobre Hager?

– Aquela contribuição monumental à sabedoria humana? Ah, *não*. Nada de tão importante.

– Mas você está tão aborrecido...

– Você parece esposa do escritório! – bufou Lobo. – E ainda por cima poliândrica, com o escritório inteiro nas mãos. Vá embora.

O rostinho escuro de Emily se iluminou com uma chama de raiva justificada, eliminando qualquer traço de serenidade.

– Não fale comigo desse jeito, sr. Lobo. Só estou tentando ajudar. E não é o departamento inteiro, é...

O prof. Lobo pegou um tinteiro, procurou o telegrama e a *Revista*, então apoiou o pote de vidro na mesa outra vez.

– Não. Há maneiras melhores de surtar. É mais fácil afogar tristezas do que arrebentá-las no chão. Peça para Herbrecht me substituir na reunião das duas horas, pode ser?

– Aonde você vai?

– Para os círculos do inferno. Até logo.

– Espere. Talvez eu possa ajudar. Lembra quando o reitor pulou no seu pescoço por ter servido bebida para os alunos? Talvez eu possa...

Lobo, parado no vão da porta, estendeu o braço de maneira acintosa e apontou com o indicador, que tinha o mesmo comprimento do dedo médio.

– A senhora é indispensável em termos acadêmicos. É nossa base de sustentação, e é quem garante a existência deste departamento. Mas, no momento, o departamento que vá para o inferno, onde indubitavelmente seus serviços continuarão necessários.

– Mas você não vê que...

A voz de Emily vacilou.

– Não. É claro que não. Você jamais veria. Você é apenas um homem. Não, nem sequer um homem. Você é apenas o prof. Lobo. Você é o Auuuuuberto.

Lobo ficou desconcertado.

– Sou o quê?

– Auuuuuberto. É assim que todos lhe chamam por causa do sobrenome Lobo. Todos os seus alunos, todo mundo. Mas você não repararia em algo assim. Ah, não. Auuuuuberto, é isso que você é.

– Esse é o golpe de misericórdia – disse Lobato Lobo. – Meu coração está se despedaçando, meu mundo está caindo. Preciso sair do campus e caminhar por mais de um quilômetro para encontrar um bar; mas nada disso é suficiente. Preciso ser chamado de Auuuuuberto. Adeus!

Ele se virou e ao passar pela porta esbarrou em um corpo que cedeu passagem e proferiu um resmungo que pode ter sido uma saudação, dizendo “Lobato!”, mas era mais provável que fosse um “Cuidado” abafado.

Lobo voltou para a sala e convidou o prof. Temente a entrar junto com a pança, o pincenê, a bengala e todo o resto. O velho bamboleou até a escrivaninha, sentou-se na cadeira com um baque e deu um grande suspiro.

– Ah, meu garoto – arfou ele. – Quanta impetuosidade.

– Desculpe, Oscar.

– Ah, a juventude...

O prof. Temente mexeu nos bolsos em busca de um lenço, não encontrou nenhum e começou a polir o pincenê na gravata um tanto desfiada.

– Mas por que toda essa pressa para partir? E por que Emily está chorando?

– Ela está chorando?

– Está vendo? – disse Emily, sem esperanças, e murmurou “Auuuuuberto” em seu lenço úmido.

– E por que cópias da RFIG voaram por cima de minha cabeça enquanto eu andava pelo campus? Agora temos teletransporte à disposição?

– Desculpe-me – repetiu Lobo com rudeza. – Eu me exaltei. Não consegui suportar a ridícula argumentação de Glocke. Adeus.

– Só um momento.

O prof. Temente enfiou a mão em um de seus inúmeros bolsos e tirou de lá um pedacinho de papel amarelo.

– Isso é seu, não é?

Lobo arrancou o papel de suas mãos e transformou-o em confete em um instante. Temente deu uma risadinha.

– Eu me lembro tão bem de quando Gloria estudava aqui! Estava pensando nisso ontem à noite, quando a vi no *Moonbeams and Melody*. Ela deixou mágoas por todo o departamento! Por Deus, meu jovem, se eu mesmo fosse mais novo...

– Estou indo embora. Você vê isso com Herbrecht, Emily?

Emily fungou e assentiu.

– Ora, Lobato.

A voz de Temente estava mais séria.

– Eu não quis aborrecê-lo – acrescentou. – Mas você não deve levar essas coisas a sério demais. Há maneiras melhores de buscar consolo do que perder as estribeiras ou se embebedar.

– E quem falou em...

– E precisa dizer? Não, meu jovem, se você fosse... você não é um homem religioso, é?

– Graças a Deus, não – disse Lobo, de maneira contraditória.

– Se ao menos você fosse... Se me permite fazer uma sugestão, Lobato, por que você não aparece no templo hoje à noite? Teremos um culto especial. Isso pode te distrair de Glo... de seus problemas.

– Obrigado, mas não. Sempre tive a intenção de visitar seu templo. Escutei os piores rumores a respeito dele. Mas não hoje à noite. Fica para a próxima.

– Hoje seria especialmente interessante.

– Por quê? O que há de tão especial em uma celebração no dia trinta de abril?

Temente balançou a cabeça grisalha.

– É impressionante como um acadêmico pode ser ignorante em relação às coisas de fora do seu campo... Mas você sabe onde fica, Lobato; espero vê-lo por lá hoje à noite.

– Obrigado. Mas meus problemas não precisam de soluções sobrenaturais. Um pouco da malvada deve resolver, e não me refiro a nenhuma bruxa. Até logo, Oscar.

Ele já estava passando pela porta quando, após pensar um pouco, emendou:

– Até logo, Emily.

– É tanta impetuosidade e precipitação... – murmurou Temente. – A juventude é uma maravilha de se viver, não é mesmo, Emily?

Emily não disse nada. Apenas mergulhou na tarefa de digitar a proposta de orçamento como se todos os demônios do inferno estivessem atrás dela, pois diversos deles estavam mesmo.

O sol estava se pondo, e o relato trágico de Lobo sobre suas agruras havia se mostrado fogo de palha. O funcionário do bar havia lustrado todos os copos do boteco, e mesmo assim a história repetitiva continuava a ser derramada. Ele foi tomado por um nível inédito de tédio até mesmo para alguém daquele ramo, mas também por uma admiração profissional frente àquele cliente capaz de ingerir bebidas de alto teor alcoólico sem dar trégua.

– Já contei da vez em que ela foi reprovada nas provas parciais? – perguntou Lobo, com truculência.

– Só três vezes – disse o barman.

– Está bem, vou contar. Vossintende, não costumo fazer coisas desse tipo. Étiquia pofizional é algo que tenho. Mas o caso era diferente. Não era alguém que não sabe simplesmente porque não sabe; era uma garota que não sabia porque não era o tipo de garota que precisa saber o tipo de coisa que uma garota precisa saber se é o tipo de garota que precisa saber esse tipo de coisa. Vossintende?

O barman lançou um olhar calculista na direção do homenzinho roliço que estava sentado na outra extremidade do balcão deserto, cuidando com carinho de sua gim-tônica.

– Ela me fez perceber isso. Ela me fez perceber dirvessa coisas e ainda consigo ver as coisas que ela me fez ver essas coisas. Não era só um professor apaixonado pela aluna, vossintende? Era diferente. Era marvioso. Era como uma vida nova, tipo.

O barman andou até o fim do balcão.

– Meu amigo – sussurrou ele com suavidade.

O homenzinho de barba esquisita ergueu os olhos da gim-tônica.

– Diga, colega.

– Se eu escutar aquele professor bebum por mais cinco minutos, vou começar a quebrar o bar. O que você acha de dar uma chegadinha ali e me substituir um

pouco, hein?

O homenzinho olhou para Lobo e fixou o olhar na mão que segurava o copo alto de bebida.

– Será um prazer, colega.

Ele assentiu.

O barman deu um suspiro de alívio.

– Ela era Jovem.

Lobo falava com o olhar atento no local onde o barman estivera antes.

– Mas não era só isso. Ela era diferente. Ela era Vida e Empolgação e Alegria e Êxtase e essas coisas. Vossin...

Ele interrompeu e olhou para o espaço vazio.

– *In-creditável* – comentou. – Bem diante dos meus olhos. *In-creditável*.

– O que você dizia, meu amigo? – perguntou o homenzinho roliço no banco adjacente.

Lobo se virou.

– Ah, aí está você. Já contei de quando fui até a casa dela para corrigir um trabalho?

– Não. Mas tenho o pressentimento de que você vai me contar.

– Comsessabe? Bem, naquela noite...

O homenzinho bebeu devagar; mas o copo já estava vazio quando Lobo terminou o relato de uma tarde de flertes vãos. Outros clientes estavam entrando, e mais ou menos um terço do balcão já estava cheio.

– ... e desde então...

Lobo interrompeu sua fala de maneira brusca.

– Ei, não é você! – objetou.

– Acho que sou, colega.

– Mas você é um barman e *você* não é um barman.

– Não. Eu sou um mágico.

– Ah. Isso explica tudo. Agora, como eu estava dizendo... Ei! Sua careca é barba.

– Perdão?

– Sua careca é barba. Assim como a cabeça. É só um fio dandavolta.

– Eu gosto desse jeito.

– E seu copo está vazio.

– Está tudo bem.

– Ah, não está. Não é todas as noites que você tem a chance de beber com um homem que galanteou Gloria Garton e foi rejeitado. É uma ocasião digna de comemoração.

Lobo bateu forte no balcão e ergueu dois dedos.

O homenzinho reparou que eles tinham o mesmo comprimento.

– Não – disse ele, em voz baixa. – Acho melhor passar essa. Conheço meus limites. Se eu beber outro... bem, certas coisas podem acontecer.

– Deissacontecê.

– Não. Por favor, colega, é melhor...

O barman trouxe as bebidas.

– Mande ver, meu amigo – sussurrou ele. – Mantenha esse cara quieto. Fico lhe devendo um favor.

Relutante, o homenzinho bebeu um gole de sua nova gim-tônica.

O professor tomou um gole de seu enésimo trago.

– Meu nome é Auuuuuberto – proclamou. – Muitas pessoas me chamam de Alberto Lobato Lobo. Eles acham engraçado. Mas na real é Auuuuuberto. Quéosseu?

O outro homem parou por um momento para decifrar aquela palavra que parecia egípcia, então disse:

– O meu é Ozymandias, o Grande.

– Que nome engraçado.

– Já disse, sou mágico. Só que estou há muito tempo sem trabalhar. Gerentes de teatro são muito peculiares, colega. Eles não querem mágicos de verdade. Nem me deixam mostrar os melhores números. Eu me lembro de uma noite em Darjeeling...

– É um prazer conhecê-lo, senhor... senhor...

– Pode me chamar de Ozzy. É como me chama a maioria das pessoas.

– É um prazer conhecê-lo, Ozzy. Agora, falando nessa garota. A Gloria. Vossintende, némezmo?

– Claro que sim, colega.

– Ela acha que ser professor de alemão não é nada. Ela quer algo glamoroso. Disse que se eu fosse ator ou policial... Vossintende?

– É claro, colega.

Ozymandias, o Grande, assentiu.

– Tãotá. Então vossintende. Beleza. Mas então porquéquivozê fica falando nisso? Vossintende. É isso. Que se dane.

O rosto redondo e maltratado de Ozymandias se iluminou.

– Beleza – disse ele, e acrescentou de maneira imprudente: – Um brinde a isso.

Eles bateram os copos de leve e beberam. Lobo fez um brinde despreocupado em baixo-frâncico antigo com um erro imperdoável no emprego do genitivo.

Os dois homens ao lado começaram a cantar “My Wild Irish Rose”, mas a iniciativa morreu e os dois ficaram inconsoláveis.

– O que nos falta é um tenor – disse um deles, que estava de chapéu-coco.

– O que me falta é um cigarro – resmungou Lobo.

– Claro – disse Ozymandias, o Grande.

O barman estava servindo cerveja bem na frente deles. Ozymandias se esticou para o outro lado do balcão, tirou um cigarro aceso da orelha do barman e entregou-o a seu acompanhante.

– De onde isso surgiu?

– Não sei ao certo. Só sei como consegui-los. Já disse que sou um mágico.

– Ah. Claro. Um prestidididitador.

– Não, não um prestidigitador. Eu disse mágico. Ah, maldição! Fiz de novo. Se passo da primeira gim-tônica já começo a ficar exibido.

– Não acredito – disse Lobo com tranquilidade. – Mágicos não existem. Isso é tão bobo como Oscar Temente e seu templo. Aliás, o que trinta de abril tem de tão especial?

O homem barbado franziu o cenho.

– Por favor, colega. Melhor esquecermos isso.

– Não. Não acredito. Você prestidididitou esse cigarro. Você não o magicou.

Ele começou a erguer a voz.

– Você é uma farsa.

– Por favor, irmão, mantenha esse cara quieto – sussurrou o barman.

– Beleza – disse Ozymandias, em um tom cansado. – Vou mostrar uma coisa que não tem como ser prestidigitação.

A dupla adjacente aos dois havia começado a cantar outra vez.

– Eles precisam de um tenor. Tá bem, escute só!

O tenor mais suave e inefavelmente irlandês jamais ouvido se juntou ao dueto. Os cantores não se importaram com a origem da voz; apenas aceitaram a novidade de bom grado e se viram incitados a dar o melhor de si. Como resultado, o bar escutou a melhor harmonia desde a noite em que o teatro de musicais ali perto promovera uma demissão em massa.

Lobo assistiu àquilo impressionado, mas sacudiu a cabeça.

– Isso também não é mágica. É ventriloquia.

– Para ser exato, era um cantor de rua assassinado na Rebelião de Páscoa. Foi um bom rapaz; nunca escutei uma voz melhor, exceto naquela noite em Darjeeling, quando...

– Farsa! – disse Lobato Lobo, em um tom alto e beligerante.

Mais uma vez, Ozymandias contemplou aquele longo dedo indicador. Ele olhou para as sobrancelhas marrons do professor, que se juntavam no centro do rosto e formavam uma linha reta sobre o nariz. Ele pegou a mão flácida de seu interlocutor no balcão e escrutinou a palma. Os pelos não eram tão acentuados,

mas eram perceptíveis.

O mágico gargalhou:

– E você desdenha da mágica.

– Quiqué tão engrazado deu desdenhar da mágica?

Ozymandias falou mais baixo.

– Porque, meu caro e peludo amigo, você é um lobisomem.

O mártir irlandês havia começado “Rose of Tralee”, e os dois mortais se juntaram a ele bravamente.

– Eu sou o quê?

– Um lobisomem.

– Mas isso não existe. Qualquer idiota sabe disso.

– Idiotas sabem muitas coisas que os sábios desconhecem – disse Ozymandias. – Lobisomens existem. Sempre existiram, e é provável que sempre existirão.

Ele falou com toda a calma e convicção possíveis, como se estivesse dizendo que a Terra era redonda.

– E há três sinais físicos infalíveis: monocelhas, dedo indicador longo e pelos na palma da mão. Você tem as três. Até mesmo seu nome é um indicativo. Os sobrenomes não vêm do nada. Todo Ferreira tem algum ancestral que foi ferreiro em algum lugar. Todo Sardinha vem de uma família que já foi de pescadores. E seu sobrenome é Lobo.

A afirmação foi tão calma e era tão plausível que Lobo titubeou.

– Mas um lobisomem é um homem que se transforma em lobo. Eu nunca fiz isso. Juro que não.

– Um mamífero é um animal que mantém seus filhos vivos e os amamenta – disse Ozymandias. – Mas uma virgem não deixa de ser um mamífero. Só porque você nunca se transformou não quer dizer que você seja menos lobisomem.

– Mas um lobisomem... – De repente, os olhos de Lobo se iluminaram. – Um lobisomem! Mas isso é ainda melhor do que ser um policial! Agora posso mostrar para Gloria!

– De que diabos você está falando, colega?

Lobo estava descendo do banco. A empolgação intensa vinda de sua nova ideia brilhante parecia ter-lhe devolvido a sobriedade. Ele agarrou a manga do homenzinho.

– Venha comigo. Vamos encontrar um lugar bom e calmo. E você vai provar que é um mágico.

Ozymandias terminou sua gim-tônica e afundou nela quaisquer resquícios de hesitação arrependida.

– Colega, vamos nessa! – anunciou ele.

De pé atrás do púlpito com curiosos entalhes no Templo da Negra Verdade, o prof. Temente terminou a leitura de sua oração aos murmúrios.

– E, nesta noite de todas as noites, em nome da luz negra que brilha nas trevas, nós agradecemos!

Ele fechou o livro de pergaminhos encadernados e encarou a pequena congregação, clamando com intensidade feroz:

– Quem deseja agradecer ao Senhor lá de Baixo?

Uma viúva almofadada se levantou.

– Eu agradeço! – guinchou ela, empolgada. – Minha Ming Choy estava doente, quase à beira da morte. Tirei um pouco do sangue dela e ofereci para o Senhor de Baixo, e ele teve piedade e devolveu a saúde dela!

Atrás do altar, um eletricista checou os interruptores e cuspiu com desgosto no chão.

– Vermes. Todos eles!

O homem que sofria debaixo de uma fantasia horrível deu de ombros.

– Eles pagam uma boa grana. E daí se são vermes?

Um homem magro, alto e velho havia ficado de pé sem muita firmeza.

– Eu agradeço! – bradou ele. – Agradeço ao Senhor de Baixo por ter concluído meu grande trabalho. Meu painel de proteção contra bombas magnéticas é um sucesso testado e aprovado, para a glória de nosso país, da ciência e do Senhor.

– Doidão – resmungou o eletricista.

O homem fantasiado espiou o altar.

– Doidão mesmo, caramba! É Chiswick, do departamento de física. Imagina um homem desses participando desse troço! Escute só: ele está falando até dos planos do governo para a instalação. Sabe, aposto que um quinta-coluna poderia aproveitar o que se escuta aqui.

Depois que a congregação terminou de agradecer, o templo ficou em silêncio. O prof. Temente se inclinou sobre o púlpito e falou com calma e espanto.

– Como vocês sabem, irmãos das Trevas, esta é a noite de Véspera de Maio, trinta de abril, a noite consagrada pela Igreja ao mártir e missionário São Walpurgis e, por nós e outros, a fins mais profundos. É nesta noite, e apenas nesta noite, que devemos agradecer diretamente ao próprio Senhor de Baixo. Não através de uma orgia desenfreada ou de obscenidades, como eram equivocadamente interpretadas Suas vontades durante a Idade Média, mas de louvores e da alegria negra e profunda que emerge da Escuridão.

– Segurem seus chapéus, garotos – disse o homem fantasiado. – Lá vou eu de novo.

– *Eka!* – proclamou Temente. – *Dva tri chatur! Pancha! Shassapta! Ashta*

nava dasha ekadasha!

Ele parou. Sempre havia o risco de que algum acadêmico naquela cidade universitária reconhecesse que aquela invocação, embora em perfeito sânscrito, era apenas uma contagem de um a onze. Mas ninguém reagiu, e ele prosseguiu com um latim mais adequado:

– *Per vota nostra ipse nunc surgat nobis dicatus Baaal Zebub!*

– É minha deixa – disse o eletricista, e puxou um interruptor.

As luzes tremularam e se apagaram. Um clarão atravessou o santuário. De repente, vieram das trevas um latido agudo, um ganido de dor e um longo uivo de triunfo.

Então, uma tênue luz azul começou a brilhar. Olhando seu reflexo vago, o eletricista ficou impressionado ao ver a seu lado o amigo fantasiado, que cuidava da mão sangrenta.

– Que diabos... – sussurrou o eletricista.

– Bem que eu queria saber. Saí na deixa, pronto para fazer minha aparição horripilante, e o que aconteceu? Um cachorro enorme apareceu e mordiscou minha mão. Por que não me disseram que alteraram o roteiro?

Sob o brilho da luz azul, a congregação contemplou com reverência o homenzinho roliço com barba franjada e o esplêndido lobo cinza que estava ao lado.

– Salve, ó Senhor de Baixo – ressoou o coro.

A proclamação encobriu o murmúrio de uma solteirona, que disse:

– Mas, *meu senhor*, eu jurava que ele era *muito* mais bonito ano passado.

– Colegas! – disse Ozymandias, o Grande.

Houve um silêncio total, uma quietude apavorada à espera das palavras graves do Senhor de Baixo. Ozymandias deu um passo à frente, posicionou a língua com cuidado entre os lábios, emitiu o *tsc, tsc* mais preciso e encorpado de sua carreira e desapareceu com lobo e tudo.

Lobato Lobo abriu os olhos e fechou-os de novo depressa. Ele jamais esperara que a quieta e serena pensão Berkeley Inn instalaria uma sala centrífuga. Não era justo. Ele ficou deitado na escuridão, esperando que o cômodo parasse de se mexer e tentando reconstituir a noite anterior.

Ele se lembrava bem do bar e da bebida. E do barman. Um cara muito simpático, até que de repente se transformou em um homenzinho de barba franjada. Foi então que as coisas começaram a ficar estranhas. Havia algo envolvendo um cigarro, um tenor irlandês e um lobisomem. Que ideia fantástica aquela. Qualquer idiota sabe...

Lobo se sentou de repente. *Ele* era o lobisomem. Arrancou as roupas de cama

e olhou para as próprias pernas. Então, suspirou de alívio. Eram pernas compridas. Eram peludas na medida. Eram bronzeadas por muitas horas jogando tênis. Eram indiscutivelmente humanas.

Ele se levantou, suprimindo seus receios com determinação, e começou a juntar as roupas que haviam sido atiradas com indiferença pelo chão. Um esquadrão de gnomos estava escavando seu crânio, mas ele esperava que fossem embora se não lhes desse muita atenção. Uma coisa era certa: ele seria bom dali em diante. Com ou sem Gloria, com ou sem coração quebrado, afogar as mágoas não bastava. Se você se sentisse assim e fosse capaz de imaginar que era um lobisomem...

Mas por que ele teria imaginado aquilo em tantos detalhes? Tantas memórias fragmentárias pareciam voltar à mente enquanto ele se vestia. Uma ida até Strawberry Canyon com o homem de barba franjada, onde encontraram um ponto isolado e desolado para a mágica e para aprender as palavras...

Diabos, ele até lembrava as palavras. A palavra que incitava a transformação e a que trazia você de volta.

Será que aquelas palavras também haviam sido inventadas em seus delírios de bêbado? Será que ele havia inventado aquilo de que mal se lembrava – a liberdade mágica e maravilhosa de se transformar, a pontada solitária e lancinante causada pelo processo, depois a felicidade irrestrita de saber-se rápido, ágil e livre?

Ele estudou a própria imagem no espelho. Exceto por algumas dobras atípicas no casaco do terno cinza, parecia exatamente o que era: um acadêmico tranquilo; talvez um pouco mais forte, impulsivo e romântico do que a maioria, mas ainda assim era o prof. Lobo.

O resto era besteira. Mas aquele seu lado impulsivo sugeria que só havia uma maneira de provar os fatos: dizer as palavras.

– Está bem – disse Lobato Lobo para o próprio reflexo. – Vou mostrar para você.

E ele disse.

A pontada foi mais forte e dolorida do que ele lembrava.

O álcool anestesia o corpo. A dor o atingiu por um instante, algo parecido com as descrições do que se sente durante um parto. Então, desapareceu, e ele flexionou os membros com alegre incredulidade. Mas ele não era uma fera rápida, ágil e livre. Era um lobo irremediavelmente contido, emaranhado em meio a um terno cinza de corte conservador.

Ele tentou se levantar e caminhar, mas as mangas compridas e as pernas do traje o fizeram cair de fuça no chão. Ele chutou com as patas, tentando rasgar uma via de saída, então parou. Lobisomem ou não, continuava sendo o prof.

Lobo, e aquele terno havia custado trinta e cinco dólares. Devia haver meios mais fáceis de garantir sua liberdade do que reduzir seu terno a retalhos.

Ele proferiu alguns bons e sonoros impropérios em baixo-alemão. Aquela complicação não era mencionada em nenhuma das lendas de lobisomens que já havia lido. Nelas, as pessoas simplesmente – *bum!* – viravam lobos ou – *bum!* – viravam homens outra vez. Quando eram homens, vestiam roupas; quando eram lobos, vestiam pelos. Como quando o Hyperman voltou a ser Bark Lent no topo do Empire State Building e encontrou ali suas roupas do dia a dia. Ledo engano. Ele começou a lembrar que Ozymandias, o Grande, o fizera tirar as roupas antes de ensinar-lhe as palavras...

As palavras! Era isso. Só o que precisava fazer era dizer a palavra que desfazia a transformação: *Absarka!* Assim voltaria a ser um homem confortavelmente ajustado em seu terno. Poderia, assim, tirar as roupas e fazer o jogo que bem entendesse. Percebem? A razão resolve tudo.

– *Absarka!* – disse ele.

Ou pensou ter dito. Ele executou todos os processos mentais necessários para dizer "*Absarka!*", mas só o que saiu das fuças foi um gemido com som de estalo. Ele ainda era um lobo vestido em traje formal e sem esperanças.

Aquilo era pior que qualquer problema com as roupas. Se ele só poderia se libertar dizendo "*Absarka!*" e se, sendo um lobo, não conseguia dizer nada, ué, já era. Por tempo indeterminado. Ele poderia ir atrás de Ozzy e perguntar – mas como um lobo embrulhado em um terno cinza poderia sair em segurança do hotel e perambular por aí à caça de um endereço desconhecido?

Ele estava preso. Estava perdido. Estava...

– *Absarka!*

O professor Lobato Lobo ficou de pé no terno severamente amarrotado e fitou o rosto de barba franjada de Ozymandias, o Grande.

– Veja bem, colega – explicou o pequeno mágico. – Achei que você tentaria de novo assim que acordasse e sabia muitíssimo bem que poderia ter problemas. Achei uma boa dar uma chegadinha e esclarecer as coisas.

Lobo acendeu um cigarro em silêncio e deu o maço a Ozymandias.

– Quando você entrou na sala, o que foi que você viu? – perguntou, por fim.

– Você, transformado em lobo.

– Então foi mesmo... de fato eu....

– Claro. Você é um lobisomem de corpo e alma.

Lobo se sentou na cama desarrumada.

– Acho que terei que acreditar em você – arriscou ele, pronunciando as palavras devagar. – E se eu acreditar nisso... significa que terei que acreditar em tudo o que sempre desdenhei. Terei que acreditar em deuses, demônios, infernos

e...

– Você não precisa ser tão pluralista. Mas Deus existe – disse Ozymandias.

Ele falou com a mesma calma e convicção que demonstrara na noite anterior ao afirmar que lobisomens existiam.

– E, se Deus existe, então eu tenho uma alma?

– É claro.

– E se eu sou um lobisomem... ei!

– Qual é o problema, colega?

– Tudo bem, Ozzy. Você sabe tudo. Responde uma coisa: estou condenado?

– Pelo quê? Só por ser um lobisomem? Céus, não. Deixe-me explicar: existem dois tipos de lobisomem. Há o tipo maligno, que não se contém e sai por aí se transformando em lobo sem qualquer controle; e há os voluntários, como você. Bem, a maioria dos voluntários está condenada, claro, porque são homens malévolos com sede de sangue que comem pessoas inocentes. Mas não são malévolos e condenados por serem lobisomens; eles se tornam lobisomens porque são malévolos e estão condenados. Bem, você se transformou só para ver qual era e porque parecia uma boa maneira de impressionar uma garota. A motivação é bastante inocente, e ser um lobisomem não muda nada. Lobisomens não precisam ser monstros; a questão é que só ouvimos as histórias daqueles que são.

– Mas como posso ser um voluntário se você me disse que eu era um lobisomem antes mesmo de me transformar?

– Nem todos podem se transformar. É como ser capaz de fazer a letra *U* com a língua ou mexer as orelhas. Ou você consegue, ou não, e era isso. E, assim como acontece com essas habilidades, provavelmente há um fator genético envolvido, embora ninguém tenha feito uma pesquisa séria a respeito. Você era um lobisomem *in posse*; agora é um *in esse*.

– Isso é tudo? Posso ser um lobisomem só para me divertir, e isso é seguro?

– Com certeza.

Lobo soltou uma gargalhada.

– Gloria vai ver só! Banal e sem glamour? Ahã, sei! Qualquer pessoa pode se casar com um ator ou um policial; mas com um lobisomem...

– É provável que seus filhos tenham a mesma condição – disse Ozymandias, em um tom alegre.

Lobo fechou os olhos, sonhador, e abriu-os de repente.

– Quer saber?

– O quê?

– Já não estou mais com ressaca! Isso é maravilhoso. Isso é... bem, isso é muito conveniente. No mínimo, a cura perfeita para uma ressaca. Transformar-se

em um lobo e voltar e... ah, isso me lembra de uma coisa. Como eu volto ao normal?

– *Absarka*.

– Eu sei. Mas quando sou um lobo não consigo dizer.

– Essa é a maldição de ser um mágico branco – comentou Ozymandias, com tristeza. – Você precisa usar a segunda melhor forma dos feitiços, porque a melhor seria negra. Claro, um licantropo criado por magia negra pode se transformar quando bem entender. Eu me lembro de uma vez em Darjeeling...

– Mas e eu?

– Esse é o problema. Você precisa ter alguém para dizer *Absarka!* por você. Foi o que fiz na noite passada, ou você não lembra? Depois que aparecemos na festa no templo de seu amigo... olha só. Estou aposentado, e minhas posses são suficientes para viver de maneira módica porque sempre posso usar um pouco de magia... Você vai levar essa coisa de lobisomem a sério?

– Ao menos por um tempo, sim. Até reconquistar Gloria.

– Então por que não venho morar com você no hotel? Assim estarei sempre à mão para *Absarká*-lo. Depois que você conseguir a garota, pode ensinar para ela.

Lobo estendeu a mão.

– Muito nobre de sua parte. Combinado.

Então, seus olhos bateram no relógio de pulso.

– Meu Deus! Perdi duas aulas desta manhã. É muito bom lobisomear, mas um homem precisa trabalhar para garantir seu sustento.

– A maioria dos homens.

Ozymandias ergueu a mão em um gesto calmo e lançou uma moeda no ar. Olhou para ela com pesar. Era uma antiga moeda portuguesa de ouro.

– Que essas almas sejam condenadas! Não consigo explicar a elas que o ouro é ilegal.

É de Los Angeles, pensou Lobo com o desprezo habitual das pessoas do norte da Califórnia, enquanto escrutinava o casaco esporte despojado e a camiseta amarelo-brilhante do visitante.

O homem jovem se levantou com educação quando o professor entrou no escritório. Os olhos verdes brilhavam com cordialidade, e o cabelo ruivo reluzia sob a luz do sol primaveril.

– Prof. Lobo? – perguntou ele.

Lobo olhou para a escrivaninha com impaciência.

– Sim.

– O’Breen é meu nome. Gostaria de falar um momentinho com o senhor.

– O horário do meu escritório é das três às quatro nas terças e quintas-feiras.

Temo estar muito ocupado neste instante.

– Não tem a ver com a faculdade. E é importante.

O jovem era afável e informal, mas ainda assim transmitia uma sensação de urgência que capturou a curiosidade de Lobo. A tão importante carta para Gloria esperaria que ele desse duas aulas; poderia bem esperar mais cinco minutos.

– Muito bem, sr. O'Breen.

– A sós, se o senhor não se importa.

O próprio Lobo não havia reparado que Emily estava na sala. Ele se virou para a secretária e disse:

– Muito bem. Emily, você se importaria de...

Emily deu de ombros e saiu.

– Então, senhor. Qual seria esse assunto tão secreto e importante?

– Só uma ou duas perguntinhas. Para começar, o quão bem você conhece Gloria Garton?

Lobo se deteve. Não dava para dizer: "Meu jovem, estou prestes a cortejá-la pela segunda vez, visto que acabo de me transformar em um lobisomem." Então, respondeu apenas:

– Ela foi minha aluna alguns anos atrás.

– Perguntei o quão bem você *conhece*, não *conhecia*. O quão bem você a conhece hoje?

– E por que eu deveria me incomodar em responder a essa pergunta?

O jovem lhe entregou um cartão. Lobo leu:

FERGUS O'BREEN
Agente de Investigação Particular
Licenciado pelo Estado da Califórnia

Lobo sorriu.

– E o que isso quer dizer? Está recolhendo provas para um divórcio? Não é esse o campo de atuação de praxe dos investigadores particulares?

– A srta. Garton não é casada, como você deve saber muito bem. Só estou perguntando se você entrou em contato com ela recentemente.

– E eu estou perguntando por que isso é do seu interesse.

O'Breen se levantou e começou a andar pelo escritório.

– Parece que não estamos indo muito longe, né? Presumo que você se recusará a explicar a natureza de sua relação com Gloria Garton.

– Não vejo por que faria diferente.

Lobo começava a ficar incomodado.

Para sua surpresa, o investigador baixou a guarda e abriu um amplo sorriso.

– Está bem. Vamos fazer o jogo. Conte-me de seu departamento. Há quanto tempo os diversos membros do corpo docente estão aqui?

– Os temporários, inclusive?

– Só os catedráticos.

– Eu estou aqui há sete anos. Todos os outros estão há pelo menos dez, provavelmente mais. Se você deseja números exatos, é provável que consiga com o reitor, a não ser que, como espero...

Lobo sorriu cordialmente.

– Ele atire seu melão vermelho no chão.

O'Breen riu.

– Professor, acho que podemos prosseguir. Só mais uma pergunta e você mesmo poderá arremessar melões por aí. Você é um cidadão americano?

– Claro que sim.

– E o resto do departamento?

– Todo mundo. E, agora, será que você teria a mínima decência de me explicar essa miscelânea de perguntas surreais?

– Não – disse O'Breen despreocupado. – Adeus, professor. Os olhos verdes e atentos do investigador haviam percorrido a sala, registrando tudo com precisão. Enquanto saía da sala, eles repousaram no dedo indicador de Lobo, subiram até as sobrancelhas espessas que se uniam no centro do rosto e retornaram ao dedo. Havia a suspeita de uma descoberta repentina naqueles olhos.

Mas é tudo bobagem, disse Lobo a si mesmo. Por mais que tenha olhos astutos e faça perguntas que pareçam sem sentido, um detetive particular certamente seria a última pessoa na terra a perceber sinais de licantropia. Engraçado. "Lobisomem" era uma palavra aceitável. Dá para dizer "Eu sou um lobisomem", e tudo bem. Mas, se você diz "Sou um licantropo", sente o corpo estremecer. Curioso. Talvez fosse material para um artigo a respeito da influência da etimologia sobre as conotações a ser publicado em algum periódico sofisticado.

Mas, diabos! Lobato Lobo não era mais primeiramente um acadêmico. Era um lobisomem, um lobisomem de magia branca; um lobisomem por diversão, e diversão é o que teria. Ele acendeu o cachimbo, olhou para o papel branco na escrivaninha e tentou desesperadamente esboçar uma carta para Gloria. Deveria apenas fasciná-la e despertar seu interesse até que ele pudesse ir para o sul após o término do semestre e revelar a ela toda a nova e maravilhosa verdade. Era...

O prof. Temente resmungou ao se arrastar para o escritório.

– Boa tarde, Alberto. Dando duro, meu jovem?

– Tarde – respondeu Lobo, distraído.

Ele continuou olhando para o papel.

– Coisas grandiosas estão por vir, hein? Você está ansioso para ver a gloriosa Gloria?

Lobo se sobressaltou.

– Como... do que você está falando?

Temente lhe entregou um jornal dobrado.

– Não ficou sabendo?

Lobo leu com crescente surpresa e deleite:

GLORIA GARTON CHEGA NA SEXTA-FEIRA
Garota nativa retorna a Berkeley

Para participar da maior caça a talentos desde a busca por Scarlett O'Hara, Gloria Garton, glamorosa estrela de Metropolis, visitará Berkeley na sexta-feira. Na tarde de sexta, no Teatro do Campus, os caninos de Berkeley terão a chance de competir na seleção nacional de um cachorro para interpretar Tookah, o lobo do grande épico de Metropolis, *Presas da floresta*, e a Gloria Garton em pessoa estará presente nos testes.

"Devo muito a Berkeley", disse a srta. Garton. "Será muito importante para mim ver o campus e a cidade outra vez!" A srta. Garton é a principal estrela humana em *Presas da floresta*.

A srta. Garton era aluna da Universidade da Califórnia quando recebeu sua primeira oportunidade no cinema. Ela é membro da sociedade honorária dramática Mask and Dagger e da fraternidade Rho Rho Rho.

Lobato Lobo ficou radiante. Aquilo era perfeito. Não seria preciso esperar até o fim do semestre. Ele poderia ver Gloria naquele momento e reivindicá-la com todo o seu vigor lobal. Sexta-feira. Ainda era quarta, o que lhe dava duas noites para praticar e aperfeiçoar a técnica de lobisomia. E então...

Ele percebeu o olhar desalentado no rosto do professor mais velho e foi tomado por um pouco de remorso.

– Como foram as coisas ontem à noite, Oscar? – perguntou ele, solidário. – Como foi o grande culto da Noite de Walpurgis?

Temente olhou para ele com estranhamento.

– Agora você é entendido desses assuntos? Até ontem, trinta de abril não era nada para você.

– Fiquei curioso e pesquisei. Mas como foi?

– Legal – mentiu Temente sem muitas forças. – Lobato, você sabe...

Após um silêncio momentâneo, ele perguntou:

– ... qual é a real maldição que aflige todos os homens com interesse em fenômenos ocultos?

– Não. Qual?

– O poder verdadeiro nunca basta. Talvez baste para você, mas nunca para os outros. Então, por mais que você seja competente, sempre é preciso um pouco de armação e charlatanismo para convencer os outros. Veja o exemplo de São Germano. Veja Francis Stuart. Mas a maior tragédia é o estágio seguinte: quando você percebe que seus poderes são maiores do que pensava, e o charlatanismo não era necessário. Quando percebe que não tem noção da real dimensão de seus poderes. Então...

– Então, o quê, Oscar?

– Então, meu jovem, você fica apavorado.

Lobo queria dizer algo para consolá-lo. Queria dizer: “Olhe, Oscar, era eu. Pode voltar para sua charlatanice com um pé atrás e ser feliz.” Mas não podia. Só Ozzy podia saber a verdade sobre aquele esplêndido lobo cinza. Só Ozzy e Gloria.

A lua brilhava sobre aquele ponto escondido do cânion. A noite estava imóvel. Lobato Lobo tinha pavor de estar no palco. Uma vez que era chegado o momento de fazer as coisas de verdade (o fiasco complicado pelas roupas naquela manhã não contava, e ele era incapaz de se lembrar da noite anterior), ele ficou com medo de mergulhar de cabeça no lobismo e ansiava protelar e falar por tanto tempo quanto fosse possível.

– Você acha que eu poderia ensinar Gloria a se transformar também? – perguntou, nervoso.

Ozymandias refletiu.

– Talvez, colega. Depende. Ela pode ter a habilidade natural, e pode não ter. Claro, não há como saber no que ela se transformaria.

– Quer dizer que ela não seria necessariamente um lobo?

– Claro que não. As pessoas se transformam em todo o tipo de coisa. Cada povo sabe qual é o formato que mais lhe interessa. Nos Estados Unidos, temos uma tradição de origem inglesa e centro-europeia, então lobisomens são o que conhecemos melhor. Mas, se você pegar os escandinavos, por exemplo, escutará muito sobre ursomens, que eles chamam de *berserkers*. Os orientais, por sua vez, estão aptos a reconhecer tigromens. O problema é que já refletimos tanto sobre os *lobisomens* que só sabemos conhecer os sinais deles; eu não saberia identificar um tigromem assim de cara.

– Então, não há como dizer o que aconteceria se eu ensinasse A Palavra a ela?

– Não mesmo. É claro, há alguns coisomens que não são lá muito úteis.

Formigomens, por exemplo. Você se transforma, alguém pisa em cima e já era. Ou como um cidadão que conheci uma vez em Madagascar. Ensinei a ele A Palavra, e sabe o que aconteceu? Juro por Deus, ele era um dinossauromem. Destruiu a casa inteira e quase me esmagou com uma pata antes que eu conseguisse dizer *Absarka*! Ele decidiu não seguir carreira. E teve também uma vez em Darjeeling... mas olhe só, colega, você vai ficar aqui pelado a noite inteira?

– Não – disse Lobo. – Vou me transformar agora. Você leva minhas roupas de volta para o hotel.

– Claro. Estarão lá a sua espera. Também lancei um pequeno feitiço no porteiro noturno, só para que não perceba lobos nas redondezas. Ah, e a propósito... não tem nada faltando no seu quarto?

– Não que eu tenha reparado. Por quê?

– Pensei ter visto alguém saindo de lá hoje à tarde. Não tenho certeza, mas acho que saiu dali. Um rapaz jovem com cabelo vermelho e roupas de Hollywood.

Lobato Lobo franziu a sobrancelha. Aquilo não fazia sentido. Perguntas sem sentido de um detetive já eram bastante ruins, mas vasculhar seu quarto de hotel... Mas o que era um detetive frente a um lobisomem qualificado? Ele sorriu, despediu-se de Ozymandias, o Grande, com um amistoso aceno de cabeça e disse A Palavra.

A dor não foi tão lancinante quanto a que sentiu naquela manhã, embora ainda fosse bem ruim. Mas ela passou quase de imediato, e todo o corpo dele foi tomado por um sentimento de liberdade ilimitada. Ele ergueu o focinho e farejou profundamente o alegre frescor do ar noturno. Só através daquele nariz já se abria toda uma nova dimensão de prazeres. Ele abanou o rabo amigavelmente para Ozzy e saiu em disparada pelo cânion, correndo sem esforço a passos largos.

Durante horas, correr foi suficiente – curtir a condição de lobo era o maior prazer que se podia querer. Lobo deixou o cânion para trás e se dirigiu para as colinas, passando pela Ferradura e entrando no nobre mundo selvagem que parecia tão remoto do campus e da civilização. Suas novas e bravas pernas eram firmes e incansáveis, seu fôlego parecia inextinguível. Cada curva trazia odores frescos e vívidos do solo, de folhas e do ar, e a vida era bela e tremeluzente.

Mas, após algumas horas, Lobo percebeu que estava tristemente só. Toda aquela grande animação era bacana, mas se sua companheira Gloria estivesse trotando ao lado... E qual era a graça de ser algo tão esplêndido quanto um lobo se não havia ninguém para admirá-lo? Ele sentiu falta de ver pessoas, então deu

meia-volta em direção à cidade.

Berkeley se deita cedo. As ruas ficaram desertas. Aqui e ali, algumas luzes brilhavam em uma pensão onde um estudante caxias labutava em seu trabalho quase pronto de fim de semestre. Lobo havia feito a mesma coisa. Ele não podia rir enquanto estivesse transformado, mas seu rabo balançou de alegria.

Ele parou diante de uma rua com árvores nas laterais. Havia cheiro fresco de ser humano ali, embora a rua parecesse estar vazia. Então, ele escutou um lamento suave e foi trotando em direção ao ruído.

Atrás dos arbustos em frente a um pequeno prédio havia uma criança de uns dois anos que estava desamparada e tremia de frio. Estava com poucas roupas e obviamente perdida fazia horas. Lobo encostou uma pata no ombro da criança e olhou-a com uma expressão dócil.

O menino olhou ao redor e não ficou nem um pouco assustado.

– Oi – disse ele, mais animado.

Lobo rosnou uma saudação cordial, abanou o rabo e bateu com as patas no chão para indicar que levaria o garotinho perdido aonde ele desejasse.

A criança se levantou e limpou as lágrimas com a mão suja, que deixou grandes manchas pretas no rosto.

– Dóidóidóidói.

Brincadeiras, pensou Lobo. Ele quer brincar de trenzinho.

Pegou a criança pela manga e puxou com gentileza.

– Dóidóidóidói – repetiu o garoto com firmeza. – Urra distância.

De fato, o motor de um trem que se afasta parece urrar a distância; mas parecia uma expressão poética demais para uma criança tão pequena, pensou Lobo, e em seguida teria estalado os dedos se os tivesse. A criança estava dizendo “rua de Estância, 2.222” – ela havia sido cuidadosamente ensinada a informar seu endereço caso se perdesse. Lobo olhou para a placa com os nomes das ruas: Bowditch com a Hillegas; o número 2.222 da rua de Estância ficava a um par de quadras dali.

Lobo tentou assentir com a cabeça, mas os músculos pareciam não funcionar dessa maneira. Então, abanou o rabo na esperança de indicar que havia compreendido e começou a guiar a criança.

O garotinho sorriu radiante e disse:

– Auuauuu bi-ito.

Por um instante, Lobo achou que a criança dissera algo como “Auuuuuberto” e sentiu como se um espião o tivesse chamado de repente pelo nome. Mas logo entendeu que a criança tentara dizer “au-au bonito”.

Ele conduziu-a por dois quarteirões sem maiores incidentes. Era boa a

sensação de cuidar de um ser humano inocente. Havia algo de especial nas crianças, e ele esperava que Gloria concordasse. Ele se perguntou o que aconteceria se pudesse ensinar A Palavra àquela criança que tanto confiava nele. Seria bacana ter um cachorrinho que...

Ele parou. Seu nariz detectou algo, e os pelos na parte de trás do pescoço se eriçaram. À frente havia um cão; um mestiço enorme que parecia uma cruza de husky e são-bernardo. Mas o rosnado que veio de sua garganta sugeria que carregar pequenos barris de conhaque ou medicamentos às pressas não era sua especialidade. Era um bandido, um fora da lei, um inimigo dos homens e cães. E era preciso passar por ele.

Lobo não tinha vontade de lutar. Ele era tão grande quanto aquele monstro e certamente muito mais inteligente devido ao cérebro humano; mas cicatrizes de uma briga de cachorro não ficariam bonitas no corpo humano do prof. Lobo; além disso, havia o risco de machucar a criança durante a contenda. Seria mais prudente atravessar a rua. Mas, antes que ele pudesse levar a criança até lá, o mestiço agressivo havia avançado na direção deles rosnando.

Lobo se posicionou à frente do garoto, preparado para defendê-lo. O problema da cicatriz era secundário diante da confiança que a criança tinha nele. Estava pronto para encarar o vira-lata e dar uma lição nele, não importava o preço que isso cobraria de seu corpo humano. Mas na metade do caminho o cachorro imenso parou. Seus rosnados se reduziram a um choramingo. As laterais de seu corpo tremeram sob o luar e o rabo se curvou e mergulhou entre as pernas. De repente, ele se virou e fugiu.

A criança deu uns resmungos de prazer.

– Au auuu feio vai imboia.

Ele pôs os braços ao redor do pescoço de Lobo.

– Au auu *lindo*.

Então, ficou de pé outra vez e disse com insistência:

– Dóidóidóidói. Urra distância.

E Lobo seguiu em frente, com o coração forte de lobo batendo como nunca havia batido pelo abraço de uma mulher.

“Dóidóidóidói” era uma casa com estrutura de madeira apartada da rua no fundo de um grande quintal. As luzes ainda estavam acesas, e mesmo da calçada Lobo ouvia uma voz aguda de mulher.

– ... desde as cinco da tarde de hoje, e vocês da polícia precisam encontrá-lo, senhor. Precisam, sério. Já o procuramos por toda a vizinhança e...

Lobo ficou de pé junto à parede, apoiado nas patas traseiras, e tocou a campainha com uma das dianteiras.

– Ah! Talvez seja alguma coisa dessa vez. Os vizinhos disseram que... Venha,

vamos ver... Ó!

No mesmo instante em que Lobo soltou um latido educado, a criança gritou: “Mamãe!”, e sua mãe magra e de aspecto cansado deu um berro – em parte de alegria por encontrar o filho e em parte de medo daquele grande canino acinzentado que assomava atrás dele. Ela agarrou a criança de maneira protetora e se virou para o homem de uniforme.

– Ei, veja isso! Olhe! Que coisa enorme e aterrorizante! Ele roubou meu Robby!

– Não – protestou Robby, decidido. – Auuauuu bi-ito.

O policial gargalhou.

– O garotinho parece ter razão, senhora. É um au-au bonito mesmo. Encontrou seu garoto caminhando por aí e o ajudou a voltar para casa. Você não tem um ossinho para ele?

– Deixar esse bicho imenso entrar em casa? Nunca! Venha, Robby.

– Quer meu auuauuu bi-ito.

– Quem vai dizer “au” é você, por ficar na rua até esta hora e dar em mim e no seu pai o maior susto de nossas vidas. Espere só até ele ver você, mocinho. Ele vai... Ah, boa noite, senhor!

E ela fechou a porta sob os berros de Robby.

O policial fez carinho na cabeça de Lobo.

– Esqueça o osso, Rover. Ela também não me ofereceu uma cerveja. Mas você é um husky e tanto, né, garoto? Parece quase um lobo. Quem é seu dono e o que você faz dando voltas por aí? Hein?

Ele ligou a lanterna e se agachou para ver a coleira inexistente. Então, levantou-se outra vez e assobiou.

– Sem plaquinha de identificação, Rover. Isso não é nada bom. Sabe o que eu deveria fazer? Deveria levar você para o canil. Se você não fosse um herói que acaba de ser privado do seu osso, eu... Diabos, preciso fazer isso de qualquer maneira. Leis são leis, mesmo para heróis. Venha, Rover, vamos dar uma volta.

Lobo pensou rápido. O canil era o último lugar na terra onde queria acabar. Nem mesmo Ozzy pensaria em procurar por ele lá. Ninguém o escolheria para adoção, ninguém diria *Absarka!* e tudo acabaria com uma dose de clorofórmio... Ele escapou das mãos que seguravam seu pelo e, com um salto memorável, deixou o jardim, aterrissou na calçada e correu a plenos pulmões pela rua. Mas, no instante em que deixou o campo de visão do policial, parou e se escondeu atrás de uma cerca viva.

Ele sentiu o policial se aproximando antes mesmo de escutá-lo. O homem deslocava seus noventa quilos com todas as forças, mas também parou do outro lado da cerca viva. Por um instante, Lobo se perguntou se seu truque havia

fracassado, mas o homem tinha parado apenas para coçar a cabeça e resmungar:

– Ah! Tem alguma coisa errada aqui. *Quem tocou a campainha?* O garoto não alcançaria, e o cachorro... ah, enfim. Doideira – concluiu.

Ele pareceu encontrar naquelas últimas três sílabas a solução para todos os seus problemas.

Enquanto seu cheiro e seus passos sumiam ao longe, Lobo percebeu outro odor. Ele havia acabado de identificar que se tratava de um gato quando alguém disse:

– Você é um metamorfo, não é?

Lobo ergueu a cabeça com os lábios recolhidos e os músculos tensos. Não havia nada humano à vista, mas alguém havia falado com ele. Sem pensar, tentou perguntar: "Cadê você", mas só o que saiu foi um grunhido.

– Bem atrás de você. Aqui nas sombras. Você sente meu cheiro, não?

– Mas você é um gato – refletiu Lobo por meio de rosnados. – E está falando.

– É claro. Mas não estou falando em uma língua humana. É só que seu cérebro interpreta assim. Se você estivesse em seu corpo humano, pensaria que estou dizendo *miau*. Mas você é um metamorfo, não é mesmo?

– Como você... por que você acha isso?

– Porque você não tentou pular em mim, como qualquer cão normal teria feito. Além disso, a não ser que Confucius tenha me ensinado tudo errado, você é um lobo, e não um cão, e não há lobos por aqui, a não ser metamorfos.

– Como você sabe disso tudo? Você é...

– Ah, não. Sou apenas um gato. Mas eu morava na casa ao lado de um homem que se transformava em um chow-chow chamado Confucius. Ele me ensinou algumas coisas.

Lobo ficou impressionado.

– Você está me dizendo que o homem se transformou e ficou assim? Vivia como animal de estimação?

– Exato. Foi durante a pior fase da Grande Depressão. Ele dizia que um cachorro tinha mais chances de ganhar comida e ser bem cuidado do que um homem. Achei a ideia inteligente.

– Que coisa mais terrível! Como poderia um homem se rebaixar ao ponto de...

– Homens não se rebaixam. Eles rebaixam uns aos outros. É o que acontece com a maior parte dos metamorfos. Alguns se transformam para evitar ser rebaixados, outros para se rebaixar de maneira um pouquinho mais eficiente. Qual é seu caso?

– Ah, veja bem, eu...

– *Shh!* Olhe, isso vai ser divertido. Aguente um pouquinho.

Lobo espiou através da cerca viva. Um homem bem-vestido de meia-idade

caminhava depressa, ao que parecia aproveitando para tomar um ar noturno. Atrás dele havia uma silhueta magra e silenciosa. Enquanto Lobo assistia, a figura o alcançou e sussurrou com rudeza:

– Mãos pra cima, camarada.

A pompa do transeunte se desvaneceu. Ele ficou pálido e trêmulo enquanto a silhueta enfiava a mão em seu bolso frontal e retirava dali uma imensa carteira.

E qual era a vantagem, pensou Lobo, de ter um corpo forte e vigoroso, se ele ficasse escondido atrás de cercas vivas como espectador? Em uma única investida, para choque e surpresa do gato, ele atravessou a cerca viva e pousou com as patas dianteiras no rosto da silhueta. Ela caiu de costas com ele por cima, então houve um ruído forte, uma luz de lanterna e um cheiro assustador. Por um momento, Lobo sentiu uma dor aguda no ombro, como a pontada de uma agulha comprida, depois a dor desapareceu.

Mas aquele recuo momentâneo foi suficiente para que a silhueta se levantasse.

– Errei a pontaria, hein? – murmurou o homem. – Vamos ver o que você acha de tomar uma bala no peito, seu intrometido...

O epíteto teria feito daquela uma descrição literal, não fosse Lobo um metamorfo.

Houve uma rápida sucessão de três tiros enquanto Lobo saltava. Por um segundo, ele sentiu a dor de estômago mais forte de toda a sua vida. Então, caiu sobre o bandido outra vez. O homem bateu a cabeça na calçada de concreto e ficou parado.

Luzes foram acesas por toda parte. Em meio aos ruídos confusos, Lobo escutou as reclamações estridentes da mãe de Robby e, entre todos os cheiros, misturados, discerniu o odor do policial que queria levá-lo ao canil. Ou seja: era melhor dar o fora dali, e logo.

A cidade era sinônimo de problemas, concluiu Lobo enquanto caía fora. Ele poderia suportar a solidão durante a prática do lobismo até que reconquistasse Gloria. Mas, só por precaução, era melhor combinar com Ozzy para que arranjassem uma coleira passável e...

Então, ele teve a maior das revelações! Havia levado quatro balas, três delas no estômago, e não tinha nenhum ferimento para contar a história! Ser um lobisomem certamente tinha suas vantagens. Pense no que um criminoso poderia fazer com aquela imunidade a balas. Ou... mas não. Ele era um lobisomem só por diversão, e ponto final.

Mas mesmo para um lobisomem levar um tiro, embora não doesse muito, era bastante cansativo. Boa parte do nervosismo é absorvido no fechamento mágico e instantâneo dos ferimentos. E, quando Lobato Lobo chegou à paz e à calma das colinas desertas, já não sentia vontade de esbanjar sua liberdade. Por isso,

alongou o corpo inteiro, aninhou a cabeça entre as patas dianteiras e dormiu.

“A essência da magia”, disse Heliophagus de Smyrna, “é a farsa; e existem dois tipos de farsa. Através da magia, o mágico engana os outros; mas a magia engana o próprio mágico”.

Até ali, a magia licantrópica de Lobato Lobo havia funcionado de maneira suave e agradável, mas estava prestes a lhe mostrar o segundo truque que está sempre à espreita por trás de qualquer truque mágico. E o primeiro passo foi ele ter pego no sono.

Lobo acordou confuso. Seus sonhos haviam sido humanos (e incluíam Gloria) apesar do corpo que os sonhara, e ele precisou de vários minutos para reconstituir mentalmente o que havia acontecido. Por um momento durante o sonho, até mesmo o episódio em que ele e Gloria comeram waffles de mirtilo em uma montanha-russa parecia mais plausível do que a realidade.

Mas ele se recompôs depressa e olhou para o céu. O sol parecia ter levantado havia pelo menos uma hora, e como estavam em maio isso significava que eram entre seis e sete da manhã. Aquela era uma quinta-feira, portanto ele precisava dar aula às oito. Sendo assim, havia tempo suficiente para se transformar, fazer a barba, vestir-se, tomar o café da manhã e retomar a vida normal do prof. Lobo – o que, afinal de contas, era fundamental se ele pretendia sustentar uma esposa.

Enquanto trotava pelas ruas, ele tentou parecer o mais dócil e o menos lobo possível, e aparentemente deu certo. Ninguém prestou atenção nele, à exceção de algumas crianças, que queriam brincar, e dos cães, que começavam a rosnar e acabavam recuando, amedrontados. Seu amigo, o gato, até podia ser muito tolerante com metamorfos, mas não parecia ser o caso com os cães.

Ele subiu com um trote confiante as escadas de entrada da Berkeley Inn. O porteiro estava sob os efeitos de um feitiço leve e não repararia em nenhum lobo. Só o que ele precisava fazer era acordar Ozzy, ser *Absarka*do e...

– Ei! Onde você pensa que vai? Saia daqui. Xô!

Era o porteiro, um jovem forte e musculoso que bloqueou as escadas e o enxotou com vigor.

– Nada de cachorros aqui. Vá embora. Fora!

Era bastante óbvio que aquele homem não estava sob o efeito de nenhum feitiço, e igualmente óbvio que não havia como subir pelas escadas a não ser usando sua força de lobo para tirar o porteiro do caminho. Lobo hesitou por um segundo. Precisava se transformar. Seria uma grande pena usar seus poderes para machucar outro ser humano. Se ele não houvesse dormido e tivesse chegado antes que o porteiro não enfeitiçado começasse seu turno, não haveria esse

problema; mas as necessidades não seguem nenhuma...

Então, uma solução surgiu em sua mente. Lobo se virou e saiu bem no instante em que o porteiro atirou um cinzeiro nele. Balas podiam causar relativamente pouca dor, mas o lombo de um lobisomem, como ele logo descobriu, era bastante sensível a vidros voadores.

A solução era infalível. Havia um único problema: ele precisaria esperar uma hora e estava com fome. Com uma fome dos infernos. Até se flagrou com um interesse um tanto chocante por um bebê roliço que estava em um carrinho. Ele entendeu como alguns lobisomens que no princípio tinham boas intenções podiam se tornar monstros. Mas tinha mais força de vontade e era muito mais esperto. Seu estômago poderia aguentar até que o plano funcionasse.

O zelador já havia aberto a porta da frente do Salão Wheeler, mas o prédio ainda estava deserto. Lobo não teve dificuldades em chegar ao segundo andar sem ser visto e encontrar sua sala. Teve um pouco mais de dificuldade para segurar o giz entre os dentes e uma pequena tendência a se engasgar com o pó; mas, equilibrando as patas dianteiras no suporte do quadro-negro, ele se virou bem. Bastaram três saltos para puxar para baixo a argola do painel, e depois de abaixá-lo não havia nada a fazer além de se enfiar debaixo da escrivaninha e rezar para não morrer de fome.

Ao se instalarem relutantes para a aula das oito, os alunos de alemão 3IB ficaram um pouco intrigados de início ao se depararem com um painel de economia internacional, mas simplesmente presumiram que o zelador havia sido relapso.

O lobo debaixo da escrivaninha escutou seus murmúrios crescentes sem ser visto e ouviu a loira bonitinha da primeira fila marcar encontros com três caras diferentes na mesma noite, então concluiu que já havia gente suficiente para que o plano funcionasse. Ele deixou seu esconderijo apenas para alcançar a argola do painel, deu um puxão e esperou que subisse. O painel se enrolou com um baque. Os estudantes pararam de conversar, olharam para o quadro-negro e vislumbraram em rabiscos tremidos as misteriosas letras:

A B S A R K A

Funcionou. Como havia bastante gente, era quase uma certeza matemática que alguém em meio à confusão leria a misteriosa palavra em voz alta – pois, embora reduzida devido às dublagens, a raça dos leitores de legenda ainda existia. Quem o fez foi a loira dos tão disputados encontros.

– *Absarka* – disse ela, pensativa.

E lá estava o prof. Lobato Lobo, encarando cordialmente o grupo de estudantes.

A única falha era que ele esquecera que ainda era um lobisomem, e não o Hyperman. Suas roupas ainda estavam na Berkeley Inn, e ali na sala de aula ele estava nu em pelo.

Dois de seus melhores pupilos gritaram, e um deles desmaiou. A loira apenas deu risadinhas de apreciação.

Emily estava incrédula, mas compassiva.

O prof. Temente estava empático, mas reservado.

O chefe de departamento estava seco.

O reitor da letras estava esquentado.

O diretor da universidade estava em chamas.

Lobato Lobo estava desempregado.

E Heliophagus de Smyrna estava certo. “A essência da magia é a farsa.”

– Mas o que posso fazer? – choramingou Wolf para o copo de bebida. – Estou preso. Estou encalhado. Gloria chega em Berkeley amanhã, e aqui estou eu... um nada. Nada além de um lobisomem fútil e imprestável. Não dá para sustentar uma mulher desse jeito. Não dá para formar família. Não dá para... diabos, não dá nem para pedir a mão... me vê outra. Tem mais, né?

Ozymandias, o Grande, balançou a cabeça redonda envolvida por uma listra de cabelo.

– Na última vez em que tomei duas bebidas, essa situação teve início. Preciso me comportar se quiser acabar com isso. Mas você é um homem jovem e robusto. Colega, é claro que você conseguirá um trabalho!

– Onde? Só o que sei fazer é trabalho acadêmico, e esse escândalo botou um fim definitivo nisso. Que universidade vai contratar um homem que apareceu nu diante de toda a aula sem nem mesmo a desculpa de estar bêbado? E suponhamos que eu tentasse arranjar alguma coisa diferente, um desses trabalhos no exército que todos os meus alunos parecem arranjar, digamos. Eu precisaria dar referências, dizer o que fiz ao longo dos meus trinta e poucos anos. E assim que essas referências forem checadas... Ozzy, estou perdido.

– Jamais se desespere, colega. Aprendi que a mágica nos põe em alguns apertos, mas sempre há uma maneira de sair. Teve uma vez em Darjeeling...

– Mas o que eu posso fazer? Acabarei como Confucius, o chow-chow metamorfo, vivendo de caridade, isso se você encontrar alguém que queira um lobo de estimação.

– Sabe, colega, pode até não ser má ideia – refletiu Ozymandias.

– Que doideira! Eu estava brincando. Ao menos posso me dar o respeito, nem que precise viver em um albergue. E aposto que nos abrigos também não gostam de homens nus.

– Não. Não estou falando de ser um lobo de estimação. Veja as coisas de outra maneira: quais são seus recursos? Você só tem duas habilidades de destaque. Uma delas é ensinar alemão, e agora isso está fora de questão.

– Confere.

– E a outra é se transformar em lobo. Beleza, colega. Deve haver algum potencial comercial nisso. Vamos averiguar.

– Que bobagem!

– Não exatamente. Para todo tipo de produto existe um mercado. O desafio é encontrá-lo. E você, colega, será o primeiro lobisomem no ramo comercial de que se tem notícias.

– Bem que eu poderia... dizem que o Ripley's Odditorium paga bem. Suponhamos que eu me transformasse seis vezes ao dia para plateias encantadas.

Ozymandias sacudiu a cabeça com pesar.

– Não adianta. As pessoas não querem ver mágica de verdade. Elas ficam desconfortáveis, começam a pensar no que mais pode estar errado no mundo. Precisam ter a certeza de que tudo é feito com jogos de espelhos. Sei bem disso. Tive que sair do vaudeville porque não era esperto o suficiente para fingir; só sabia fazer as coisas de verdade.

– Talvez eu pudesse ser um Cão Vidente?

– Não, para isso tem que ser fêmea.

– Quando eu me transformo, entendo a língua dos animais. Talvez pudesse ser um adestrador de cães e... não, isso está fora de questão. Esqueci: eles morrem de medo de mim.

Mas os olhos azuis e pálidos de Ozymandias se iluminaram diante da sugestão.

– Colega, você está chegando perto. Ah, está chegando muito perto! Diz uma coisa: por que mesmo você disse que sua fabulosa Gloria vinha a Berkeley?

– Divulgar uma caça a talentos.

– Com que objetivo?

– Encontrar uma estrela canina para *Presas da floresta*.

– E que tipo de cão?

– Um...

Os olhos de Lobo se arregalaram e seu queixo caiu.

– Um cão-lobo – disse ele, em tom de voz baixo.

Os dois homens trocaram olhares repletos de compreensão diante do balcão do bar em Berkeley.

– É tudo culpa daquele maldito cão da Disney – queixou-se o adestrador. – Pluto faz qualquer coisa. Tudo. Então, esperam que nossos pobres cãezinhos façam o mesmo. Escute essa doideira! O cão precisa entrar na sala, dar a pata para o bebê, mostrar que reconhece o herói com sua capa de esquimó, ir até a mesa, encontrar o osso e bater alegremente as patas. Agora, quem tem um repertório de truques para cobrir tudo isso? Só Pluto!

Ele bufou.

Gloria Garton disse:

– Ah.

Com aquele único som ela expressou que sentia uma profunda empatia por ele, que o adestrador era um jovem muito bonito que ela adoraria reencontrar em novas oportunidades e que nenhuma estrela canina roubaria *Presas da floresta* dela. Gloria ajeitou um pouco a saia, se reclinou e deu a impressão de que aquela simples cadeira de madeira no palco vazio do teatro fosse mais imponente do que qualquer trono jamais havia sido.

– Tudo bem.

O homem de boina violeta acenou para o último candidato fracassado e leu em um cartão: “Cachorro: Wopsy. Proprietário: sra. Channing Galbraith. Adestrador: Luther Novatto.”

– Pode trazer.

Um assistente correu nos bastidores, e ouviram-se gemidos e choramingos quando a porta se abriu.

– O que esses cães têm hoje? – perguntou o homem de boina violeta. – Parecem todos mortos de medo.

– Acho que é aquele cão-lobo grande e cinza – disse Fergus O’Breen. – Por algum motivo, não gostam dele.

Gloria Garton baixou as pálpebras com maquiagem roxa e lançou um majestoso olhar de suspeita para o jovem detetive. Não havia nada de errado com a presença dele ali. Sua irmã era a chefe de publicidade da Metropolis, e ele havia cuidado de diversos casos confidenciais do estúdio; até mesmo para ela, quando um motorista tentou chantageá-la. Fergus O’Breen era uma figura tarimbada da Metropolis. Mesmo assim a incomodava.

O assistente trouxe o Wopsy da sra. Galbraith. O homem de boina violeta olhou para ele e gritou. O grito ecoou em todas as paredes do teatro durante o minuto de silêncio que se sucedeu. Por fim, ele conseguiu reunir as palavras.

– Um cão-lobo! Tookah é o maior papel já escrito para um cão-lobo! E o que nos trazem? Um terrier! Se quiséssemos um terrier, poderíamos colocar Asta no elenco!

– Mas se ao menos você nos deixar mostrar... – começou a protestar o

adestrador esguio de Wopsy.

– Saia daqui! – gritou o homem de boina violeta. – Saia daqui antes que eu perca a compostura!

Wopsy e seu treinador saíram de fininho.

– Em El Paso, eles me levaram um pelado mexicano – lamentou-se o diretor de elenco. – Em St. Louis surgiu um pequinês. E, quando aparece um cão-lobo, ele fica em um canto esperando que alguém traga um trenó para ele puxar.

– Talvez você devesse tentar um lobo de verdade – sugeriu Fergus.

– Lobo, *bobo*! Vamos acabar enfiando John Barrymore em uma pele de lobo.

Ele pegou o cartão seguinte.

– Cão: Yoggoth. Proprietário e Treinador. Senhor O. Z. Manders. Pode mandar entrar.

Os choros que vinham dos bastidores cessaram quando Yoggoth foi trazido para o teste. O homem de boina violeta mal olhou para o proprietário e adestrador de barba franjada. Ele só tinha olhos para o esplêndido lobo cinza.

– Ah, se você souber atuar... – rezou ele, com o mesmo fervor com o qual muitos homens já haviam pensado: “Se você souber cozinhar...”

Ele ajeitou a boina em um ângulo ainda mais atípico e disse:

– Beleza, sr. Manders. O cachorro deve entrar na sala, dar uma pata para o bebê, mostrar que reconhece o herói disfarçado de esquimó, ir até a mesa, encontrar o osso e bater alegremente as patas. O bebê ficará aqui, o herói aqui e a mesa aqui. Entendeu?

Yoggoth abanou o rabo.

– Muito bem, colega – disse o sr. Manders. – Faça isso.

Yoggoth fez.

A boina violeta saiu voando pelos ares, carregada pelas asas do grito triunfal de alegria proferido pelo dono.

– Ele conseguiu – repetia. – Ele conseguiu!

– É claro, colega – disse o sr. Manders, em tom calmo.

O adestrador que odiava Pluto estava com o rosto tão branco quanto o espelho de um vampiro. Fergus O’Breen ficou sem palavras, de tão maravilhado. Até mesmo Gloria Garton se permitiu ficar surpresa, e um lapso de interesse cruzou sua máscara de magnificência.

– Quer dizer que ele é capaz de fazer qualquer coisa? – gorgolejou o homem que costumava usar uma boina violeta.

– Qualquer coisa – disse Manders.

– Ele é capaz de... vejamos... na sequência no salão do baile... ele pode nocautear um homem, rolar sobre ele e revistar seu bolso traseiro?

Antes mesmo de o sr. Manders dizer: “Mas é claro”, Yoggoth já havia

demonstrado que sim, convenientemente utilizando Fergus O’Breen para contracenar.

– Paz! – suspirou o diretor de elenco. – Paz... Charley!

Ele chamou o assistente.

– Mande todos embora. Não haverá mais testes. Encontramos Tookah! Mas que maravilha.

O adestrador foi até onde o sr. Manders estava.

– É mais do que uma maravilha, senhor. Suas habilidades são sobre-humanas. Juro que não detectei nem mesmo o menor sinal que o instruiu a executar essas operações tão complexas. Diga-me, sr. Manders, que técnica o senhor usa?

O sr. Manders emitiu um som de negação.

– É um segredo profissional, meu jovem. Espero que entenda. Pretendo abrir uma escola quando me aposentar, mas é claro que até lá...

– Claro, senhor. Entendo. Mas nunca vi nada assim em toda a minha vida.

– Será que seu cão também é capaz de sair de cima das pessoas? – observou Fergus O’Breen do chão.

O sr. Manders conteve um sorriso.

– É claro! Yoggoth!

Fergus se recompôs e deu batidinhas em suas roupas para tirar a sujeira do palco, o tipo de sujeira mais pegajoso da terra.

– Sou capaz de jurar que sua fera gostou disso – murmurou ele.

– Não guarde mágoas, por favor, senhor...

– O’Breen. Não vou. Na verdade, gostaria de propor uma pequena comemoração em honra a esse grande acontecimento. Sei que não há onde beber perto do campus, então trouxe uma garrafa só para garantir.

– Ah – disse Gloria Garton.

O tom sugeria que bebedeiras eram algo comum em seu meio; que aquela, no entanto, era uma ocasião especial; e que talvez, no fim das contas, ela tivesse algumas coisas a dizer ao detetive de olhos verdes.

Estava fácil demais, pensava Lobato Lobo-Yoggoth o tempo todo. Havia alguma falha em algum ponto. Aquela sem dúvida era a solução ideal para ganhar dinheiro sendo um lobisomem. Levar a compreensão da fala humana e das instruções para um belo corpo animal era a resposta às preces do diretor. Seria perfeito enquanto durasse; e se *Presas da floresta* fosse um sucesso apareceriam outros filmes para Yoggoth. Veja o exemplo de Rin-Tin-Tin. Mas estava fácil demais...

Seus ouvidos detectaram um “Ah” familiar, e sua atenção se voltou para Gloria. Aquele “Ah” significava que ela não deveria beber mais, mas, como os

licores não faziam efeito e aquela era uma ocasião especial, ela aceitaria. A mulher era ainda mais bonita do que ele lembrava. Os cabelos dourados caíam até a altura dos ombros, e os cachos fluíam com tamanha perfeição que era difícil para ele se conter e não tentar encostar neles com a pata. O corpo dela também havia amadurecido e estava ainda mais cálido e promissor do que as memórias que ele tinha dela. E em sua nova forma ele descobriu o maior encanto dela e algo que não havia sido capaz de apreciar como humano: o aroma profundo e excitante de sua carne.

– A *Presas da floresta* – brindava Fergus O'Breen. – E que esse seu herói leve um aperto pior do que o meu.

Lobo-Yoggoth sorriu para si mesmo. Aquilo havia sido divertido. Era uma lição para que o detetive não fuçasse quartos de hotel por aí.

– Já que estamos celebrando, colegas, por que negligenciar nossa estrela? – perguntou Ozymandias, o Grande. – Tome, Yoggoth.

Ele lhe entregou uma garrafa.

– Ainda por cima, bebe! – exclamou o diretor de elenco, com deleite.

– Claro. Foi assim que desmamou.

Lobo tomou um grande gole. A sensação era boa. Cálida e complexa, quase como o cheiro de Gloria.

– Mas e você, sr. Manders? – insistiu o detetive, pela quinta vez. – Na verdade, essa comemoração é sua. Não é a pobre fera quem receberá os cheques de quatro dígitos da Metropolis. E você só tomou um copo.

– Nunca bebo um segundo, colega. Conheço os riscos de minha situação. Uma segunda bebida no organismo, e as coisas começam a acontecer.

– Poderia acontecer algo mais incrível do que treinar cães milagrosos? Vamos, O'Breen. Faça-o beber. Vamos ver o que acontece.

Fergus deu, ele próprio, outro grande gole.

– Vamos. Tem outra garrafa no carro, e tenho o suficiente para garantir que não sairei daqui sóbrio. Tampouco quero companhias sóbrias.

Seus olhos verdes começavam a brilhar, revigorados.

– Não, obrigado, colega.

Gloria Garton deixou o trono, caminhou até o homem rechonchudo e parou diante dele, apoiando suavemente a mão em seu braço.

– Ah – disse ela.

Com isso ela queria dizer que cães eram cães, mas ainda assim a festa era sem dúvida em honra dela, e sua recusa em beber era uma ofensa pessoal.

Ozymandias, o Grande, olhou para Gloria, suspirou, deu de ombros, aceitou a própria sorte e bebeu.

– Você já treinou muitos cães? – perguntou o diretor de elenco.

– Lamento, colega. Esse é meu primeiro.

– Ainda mais incrível! Mas qual era sua profissão antes disso?

– Bem, veja só, eu sou mágico.

– Ah – disse Gloria Garton.

Sua fala indicava prazer e até continha o breve comentário: “Tenho um amigo que faz magia negra.”

– Temo informá-la, senhorita, de que as minhas são apenas brancas. Já é bastante complicado. Com a negra o cara se expõe a perigos verdadeiros...

– Peraí – interveio Fergus. – Você quer dizer que é um mágico de verdade? Não apenas um presti... um desses que fazem truques?

– Claro, colega.

– Boa encenação – disse o diretor de elenco. – Nunca deixe que vejam os espelhos.

– Ahã – assentiu Fergus. – Mas olhe só, sr. Manders, dê um exemplo de algo que você faz.

– Bem, eu posso transformar...

Yoggoth latiu alto.

– Ah, não – corrigiu Ozymandias, apressado. – Isso está um pouquinho além de minhas capacidades. Mas eu sei...

– Você sabe fazer aquele truque da corda indiana? – perguntou Gloria com languidez. – Meu amigo disse que é extremamente difícil.

– Difícil? Ué, senhora, não há nada de mais. Lembro uma vez em Darjeeling...

Fergus tomou outro grande gole.

– Quero ver o truque da corda indiana – anunciou ele em tom de desafio. – Conheci alguém que conhecia alguém que conhecia alguém que já havia visto o truque, mas foi o mais próximo que já cheguei. E continuo sem acreditar.

– Mas, colega, é tão simples.

– Não acredito.

Ozymandias, o Grande, ergueu-se em toda a sua falta de altura.

– Colega, você está prestes a vê-lo!

Yoggoth puxou a ponta do casaco dele em sinal de alerta.

– Deixe-me em paz, Lobo. Uma aspersão entrou em cena!

Fergus voltou dos bastidores arrastando um grande pedaço de corda suja.

– Essa serve?

– Perfeitamente.

– E aí? – perguntou o diretor de elenco.

– *Shhh!* – disse Gloria. – Ah...

Ela sorriu admirada para Ozymandias, cujo peito havia inchado ao ponto de ameaçar a segurança de seus botões.

– Senhoras e senhores – anunciou ele, com uma voz capaz de preencher um grande auditório –, vocês estão prestes a testemunhar Ozymandias, o Grande, executando o Truque da Corda Indiana!

Então acrescentou, despreocupado:

– É claro que não tenho um garotinho para transformar em carne moída, a não ser que algum de vocês... Não? Bem, vamos tentar fazer sem. Mas assim não é tão impressionante. E Lobo, dá para você parar de me puxar?

– Achei que o nome dele fosse Yogi – disse Fergus.

– Yoggoth. Mas ele é metade lobo, pelo lado da mãe... Agora, façam silêncio, todos vocês!

Ele havia enrolado a corda enquanto falava. Em seguida, posicionou o rolo no centro do palco, onde parecia uma cascavel ameaçadora. Ele se pôs ao lado da corda e, com habilidade e profissionalismo, realizou uma série de passes e murmúrios tão rápidos que nem mesmo os olhos e ouvidos sobre-humanos de Lobo-Yoggoth os acompanharam.

O fim da corda se desprendeu do rolo, ergueu-se no ar, virou-se por um instante como se não soubesse em que direção seguir e por fim saltou até que toda sua extensão estivesse desenrolada. Na parte de baixo, apenas alguns centímetros ainda estavam apoiados no chão do palco. Gloria arquejou. O diretor de elenco deu um gole apressado. Fergus, por algum motivo, olhou com curiosidade para o lobo.

– E agora, senhoras e senhores... ah, como eu queria ter um garoto para triturar... Ozymandias, o Grande, subirá por essa corda até a terra conhecida apenas pelos usuários de cordas. À frente e acima! Já, já eu volto – acrescentou ele para tranquilizar Lobo.

As mãos roliças seguraram a corda acima da altura da cabeça e deram uma puxadinha. Os joelhos dobraram e se engancharam no pilar de cânhamo. E assim ele subiu feito um macaco subindo em um galho, cada vez mais alto, até desaparecer de maneira repentina.

Simplesmente desapareceu. E só. Para Gloria, nem mesmo um “Ah” foi suficiente. O diretor de elenco se sentou com a bela calça de flanela no chão imundo e ficou boquiaberto. Fergus praguejou de maneira suave e melodiosa. E Lobo sentiu um frio premonitório percorrer sua espinha. A porta do palco se abriu, e entraram dois homens de calças de brim e camisetas de trabalho.

– Ei! – disse o primeiro. – Onde vocês acham que estão?

– Somos da Metropolis Pictures – começou a explicar o diretor de elenco enquanto se levantava.

– Mesmo que sejam de Washington, pouco me interessa. Precisamos esvaziar o palco. Passarão filmes aqui hoje à noite. Venha, Joe, me ajude a tirá-los daqui.

O cachorro também.

– Você não pode, Fred – disse Joe com reverência.

Ele apontou para a frente, e sua voz se reduziu a um sussurro de admiração:

– É Gloria Garton...

– Que seja. Olá, srta. Garton. Nossa... aquele seu último foi uma porcaria, viu?!

– Seus fãs, minha querida – murmurou Fergus.

– Vamos! – gritou Fred. – Saiam daqui. Precisamos limpar. E você, Joe! Recolha aquela corda!

Antes que Fergus pudesse se mover, antes que Lobo pudesse saltar em resgate, o eficiente assistente de palco puxou a corda e começou a enrolá-la. Lobo olhou para a parte de cima do palco. Não havia nada lá. Nadinha. Em algum lugar além da ponta daquela corda estava o único homem na Terra em quem podia confiar para dizer *Absarka!*; e o caminho de volta havia sido interrompido para sempre.

Lobato Lobo estava esparramado no chão do *boudoir* de Gloria Garton e viu aquele ser voluptuoso trocar de roupa com a mais encantadora negligência.

A situação era perfeita. Eram seus maiores sonhos tornando-se realidade. O único problema era que ele continuava preso no corpo de um lobo. Gloria se virou, agachou-se e fez carinho sob o focinho dele.

– Quenhé u cachorrinho bunitu, quenhé?

Lobo não conteve um rosnado.

– Vuxê num gota que a Gloria fale que nem bebê? Vuxê foi um lobo muito feio, muito feio.

Era uma tortura. Estar no quarto de hotel de sua grande amada, com toda a beleza dela revelada diante de seus olhos famintos, e ela falando com você como se fosse um bebê! No início, Lobo havia ficado contente quando Gloria se ofereceu para cuidar de seu coadjuvante até que o treinador reaparecesse (pois ninguém queria admitir que talvez o “sr. O. Z. Manders” tivesse desaparecido de fato e em definitivo), mas começou a perceber que a situação poderia trazer menos prazeres que incômodos.

– Lobos são engraçados – observou Gloria.

Ela era mais falante quando estava sozinha, sem a necessidade de ser misteriosa e fascinante.

– Conheci um Lobo uma vez, mas esse era o nome dele. Era um homem. Um homem engraçado.

Lobo sentiu o coração bater mais rápido sob o pelo cinza. Escutar o próprio nome saindo dos lábios de Gloria... Mas antes que ela contasse ao seu bicho de estimação como Lobo era engraçado, a criada bateu na porta.

– Ah, o sr. O’Breen está aqui para vê-la, senhorita.

– Diga para ele ir embora.

– Ele disse que é importante, senhorita. Parece estar em apuros.

– Ah, está bem.

Gloria se levantou e vestiu seu véu de mistério de maneira mais respeitosa.

– Vamos lá, Yog... não, esse é um nome bobo. Vou chamá-lo de Lobinho. É mais fofo. Venha, Lobinho, e me proteja do detetive grande e mau.

Fergus O’Breen estava perambulando pela sala de espera com uma feroz premeditação em suas passadas. Ele parou e esperou Gloria e o lobo entrarem.

– E aí – observou ele, curto e grosso. – Trouxe reforços?

– Precisarei deles? – perguntou Gloria de maneira amável.

– Olhe só, luz da minha vida.

O resplendor em seus olhos verdes era frio e mortífero.

– Você tem jogado seus joguinhos, e, sejam quais forem seus objetivos, tem uma coisa que eles não são: jogo limpo.

Gloria deu a ele um sorriso lânguido.

– Você é divertido, Fergus.

– Obrigado. No entanto, duvido que suas atividades também sejam.

– Você ainda é um garotinho brincando de polícia e ladrão. Qual é o bicho-papão que você está perseguindo agora?

– Rá-rá – disse Fergus, com educação. – Você sabe a resposta melhor que eu. É por isso que estou aqui.

Lobo ficou intrigado. Aquela conversa não fazia nenhum sentido para ele. Ainda assim, sentiu uma tensão de perigo no ar. Era tão clara que ele podia cheirá-la.

– Desembuche – pressionou Gloria. – E lembre-se de que a Metropolis Pictures ficará agradecida a você por atrapalhar uma de suas maiores estrelas.

– Algumas coisas, minha doçura, são mais importantes do que filmes, embora talvez isso não faça sentido do seu ponto de vista. Uma delas é uma certa federação de quarenta e oito unidades. Outra é um conceito abstrato chamado democracia.

– E aí?

– E aí eu queria fazer uma pergunta: por que você veio a Berkeley?

– Para divulgar *Presas*, é óbvio. Foi ideia da sua irmã.

– Você já recusou oportunidades melhores em acessos temperamentais. Por que aceitar essa?

– Você não costuma acompanhar lances publicitários de perto, Fergus. Por que *você* está aqui?

Fergus voltou a andar em círculos.

– E por que seu primeiro ato em Berkeley foi visitar o escritório do departamento de alemão?

– Não é compreensível? Eu estudei lá.

– Especialização em artes cênicas, e você não chegou nem perto do Pequeno Teatro. Por que o departamento de alemão?

Ele se deteve bem em frente a ela, enquadrando-a com seu olhar verde.

Gloria assumiu a postura de uma rainha capturada que desafia um conquistador bárbaro.

– Muito bem. Se você precisa saber... fui ao departamento de alemão para ver o homem que amo.

Lobo prendeu a respiração e tentou impedir o rabo de balançar.

– Sim, você acaba de arrancar meu último véu, forçando-me a confessar o que ele deveria ser o primeiro a saber – continuou ela, em tom apaixonado. – O homem pediu minha mão por carta. Fui tola e rejeitei a oferta. Mas pensei, pensei, e enfim entendi. Eu precisava vê-lo quando viesse a Berkeley...

– E você viu?

– Aquela ratinha da secretária dele me disse que ele não estava lá. Mas vou encontrá-lo. E quando isso acontecer...

Fergus fez uma reverência rígida.

– Meus cumprimentos a ambos, minha doçura. E qual o nome desse tão sortudo cavalheiro?

– Prof. Lobato Lobo.

– Que, certamente, é o indivíduo mencionado aqui?

Ele tirou um pedaço de papel de seu casaco esporte e entregou-o a Gloria. Ela ficou pálida e em silêncio. Mas Lobato Lobo não esperou pela resposta dela. Não importava. Ele sabia a solução para seu problema e escapuliu para o *boudoir* dela sem ser notado.

Gloria Garton entrou no *boudoir* um minuto mais tarde, abalada e inconsolável. Ela destampou um dos delicados frascos de perfume em seu guarda-roupa e se serviu de uma boa dose de uísque. Então, suas sobrancelhas se ergueram de surpresa quando ela olhou para o espelho. Uma misteriosa palavra havia sido rabiscada no espelho de vidro com o batom carmim dela:

A B S A R K A

COM A TESTA FRANZIDA, ela disse em voz alta:

– *Absarka*...

De trás de um biombo saiu o prof. Lobato Lobo, incongruentemente enrolado

em um dos robes mais exuberantes de Gloria.

– Lobato! – exclamou ela. O que você está fazendo no meu quarto?

– Eu te amo. Te amo desde a época em que você não sabia diferenciar os verbos fortes dos fracos. E agora sei que você me ama...

– Isso é terrível. Por favor, vá embora daqui!

– Gloria...

– Saia daqui, ou atiçarei meu cão contra você. Lobinho... Lobinho querido, vem cá.

– Sinto muito, Gloria. Mas Lobinho não vai lhe responder.

– Ah, seu monstro! Você machucou o Lobinho? Você...

– Eu não tocaria em um pelo dele. Pois, veja bem, minha querida Gloria, eu sou Lobinho.

– Que diabos você...

Gloria olhou para o quarto. Era inegável que não havia vestígio da presença de um cão-lobo. E lá estava um homem vestido apenas com um dos robes delas, e nem sinal de suas roupas. E depois daquele homenzinho engraçado com a corda...

– Você achava que eu era insosso e sem graça – prosseguiu Lobo. – Você achou que eu havia me afundado em uma rotina acadêmica. Mais cedo ou mais tarde, você acabaria com um ator ou policial. Mas eu, Gloria, sou mais empolgante do que qualquer coisa que você já sonhou. Não há outra alma na terra para quem eu revelaria isso, Gloria, mas eu sou um lobisomem.

Gloria engoliu em seco.

– Não é possível! Mas tudo faz sentido. O que escutei sobre você no campus, seu amigo com a barba esquisita e a maneira como desapareceu... E, claro, isso explica como você fez os truques que nenhum cão de verdade faria...

– Você não acredita, querida?

Gloria se ergueu da cadeira em frente à penteadeira e caiu nos braços dele.

– Eu acredito, querido. E isso é maravilhoso! Aposto que não há nenhuma outra mulher na história de Hollywood que foi casada com um lobisomem!

– Então, você vai...

– Mas é claro, querido. Podemos fazer isso dar muito certo. Encontraremos algum babaca para ser seu adestrador durante as filmagens. Você pode trabalhar durante o dia e voltar para casa à noite, e eu direi aquela palavra para você. Será perfeito.

– Gloria... – murmurou Lobo, com ternura.

– Tem uma coisa, querido. Só uma coisinha. Você faria um favor a Gloria?

– Qualquer um!

– Mostre-me como é a transformação. Transforme-se para mim agora. Depois

trarei você de volta em um segundinho.

Lobo disse A Palavra. Estava tão extasiado e alegre que mal sentiu a dor. Ele deu cambalhotas pela sala, demonstrando grande flexibilidade em suas pernas de lobo, e parou diante de Gloria, abanando o rabo e esperando por aprovação.

Gloria acariciou sua cabeça.

– Você é um bom garoto, Lobinho. E agora, querido, pode ficar bem aí nessa porcaria de forma.

Lobo deixou escapar um ganido de surpresa.

– Você me escutou, Lobinho. Vai ficar assim. Você não acreditou em nada daquela lorota que larguei pra cima do detetive, acreditou? Amar você? Nunca que eu perderia meu tempo desse jeito, né?! Mas assim você pode me ser muito útil. Com o adestrador longe, posso cuidar de você e ganhar alguns milhares a mais toda semana. Não vai ser ruim. E o prof. Lobato Lobo vai desaparecer para sempre, o que se encaixa muito bem nos meus planos.

Lobo rosnou.

– Nem tente ficar agressivo, meu querido Lobinho. Vuxê num faria mal à sua quirida Gloria, né? Lembre-se do que posso fazer por você. Sou a única pessoa que pode transformá-lo em homem outra vez. Você não ousaria ensinar mais ninguém. Não ousaria deixar as pessoas saberem o que você de fato é. Uma pessoa ignorante o mataria. Uma pessoa esperta o prenderia por ser louco.

Ainda assim Lobo avançou, ameaçador.

– Ah, não. Você não me faria mal. Pois só o que preciso fazer é dizer a palavra no espelho. Aí você já não seria um lobo perigoso. Seria apenas um homem no meu quarto, e eu gritaria. Depois do que aconteceu ontem no campus, por quanto tempo você acha que ficaria longe do hospício?

Lobo recuou e deixou o rabo cair.

– Está vendo, meu querido Lobinho? Gloria tem vuxê bem comu ela qué vuxê. E podi tê certeza que vuxê vai sê um bom garoto.

Alguém bateu na porta do *boudoir*, e Gloria disse:

– Pode entrar.

– Um cavalheiro quer vê-la, senhorita – disse a criada. – Um tal de prof. Temente.

Gloria abriu seu mais terrível e majestoso sorriso.

– Vamos lá, Lobinho. Talvez isso lhe interesse.

O prof. Oscar Temente transbordava em uma das cadeiras da sala de espera. Ele sorriu com benevolência quando Gloria e o lobo chegaram.

– Ah, minha querida. Um novo bicho de estimação. Emocionante.

– E que bicho, Oscar. Espere só até ouvir.

O prof. Temente poliu os óculos pincenê na manga.

– E espere só, minha querida, até saber o que descobri. Chiswick aperfeiçoou seu painel de proteção contra bombas magnéticas, e o teste oficial está marcado para a semana que vem. E Farnsworth está quase terminando suas pesquisas sobre um novo processo para a obtenção do ósmio. A guerra pelo petróleo pode começar a qualquer dia desses, e a energia que pode ser gerada por um grande suprimento de...

– Ótimo, Oscar – interrompeu Gloria. – Mas podemos tratar disso tudo mais tarde. Agora temos outras preocupações.

– Como assim, minha querida?

– Você não se deparou com um irlandês ruivo de camisa amarela?

– Não, eu... ah, sim. Vi tal indivíduo saindo do escritório ontem. Acho que estava lá para ver Lobo.

– Ele está atrás de nós. É um detetive de Los Angeles que está nos seguindo. Arranjou em algum lugar uma pequena gravação que deveria ter sido destruída. Ele sabe que estou envolvida e sabe que estou envolvida com alguém do departamento de alemão.

O prof. Temente examinou o pincenê, aprovou seu grau de limpeza e encaixou-o no nariz.

– Não precisa ficar tão agitada, minha querida. Nada de histeria. Vamos com calma. Ele sabe do Templo da Negra Verdade?

– Ainda não. Nem de você. Ele só sabe que estou com alguém do departamento.

– Como poderia ficar mais simples? Você ouviu da estranha conduta de Lobato Lobo?

– Se ouvi! – gargalhou Gloria, com ímpeto.

– Todos sabem da paixão de Lobato por você. Jogue a culpa nele. Será fácil se livrar e dar a impressão de que você é uma ferramenta inocente. Direcione todas as atenções para ele, e a organização ficará segura. O Templo da Negra Verdade poderá seguir seu místico caminho e extrair ainda mais informações valiosas de cientistas cautelosos que precisam encontrar alívio emocional em uma falsa religião.

– Foi o que tentei fazer. Dei a O’Breen um longo blá-blá-blá sobre minha devoção por Lobato, tão visivelmente falsa que ele deve ter pensado que era uma tentativa de disfarçar outra coisa. E acho que ele mordeu a isca. Mas a situação é muitíssimo mais complexa do que você pensa. Sabe onde está Lobato Lobo?

– Ninguém sabe. Depois que o presidente... hum... reprimiu-o, parece que ele desapareceu.

Gloria gargalhou outra vez.

– Ele está bem aqui. Nesta sala.

– Minha querida! Paredes falsas e tudo? Você leva a espionagem a sério demais. Onde?

– Ali!

O prof. Temente ficou embasbacado.

– Está falando sério?

– Tão sério quanto você ao falar sobre o futuro do fascismo. Esse é Lobato Lobo.

Temente se aproximou do lobo, incrédulo, e estendeu a mão.

– Ele pode morder – alertou Gloria, um segundo tarde demais.

Temente olhou para a mão ensanguentada.

– Isso, ao menos, é incontestável – observou.

Ele ergueu o pé para dar um pontapé forte no animal.

– Não, Oscar! Não faça isso! Deixe-o em paz. Você terá que acreditar em mim. É complicado demais. Mas o lobo é Lobato Lobo, e está absolutamente sob meu controle. Ele está em nossas mãos. Vamos redirecionar as suspeitas para ele, e vou mantê-lo dessa forma enquanto Fergus e seus amigos do governo partirem em seu encalço.

– Minha querida! – ejaculou Temente. – Você é louca. Seu caso é mais grave do que o dos membros mais devotos do templo.

Ele retirou os óculos pincenê e olhou outra vez para o lobo.

– Se bem que, na noite de terça-feira... Diga-me uma coisa: com quem você arrumou esse... esse cão-lobo?

– Com um homem pequeno e roliço de barba franjada.

Temente arquejou. Claramente se lembrou do furor no templo, do lobo e do homem de barba franjada.

– Muito bem, minha querida, acredito em você. Não me pergunte por quê, mas acredito. E agora...

– Agora está tudo ajeitado, não? Vamos mantê-lo aprisionado aqui e usá-lo para...

– O lobo como bode expiatório. Sim. Muito bonito.

– Ah! Uma coisa...

De repente, ela pareceu apavorada.

Lobato Lobo estava cogitando a possibilidade de atacar Temente de surpresa. Era bem plausível que conseguisse sair da sala antes que Gloria dissesse "*Absarka!*". Mas e depois? Em quem ele poderia confiar para trazê-lo de volta ao normal? Sobretudo se a polícia fosse atrás dele...

– O que foi? – perguntou Temente.

– Aquela secretária. Aquela ratinha do escritório do departamento. Ela sabe que perguntei por você, e não por Lobo. Fergus não deve ter falado com ela

ainda, porque engoliu minha história; mas vai. Ele é metódico.

– Humm-m-m. Então, nesse caso...

– Sim, Oscar?

– Posso lidar com ela.

O prof. Oscar Temente deu um sorriso de gênio e pegou o telefone.

Lobo agiu de imediato, inspirado e impulsivo. Seus dentes eram fortes, a ponto de arrancarem o fio do telefone da parede. Isso só levou um segundo, e no seguinte ele estava fora da sala e passava pelo corredor antes que Gloria abrisse a boca para dizer a palavra que transformaria o lobo poderoso e ameaçador em um homem fútil.

Houve gritos estridentes e um ou dois berros de “Cachorro louco!” conforme atravessou o saguão do hotel correndo, mas ele não lhes deu atenção. O principal era chegar à casa de Emily antes que pudessem “lidar” com ela. Sua prova era essencial. Aquilo poderia inverter a balança e mostrar a Fergus e seus homens do governo onde residia a culpa. Além disso, admitiu a si mesmo, Emily era uma jovem muito agradável...

Sua taxa de colisões era de aproximadamente um vírgula meia meia por quadra, e as maldições lançadas contra ele, se teologicamente válidas, teriam sido mais que suficientes para condená-lo pela eternidade. Mas ele estava ganhando tempo, e isso era só o que importava. Ele passou em disparada por sinais de trânsito, cortou a frente de caminhões, desviou por baixo de carros e até chegou a saltar por cima de um carro estacionado que obstruía seu caminho. Tudo ia bem e Lobo já estava na metade do caminho quando noventa quilos de carne humana caíram sobre ele em uma investida aérea.

Lobo olhou para cima através dos feixes de luz brilhantes que surgiam devido à pancada de sua cabeça na calçada e viu seu antigo nêmese, o policial que havia sido privado de uma cerveja.

– E aí, Rover! – disse o policial. – Finalmente peguei você, hein? Vejamos se agora você tem uma coleira adequada. Você não sabia que eu era bom em futebol americano, sabia?

O policial segurava seu pelo com tanta força que chegava a doer. Uma multidão animada se reuniu ao redor deles, importunando o policial com conselhos delirantes.

– Circulando, rapazes – advertiu ele. – Essa é uma questão particular entre mim e Rover. Vamos.

Ele puxou ainda mais forte.

Lobo perdeu um grande tufo de pele e pelos com o puxão do policial e sentiu o sangue escorrer no buraco que se formou ao redor do pescoço. Ele escutou os

impropérios do policial e o disparo de um tiro de pistola ao mesmo tempo, então sentiu uma pontada semelhante à de uma agulha entrando em seu ombro. A plateia surpresa abriu caminho. Mais duas balas vieram atrás de seu corpo, mas ele fugiu, deixando para trás o policial mais incrédulo de Berkeley.

– Eu acertei – murmurava o policial, pálido. – Eu acertei o...

Lobato Lobo percorreu a rua de Estância. Mais duas quadras e ele estaria na casinha que Emily dividia com um professor temporário de alguma coisa ou outra. Arrancar o telefone da parede apenas havia retardado Temente; àquela altura, as ordens já haviam sido dadas; a funcionária já estaria a caminho. Mas ele estava quase lá...

– Oi – chamou a voz aguda de uma criança. – Au au bi-ito voltô!

Do outro lado da rua estava a humilde casa pré-fabricada de Robby e da bruxa da sua mãe. A criança estava brincando na calçada. Ao ver seu ídolo e salvador, começou a atravessar a rua engatinhando.

– Au au bi-ito – chamava ele. – Ispela Robby.

Lobo prosseguiu. Não havia tempo para brincar nem mesmo com o mais agradável dos filhotes. Então, viu o carro. Era um calhambeque repleto de adesivos com piadas ainda mais antigas, e o jovem universitário ao volante obviamente estava mostrando à namorada como andar rápido naquela rua residencial deserta. A garota era coisa fina, e por que se dar o incômodo de tomar cuidado com as crianças?

Robby estava bem na rota do carro. Lobo saltou feito uma bala. Sua trajetória o deixou tão perto do carro que ele sentiu o calor do radiador na lateral do corpo. Pegou Robby com as patas e o salvou do perigo. Os dois caíram juntos no chão justo quando o carro passou por cima da última vértebra caudal de Lobo.

A coisa fina gritou:

– Homer! Nós os acertamos?

Homer não disse nada, e o calhambeque se afastou.

Os gritos de Robby aumentaram de volume:

– Você me machucou! Você me machucou! Au au *feeeeeeeeio*!

A mãe dele apareceu no quintal e contribuiu com seus próprios gritos de raiva. A cacofonia era terrível. Lobo soltou, ele mesmo, um uivo de lamento para completar o coro e se lamentar pelo rabo machucado. Não havia tempo para desfazer mal-entendidos.

Mas os dois atrasos haviam sido suficientes. Sem saber, Robby e o policial trabalharam a favor dos planos de Oscar Temente. Quando Lobo se aproximou da casinha de Emily, viu um carro cinza saindo. No retrovisor, via-se uma garota pequena e delgada que parecia triste.

Mesmo a velocidade máxima de um lobisomem não é páreo para um carro motorizado. Após persegui-lo por uma quadra, Lobo desistiu e sentou-se arfante apoiado nas patas posteriores. Mesmo naquele momento tenso, ele pensou como era engraçado não ser capaz de suar e ter que abrir a boca e pôr a língua para fora e...

– Problemas? – perguntou uma voz solícita. Lobo reconheceu o gato.

Ele assentiu com sinceridade.

– Céus, sim. Mais do que você poderia sonhar.

– Falta de comida? – indagou o gato. – Mas aquela criança lá era bem roliça.

– Cale a boca – rosnou Lobo.

– Desculpe; eu só estava formando um juízo a partir do que Confucius me disse sobre os lobisomens. Não vai me dizer que é um metamorfo altruísta, né?

– Acho que sou. Sei que lobisomens devem sair por aí e fazer um massacre, mas no momento tenho uma vida para salvar.

– Você espera que eu acredite nisso?

– É a verdade.

– Ah – refletiu o gato, em tom filosófico. – A verdade é uma coisa negra e decepcionante.

Lobato Lobo já estava de pé.

– Obrigado, você conseguiu – latiu ele.

– Consegui o quê?

– Vejo você mais tarde.

Lobo saiu em disparada com destino ao Templo da Negra Verdade.

Era sua melhor aposta. Aquela era a base de Temente. Era bem possível que aquele fosse o ponto de encontro de seus aliados quando não estava sendo usada para o culto, sobretudo após o consulado de São Francisco ter sido fechado. Mais uma vez, houve saltos e corridas desenfreados e escapadas por um triz. Se antes Lobo não havia levado nada daquilo muito a sério, agora sabia que podia ser imune a balas, mas não a atropelamentos. A dor no rabo ainda o atormentava. Mas ele precisava chegar a tempo. Lembrava a si mesmo que precisava limpar a própria reputação, mas seu pensamento real era: “Preciso salvar Emily.”

A uma quadra do templo ele escutou disparos de arma de fogo. Tiros de pistola e, ele podia jurar, também de metralhadoras. Não sabia o que aquilo poderia significar, mas apertou ainda mais o passo. Então, um carro amarelo passou e um clarão vívido partiu da janela. Ele se agachou por instinto. Ser imune a balas não significava que ficaria parado esperando por elas.

O carro se foi e ele estava prestes a seguir em frente quando o brilho de um metal chamou sua atenção. A bala que não o atingira havia se chocado à parede de tijolos e ricocheteado na calçada. Estava na frente dele, brilhando – prata

pura!

Aquilo, ele entendeu de repente, era o fim de sua imunidade. Temente havia acreditado na história de Gloria e, por causa de sua crença parcial no ocultismo, ele conhecia uma arma eficaz. Uma bala, dali em diante, não seria mais a espetada de uma agulha, e sim morte instantânea.

Lobato Lobo seguiu em frente sem pestanejar.

Ele se aproximou do templo com cautela, escondendo-se atrás dos arbustos. Não era o único à espreita: em frente ao templo, agachado em um carro com todas as janelas estilhaçadas, estavam Fergus O'Breen e um gigante com cara de lua cheia. Cada um deles tinha uma automática nas mãos e atirava a esmo no campanário.

Os ouvidos lupinos e astutos de Lobo captaram suas palavras mesmo sob o fogo cruzado.

– Gabe está indo pelo outro lado – explicava o Cara de Lua. – Mas não adianta. Sabe o que é aquele maldito campanário? Uma torreta giratória com metralhadora. Eles estavam preparados para uma situação dessas. Até onde sei, só há dois homens lá dentro, mas a torreta cobre qualquer aproximação.

– Só dois? – murmurou Fergus.

– E a garota. Eles trouxeram a garota com eles. Se ainda estiver viva.

Fergus mirou com cuidado no campanário, atirou e se agachou outra vez atrás do carro. No mesmo instante, uma bala passou a milímetros dele.

– Errei outra vez! Por todos os reis que já reinaram em Tara, Lua, tem que haver uma maneira de entrar lá. Que tal gás lacrimogênio? Lua bufou.

– Você acha que consegue chegar no ponto cego da torreta blindada partindo daqui?

– Aquela garota... – disse Fergus.

Lobo não esperou mais. Quando saltou à frente, o atirador percebeu sua presença e abriu fogo. Era como uma chuva de agulhas, com todos os respingos feitos de aço. Os nervos de Lobo doíam conforme os ferimentos se fechavam. Mas ao menos parecia que aquela metralhadora não disparava balas de prata.

A porta da frente estava trancada, mas a força de sua investida foi suficiente para arrombá-la, acrescentar uma dor no ombro ao conjunto de prazeres de Lobo. O guarda do andar de baixo, um indivíduo descorado e com pomo de adão proeminente, ergueu-se com a pistola na mão. Atrás dele, em meio aos trastes do culto (robes cerimoniais, queimadores de incenso, livros estranhos e até um tabuleiro Ouija), estava Emily.

O Homem Pálido atirou. A bala acertou Lobo em cheio no peito, e por um instante ele achou que iria morrer. Mas também era de chumbo, e ele pulou no guarda. Não era seu poderoso salto de costume. Àquela altura, suas forças já

estavam quase esgotadas. A investida foi apenas para dar combate ao oponente, não para atirá-lo no chão.

O homem girou a pistola inútil e acertou uma coronhada na cabeça da fera. Lobo foi jogado para trás, perdeu o equilíbrio e caiu no chão. Por um instante, não conseguiu se reerguer. Era muito grande a tentação de ficar ali e...

A garota se mexeu. Suas mãos atadas agarraram a ponta do tabuleiro Ouija. De alguma maneira, ela se ergueu sobre os pés atados e levantou os braços. Ela baixou o tabuleiro na cabeça do Homem Pálido justo quando ele avançava contra o lobo inerte.

Lobo se levantou. Houve um instante de tentação. Seus olhos se fixaram no pomo de adão proeminente, e ele lambeu os beiços com a língua comprida. Então, escutou a metralhadora da torreta e se afastou do corpo inconsciente de Homem Pálido.

Escadas são difíceis para os lobos, quase impossíveis. Mas, se Lobo se utilizasse da mandíbula para agarrar o degrau acima e puxar o corpo, daria para subir. Ele estava na metade da escada quando foi ouvido pelo atirador. Os tiros foram interrompidos, e Lobo escutou um complexo xingamento germânico no que logo reconheceu ser um dialeto do Leste da Prússia, possivelmente influenciado pelo lituânio. Então, viu o homem, um loiro de nariz achatado que olhava para a escada.

As balas do outro homem eram de chumbo. Aquele devia ser o cara com a arma carregada de bala de prata. Mas já era tarde demais para voltar atrás. Lobo mordeu o degrau seguinte e se ergueu no instante em que a bala rasgou sua fuça e saiu pelo outro lado. Os olhos do loiro se arregalaram quando ele atirou uma segunda vez e Lobo subiu mais um degrau. Após o terceiro tiro, ele debandou apressado pela abertura.

Ainda se ouviam tiros vindos lá de baixo, mas o atirador não voltou. Ficou paralisado contra a parede da torreta, em pânico ao ver o lobo surgindo no topo da escada. Lobo parou e tentou recuperar o fôlego. Estava morto de tensão e cansaço, mas aquele homem precisava ser derrotado.

O homem ergueu a pistola, mirou com cuidado e atirou mais uma vez. Ficou imóvel por um instante terrível, olhando para aquele lobo imortal. Por causa das histórias da avó, ele sabia do que se tratava. Apertou deliberadamente os dentes ao redor do cano da pistola automática e atirou uma última vez.

Lobo ainda não havia comido em seu corpo de lobo, mas a comida devia ter passado de seu estômago humano para o lupino. Havia ao menos o suficiente para que ele ficasse muito enjoado.

Descer pela escada era impossível, então ele pulou. Nunca havia escutado nada sobre lobos aterrissarem sempre sobre as patas, mas pareceu dar certo. Ele

arrastou o corpo cansado e ferido até onde Emily estava sentada ao lado do ainda inconsciente Homem Pálido, cuja pistola descarregada estava na mão. Ela vacilou ao ver a aproximação do lobo, como se ainda não soubesse ao certo se era um aliado ou um adversário.

Havia pouco tempo. Com a metralhadora silenciada, Fergus e os companheiros invadiriam o templo a qualquer minuto. Lobo fuçou os arredores com pressa e encontrou o encaixe do jogo de Ouija. Colocou o pedaço de madeira em forma de coração no tabuleiro e começou a apontar as letras com a pata.

Intrigada, Emily observou com atenção.

– A – disse ela, em voz alta. – B... S...

Lobo terminou a palavra e se deslocou para ficar atrás de um dos robes cerimoniais.

– Você está tentando me dizer alguma coisa?

Emily franziu o cenho.

Lobo abanou o rabo em uma veemente afirmação e começou outra vez.

– A – repetiu Emily – B S A R

Ele já escutava o som de passos se aproximando.

– K A. O que diabos isso significa? *Absarka*...

O ex-professor Lobato Lobo envolveu depressa o corpo humano nu em um robe da Negra Verdade. Antes que ele ou Emily entendessem direito o que estava acontecendo, ele a envolveu nos braços e lhe deu um beijo no mais completo sinal de gratidão. Então, desmaiou.

Até mesmo o nariz humano de Lobo era capaz de dizer que ele estava em um hospital quando acordou. Seu corpo ainda estava frouxo e exausto. A marca ao redor do pescoço onde o policial havia arrancado o pelo ainda doía, e havia um galo no local onde fora atingido pela coronhada da automática. Seu rabo, ou o local onde seu rabo esteve, lançava pontadas de dor quando tentava se mover. Mas os lençóis eram frescos, ele poderia descansar e Emily estava a salvo.

– Não sei como você entrou lá, sr. Lobo, ou o que o senhor fez; mas quero que saiba que foi um grande serviço para o país.

Quem falava era o gigante com cara de lua cheia.

Fergus O’Breen também estava sentado na cama.

– Parabéns, Lobo. Não sei se o médico aprovaria, mas tenho algo para você.

Lobato Lobo bebeu o uísque de bom grado e indagou com os olhos o homem enorme.

– Este é Lua Lafferty – disse Fergus. – Do FBI. Ele andou me ajudando a rastrear essa rede de espiões desde que ouvi falar neles pela primeira vez.

– Pegaram todos? – perguntou Lobo.

– Pegamos Temente e Garton no hotel – resmungou Lafferty.

– Mas como... eu pensei...

– Você pensou que estávamos atrás de você? – respondeu Fergus. – Essa era a ideia de Garton, mas não caí nessa. Eu já tinha conversado com sua secretária, sabe. Eu sabia que era o Temente quem ela queria ver. E, quando perguntei sobre Temente e fiquei sabendo do templo e das pesquisas de alguns membros junto ao Ministério da Defesa, tudo ficou claro.

– Excelente trabalho, sr. Lobo – disse Lafferty. – Quando pudermos fazer algo por você... e como você passou por aquela torreta com a metralhadora... Bem, O'Breen, vejo você mais tarde. Preciso checar o resto da diligência. Uma boa recuperação, Lobo.

Fergus esperou que ele saísse do quarto. Então, debruçou-se sobre a cama e perguntou em tom de confidência:

– E aí, Lobo? Vai voltar para a carreira de ator?

Lobo engoliu em seco.

– Que carreira de ator?

– Ainda vai interpretar Tookah? Caso a Metropolis faça *Presas* com a srta. Garton em uma prisão federal...

Lobo se atrapalhou ao escolher as palavras.

– Que bobagem é essa...

– Ora, Lobo. É óbvio que isso eu já sei. Talvez seja melhor você me contar a história de uma vez.

Ainda pasmo, Lobo contou.

– Mas como diabos você sabia? – concluiu.

Fergus sorriu.

– Veja bem. Doroty Sayers disse em algum lugar que nas histórias de detetive o sobrenatural pode surgir apenas para ser desmentido. Claro, parece bonito. Mas, na vida real, às vezes ele não é desmentido. Esse foi um dos casos. Havia coisas demais: suas sobrancelhas, seus dedos, os poderes mágicos obviamente reais do seu amigo, os truques que nenhum cão faria sem receber orientações, a maneira como os outros cães choramingavam e recuavam... sou bem cético, Lobo, mas também sou irlandês. Atenho-me às evidências materialistas o máximo de tempo possível, mas a partir de certo ponto já é demais para ser coincidência.

– Temente também acreditava nisso – refletiu Lobo. – Mas há uma coisa que me preocupa; se eles usaram uma bala de prata, por que todas as outras eram de chumbo? Por que fiquei a salvo dali em diante?

– Bem – disse Fergus. – Vou contar. Porque não foram "eles" que atiraram a

bala de prata. Sabe, Lobo, até o último minuto achei que você estava do lado "deles". Por algum motivo, não achei que um lobisomem teria boas intenções. Então, peguei o molde com um armeiro, visitei um joalheiro e... estou feliz pra caramba de não ter acertado – acrescentou, com sinceridade.

– *Você* está feliz?

– Mas olhe só. A pergunta de antes permanece sem resposta. Você vai retomar a carreira de ator? Porque senão eu tenho uma sugestão.

– Que seria?

– Você disse que queria ser um lobisomem prático e comercial. Beleza. Você é forte e rápido. Pode assustar as pessoas a ponto de levá-las ao suicídio. Pode escutar conversas que nenhum humano conseguiria entreouvir. É imune a balas. Existe currículo melhor para trabalhar para a polícia?

Lobo arregalou os olhos.

– Eu? Trabalhando para a polícia?

– O Lua estava me contando que eles precisam urgentemente de um homem novo. Mudaram os prerrequisitos há pouco, então seus conhecimentos linguísticos poderão substituir os saberes jurídicos ou contábeis que costumavam exigir. E, depois do que você fez hoje, um pequeno escândalo acadêmico no passado não trará nenhum problema. Lua já está bem convencido.

Lobo ficou sem palavras. Apenas três dias antes, estava atormentado porque não era ator nem policial. Agora...

– Pense nisso – disse Fergus.

– Vou pensar. De verdade. Ah, mais uma coisa. Tiveram alguma notícia de Ozzy?

– Nadinha.

– Gosto daquele homem. Preciso encontrá-lo e...

– Se ele é um mágico do nível que imagino, a única razão para ele continuar lá em cima é porque decidiu que vale a pena.

– Não sei. A magia é traiçoeira. Deus sabe que aprendi isso muito bem. Tentarei fazer meu melhor por aquele velho colega de barba franjada.

– Desejo-lhe boa sorte. Devo deixar a outra visita entrar?

– Quem é?

– Sua secretária. Está aqui a trabalho, sem dúvida.

Fergus desapareceu discretamente enquanto Emily entrava no quarto. Ela caminhou até a cama e pegou a mão de Lobo. Os olhos dele sorveram a simplicidade quieta e charmosa da moça, e ele ficou pensando que surto de adolescência tardia fora aquele que o fizera sucumbir ao glamour espalhafatoso de Gloria. Os dois ficaram quietos por um bom tempo. Então, disseram ao mesmo tempo:

– Como posso agradecer? Você salvou minha vida.
Lobo riu.
– Não vamos discutir. Digamos que salvamos nossa vida.
– Como assim? – perguntou Emily, solene.
– Você não está cansada de ser a esposa do escritório?

No bazar de Darjeeling, Chulundra Lingasuta olhou para a corda paralisado pela surpresa. O jovem Ali havia subido apenas cinco minutos antes, mas, ao descer, tinha uns cinquenta quilos a mais e uma curiosa barba franjada.



NALO HOPKINSON é uma escritora caribenha de horror, mitologia, magia e ficção científica, e é sempre boa em tudo o que decide escrever. Aqui está um conto contemporâneo que parece um mito antigo.

Gilla engoliu um caroço de cereja, e agora sua boca está cheia de palavras estranhas que ela não costumava falar. Nas histórias antigas sobre santos, árvores brotam através da carne, mas neste conto a dádiva de uma árvore se transforma em dentes.



O SORRISO NO ROSTO



Havia uma jovem moça...

– Diacho, quem liga para esse... o quê? Afinal, que bicho é esse tal de rastejoso? – resmungou Gilla.

Ela estava encolhida no sofá e tinha um livro da biblioteca do colégio apoiado nos joelhos.

– Humm? – disse a mãe dela, olhando para o monitor do computador.

Ela deixou escapar um som de impaciência e apertou uma tecla do teclado algumas vezes.

– Nada, mãe. É só que eu não sei do que esse livro está falando.

Um trabalho chato para o colégio. Gilla queria se preparar para a festa de Patricia, mas sua mãe disse que antes ela deveria terminar de ler.

– Você disse “rastejoso”? – perguntou a mãe dela.

Os dedos voltaram a bater no teclado outra vez. Gilla queria ser capaz de digitar tão rápido. Mas isso exigiria prática, e ela não estava disposta a praticar nem um pouco a mais do que era obrigada.

– Foi.

– É um tipo de dragão.

– Então, por que não chamam assim?

– É um tipo especial. Ele não tem asas, só rasteja pelo chão. Sua pele solta um líquido o tempo todo. Acho que é isso que o protege enquanto rasteja, como a gosma de uma lesma.

– Eca, mãe!

A mãe de Gilla sorriu enquanto escrevia.

– Bem, você que quis saber.

– Não. Só preciso saber por causa da escola.

– Um rastejoso está sempre faminto e faz barulhos como os de uma vaca com problemas gástricos.

Gilla riu. A mãe parou de digitar e enfim olhou para ela.

– Sabe, acho que dá para pensar neles como uma larva de dragão. Talvez ele coma o tempo todo até ter energia para se transformar no tipo que voa. Que ideia interessante. Precisarei pensar mais nela.

Ela voltou a trabalhar.

– Por que você precisa saber a respeito disso? O que está lendo?

– Tem uma moça na história. Um cara queria se casar com ela, mas ela não gostava dele, então ele a prendeu em uma masmorra...

– ... e certa noite, transformado em um rastejoso, ele foi atrás dela para devorá-la – concluiu a mãe de Gilla. – Você está estudando a história de Margarida da Antioquia?

Gilla ficou espantada.

– Sim, Santa Margarida. Como você sabia?

– Como?

A mãe girou a cadeira de escritório cambaleante para ficar de frente para a filha e sorriu enquanto tirava um dreadlock da frente do rosto.

– Querida, você lembra o que sua mãe faz, né? Sou professora de Estudos Africanos e do Oriente Médio.

– Ah.

E isso queria dizer o quê? Gilla sabia que tinha no rosto uma expressão de "hein?". Sua mãe também deve ter percebido, porque disse:

– Gilla, Antioquia ficava na Turquia antiga. No Oriente Médio...

– Ah, sim, claro. Mãe, posso fazer uns apliques?

Então, foi a mãe dela quem ficou com cara de "hein?".

– Que apliques, Gilla?

Bem, ao menos ela demonstrara interesse. Não era um "não" logo de cara.

– Aqueles pequenos apliques de trança, sabe? Talvez só uns quatro ou cinco fios por trança. São lisas, não são como... Enfim, Kashy disse que fazem no salão em frente à escola. Eles colocam os apliques direto no cabelo, da cor que você quiser e com o comprimento que desejar, e já fazem o penteado. Kashy disse que só leva umas horinhas, e os apliques ficam no cabelo por seis semanas.

A mãe se aproximou, colocou as palmas das mãos mornas nas bochechas da filha e olhou sério em seus olhos. A garota odiava quando ela fazia isso, como se Gilla ainda fosse uma criancinha.

– Você quer domar seu cabelo – disse a mãe.

Encabulada, Gilla se esquivou das mãos da mãe e alisou a maçaroca de cabelo que prendera com uma bandana para fazer os deveres de casa sem que ele ficasse

caindo sobre os olhos, a boca e o nariz. A mãe dela prosseguiu:

– Você quer um cabelo que deite no chão e finja de morto e, a cada seis semanas, quer pagar muito dinheiro por isso.

Gilla virou o rosto. O livro escorregou de seus joelhos e caiu no chão.

– Mãe, por que você sempre precisa fazer as coisas soarem tão horríveis?

Parte do cabelo dela havia escapado da bandana; isso sempre acontecia. Gilla enxergava três ou quatro cachos pretos dançando na extremidade de seu campo de visão, provocando coceira na testa. Ela soltou a bandana e prendeu-a novamente com firmeza, capturando o máximo possível do caos cabeludo para amarrá-lo firme com a faixa.

Sua mãe apenas balançou a cabeça.

– Gilla, pare de ser tão dramática. Quanto custam esses apliques?

Gilla estava com vergonha de dizer, mas mesmo assim deu um valor um pouco menor do que o informado na placa da janela do salão. Sua mãe ergueu uma das sobrancelhas.

– Minha filha, isso são três meses de mesada.

Pois é. Gilla tinha a esperança de que os pais pagassem pelas tranças. Pelo visto, não iria rolar.

– Vamos fazer o seguinte, Gilla: você economiza o dinheiro e eu deixo você fazer.

Gilla sorriu.

– Mas você precisa continuar pagando as passagens de ônibus enquanto estiver economizando.

Gilla parou de sorrir.

– Não fique tão emburrada. Se você preparar o próprio almoço todos os dias e levar de casa, não será tão difícil. Agora termine de ler a história.

A mãe voltou para o computador, toc-toc-toc. Gilla fez beicinho atrás dela, mas não disse nada, porque até estava um pouco contente. Ela faria apliques! Odiava sanduíches úmidos feitos na noite anterior, mas valeria a pena. Ignorou a vozinha em sua mente que dizia “a cada seis semanas?” e voltou a ler.

– Ããi, que nojo!

– O que foi agora? – perguntou a mãe.

– Esse cara. Tipo, esse cara rastejoso. Ele *come* a Santa Margarida, e ela fica lá no estômago dele. Tipo, *dentro* dele! Então, ela reza para Jesus, e é tãão santa que a cruz de madeira que tinha no pescoço volta a ser uma árvore e crava as raízes no chão passando *através* desse dragão, que morre ao ser arrebentado pelos galhos. Daí ela consegue sair!

– Presto bingo – riu a mãe. – Padroeira instantânea dos nascimentos.

– Por quê?

Mas Gilla pensou um pouquinho e achou que era capaz de descobrir o porquê.

– Deixa pra lá, não precisa dizer. Então, eles a tornaram santa porque matou o cara que era o troço-dragão?

– Bem, é, ela acabou canonizada após ser torturada e executada por um grupo de pessoas porque não quis se casar com aquele homem. Ela havia se convertido ao cristianismo e disse tê-lo recusado por não ser cristão. Mas, Gilla, algumas pessoas acham que ela também já não era cristã, ao menos não no fim da vida.

– Hein?

Gilla se perguntou quando Kashy apareceria. Já estava quase na hora da festa.

– Essa história de uma cruz de madeira voltando a ser uma árvore... uma árvore brotando não é um símbolo muito cristão. Uma árvore morta transformada em cruz pode até ser, mas não uma árvore viva e mágica. Isso é um símbolo pagão. Talvez tenha sido Margarida de Antioquia que fez o pedaço de madeira no pescoço brotar outra vez. Talvez a história nos conte uma situação em que o cristianismo falhou em ajudá-la, por isso ela reivindicou seu poder de bruxa. Querida, acho que Margarida de Antioquia era uma hamadríade.

– Pelo amor de Deus, mãe, uma cobra?

Aquilo, eles ensinavam na escola. Gilla conhecia a palavra *hamadríade*.

A mãe riu.

– Sim, em alguns lugares do mundo chamam um tipo de cobra de hamadríade, mas eu me refiro ao significado original. Hamadríades eram espíritos femininos cujas almas residiam em árvores. Druidas são homens, feiticeiros das árvores. Hamadríades são mulheres; acho que poderíamos dizer que são bruxas das árvores. Mas, enquanto os druidas vivem fora das árvores e aprendem tudo o que podem a respeito, as hamadríades não precisam de aulas para aprender. Elas *são* as próprias árvores.

Bizarro. Gilla espiou pela janela e viu os galhos escuros balançando ao vento, obscenamente nus com as poucas folhas da primavera que já haviam aparecido. Ela não queria falar sobre árvores.

A campainha tocou.

– Ah, deve ser Kashy! – exclamou Gilla.

Ela saiu correndo para abrir a porta e deixou o livro de lado outra vez.

Havia uma jovem de Níger...

– ÀS VEZES RANGE um pouco, sabe? – disse Gilla, ao ver o reflexo de Kashy no espelho.

Em resposta, Kashy repuxou ainda mais o cabelo de Gilla.

– Fica quietinha, garota. Dexeuver o que consigo fazer com isso. E chega desse papo bizarro. Você está sempre falando nessa árvore. Isso me assusta um pouco.

Gilla suspirou resignada e se reclinou na cadeira.

– Está bem. Só não aperta demais, ok? Fico com dor de cabeça.

Quando Kashy estava determinada a transformar seu visual, não havia nada a fazer além de sujeitar-se e torcer para que fosse possível lavar a meleca do rosto e tirar a espuma do cabelo antes de sair de casa correndo o risco de assustar as pombas. O último experimento de Kashy com seu batom "natural" foi um grande desastre. Parecia que Gilla tinha comido galinha frita e se esquecido de limpar a gordura da boca. Foi meses antes, mas Foster ainda ria daquilo.

Gilla cruzou os braços. Então, checou sua aparência no espelho. Os peitos pareciam maiores. Ela se lembrou de Roger apontando para ela no pátio do colégio no primeiro dia de aula depois das férias e gritando: "Peitos!" Ela colocou os braços nos descansos da cadeira, encolheu o estômago e deu uma espiada rápida no espelho para ver se parecia mais magra. Sem chances. Mas os peitos ficaram em evidência outra vez; ai, ai. Não tinha como dar certo. Ela suspirou mais uma vez e escorregou um pouco na cadeira, unindo os peitos e a barriga em uma massa disforme.

– E ajeita essa postura, tá? – disse Kashy. – Não consigo alcançar a parte da frente da sua cabeça se você ficar encolhida desse jeito.

As mãos de Kashy estavam ocupadas separando o cabelo espesso e preto de Gilla em segmentos e retorcendo cada mecha em trancinhas.

– Aquela árvore – disse Gilla. – Aquela no quintal.

Kashy revirou os olhos perfeitamente maquiados.

– Tá bom, me conta outra vez daquela antiga cerejeira cheia de bichos.

– Não gosto dela. Às vezes estou tentando dormir à noite e escuto a árvore ranger, gemer e... *falar* sozinha a noite inteira!

– Falar! – Kashy riu. – Ela começou a falar com você, foi?

– É. O movimento. Os galhos roçam uns nos outros. Murmuram e sussurram para mim, noite após noite. Odeio aquela árvore. Sempre odiei. Queria que meus pais a derrubassem.

Gilla suspirou. Desde o início do nono ano, Gilla suspirava muito. Foi quando a puberdade fez seu corpo florescer, estufando o tórax, a barriga e as coxas. Foi quando a bunda redonda e arrebitada ficou ainda mais arrebitada. Quando os peitos cresceram, ficando maiores até que os de sua mãe. E quando ela começou a escutar a árvore à noite.

– O que ela diz? – perguntou Kashy.

Seu rosto bronzeado e anguloso encarou Gilla no espelho com curiosidade.

Gilla olhou para Kashy e reparou que cada fio de cabelo estava no lugar certo, seus ombros eram finos e os contornos do suéter justo realçavam os peitos pequenos e pontudos. Gilla e Kashy costumavam usar as roupas uma da outra sem maiores problemas até uns dois anos antes.

– Não deboche de mim, Kashy.

– Não estou debochando.

O tom de voz de Kashy era sério, assim como sua expressão.

– Sei que isso está te incomodando. O que você escuta a árvore dizer?

– Ela... ela fala dos pontos onde sente coceira, mas não consegue alcançar; pontos onde a casca ficou muito enodada. Fala do sabor do solo marrom e arenoso. Fala dos vermes que deslizam em meio às raízes na terra escura e úmida.

– Aff! Você está inventando, Gilla!

– Tô nada!

Gilla saltou da cadeira, arrancando os cabelos das mãos de Kashy.

– Se você não acredita em mim, para que perguntou?

– Está bem, está bem, eu acredito!

Kashy deu de ombros e apontou as palmas das mãos para cima em sinal de rendição.

– Vermes pegajosos parecem bons, né?

Ela escorregou a mão rapidamente pelo braço descoberto de Gilla.

– Se esfregando no seu corpo.

E ela riu seu riso perfeito, que soava como o repicar de sininhos amigáveis.

Gilla acabou rindo junto.

– Bem, é o que ela diz.

– Beleza, garota. O que mais ela diz?

Em um primeiro momento, Gilla não respondeu. Estava ocupada sacudindo o cabelo para desfazer as tranças, aglomerando as mechas e reunindo-as em uma massa preta e rebelde.

– Vou assim mesmo para a festa, viu? Vou prender com uma bandana e deixar cair para trás. É mais fácil.

Jamais serei parecida com você, Kashy. Nunca mais. Nos últimos anos do colégio, as panelinhas tinham visual parecido. Patricinhas magras andavam com patricinhas magras. Os góticos se reuniam atrás do colégio e compartilhavam cigarros e batom preto. As gordas se reuniam. Por quanto tempo Kashy permaneceria com ela? Gilla se virou de maneira a não ver o próprio corpo roliço e pesado no espelho e arriscou um olhar para a amiga. Kashy estava mordendo o lábio inferior e parecia arrependida.

– Desculpa – disse ela. – Não devia ter rido de você.

– Tudo bem.

Gilla tirou uma bola de algodão da gaveta, umedeceu-a com um creme gelado e começou a tirar a maquiagem do rosto. Decidiu manter o delineador. Ao menos tinha olhos bonitos: grandes, marrons e cintilantes.

Ela resmungou para Kashy:

– Ela diz que gosta de se esticar e de crescer, sempre em direção à luz.

Que saiu para passear...

– TCHAU, MÃE!

Gilla e Kashy saíram pela porta da frente. Gilla fechou a porta e parou ao lado da amiga na soleira. Ela respirou fundo e olhou para a cerejeira. Metade dos galhos estava morta. Os emaranhados remanescentes destoavam da elegância das novas folhas verdes de primavera. A árvore estava entre elas e o meio-fio, e a calçada era superlarga. Elas precisariam passar debaixo dos galhos presos à árvore ao longo de todo o caminho.

O sol caía devagar no céu e projetava uma luz suave e alaranjada sobre tudo. Seu pai chamava aquele momento de “deitar-se do dia”: os instantes entre os mundos diurno e noturno quando tudo era possível. Em geral, aquele era o momento preferido de Gilla. Mas naquele dia ela fez uma careta para a cerejeira e disse a Kashy:

– Minha mãe diz que algumas mulheres costumavam viver em árvores.

– Como assim? Tipo, em casas na árvore? Sua mãe diz coisas muito doidas, Gilla.

– Não. Eram os espíritos das árvores. Quando as árvores morriam, elas morriam junto.

– Bem, essa está quase morta e não tem como agarrar você. Precisaremos passar debaixo dela para chegar até a rua. Como sei que você quer ir à festa, é melhor me dar a mão e vir comigo.

Gilla segurou com força a mão firme e confiante da amiga. Ela sentiu a umidade pegajosa da palma da própria mão.

– Está bem – disse Kashy. – No três, nós corremos até o meio-fio, pode ser? Um, dois, três!

As duas arrancaram em meio a risadinhas e gritos. Gilla se esforçou ao máximo para manter o equilíbrio sobre seus novos sapatos de salto anabela, os mais altos que seus pais já lhe permitiram usar. Ela arriscou um olhar de canto de olho. Kashy tinha uma aparência graciosa e alegre. Seus peitos não balançavam. Gilla abriu seu maior sorriso, gritou bem alto e avisou ao mundo o quanto estava se divertindo ao correr destrambelhada em direção ao meio-fio. Quando ela e

Kashy se emparelharam com a árvore, ela sentiu um “ploc” minúsculo na cabeça. Não teve como tirar aquilo do cabelo de imediato porque precisava das mãos para manter o equilíbrio. Ela riu com todas as forças daquela corrida divertidíssima. As duas chegaram sãs e salvas ao meio-fio. Kashy debruçou o corpo ofegante, tentando recuperar o fôlego. Por mais que aparentasse estar em boa forma, ela não tinha nenhum preparo. Gilla nadava duas vezes por semana e era da equipe de vôlei, portanto mal havia sentido aquela corridinha. Ela começou a procurar com as mãos o que havia caído no cabelo.

Era macio e arredondado. Tinha um talo. Ela pegou e deu uma olhada. Uma cereja perfeita. Tão cedo? Ela era capaz de jurar que a árvore ainda nem havia florescido.

– Rá! – berrou ela para a velha árvore bruxa. – Uma oferta de paz? Então, você admite a derrota, hein?

Tomada pela alegria de ter passado pela árvore, ela esqueceu quem era a caça e quem era o caçador naquela história.

– Bem, você não poderá me devorar, porque eu vou devorar VOCÊ!

Ela colocou a cereja na boca e explodiu o fruto doce e redondo entre os dentes. A primeira cereja da estação. O sabor era maravilhoso, até que um tapa nas costas a fez engasgar.

– Ei, garota – disse a voz de Foster. – Você está ótima! Você também, Kashy, claro.

Gilla não respondeu. Ela levou as mãos à boca, assustada. Foster, o velho e bobalhão do Foster com seus olhos cintilantes e seu moletom grande demais, tocou com cuidado o ombro que tinha esbofeteado alguns segundos antes.

– Tudo bem, Gilla?

Kashy olhou para ela, preocupada.

Gilla engoliu. Ela recuperou a voz.

– Droga, Foster! Você me fez engolir tudo!

Ao ver que ela estava bem, Foster abriu um sorriso bobo.

– E você sabe o que Roger acha das garotas que engolem!

– Não, meu. Você me fez engolir o caule da cereja!

Ai, meu Deus. O que mais faltava acontecer?

– Ahh, que assustador – disse Foster. – Vai crescer uma árvore dentro de você, e aí você vai se arrependeeeeer!

Ele imitou um monstro de desenho animado, encostou no rosto de Gilla e fez caretas para ela. Kashy caiu na gargalhada. Gilla também. Ela afastou as mãos de Foster com suavidade. Sim, era só uma árvore velha.

– Vamos – disse ela. – Vamos logo para a festa.

Eles tiraram as bicicletas da garagem dos pais dela. Era um desafio pedalar

com aqueles saltos, mas ao menos ela estava de calça, ao contrário de Kashy, que parecia saber pedalar numa boa com uma saia justa e os joelhos decentemente próximos, da mesma maneira como aperfeiçoava tudo o que tinha a ver com sua aparência. Gilla se esforçou ao máximo para parecer elegante sem derrubar a bicicleta.

– Mal posso esperar para começar as aulas de direção – queixou-se Kathy. – Estou ficando toda suada. Precisarei refazer toda a maquiagem quando chegar à casa de Patricia.

Ela se elevava sobre a bicicleta como uma princesa em sua carruagem, e nem Gilla nem Foster a persuadiram a andar mais rápido do que uma tartaruga. Gilla tinha certeza de que, se pudesse, Kashy teria pedalado sentada de lado em sua sainha.

Durante todo o caminho, Foster, Gilla e Kashy discutiram que tipo de cobra eram as hamadríades. Gilla estava certa de uma coisa: as hamadríades tinham compartimentos infláveis logo abaixo da cabeça. Ela tentou ignorar o suor que surgia na parte de trás do pescoço devido ao passeio de bicicleta. A parte de baixo da massa triangular do cabelo grudava na pele de maneira desconfortável.

Que saiu para passear em cima de um tigre...

ELES PODIAM ESCUTAR A música vindo da casa de Patricia. Os três prenderam as bicicletas na cerca e entraram. Gilla puxou discretamente a bainha da blusa de forma a cobrir o quadril. Mas Kashy conhecia a amiga muito bem. Ela acompanhou as mãos de Gilla com os olhos e suspirou.

– Eu queria ter uma bunda igual à sua – disse Kashy.

– O quê? Tá louca?

– Não, meu. Olha como essa calça fica bem em você. A minha sempre amontoa na parte de trás.

Foster riu.

– Sim, às vezes eu também queria ter uma bunda como a de Gilla.

Gilla se virou para ele, perplexa. Por baixo das calças largas que costumava usar, Foster tinha um belo traseiro; forte e definido. Ela já o havia visto de sunga.

Foster fingiu que estava pegando algo no ar.

– Queria tê-la bem aqui, quente e durinha no meio dessas duas mãos.

Kashy vaiou. Gilla deu um tapa na parte de trás da cabeça de Foster. Ele desviou a cabeça com um sorriso. Os três estavam rindo ao entrar na casa.

Em comparação com o frescor do vento primaveril da rua, o primeiro passo dentro do ambiente aquecido e de iluminação artificial da casa de Patricia foi um

choque.

– E aí, pessoal – disse o pai de Patricia. – Sejam bem-vindos! Deixem os casacos comigo e podem ir para a sala, por aqui.

– Meu Deus – sussurrou Gilla para Foster, depois de entregarem os casacos. – Os pais dela não vão ficar aqui conosco, né? Seria um saco.

Na sala estavam alguns de seus amigos da escola espalhados pelas cadeiras e pelo chão. Eles riam, conversavam e tomavam ponche vermelho em copos de plástico. Estavam todos se comportando muito bem, porque os pais de Patricia ainda estavam por perto. Que sem graça. Gilla encostou o ombro no de Foster quando já estavam fora do alcance dos ouvidos do sr. Bright.

– Tenta não ser muito óbvio quando olhar para a Tanya, tá bom? Ela está desde o início do semestre lançando uns olhares apaixonados pra você.

Ele colocou uma das mãos no peito com um olhar inocente de deboche.

– Pra quem? Pra mim?

Ele fez um aceno negativo com a mão e foi cumprimentar alguns amigos.

A mãe de Patricia estava servindo uma bandeja de canapés. Ela estava de legging, o que fazia sua bunda grande parecer maior do que nunca quando se abaixava para oferecer a bandeja. Mesmo através do moletom espesso, Gilla via que seus peitos não cabiam direito no sutiã e escapuliam pela parte de cima. Ah, diabos. Gilla tinha esquecido de ver como estava com sua nova blusa. Era preciso ir logo ao banheiro. Ela apostava que diversas garotas já estavam fazendo fila do lado de fora, esperando para ajeitar o cabelo, a maquiagem, ajustar a meia-calça e reaplicar os batons “naturais”.

Patricia estava com um vestido de flores que a deixava esquisita, mas meiga. Ela sorriu para eles e os chamou. Gilla ajeitou o cabelo para trás, encolheu a barriga e começou a caminhar na direção dela, tomando cuidado por causa do salto.

Ela quase tropeçou quando uma das mãos segurou seu tornozelo.

– Ei, grandona. Cuidado com onde põe esse pé. Não quero que você pise na minha perna e acabe por quebrá-la.

Gilla sentiu o rosto corar de constrangimento. Ela desprendeu a perna das mãos de Roger e perdeu o equilíbrio. Kashy precisou segurá-la. Roger riu.

– Tá difícil equilibrar o peso, Gilla? – perguntou.

Perto dele, seus amigos, Karl e Haygood, riram.

Karl estava tentando espiar acintosamente por baixo da saia de Kashy. Ela alisou-a junto às coxas, olhou feio para ele e foi até onde Patricia estava sentada.

– Vem cá, menina – sussurrou ela para Gilla. – É melhor a gente ignorar esses caras.

Não dá para ignorar todos os dias. Gilla abriu seu melhor sorriso forçado,

abraçou Patricia e a beijou na bochecha.

– Meus pais vão sair daqui a pouco – murmurou Patricia para elas. – Eles prometeram.

– Espero que sim – disse Kashy.

– Ai, nem me fala – concordou Patricia. – Espero que eles não me envergonhem desse jeito por muito tempo.

Ela saiu para cumprimentar outros recém-chegados.

Gilla se sentou no sofá com Kashy e tentou encontrar uma posição em que sua barriga não ficasse amontoada, ao passo que tentava acompanhar as conversas despreocupadas. Onde estava Foster? Ah, ali no canto. Tanya estava sentada perto dele, mexendo no colar e sorrindo diante de seus olhos. Foster exibia um sorriso de garanhão.

O sr. Bright apareceu com uma bandeja de bebidas. Ele deu um selinho nos lábios da esposa gorda quando ela passou. Ele se virou e observou-a se afastando de costas, e estava sorrindo quando se virou outra vez. O sorriso ficou no rosto dele por um bom tempo após o fim do beijo.

Você é menos do que ela? Bem, sem dúvida, graças a Deus. Com alguma sorte, ainda levaria uns anos para ficar tão redonda quanto a sra. Bright. E, afinal de contas, que história era essa de "menos do que ela"? Quem falava desse jeito? Gilla pegou um copo de ponche na bandeja do sr. Bright e tomou tudo enquanto tentava prestar atenção em Jahanara e Kashy, que discutiam se ouro de catorze quilates era melhor para colares que o de dezoito.

– Mãe – disse Patricia, da porta. – Pai?

A mãe dela riu, nervosa.

– Sim, estamos indo, estamos indo. Você tem o número de telefone da casa dos Hampton?

– Ssssim, mãe – sibilou Patricia. – Nos vemos depois, tá?

Ela pegou os casacos deles no cabide ao lado da porta e quase os enxotou para a rua.

– Estaremos de volta às duas da manhã! – gritou o pai dela, ao sair. Todos esperaram sentados até ouvir o barulho encantador do carro dando a partida e seguindo até o fim da rua.

Foster se levantou e tirou o CD do aparelho de som. Graças a Deus. Gilla achou que vomitaria se tivesse que escutar mais daquele pop infantiloide. Foster sorriu para todos, tirou outro CD do bolso frontal do moletom e colocou-o no CD player. Começou a tocar uma seleção de jungle. As pessoas se animaram e começaram a dançar. Patricia apagou todas as luzes, exceto a do corredor.

Gilla precisava fazer xixi. Ou seja, teria que passar pelo bando de gente em volta de Roger outra vez. Bem, ela precisava dar uma olhada naquela blusa de

qualquer forma. Era só ter o cuidado de passar longe das mãos de Roger. Ela se levantou e puxou a bainha da blusa para cobrir o bumbum direito. *Levante esses ombros também, fortona! Se espiche.* Quando ela havia começado a falar consigo mesma desse jeito? Mas era um bom conselho. Ela ajeitou o cabelo, empertigou o corpo e caminhou com o máximo de elegância que pôde em direção ao banheiro.

Roger e Gilla haviam sido os primeiros da turma a chegar à puberdade. A voz de Roger havia engrossado e se tornado como a de um baixo esganiçado, e seu peito, os ombros e os braços haviam se alargado devido aos músculos. Ele parecia ter crescido uns trinta centímetros nos últimos meses. Seus passos eram muito desengonçados, e ele sempre dava opinião sobre tudo. Quanto mais insultante, melhor. Gilla olhou para ele. Tinha um guardanapo de papel imenso em uma das mãos, no qual empilhara três canapés, dois grandes pedaços de bolo de rum preto e algumas fatias de presunto. Ele enfiava a comida na boca enquanto se gabava de alguma coisa para os amigos. Parecia nem perceber as mordidas e engolidas. Devia precisar de muita comida para manter funcionando aquele corpo em crescimento. Mas era bonito. Tinha uma cara grande de bebê com lábios carnudos e belos e um princípio de cavanhaque. As pessoas queriam estar perto dele, na esperança de que prestasse atenção nelas, então por que ele precisava gastar seu tempo atormentando a vida de Gilla?

Opa. Ela nem deveria ter pensado naquilo, porque ele acabou reparando que ela estava reparando. Seus olhares se encontraram, e ele não desviou. Ainda olhando para ela, murmurou algo para o grupo de pessoas reunidas ao redor. O grupo começou a rir.

– Não, sério? – perguntou Clarissa, com uma voz aguda e maldosa.

Gilla baixou a cabeça e saiu apressada da sala, parando apenas depois de ter subido as escadas para o segundo andar e entrado no banheiro. Ela ficou lá o máximo de tempo que pôde.

Quando saiu, Clarissa estava no corredor do segundo andar. Gilla disse:

– O banheiro está livre, pode usar.

– Você deixou mesmo que eles fizessem isso com você?

– O quê?

Confusa, Gilla fitou os olhos de Clarissa. As bochechas dela estavam enrubescidas, e o olhar era brilhante e sagaz.

– Roger nos contou. Como você deixou que ele chupasse seus...

Clarissa mordeu o lábio de baixo. As bochechas dela ficaram ainda mais coradas.

– E então deixou Haygood fazer isso também. Você não se sente, tipo, uma vagabunda?

– Mas eu não...

– Ai, Gilla, por favor. Todos nós vimos como você estava olhando para Roger.

Mentiroso! Como alguém tão mentiroso pode viver? O pensamento passou pela mente de Gilla e era tão forte quanto alguém sussurrando em seu ouvido.

– Sabe, você até é bonita – disse Clarissa. – Se perdesse um pouco de peso, não precisaria se atirar nos meninos desse jeito.

Gilla sentiu o rosto ferver. Sua boca ficou cheia de saliva. De repente, ela começou a reparar em coisas pequenas: o roçar do sutiã em sua pele no ponto onde tentava conter os peitos grandes e chacoalhantes, a lembrança dura do caroço da cereja escorregando pela garganta, a extremidade triangular do cabelo raspando na base do pescoço e se avolumando sobre as orelhas. Ela abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu.

– Ele nem gosta de você de verdade, sabe – acrescentou Clarissa.

Ela não poderia de maneira alguma estar ali quando Clarissa saísse do banheiro. Desceu as escadas com os saltos retinindo no piso como se ela fosse um elefante. Sua mente estava em rebuliço. Assim que chegou ao corredor do andar de baixo, Gilla não foi em direção ao som alegre e caloroso de música e risadas, mas à porta da frente.

Lá fora estava ainda mais escuro, embora a luz da varanda estivesse ligada. Foster estava encostado na grade e sussurrando com alguém. Tanya tremia de frio com o short que estava vestindo e olhava para Foster de olhos arregalados, atenta a cada palavra.

– Então, eu arranquei a bola dele e... – disse Foster enquanto gesticulava com os braços compridos.

Ele se virou e viu Gilla.

– Ei, garota, o que houve?

Tanya olhou para ela como se fosse um vendedor de seguros interrompendo seu jantar.

– Ei, Foster – gaguejou Gilla. – O que significa *calúnia*?

– Hein?

Ele se levantou, parecendo preocupado.

– Um minutinho, Tanya, tá?

– Tá bom – disse ela, contrariada, antes de entrar na casa.

Gilla ficou ali tremendo de frio. *Aquele mentiroso! Ele não tem o direito!*

Foster perguntou novamente.

– O que foi?

– Calúnia. O que isso quer dizer? – repetiu ela.

– Não sei. Por quê?

– Acho que significa uma mentira, uma mentira muito ruim.

Ele e seus puxa-sacos. Se você encontra um ninho de víboras, não é melhor acabar com ele?

– Simplesmente veio à minha mente, sabe?

Os pensamentos dela voavam em meio à tempestade em sua cabeça. *Nunca fizemos nenhum favor para ele!*

Foster se aproximou, colocou uma das mãos no ombro dela e olhou em seus olhos.

– Gilla, quem está mentindo? Quer me explicar o que está acontecendo?

O calor da palma da mão do amigo através do tecido do moletom a trouxe de volta à realidade.

– Nossa, como está frio aqui fora!

Algo estranho aconteceu no rosto de Foster. Ele hesitou e abriu os braços para ela.

– Aqui – disse ele.

Surpresa, Gilla piscou e retribuiu o abraço. Ela parou de tremer. Os dois ficaram assim por alguns segundos enquanto Gilla pensava: O quê, o quê, o quê? Será que ela deveria pôr os braços ao redor dele? Eles ainda eram apenas amigos? Ele estava aquecendo-a apenas porque ela estava com frio? Ele gostava dela? Bem, óbvio que gostava; ele passava o horário de almoço com ela e Kashy quase todos os dias. Diversos caras o incomodavam por isso. Mas ele gostava dela *daquele* jeito? Ela também o desejava? *Sempre por escolha sua, jamais dos outros*. O que ela deveria fazer? E o que eram todas essas coisas estranhas em que ela parecia estar pensando de repente?

– Hum, Gilla?

– Sim?

– Será que agora dá pra você sair de cima do meu pé?

A risada que escapuliu dela deixou um gosto de cereja no fundo da garganta. Ela saiu de cima dos pobres dedos violentados de Foster e apoiou a cabeça em seu ombro em meio a risadas.

– Ai, Foster. Por que você não disse que eu estava te machucando?

Foster também estava rindo. Havia um pouco de constrangimento em sua voz.

– Eu não sabia o que dizer, nem o que era melhor fazer, nem nada.

– Somos dois.

– Nunca abracei muitas garotas assim antes. Tipo, só quando sabia que elas queriam.

Gilla recuou para enxergá-lo melhor.

– Sério? E Tanya?

Ele pareceu encabulado e um pouco taciturno.

– É, acho que ela gostaria. Ela é legal, sabe? Só que...

– Só que o quê?

Gilla sentou ao lado de Foster junto à grade.

– Ela meio que fica ali sentada, feito uma esponja. Fico falando e ela só absorve tudo. Não responde nada de interessante, não conta o que gosta de fazer, só quer que eu a entretenha. Saniya também era assim, e Kristen – disse ele, enumerando alguns de seus romances colegiais de curta duração. – Gosto de garotas, sabe? Muito. Mas quero uma que tenha um cérebro morando na cabeça. Você e Kashy têm mais do que isso, né? É mais divertido passar o tempo com vocês.

– Então? – disse Gilla, pensando no que dizer.

– Então o quê?

– E Kashy?

Ela hesitou ao dizer o nome da amiga, porque o que estava pensando na verdade era: *E quanto a mim?* Será que ela gostava de Foster daquele jeito?

– Ah, vejam só – disse uma voz arrastada e muito familiar. – É a gorda e o viadinho.

Roger, Karl e Haygood haviam saído da casa. Haygood conteve uma risadinha. Gilla ficou paralisada.

– Ah, desiste, Roger – respondeu Foster.

Ele se apoiou novamente na grade.

– Que troço mais cansativo. Toda vez que você não sabe o que dizer, o que, meu amigo, é algo bastante frequente, você chama alguém de “viadinho”.

Haygood e Karl olharam de Roger para Foster e de volta para Roger com sorrisos hesitantes. Foster sorriu com malícia e apoiou o rosto na mão.

– Sabe quando o sujo fala do mal lavado?

Em resposta, Karyl e Haygood desataram a gargalhar. Roger rosnou. Era a única maneira de descrever o som que saiu de sua boca. Karl e Foster bateram os punhos.

– Boa, meu. Boa – disse Karl.

Foster sorriu para ele.

Mas Roger passou esbarrando por Karl e ficou cara a cara com Foster, os braços cruzados à frente do corpo quase como se tivesse medo de que seu corpo tocasse o de Foster. Roger olhou para Foster, que se manteve calmamente apoiado na grade com um sorriso no rosto, encarando Roger.

– E você sabe que nossas mães são feias pra dedéu, então também não adianta vir com essa. Você sabe qual é a real, cara. Você sabe muito bem.

Antes que ele terminasse de falar, Haygood e Karl caíram na gargalhada. Então, para a surpresa de Gilla, Roger flexionou os lábios. Ele sorriu, deu um tapinha nas costas de Roger e apertou sua mão.

– Tá bom, meu, tá bom. Você me pegou.

Foster riu e deu um soquinho de brincadeira no ombro de Roger.

– Vamos dar uma volta para fumar um pouquinho – disse Haygood. – Quer vir junto, Foster?

– Sim, cara, vambora. Gilla, nos falamos depois, beleza?

Os quatro saíram juntos, com Roger arrastando o pé. Antes de dobrarem no canto da casa, Roger olhou para Gilla. Ele pressionou os lábios e mandou um beijo silencioso. Então, eles sumiram de vista. Gilla ficou ali sozinha, abraçando a si mesma, novamente com frio.

Ela voltou para dentro. Todas as luzes estavam apagadas, exceto por algumas velas em cima do aparelho de som. Alguém também havia levado a mesa de jantar com a comida para lá a fim de abrir espaço. Um punhado de gente estava dançando bem no centro da sala. Clarissa estava com Jim. Ela dançava e tentava parecer descolada. Decerto nem sabia que estava fora do ritmo.

– Arrasando – sussurrou Gilla.

A televisão estava ligada, inaudível devido à música. Algumas pessoas estavam reunidas no chão ao redor dela, assistindo a uma garota loira e magra dar uma surra nos vilões. A luz azul da TV refletia em seus rostos como uma chama fria.

Nos sofás ao redor da sala havia casais se pegando. Gilla tentou localizar Kashy, mas estava escuro demais para ver se estava ali. Gilla vasculhou a sala até avistar uma cadeira vazia e separada das outras. Ela se sentou e ficou balançando a cabeça e batendo o pé no ritmo da música, fingindo que estava se divertindo.

Ela suspirou. Às vezes, odiava festas. Queria pegar um pedaço de bolo de rum preto. Era seu favorito. Mas as pessoas a veriam comendo. Gilla inclinou-se sobre a barriga de maneira protetora e olhou para a televisão do outro lado da sala. Haviam mudado de programa. Passava um filme antigo com homens e mulheres em uma praia. Os trajes de banho eram de um estilo ultrapassado, e o cabelo das mulheres, meu Deus. O de uma delas era esquisito e volumoso. Aos olhos de Gilla, ela também parecia um pouco encorpada demais. Como havia entrado naquele filme? Os atores começaram a dançar na praia com rebolados bizarros. As pessoas que estavam assistindo à televisão começaram a apontar e rir. Gilla escutou a voz de Houssain dizer:

– Não, não muda de canal! É Frankie Avalon e Annette Funicello!

Sim, Houssain sabia umas besteiras desse tipo.

– Gilla, leva essa bunda pra lá. Abre um espaço!

Kashy enfiou os quadris na mesma cadeira em que Gilla estava sentada. Gilla riu e abriu espaço para ela. As duas se ajeitaram na cadeira, mesmo sem caberem

direito.

– Adivinha só – disse Kashy. – Remi acabou de me convidar para sair!

Remi era *gato*; tinha exatamente a altura de Kashy quando estava de salto, boa postura, ombros largos, olhos grandes e castanhos, mãos fortes e o visual despreocupado dos africanos do leste. O nó que estava preso na garganta de Gilla a noite toda ficou ainda mais forte. Ela o engoliu e obrigou sua boca a sorrir. Mas não conseguiu murmurar uns parabéns insinceros para a amiga, porque bem naquela hora...

Eles voltaram...

Roger entrou na casa acompanhado por seu bando. Eles riam tão alto que Gilla ouvia apesar da música. Foster sorriu para Gilla de tal maneira que ela sentiu os dedos do pé esquentarem. Kashy olhou para ela de um jeito engraçado, com um leve sorriso no rosto. Roger parou em frente à televisão e ficou ali sorrindo. Na tela, a garota gordinha e o cara esquisito com trajes de banho e cortes de cabelo antigos estavam brincando de carteiro em uma cabine telefônica. Carteiro! Brincadeira besta de criança.

Eles voltaram...
Eles voltaram do passeio...

Gilla se perguntou como havia se metido naquilo. Roger agarrou Clarissa, abraçou-a forte e anunciou que queria brincar de Carteiro, e em menos de um segundo os amigos servis de Clarissa e Roger já haviam ligado a luz e reunido todo mundo para aquele jogo antiquado. As garotas ficaram na sala e os garotos se espalharam por quartinhos em toda a casa. Clarissa e Hussain fariam o papel de...

– Carteiro! – gritou Hussain. – Tenho uma mensagem para Kashy!

Ele estava adorando aquilo. Hussain teve uma boa ideia para não precisar beijar nenhuma das garotas. Gilla suspeitava que garotas não faziam muito o tipo dele.

– É Remi! – sussurrou Kashy.

Ela se levantou.

– Aposto que é o Remi!

Ela olhou para Gilla e seguiu Hussain para encontrar sua “mensagem” em algum quartinho ou banheiro e trocar uns amassos.

Sozinha e encurvada na cadeira dura, Gilla observou-os se afastando. Ela

pensou que os amigos de Roger faziam qualquer coisa que ele dissesse e tentou lembrar onde havia aprendido a palavra “servil”. A voz já não parecia alguém diferente em sua cabeça, e sim ela mesma, mas sabia palavras que ela não sabia e coisas que ela nunca havia vivenciado, como o sentimento de desenrolar as folhas sob o gosto brilhoso do sol e o espaço vazio onde o vento gritava após a morte de uma irmã que teve a casca e a essência partidas a machadadas para virar lenha.

– Que coisa de doido – murmurou ela para si mesma.

– Carteira! – gritou Clarissa com a voz esganiçada.

Seus olhos cintilavam e ela estava corada. Sim, tudo bem que ela mesma tinha andado transmitindo algumas “mensagens” com os lábios. *Transmitir com os lábios*. Mais uma expressão estranha.

– Correio para Gilla – disse Clarissa.

O coração de Gilla começou a bater forte, como um machado quebrando a madeira. Ela ficou de pé.

– O quê...?

Clarissa riu para ela.

– Correio para você, gata. Você vem ou não?

Ela subiu as escadas e adentrou as profundezas da casa dos Bright.

Quem poderia ser? Quem queria beijá-la? Gilla sentiu pontinhos de suor pegajoso se acumulando sob os olhos. Remi, talvez? Não, não. Ele gostava de Kashy. Talvez, por favor, Foster?

Clarissa conduziu-a por uma rota sinuosa. Elas passaram por um quartinho no corredor. Risadas e batidinhas abafadas vinham dali.

– Não, espera – murmurou uma voz masculina. – Deixa que *eu* tiro.

Elas passaram pelo banheiro. As risadas que passavam pela fresta debaixo da porta eram de duas vozes femininas.

– Não há nada tão doce quanto o bacanal da primavera – Gilla escutou sair de sua boca.

Clarissa continuou caminhando.

– Você é *tão* estranha – disse ela sem se virar. As duas passaram pela porta de um quarto fechado. Então, chegaram a outro quarto. A porta também estava fechada, mas Clarissa a escancarou.

– Carteira! – gritou ela.

Ela percebeu que a massa humana que se contorcia na cama eram os corpos entrelaçados de Patricia Bright e Haygood. Gilla não sabia para onde olhar. Ao menos ainda estavam mais ou menos vestidos. Patricia olhou para ela por baixo do sovaco de Haygood com um sorriso satisfeito.

– Poxa, estou tentando ter um momento íntimo de aniversário.

– Desculpa – disse Clarissa em um tom nada convincente. – Mas Gilla tem um encontro.

Ela apontou para a porta do armário.

– Diviiiiirta-se, Gilla Maguila – disse ela.

Haygood sorriu.

Gilla sentiu frio.

– Lá dentro? – perguntou.

– É – disse Clarissa. – Sua festinha especial.

Ela deu meia-volta e saiu pela porta do quarto, gritando:

– Quem precisa da carteira?

– Está tudo bem, Gilla? – indagou Patricia.

Ela parecia preocupada.

– Sim, de boa. Quem está ali dentro?

Patricia sorriu.

– Não saber é metade da graça, bobinha.

Haygood apenas olhou para ela com malícia. Gilla fez uma careta para ele.

– Vai lá e aproveita, Gilla – falou Patricia. – Se precisar de ajuda é só nos avisar, tá bom?

– Tá bom.

Gilla parecia enraizada no local onde estava. Patricia e Haygood voltaram a se beijar, ignorando-a.

Ela poderia voltar para a sala. Não precisava fazer aquilo. Mas... quem? Lembrando-se do abraço quente de Foster, tão pesado quanto um tapete de flores outonais, Gilla começou a caminhar em direção ao armário. Ela abriu a porta e tentou dar uma espiada. A mão a puxou para dentro.

Com a moça do lado de dentro...

Os cabides se prenderam nos fios de cabelo de Gilla como se fossem galhos. As roupas se emaranharam nela. Um corpo pesado a empurrou contra a parede. Sem ver nada, Gilla estendeu os braços e tentou sentir quem era. Mãos fortes desviaram as dela e começaram a apertar seus peitos e sua barriga.

– Gorda... – disse uma voz.

Roger. Gilla sibilou e lutou. Ele era tão forte! O rosto dele estava encostado no dela, os lábios apertados contra os dela. O pior era que o hálito do rapaz era ótimo. Incapaz de fazer qualquer outra coisa, ela virou a boca para o lado. Isso fez a dele ficar bem em cima da orelha dela. Com um hálito úmido e quente, ele disse:

– Você sabe que quer, Gilla. Vamos lá. Relaxa um pouco.

As palavras penetraram nos ouvidos dela. A risada dele era debochada.

E um sorriso no rosto...

O cabelo de Gilla se eriçou na base do pescoço. Ela empurrou Roger para baixo em uma tentativa de deixá-lo de joelhos, mas ele abriu as pernas dela e riu.

– Garota, você sabe que essa é a única maneira de uma garota grandona como você se divertir um pouco. Você sabe.

Ela sabia. Só servia para aquilo. Coxas grandes demais (*Um tronco não deve ser forte para sustentar o corpo?*), barriga redonda demais (*E por acaso os frutos de uma árvore devem ser fracos e ressequidos?*), cabelo crespo e denso demais (*Uma árvore cheia de folhas é uma árvore saudável*). As palavras, suas próprias palavras, giravam em sua mente. O quê? O quê? *Simples: é preciso lutar contra qualquer um que tentar tirar vantagem de você. Ganhando ou perdendo, é preciso lutar.*

Um gosto como o de cerejas de verão surgiu na boca de Gilla outra vez. Kashy tinha inveja de seu corpo, de sua força.

A nuca de Gilla formigou. A sensação percorreu sua espinha. Ela juntou forças em seu âmago, na barriga almofadada e musculosa, e deu uma cotovelada no estômago de Roger.

– Não – rugiu ela em um desabafo ardente.

O vento *farfalhou* pela boca de Roger. Ele recuou aos tropeços até a parede oposta e escorregou no chão com o corpo mole. Gilla caiu com as mãos e os joelhos no chão, solidamente apoiada de quatro. Os dedos do pé e da mão se flexionaram. Ela não ficou surpresa ao sentir os membros se transformarem em quatro apêndices nodosos, vergados para trás e tão fortes quanto madeira. Também haviam brotado garras. Ela bateu uma na outra, impaciente.

– Ai, meu Deus – gemeu Roger.

Ele tentou juntar os pés ao corpo para se proteger.

– Gilla, que diabo é isso? É você?

Foster havia gostado de segurá-la. Ele a achava bonita. Essa ideia insistente cobriu Gilla de escamas da cabeça aos pés. Quando ela olhou para baixo e viu seus novos pés de dragão, reparou nas reluzentes escamas vermelhas como cereja. Ela chicoteou a nova cauda, fazendo roupas e cabides voarem pelos ares. Roger choramingou:

– Desculpa.

Testando seus novos membros de galhos e cachos, Gilla experimentou dar um

passo na direção de Roger. Ele começou a soluçar.

E você?, perguntou a voz profunda e frutada em sua mente. *O que* você *tem a dizer sobre si mesma?*

Gilla pensou um pouco enquanto lambia os lábios. Roger tinha cheiro de carne. *Acho que sou todas essas coisas que Kashy e Foster gostam em mim. Sou uma boa amiga.*

Sim.

Sou bonitinha. Não, sou muito bonita.

Sim.

Sou boa de abraçar.

Sim.

Pedalo com vontade.

Sim.

Corro como o vento.

Sim.

Uso meu cérebro – bem, às vezes.

(Um sorriso para a voz dessa vez) *Sim.*

Uso meus pulmões.

Sim!

Gilla respirou fundo o ar carregado de bolor e do suor amedrontado de Roger. O suspiro fez seu peito estalar como uma árvore alta exposta a uma brisa leve, e ela sentiu as costelas se desfraldarem em asas semelhantes às de um morcego. Elas preencheram o que ainda restava de espaço no closet.

– Por favor – sussurrou Roger. – Por favor.

– Ei, Roger? – gritou Haygood. – Você deve estar se divertindo muito aí para implorar por mais desse jeito.

– Por favor, o quê? – rugiu Gilla.

Na nuca, abriu-se uma fissura de hamadríade. Ela exalou ar quente. Seu hálito cheirava a torta de cereja, o que a fez dar uma risada. Ela estava se divertindo, ainda que Roger não pudesse dizer o mesmo.

As risadas estouravam como pequenas chamas. Uma delas iluminou a bainha do suéter de Roger.

– Por favor, não – gritou ele, tentando apagar o fogo com as mãos. – Pelo amor de Deus, Gilla, pare.

A voz de Patricia chegou através da porta:

– As coisas não parecem estar indo muito bem – disse ela a Haygood. – Tá tudo bem aí dentro, Gilla?

Roger se levantou.

– Comassim “tá tudo bem, *Gilla*”? Me tire daqui! Ela se transformou em um

monstro!

Ele começou a esmurrar a porta do closet.

Um vestido de poliéster havia começado a queimar. Nada grave. Gilla apagou com um movimento da asa. Mas as coisas *estavam* ficando complicadas no armário, e Haygood e Patricia começaram a bater na porta. Gilla virou a cabeça naquela direção. Roger se encolheu. Gilla o ignorou. Ela abriu a porta e saiu. Roger a empurrou para o lado.

– Ai, meu Deus, Haygood; tire ela de perto de mim!

Haygood estava sem a camiseta, e o zíper do jeans não estava fechado. Os lábios pareciam inchados. Ele olhou desconfiado para Gilla.

– Por quê? – indagou. – O que ela está fazendo?

Patricia ainda estava ajeitando o vestido no quadril. Seu cabelo estava muito bagunçado.

– É, qual é o problema? – perguntou ela para Roger. – Você não machucou ela, né?

Ela se virou para Gilla e colocou uma das mãos em seu ombro frontal coberto de escamas.

– Tudo bem, garota?

O que diabos estava acontecendo? Por que eles não estavam com medo?

– Ué – respondeu Gilla. – Não sei. Pareço estranha?

Patricia franziu o cenho.

– Igual a sempre – disse ela.

Kashy e Foster irromperam na sala.

– Ouvimos gritos – falou Kashy, ofegante. – O que houve? Roger, você estava incomodando Gilla outra vez?

Foster segurou a garra de Gilla.

– Ele aprontou uma e fez você entrar no armário?

– Estão todos pirados?

Roger estava quase gritando.

– Vocês não veem? Ela é um dragão ou sei lá o quê.

Aquela foi a gota final. Gilla começou a rir. Gargalhadas intensas que começaram no centro de seu corpo e saíram pelas fuças. Que bom que não saiu fogo, porque Gilla não sabia se conseguiria evitar. Ela riu tanto que regurgitou o caroço de cereja que havia engolido. Ela soltou um “Urp” e cuspiu o caroço na mão. Na mão dela, que havia voltado ao normal.

Ela sorriu para Roger. Ele arregalou os olhos.

– Como você faz isso? – perguntou ele.

Gilla o ignorou. Os colegas começaram a entrar na sala vindos de todos os cantos da casa para ver qual era a treta.

– Foi, ele me enganou – disse Gilla, para que todos pudessem ouvir. – Roger me atraiu para dentro do armário e colocou a mão no meu sutiã.

– Que doente – murmurou Jim, o namorado de Clarissa.

Foster caminhou até Roger encarando-o.

– Qual é seu problema, cara?

Roger estufou o peito e tentou encarar de volta, mas não conseguiu. Ele continuava espiando Gilla, assustado.

Clarissa sorriu para Gilla.

– Tá, e qual é o problema? Vocês dois fazem isso o tempo todo mesmo.

Quer saber, já chega dessa merda. Curiosamente, parecia que a voz vinha da palma da mão de Gilla. A mão que segurava o caroço da cereja. Mas ainda parecia um de seus pensamentos. Gilla olhou para Clarissa.

– Você não acredita que Roger me atacou?

Clarissa fez uma cara repugnada.

– Eu acredito que você é tão gorda e feia que fica com qualquer um, senão ninguém ficaria com você.

– Que burrice – retrucou Kashy. – Como ela poderia ficar com qualquer um se ninguém quisesse ficar com ela?

– Eu fico com ela – disse Foster.

Ele olhou envergonhado para Gilla. Então, seu rosto corou.

– Quer dizer, eu gostaria, quer dizer...

Ninguém escutou o fim da frase, pois começaram a rir muito alto. Exceto Roger, Karl e Haygood.

Gilla abraçou Foster, ainda com medo de ter entendido mal. Mas ele retribuiu o abraço com força. Gilla se sentiu aquecida. Foster era muito pateta.

– Clarissa, se algum dia acontecer algo ruim com você e ninguém acreditar na sua versão da história, pode me procurar – disse Gilla. – Porque sei bem como é isso.

Clarissa enrubesceu. Roger saiu da sala às pressas praguejando. Haygood e Karl foram atrás.

Gilla olhou para o caroço de cereja na mão. Pensou um pouco. Então, colocou-o de volta na boca e engoliu.

– Por que você fez isso? – perguntou Foster.

– Me deu vontade.

– Vai crescer uma árvore dentro de você – provocou ele.

Gilla riu.

– Tomara. Ei, nunca recebi uma mensagem de verdade do carteiro.

Ela sinalizou em direção ao closet.

– Tá a fim?

Foster fez que sim com a cabeça e pegou a mão dela.
– Tô.
Gilla o conduziu, sorrindo.

Eles voltaram do passeio
Com a garota do lado de dentro,
E um sorriso no rosto do tigre.



É claro que bicicletas não são criaturas estranhas. Nem joaninhas. Então o que os donos de uma loja de bicicletas têm a temer nessa história do mestre do conto AVRAM DAVIDSON?



OU TODOS OS MARES COM OSTRAS



QUANDO O HOMEM ENTROU NA LOJA DE BICICLETAS F & O, Oscar cumprimentou-o com um “Olá!” caloroso. Então, quando olhou mais de perto para o visitante de meia-idade que usava óculos e vestia um terno empresarial, sua testa enrugou e ele começou a estalar os dedos.

– Ah, eu conheço você – murmurou ele. – Senhor... hum... o nome está na ponta da língua, saco...

Oscar era um homem de tórax saliente. Cabelos alaranjados.

– Claro que conhece – disse o homem.

Ele tinha um emblema do Lions Clube na lapela.

– Não lembra? Você me vendeu uma bicicleta feminina com rodinhas para minha filha. Até conversamos sobre aquela bicicleta de corrida vermelha da França na qual você e seu parceiro estavam trabalhando...

Oscar bateu a mão grande na caixa registradora. Ele ergueu a cabeça e revirou os olhos.

– Sr. Whatney!

O sr. Whatney se alegrou.

– Ah, *claro*. Deus, como pude esquecer? E depois atravessamos a rua e tomamos umas cervejinhas. Como *vai*, sr. Whatney? Imagino que a bicicleta... era um modelo inglês, não era? Sim. Deve ter ficado satisfeito, caso contrário o senhor não retornaria, né?

O sr. Whatney disse que a bicicleta era boa, bem boa. Em seguida, disse:

– Mas presumo que as coisas tenham mudado. Você está sozinho agora. Seu parceiro...

Oscar olhou para baixo, fez um biquinho botando o lábio inferior para fora e assentiu.

– Você ficou sabendo, foi? Pois é. Estou sozinho. Já faz mais de três meses.

A parceria havia terminado três meses antes, mas já vinha cambaleando muito

antes. Ferd gostava de livros, LPs e conversas de alto nível. Oscar gostava de cerveja, boliche e mulher. Qualquer mulher. A qualquer momento.

A loja ficava próxima ao parque, e o aluguel de bicicletas para pessoas que iam ao parque fazer piqueniques rendia um bom dinheiro. Se uma mulher tivesse a idade mínima para ser *considerada* uma mulher, não fosse velha o suficiente para ser considerada *velha* (ou pertencesse a qualquer lugar dentro desse espectro) e estivesse sozinha, Oscar perguntava:

– O que você acha dessa máquina? Está boa?

– Ué... Acho que sim.

Oscar pegava outra bicicleta e dizia:

– Bem, vou andar só um pouquinho com você para garantir. Já volto, Ferd.

Ferd assentia, melancólico. Ele sabia que Oscar não voltaria já. Mais tarde, Oscar diria:

– Espero que tenha se dado tão bem na loja quanto eu me dei no parque.

– Onde já se viu me deixar todo esse tempo aqui sozinho? – resmungava Ferd.

E Oscar se irritava.

– Beleza. Da próxima vez *você* vai e *eu* fico. Vamos ver se eu vou te impedir de se divertir.

Mas ele sabia muito bem que Ferd – alto, magro e de olhos esbugalhados – jamais faria isso.

– Vai fazer bem para você – dizia Oscar, dando tapinhas no esterno. – Vão crescer uns pelos em seu peito.

Ferd resmungava que já tinha todos os pelos no peito de que precisava. Então, olhava para seus braços às escondidas: eram repletos de pelos pretos e longos, embora os antebraços fossem brancos e escorregadios. Já eram assim quando ele estava no ensino médio, e alguns colegas riam dele. Seu apelido era “Ferdinho, o Passarinho”. Eles sabiam que ele se incomodava, mas não estavam nem aí. Como era possível – ele se perguntava à época, e continuava sem saber – que as pessoas magoassem de propósito alguém que nunca as magoou? Como era possível?

Ele se preocupava com as coisas. O tempo todo.

– Os comunistas...

Ele balançava a cabeça ao ler o jornal. Oscar oferecia um conselho sobre comunistas em duas palavras curtas. Ou poderia falar de pena de morte.

– Ah, que coisa terrível se executassem um homem inocente – gemia Ferd.

Oscar dizia que aquela era sua sina.

– Pegue aquele macaco para mim – pedia Oscar.

Ferd se preocupava até mesmo com os menores problemas das outras pessoas. Como na vez que um casal apareceu com uma bicicleta dupla com assento para

bebês. Eles só queriam pegar um pouco de ar fresco, mas a mulher decidiu trocar a fralda e um dos alfinetes quebrou.

– Por que nunca encontro alfinetes? – afligiu-se a mulher, inspecionando todos os cantos. – *Nunca* tenho alfinetes à mão.

Ferd fez alguns barulhos para demonstrar simpatia e foi ver se tinha algum. Embora tivesse certeza de que havia um punhado no escritório, não encontrou nenhum. O casal foi embora com um lado da fralda do bebê atado em um nó improvisado.

No almoço, Ferd disse que estava muito chateado com a história dos alfinetes. Oscar cravou os dentes em um sanduíche, puxou, rasgou, mastigou e engoliu. Ferd gostava de experimentar novos recheios de sanduíche – seu preferido era *cream cheese* com azeitonas, anchovas e abacate esmagados com um pouco de maionese –, mas Oscar comia sempre o mesmo sanduíche de embutidos.

– Deve ser difícil ter um bebê.

Ferd deu uma mordiscada.

– Não só em viagens, mas criá-lo, de modo geral.

Oscar disse:

– Pelo amor de Deus, há farmácias em todos os quarteirões, e, se você não souber ler, pelo menos pode reconhecê-las.

– Farmácias? Ah, você quer dizer para comprar alfinetes.

– Sim. Alfinetes.

– Mas... sabe... é verdade... nunca há alfinetes quando você precisa.

Oscar destampou a cerveja e deu o primeiro gole.

– Arrá! Mas sempre há um bocado de cabides. A gente joga alguns fora todos os meses, e no mês seguinte o guarda-roupa já está cheio outra vez. Taí uma coisa pra fazer no tempo livre: inventar um aparelho que transforme cabides em alfinetes.

Ferd assentiu sem dar muita atenção.

– Mas no meu tempo livre eu trabalho naquela bicicleta de corrida francesa...

Era uma bela máquina. Leve, baixa, ágil, vermelha e brilhante. Quem a pedalava se sentia como se fosse um pássaro. Mas, por melhor que fosse, Ferd sabia que poderia torná-la ainda melhor. Ele a mostrava para todos os que apareciam na loja, até que seu interesse começou a minguar.

Seu hobby mais recente era a natureza, ou, melhor dizendo, ler sobre a natureza. Certo dia, algumas crianças haviam saído do parque com latas de estanho nas quais haviam colocado salamandras e sapos. Elas mostraram os animais para Ferd, orgulhosas. Depois disso, o trabalho na bicicleta de corrida vermelha desacelerou, e ele passou a gastar seu tempo livre com livros de história natural.

– Mimetismo – gritou ele para Oscar. – Que coisa maravilhosa!

Interessado, Oscar desviou os olhos dos resultados de boliche no jornal.

– Vi Edie Adams na TV uma noite dessas, fazendo sua imitação de Marilyn Monroe. Ah, meu rapaz...

Ferd ficou irritado e balançou a cabeça.

– Não esse tipo de mimetismo. Estou falando de insetos e aracnídeos que mimetizam a forma de folhas ou ramos para evitarem ser comidos por pássaros ou outros insetos e aracnídeos.

O rosto de Oscar assumiu uma expressão de descrença.

– Você quer dizer que eles mudam de *forma?* Como assim?

– Sim, é verdade. Mas às vezes o mimetismo serve a fins agressivos, como no caso da tartaruga sul-africana. Ela parece uma pedra, e quando um peixe passa por perto acaba sendo capturado. Ou da aranha da Sumatra. Quando está de costas, parece caca de pássaro. É assim que ela captura as borboletas.

Oscar riu com nojo e incredulidade. O som desapareceu quando ele voltou aos resultados do boliche. Pôs uma das mãos no bolso, tirou, coçou despreocupado o matagal alaranjado que tinha debaixo da camiseta e começou a apalpar o bolso lateral da calça.

– Cadê o lápis? – resmungou ele.

Oscar se levantou e perambulou pelo escritório enquanto abria gavetas. Seu grito alto de “Ei!” fez Ferd entrar na salinha.

– O que foi? – perguntou Ferd.

Oscar apontou para uma gaveta.

– Lembra aquela vez que você disse que não tinha alfinetes? Olhe só, a droga dessa gaveta está cheia.

Ferd olhou, coçou a cabeça e disse em tom de lamento que estava certo de ter olhado ali antes...

Uma voz de contralto perguntou do lado de fora:

– Tem alguém aí?

Oscar logo esqueceu a escrivaninha e o que havia dentro e gritou:

– Já estou indo.

E se foi. Ferd o seguiu devagarinho.

Havia uma mulher na loja, uma jovem bem robusta, com panturrilhas musculosas e tórax amplo. Estava apontando para o assento de sua bicicleta enquanto Oscar dizia “Ahã” e olhava mais para ela do que para qualquer outra coisa.

– Está só um pouquinho para a frente (“Ahã”), como você pode ver. Só preciso de uma chave-inglesa (“Ahã”). Foi besteira esquecer minhas ferramentas.

Oscar repetiu “Ahã” de maneira automática e saiu do transe.

– Arrumo em um segundo – disse ele.

Ele mesmo arrumou, apesar de ela ter insistido que poderia arrumar sozinha, mas ele não levou exatamente um segundo. Ele recusou pagamento. Prolongou a conversa o máximo que pôde.

– Bem, *obrigada* – disse a jovem. – Mas agora preciso ir.

– Você acha que está boa agora?

– Perfeita. Obrigada.

– Olhe só, acho que vou andar com você só um pouquinho...

Uma risada de notas redondas irrompeu do peito da jovem.

– Ah, você não conseguiria acompanhar meu ritmo! Essa é uma máquina de *corrida*!

No momento em que viu o brilho no canto dos olhos de Oscar, Ferd entendeu o que o parceiro tinha em mente. Ele deu um passo à frente.

Seu “Não” foi apagado pela voz alta de Oscar:

– Bem, aposto que esta bicicleta aqui é páreo para a sua.

A jovem deu uma risada animada e disse que, bem, veriam quanto a isso. Então ela saiu. Oscar ignorou a mão estendida de Ferd, subiu na bicicleta francesa e arrancou. Ferd ficou no vão da porta observando as duas figuras inclinadas sobre os guidons sumirem pelo caminho em direção ao parque. Ele voltou para dentro a passos lentos.

Oscar voltou quase ao anoitecer. Estava suado, mas sorridente. Com um sorriso largo.

– Uau, que gata! – disse ele.

Ele sacudiu a cabeça, assobiou, fez gestos e suspirou como uma máquina deixando a pressão escapar.

– Rapaz, ah, meu rapaz, que tarde!

– Me dê a bicicleta – exigiu Ferd.

Oscar disse “Ok, beleza”, entregou-a e foi se limpar. Ferd olhou para a máquina. O esmalte vermelho estava coberto de terra; havia respingos de lama, poeira e tufos de grama seca. Sua aparência era emporcalhada, degradada. Ele se sentiu um pássaro ágil ao pedalá-la...

Oscar apareceu molhado e sorridente. Fez um barulho de consternação e correu até Ferd.

– Fique longe – disse ele, fazendo gestos com a faca.

Ele apunhalou os pneus, o selim e a cobertura do assento repetidas vezes.

– Tá maluco? – gritou Oscar. – Você perdeu a cabeça? Ferd, não, não faça isso, Ferd...

Ferd cortou, entortou e retorceu as traves da roda. Pegou o martelo mais pesado que encontrou e bateu na estrutura até deformá-la. Continuou batendo até ficar sem fôlego.

– Você não só é louco, como também é um tremendo invejoso – disse Oscar com amargura. – Vá para o inferno.

Ele foi embora.

Sentindo-se mal e cansado, Ferd fechou a loja e voltou para casa devagar. Não estava com vontade de ler, então apagou a luz e se deitou na cama, onde ficou acordado por horas escutando os barulhos da noite e tendo pensamentos quentes e distorcidos.

Eles não se falaram por dias depois daquilo, atendo-se ao que era necessário para o trabalho. Os destroços da bicicleta de corrida francesa estavam atrás da loja. Durante umas duas semanas, nenhum dos dois quis sair para vê-la.

Certa manhã, Ferd chegou e foi cumprimentado pelo parceiro, que parecia impressionado e começou a apertar sua mão antes mesmo de começar a falar.

– Como você fez isso? Como você fez isso, Ferd? Cara, preciso admitir: que trabalho excelente! Nada de ressentimentos, beleza, Ferd?

Ferd apertou a mão dele.

– Claro, claro. Mas do que você está falando?

Oscar levou-o até os fundos. Lá estava a bicicleta de corrida vermelha inteirinha, sem nenhuma marca ou arranhão, com o esmalte brilhando mais do que nunca. Ferd ficou boquiaberto. Ele se agachou para examiná-la. Era *mesmo* sua máquina. Cada mudança e cada melhoria que havia feito estavam ali.

Ele se levantou devagar.

– Regeneração...

– Hein? O que você disse? – perguntou Oscar. – Ei, rapaz, você está todo branco. O que houve, passou a noite em claro sem dormir? Entre aí e sente. Mas ainda não entendi como você fez isso.

Depois de entrar, Ferd se sentou. Ele umedeceu os lábios e disse:

– Oscar, olhe só...

– Diga.

– Oscar. Você sabe o que é regeneração? Não? Escute. Se você pega algumas espécies de lagarto pelo rabo, o rabo se desprende e depois cresce um novo. Se uma lagosta perde uma garra, ela se regenera e forma outra. Se você corta alguns tipos de minhocas, hidras e estrelas-do-mar, cada parte removida cresce de novo. Salamandras podem regenerar mãos perdidas, e as pernas dos sapos crescem outra vez.

– Não brinque, Ferd. Mas, tipo, é a natureza. Muito interessante. Voltando à bicicleta: como você a consertou?

– Nem encostei nela. Ela se regenerou. Como uma salamandra. Ou uma lagosta.

Oscar pensou no que ouviu. Ele baixou a cabeça e olhou para Ferd por baixo das sobrancelhas.

– Bem, Ferd, hum... olhe só... por que todas as bicicletas quebradas não fazem isso?

– Essa não é uma bicicleta qualquer. Tipo, não é uma bicicleta de verdade.

Ao ver o olhar de Oscar, ele gritou:

– É *verdade*!

O grito transformou a confusão de Oscar em incredulidade. Ele se levantou.

– Então, digamos hipoteticamente que todo esse lance dos insetos, enguias ou sei lá o que seja verdade. Eles são seres vivos. Uma bicicleta não é.

Ele olhou para baixo, triunfante.

Ferd balançava a perna de um lado para outro, olhando para ela.

– Um cristal também não, mas um cristal quebrado pode se regenerar sob as condições certas. Oscar, dê uma olhada na escrivaninha para ver se os alfinetes ainda estão lá, por favor?

Ele escutou Oscar resmungar, abrir as gavetas da escrivaninha, revirar o conteúdo, fechá-las outra vez e retornar.

– Nãão – disse ele. – Sumiram todos. Como a senhora disse aquela vez e você está sempre dizendo, nunca há alfinetes quando precisamos deles. Eles desapa... Ferd? O que vo...

Ferd abriu a porta do closet e deu um salto para trás ao ver um montão de cabides chacoalhando.

– E como *você* diz, por outro lado, sempre há cabides de sobra – observou Ferd, retorcendo a boca. – Não havia nenhum aqui antes.

Oscar deu de ombros.

– Não estou entendendo o que você quer dizer. Qualquer pessoa poderia entrar aqui, pegar os alfinetes e deixar uns cabides. *Eu* poderia, mas não fiz isso. Ou *você*. Talvez...

Ele estreitou os olhos.

– ... talvez você seja sonâmbulo e tenha feito isso. É melhor ir ao médico. Cara, você parece acabado.

Ferd se sentou e colocou a cabeça entre as mãos.

– Eu *me sinto* acabado. Estou com medo, Oscar. Com medo de quê?

Ele suspirou alto.

– Vou contar. Como expliquei antes, as coisas que vivem em locais selvagens imitam outras coisas que fazem parte de seu ambiente. Gravetos, folhas... sapos que parecem rochas. Bem, digamos que há... coisas... que vivem nos ambientes

humanos. Cidades. Casas. Essas coisas podem imitar... bem, outros tipos de coisas encontradas em ambientes humanos.

– Ambientes *humanos*? Pelo amor de Deus!

– Talvez sejam uma forma de vida distinta. Talvez se alimentem de substâncias presentes no ar. Vocês sabe o que os alfinetes são? O que é esse outro tipo deles? Oscar, alfinetes são algo em estágio de pupa, então, tipo, *eclodem*. Viram larvas. Que são idênticas a cabides. Até parecem idênticos a cabides, mas não são, não de verdade. Na real, não, não...

Ele começou a choramingar entre as mãos. Oscar olhou para o parceiro e balançou a cabeça.

Passado um minuto, Ferd recuperou parte do autocontrole. Ele pigarreou.

– Todas essas bicicletas que os guardas encontram e ficam à espera de que os donos apareçam... Acabamos por comprá-las baratinho porque nenhum proprietário aparece. O mesmo vale para os jovens que sempre aparecem para tentar nos vender alguma, alegando que encontraram por aí. E de fato encontraram, pois elas não saíram de fábrica nenhuma. Elas cresceram. Elas crescem. Você as arrebenta e joga no lixo, mas elas se regeneram.

Oscar se virou para alguém que não estava lá e balançou a cabeça.

– Aaah, rapaz – disse ele.

Então se voltou para Ferd:

– Você quer dizer que há um alfinete aqui, e no dia seguinte ele se transforma num cabide?

– Um dia há um casulo; no outro, uma mariposa – respondeu Ferd. – Um dia há um ovo; no outro, uma galinha. Mas com... eles, a coisa não acontece à luz do dia, quando podemos ver, mas à noite. Oscar, à noite é possível *escutar* isso acontecendo.

– Então, por que não estamos soterrados por bicicletas? – retrucou Oscar. – Se eu tivesse uma bicicleta para cada cabide...

Mas Ferd também havia pensado nisso. Se cada ovo de peixe, ele explicou, ou cada ova de ostra alcançasse a maturidade, seria possível atravessar o oceano caminhando sobre os inúmeros peixes e ostras que viveriam ali. Tantos morrem e tantos são devorados por criaturas predatórias que a natureza precisa produzir o máximo possível para permitir que um mínimo atinja a maturidade. E a pergunta de Oscar era: então, hum, quem come, hum, os cabides?

Ferd olhou através da parede, dos prédios, do parque, de mais prédios, do horizonte.

– É preciso ver as coisas de uma perspectiva mais ampla. Não estou falando de alfinetes ou cabides de verdade. Tenho um nome para esses outros: chamo-os de falsos amigos. Quando estudei francês no colégio, era preciso ter cuidado

com as palavras francesas que se pareciam com palavras nossas, mas tinham significado diferente. Eram chamadas de *faux amis*. Falsos amigos. Pseudoalfinetes. Pseudocabides... Quem os come? Não sei ao certo. Talvez pseudoaspiradores de pó?

Com um gemido alto, o parceiro bateu as mãos nas coxas e disse:

– Ferd, Ferd, pelo amor de Deus. Sabe qual é seu problema? Você fala sobre ostras, mas esquece por que elas são boas. Esquece que há dois tipos de pessoas. Feche seus livros, sejam de francês ou sobre insetos. Saia de casa, se misture, conheça gente nova. Beba uma cerveja. Tenho uma ideia. Na próxima vez que Norma, aquela gata da bicicleta de corrida, vier aqui, *você* vai subir na bicicleta vermelha e dar uma volta com ela. Eu não ligo. E acho que ela também não vai ligar. Não *muito.*

Mas Ferd disse não.

– Nunca mais quero ver ou tocar naquela bicicleta de corrida vermelha. Tenho medo dela.

Ao ouvir isso, Oscar se pôs de pé e arrastou o parceiro sob protestos até os fundos. Então, forçou Ferd a subir na máquina francesa.

– É a única maneira de vencer seu medo!

Ferd começou a pedalar, meio bambo e pálido. Logo em seguida estava no chão. Ele rolou, gritou e se debateu.

Oscar o retirou da bicicleta.

– Ela me atirou no chão! – gritou Ferd. – Ela tentou me matar! Olha... sangue!

Oscar disse que ele havia caído devido a uma topada, devido ao próprio medo. O sangue? Um aro quebrado raspou em sua bochecha. Ele insistiu para Ferd subir outra vez na bicicleta a fim de vencer o medo.

No entanto, Ferd estava histérico. Gritava que nenhum homem estava seguro – a humanidade precisava ser alertada. Oscar levou um bom tempo para acalmá-lo e fazê-lo ir para casa dormir um pouco.

É claro que ele não contou tudo isso ao sr. Whatney: disse apenas que o parceiro havia cansado de vender bicicletas.

– Preocupar-se e querer mudar o mundo não compensa – comentou. – Sempre digo que devemos aceitar as coisas como são. Se não pode vencer, una-se ao vencedor.

O sr. Whatney disse que aquela era exatamente sua filosofia. Ele perguntou como as coisas estavam desde então.

– Bem... não *muito* ruins. Fiquei noivo, sabia? O nome dela é Norma. É louca por bicicletas. Se levarmos tudo em conta, as coisas não estão nada más. Mais trabalho, é verdade, mas posso fazer as coisas à minha maneira, então...

O sr. Whatney assentiu. Ele olhou em volta.

– Vejo que você ainda está vendendo bicicletas de quadro baixo, embora tantas mulheres estejam utilizando as de quadro alto, já que usam calças – comentou ele. – Não sei por que ainda fabricam as de quadro baixo.

Oscar respondeu:

– Ah, não sei. Gosto delas assim. Já parou para pensar que as bicicletas são como as pessoas? Tipo, de todas as máquinas que existem no mundo, apenas as bicicletas têm macho e fêmea.

O sr. Whatney deu uma risadinha e disse que era verdade, que nunca havia pensado daquela maneira antes. Oscar perguntou se o sr. Whatney tinha algo específico em mente – não que não fosse sempre bem-vindo ali.

– Bem, eu queria dar uma olhada no que você tem. O aniversário do meu garoto está chegando...

Oscar assentiu sabiamente.

– Tenho algo aqui que você não conseguirá em nenhum outro lugar. Especialidade da casa. Combina as melhores características de uma bicicleta de corrida francesa com as de uma americana padrão, mas foi feita bem aqui. E existe em três tamanhos: Júnior, Intermediário e Padrão. Linda, né?

O sr. Whatney percebeu que, ora, talvez fosse aquela mesmo.

– O que houve com aquela bicicleta de corrida francesa, a vermelha que vocês tinham aqui?

– Ah, *aquela*. A Francesa Velha? Estou usando para procriação.

Eles riram um monte, depois contaram mais algumas histórias e fecharam negócio. Em seguida, tomaram umas cervejas e riram mais um pouco. Então, disseram que era uma pena o que havia acontecido com o pobre Ferd, o pobre e velho Ferd, que havia sido encontrado no próprio armário com o arame de um cabide apertado forte em volta do pescoço.



PETER S. BEAGLE é um dos principais autores de fantasia dos Estados Unidos há cinquenta anos. Seu livro *The Last Unicorn* é um clássico. Achei que era uma boa ideia concluirmos com a menos estranha de todas as criaturas estranhas. Pois a Morte não é nada estranha. Mesmo quando é uma senhora.

Por muitos anos, Lady Neville deu as festas mais finas para entreter as pessoas mais finas e está de saco cheio de tudo. Mas há uma pessoa que ela nunca encontrou...



VENHA, DONA MORTE



ISSO TUDO ACONTECEU NA INGLATERRA muito tempo atrás, quando o rei era aquele George que falava inglês com forte sotaque alemão e odiava seus filhos. À época, vivia em Londres uma senhora que não tinha nada para fazer além de dar festas. Ela se chamava Flora, Lady Neville, e era uma viúva muito idosa. Ela vivia em uma grande casa não muito distante do palácio de Buckingham, e tinha tantos empregados que era incapaz de lembrar o nome de todos; na verdade, jamais havia sequer visto alguns deles. Ela guardava mais comida do que era capaz de comer e mais vestidos do que jamais poderia vestir; tinha mais vinho na adega do que qualquer pessoa seria capaz de beber ao longo de uma vida, e seus cofres particulares estavam repletos de obras de arte que ela não sabia que tinha. Passou os últimos anos de sua vida dando festas e bailes aos quais compareciam os mais poderosos lordes da Inglaterra – às vezes até o próprio rei –, e sabia que era a mulher mais sábia e esperta de Londres.

Mas, com o tempo, ela começou a ficar entediada com as próprias festas. Embora convidasse as pessoas mais famosas da região e contratasse os melhores malabaristas, acrobatas, dançarinos e mágicos para entretê-las, continuava a achá-las cada vez mais chatas. Escutar as fofocas da corte, algo que sempre amara, só lhe suscitava bocejos. As músicas mais incríveis e os números de mágica mais empolgantes lhe davam sono. Assistir a um belo e jovem casal dançando a deixava triste, e ela odiava se sentir triste.

Assim, em uma tarde de verão, ela chamou seus amigos mais próximos e disse:

– Cada vez mais, sinto que minhas festas divertem todo mundo, menos a mim. O segredo de minha longevidade é que jamais achei nada chato. Durante toda a minha vida, tive interesse por tudo o que vi e ansiei ver mais. Mas não aguento ficar entediada, e não irei a festas com a expectativa de ficar entediada; sobretudo se as festas forem minhas. Portanto, chamarei para meu próximo baile

um convidado que tenho certeza de que ninguém, nem mesmo eu, poderá achar entediante. Meus amigos, o convidado de honra de minha próxima festa será a Morte em pessoa.

Um jovem poeta achou que aquela era uma ideia maravilhosa, mas os demais amigos ficaram aterrorizados e se afastaram. Eles não queriam morrer, declararam. A Morte chegaria quando estivessem prontos; por que convidá-la antes da hora certa, que viria em seu devido tempo? Mas Lady Neville disse:

– Precisamente. Se a Morte planejou levar qualquer um de nós na noite de minha festa, virá com ou sem convite. Mas, se nenhum de nós deve morrer, acho que será encantador ter a Morte entre nós. Quem sabe até nos mostre alguns truques se estiver de bom humor. Imaginem só poder dizer que vocês estiveram em uma festa com a Morte! Londres inteira nos invejará. A Inglaterra inteira!

Os amigos começaram a achar a ideia agradável, mas um jovem lorde recém-chegado a Londres sugeriu em tom tímido:

– A Morte é muito ocupada. Digamos que ela precise trabalhar e não possa aceitar seu convite...

– Ninguém jamais recusou um convite meu – disse Lady Neville. – Nem mesmo o rei.

E aquele jovem lorde não foi convidado para a festa.

Ela se sentou naquele mesmo instante e escreveu o convite. Houve alguma discussão entre seus amigos sobre como tratar a Morte. “Vossa Senhoria, a Morte” parecia rebaixá-la ao nível de um visconde ou barão. “Vossa Graça, a Morte” foi mais bem-aceito, mas Lady Neville achou que soava hipócrita. E referir-se à Morte como “Vossa Majestade” a igualaria ao rei da Inglaterra, algo que nem mesmo Lady Neville ousaria fazer. Por fim, ficou decidido que todos deveriam tratá-la por “Vossa Eminência, a Morte”, que agradou a quase todos.

O capitão Compson, conhecido por ser tanto o mais aprumado oficial da cavalaria quanto o mais elegante libertino em toda a Inglaterra, observou em seguida:

– Parece ótimo, mas como enviaremos o convite à Morte? Alguém sabe onde ela mora?

– A Morte sem dúvida mora em Londres, como todas as pessoas de alguma importância, embora provavelmente passe os verões em Deauville – disse Lady Neville. – Na verdade, a Morte deve morar bem perto de minha casa. É a melhor parte de Londres, e é difícil esperar que alguém tão importante quanto a Morte more em um lugar qualquer. Parando para pensar, é até estranho que ainda não tenhamos nos encontrado na rua.

A maioria de seus amigos concordou, mas o poeta, cujo nome era David

Lorimond, disse:

– Não, minha senhora, você está enganada! A Morte vive entre os pobres. A Morte mora nos becos mais escuros e fétidos desta cidade, em algum casebre vil e repleto de ratos que cheira a...

Ele parou, em parte porque Lady Neville havia demonstrado contrariedade e em parte porque nunca havia entrado em um casebre desses, nem refletido sobre qual seria seu cheiro.

– A Morte vive em meio aos pobres – continuou ele. – E aparece para visitá-los todos os dias, pois é sua única amiga.

Lady Neville respondeu com a mesma frieza com a qual se dirigira ao jovem lorde.

– Ela pode ser forçada a lidar com eles, David, mas acho difícil que busque sua companhia. Tenho certeza de que ela acha tão difícil quanto eu considerar os pobres indivíduos. Afinal, a Morte é nobre.

A maioria dos lordes e damas concordava que a Morte deveria morar em um bairro ao menos tão bom quanto o deles próprios, mas ninguém sabia o nome da rua da Morte, e nenhum jamais havia visto a casa da Morte.

– Se houvesse uma guerra, seria fácil encontrar a Morte – observou o capitão Compson. – Já a vi, como vocês bem sabem, e até lhe dirigi a palavra, mas não obtive resposta.

– Muito apropriado – falou Lady Neville. – A Morte sempre deve ter a primeira palavra. Você não é uma pessoa muito correta, capitão.

Mas ela sorriu para ele, como faziam todas as mulheres.

Então, teve uma ideia:

– Salvo engano, um dos filhos de meu cabeleireiro está adoentado – disse. – Ele me contou isso ontem e pareceu triste e desesperançado. Vou pedir que o chamem para buscar o convite, que poderá repassar à Morte quando ela aparecer para buscar o pestinha. Não é muito convencional, admito, mas não consigo pensar em outra maneira.

– E se ele recusar? – perguntou um dos lordes que havia acabado de se casar.

– Por que faria isso? – indagou Lady Neville.

Mais uma vez, foi o poeta quem ressaltou, com apoio da multidão, que aquilo era maldoso e cruel. Mas ele se calou depois que Lady Neville perguntou com inocência:

– Por quê, David?

Assim, eles enviaram um mensageiro atrás do cabeleireiro, e, quando este parou à frente deles com um sorriso nervoso e as mãos tremendo por estar na mesma sala que tantos grandes lordes, Lady Neville explicou o que se esperava dele. E ela estava com a razão, como era de praxe, pois ele não apresentou

qualquer objeção: apenas pegou o convite e pediu licença para se retirar.

O cabeleireiro não voltou nos dois dias seguintes, mas quando por fim retornou, sem precisar ser chamado, se apresentou a Lady Neville e entregou-lhe um pequeno envelope branco. Ela disse:

– É muita gentileza sua, obrigada.

Dentro do envelope, encontrou um cartão de visitas simples, sem nada além das seguintes palavras: *A Morte ficará contente de comparecer ao baile de Lady Neville*.

– A Morte lhe entregou isso? – perguntou com avidez ao cabeleireiro. – Como ela é?

Mas o cabeleireiro ficou parado com o olhar perdido à frente e sem dizer nada. Sem esperar de fato por uma resposta, ela chamou uma dúzia de empregados e mandou que fossem correndo avisar os convidados. Enquanto dava voltas pela sala à espera de que chegassem, ela perguntou mais uma vez:

– Como é a Morte?

O cabeleireiro não respondeu.

Quando chegaram, os amigos passaram o cartão de mão em mão, empolgados, até que ficasse amassado e sujo devido ao manuseio. Mas todos admitiram que, além da mensagem, não havia nada de especialmente anormal nele. Não era nem frio nem quente ao toque, e o pouco cheiro que exalava era até agradável. Todos disseram que era um cheiro muito familiar, mas ninguém soube apontar qual. O poeta disse que lembrava lírios, mas não exatamente.

No entanto, foi o capitão Compson quem apontou algo que ninguém mais havia percebido.

– Vejam a caligrafia – disse ele. – Vocês já viram algo mais gracioso? As letras parecem leves como pássaros. Claramente, trata-se mesmo de uma mulher.

Houve alvoroço e muitos burburinhos, e o cartão foi mais uma vez passado de mão em mão para que todos exclamassem: “Sim, é verdade!” A voz do poeta se elevou mais uma vez sobre os murmúrios:

– Faz bastante sentido, se pararmos para pensar. Não é só em nossa língua: os franceses também dizem *la mort*. Dona Morte. Prefiro que a Morte seja de fato uma mulher.

– A Morte anda montada em um grande cavalo preto – disse o capitão Compson, em tom firme. – E veste uma armadura da mesma cor. A Morte é muito alta, mais alta do que qualquer um. Não foi uma mulher que vi no campo de batalha, atacando da esquerda e da direita como qualquer soldado. Talvez o próprio cabeleireiro tenha escrito o bilhete, ou quem sabe sua esposa.

Mas o cabeleireiro se recusava a falar, embora todos houvessem se reunido em volta dele e implorassem para que dissesse quem lhe havia entregado o bilhete.

De início, prometeram-lhe recompensas de toda a sorte; em seguida, ameaçaram fazer coisas terríveis com ele.

– Foi você quem escreveu o cartão? – perguntaram a ele. – Então, quem escreveu? Foi uma mulher viva? Foi mesmo a Morte? A Morte disse algo a você? Como você sabe que era a Morte? A Morte é mesmo uma mulher? Você está tentando nos fazer de bobos?

Nenhuma palavra do cabeleireiro, nem uma única palavra, e por fim Lady Neville chamou seus empregados para que o recolhessem e atirassem na rua. Ele não a olhou enquanto foi levado, tampouco proferiu qualquer som.

Silenciando os amigos com um gesto da mão, Lady Neville disse:

– O baile será dentro de duas semanas, a contar a partir de hoje. Deixemos que a Morte chegue como bem entender, seja como homem, mulher ou criatura estranha e desprovida de gênero. – Ela sorriu com tranquilidade.

– A Morte pode muito bem ser uma mulher – disse ela. – Já não tenho tanta certeza quanto ao gênero da Morte, mas também já não tenho tanto medo dela. Sou velha demais para ter medo de qualquer coisa capaz de usar uma caneta para me escrever uma mensagem. Agora vão para suas casas e, quando estiverem se preparando para o baile, comentem a respeito dele com seus empregados para que a notícia se espalhe por Londres inteira. Que todos saibam que naquela noite ninguém irá morrer no mundo todo, pois a Morte estará dançando no baile de Lady Neville.

Nas duas semanas seguintes, a grande casa de Lady Neville balançou, estalou e rangeu tal qual árvore velha durante uma tempestade enquanto os empregados martelavam, esfregavam, poliam e pintavam todos os cantos, deixando tudo preparado para o baile. Lady Neville sempre teve muito orgulho de sua casa, mas conforme o baile se aproximava começou a temer que não fosse nem de perto grande o suficiente para a Morte, que certamente estava acostumada a visitar as casas de pessoas mais ricas e poderosas do que ela. Temendo o escárnio da Morte, Lady Neville trabalhou dia e noite, supervisionando os preparativos dos empregados. As cortinas e os carpetes precisavam ser limpos, e era necessário polir os enfeites em ouro e prata até que estivessem brilhando no escuro. A grande escada que desaguava no salão de baile feito uma cachoeira foi lavada e esfregada tantas vezes que era quase impossível pisar nela sem escorregar. A limpeza do salão de baile em si exigiu o trabalho simultâneo de trinta e dois empregados, sem contar aqueles que poliram o lustre de cristal, que era mais alto que um homem, e as catorzes luminárias menores. E, quando terminaram, ela obrigou-os a fazer tudo de novo, não porque estivesse vendo poeira ou sujeira em qualquer lugar, mas porque tinha certeza de que a Morte veria.

Para si ela escolheu seu melhor vestido e supervisionou pessoalmente a lavagem. Convocou outro cabeleireiro e pediu que cortasse seu cabelo em um estilo ultrapassado, na tentativa de mostrar à Morte que era uma mulher satisfeita com a idade que tinha e que por isso não achava necessário imitar os mais jovens e bonitos. Ela passou o dia que antecedeu a noite do baile sentada em frente ao espelho. Em vez de se maquiar para além dos toques de ruge, sombra de olho e pó de arroz habituais, ficou observando o velho rosto com o qual havia nascido. Perguntou-se qual seria sua aparência aos olhos da Morte. O mordomo apareceu para pedir que ela aprovasse a seleção de vinhos, mas ela o dispensou e ficou em frente ao espelho até que chegasse a hora de se vestir e descer para receber os convidados.

Todos chegaram cedo. Quando espiou por uma janela, Lady Neville viu que a entrada da casa estava apinhada de carruagens e cavalos nobres.

– Parece uma grande procissão fúnebre – disse ela.

O lacaio gritava o nome dos convidados no salão ecoante:

– Capitão Henry Compson, da Cavalaria Doméstica de Vossa Majestade! Sir David Lorimond! Lorde e Lady Torrance!

(Eles eram o casal mais jovem a comparecer, pois haviam se casado apenas três meses antes.)

– Sir Roger Harbison! Contessa della Candini!

Lady Neville ofereceu a mão para que todos a beijassem e deu as boas-vindas.

Ela havia reunido os melhores músicos que encontrara para tocarem no baile, mas, embora tenham começado a tocar quando ela fez um sinal, nenhum dos casais foi à pista de dança e nenhum jovem lorde se aproximou para pedir-lhe a honra de acompanhá-la na primeira música, como seria adequado. Eles se amontoaram aos murmúrios com o olhar fixo na porta do salão de baile. A cada vez que escutavam uma carruagem na entrada da casa, pareciam recuar um pouquinho e se aproximar ainda mais uns dos outros; cada vez que o lacaio anunciava a chegada de outro convidado, todos soltavam suspiros suaves e se remexiam um pouquinho, aliviados.

– Por que eles vieram à festa se estavam com medo? – resmungou Lady Neville para si mesma, com desdém. – Não tenho medo de me encontrar com a Morte. Só peço que fique impressionada com a magnificência de minha casa e o sabor de meus vinhos. Vou morrer antes de qualquer um aqui, mas não tenho medo.

Certa de que a Morte não chegaria antes da meia-noite, ela circulou entre os convidados na tentativa de acalmá-los não com palavras, que ela sabia que não seriam ouvidas, mas com seu tom de voz, como se fossem um bando de cavalos apavorados. Pouco a pouco, ela mesma foi contaminada pelo nervosismo:

levantava-se logo após se sentar, provou cerca de uma dúzia de taças de vinho sem terminar nenhuma e olhava o tempo todo para o relógio incrustado de pedras preciosas. No início, estava ansiosa para que meia-noite chegasse logo e a espera tivesse fim, mas depois arranhava o tampo do relógio com o indicador, como se pudesse alongar a noite e arrastar o sol de volta para o céu. Quando deu meia-noite, ela estava de pé com o resto deles, respirando pela boca e alternando o peso de um pé para o outro e esperando o som das rodas de uma carruagem girando sobre o cascalho.

Quando o relógio começou a dar as badaladas que anunciavam a meia-noite, todos, até mesmo Lady Neville e o destemido capitão Compson, soltaram um pequeno gritinho de espanto antes de ficarem em silêncio outra vez, atentos às batidas do relógio. Os relógios menores do andar de cima começaram a ressoar. Lady Neville sentiu dor nos ouvidos. Ela viu o próprio reflexo no espelho do salão de baile, um rosto cinza voltado para cima como se estivesse desesperada por um pouco de ar ao pensar: “A Morte será uma mulher, uma idosa obscena e hedionda com a altura de um homem forte. E o mais terrível de tudo é que ela terá um rosto igual ao meu.” Todos os relógios pararam de bater e Lady Neville fechou os olhos.

Ela abriu-os outra vez ao escutar os sussurros ao redor mudarem de tom, revelando uma mistura de medo, alívio e certa decepção. Pois não havia nenhuma carruagem à entrada da casa. A Morte não apareceu.

Aos poucos, o ruído foi aumentando de volume; aqui e ali algumas pessoas começaram a rir. Perto dela, Lady Neville escutou o jovem Lorde Torrance dizer à esposa:

– Viu só, minha querida? Eu disse que não havia nada a temer. Era tudo uma brincadeira.

“Estou arruinada”, pensou Lady Neville. As risadas estavam ficando mais altas; atingiam seus ouvidos em ondas, como as batidas de um relógio. “Eu queria dar um baile tão grandioso que aqueles que não fossem convidados ficariam com vergonha frente à cidade toda, e está aqui minha recompensa. Estou arruinada, com razão.”

Virando-se para o poeta Lorimond, ela disse:

– Dance comigo, David.

Ela fez um sinal para os músicos, que começaram a tocar de imediato. Ao ver a hesitação de Lorimond, ela ordenou:

– Dance comigo agora mesmo. Você não terá outra chance. Nunca mais darei uma festa.

Lorimond fez uma reverência e conduziu-a até a pista de dança. Os

convidados abriram caminho para eles, e as risadas morreram por alguns instantes, mas Lady Neville sabia que logo recomeçariam. “Bem, deixe que riam”, pensou. “Não temi a Morte quando todos eles estavam tremendo. Por que deveria temer suas risadas?” Mas ela sentia ferroadas em suas pálpebras magras e fechou os olhos mais uma vez quando começou a dançar com Lorimond. Então, de repente, os cavalos de todas as carruagens paradas em frente à casa choramingaram alto uma única vez, da mesma forma que os convidados haviam feito à meia-noite. Havia muitos cavalos, e seu lamento foi tão alto que todos na sala logo ficaram em silêncio. Eles escutaram os passos pesados do lacaio, quando ele foi abrir a porta, e tremeram como se sentissem a brisa fresca que entrara na casa. Em seguida, escutaram uma voz suave:– Estou atrasada? Ah, sinto muito. Os cavalos estavam cansados.

Antes que o lacaio entrasse na casa novamente para anunciá-la, uma jovem encantadora de vestido branco adentrou em passos graciosos o salão de baile e ficou ali parada, sorrindo. Ela não tinha mais de dezenove anos. Seus cabelos eram loiros, longos e volumosos e caíam sobre os ombros desnudos, que brilhavam calorosamente em meio aos fios – duas ilhas de calcário erguendo-se em meio a um mar escuro e dourado. O rosto era amplo na testa e nas maçãs do rosto e estreito no queixo, e a pele era tão clara que muitas das damas na festa – inclusive Lady Neville – tocaram na pele de seus próprios rostos e recolheram a mão logo em seguida, como se o contato com a pele áspera machucasse os dedos. A boca era pálida, quase roxa. As sobrancelhas, mais densas e retas do que era moda à época, se encontravam sobre olhos calmos e escuros, enterrados tão fundo no rosto e tão pretos, tão despreocupadamente pretos, que a esposa de meia-idade de um lorde de meia-idade murmurou:

– Acho que tem um pouquinho de sangue cigano aí.

– Ou coisa pior – sugeriu o marido.

– Façam silêncio! – exclamou Lady Neville, mais alto do que havia planejado, e a garota se virou para observá-la.

Ela sorriu, e Lady Neville tentou sorrir de volta, mas sua boca parecia estar muito retesada.

– Seja bem-vinda – anunciou ela. – Seja bem-vinda, Dona Morte.

Ouviu-se um suspiro percorrer os lordes e damas do salão quando a garota pegou a mão da velha mulher e fez uma mesura, abaixando e se erguendo em um movimento único, como uma onda.

– Você é Lady Neville – disse ela. – Muito obrigada por ter me convidado.

Seu sotaque era tão leve e quase tão familiar quanto seu perfume.

– Por favor, desculpe-me pelo atraso – pediu ela, com sinceridade. – Precisei vir de muito longe, e meus cavalos estão muito cansados.

– O cavalariço vai dar um trato neles – disse Lady Neville. – E alimentá-los, caso você queira.

– Ah, não – respondeu a garota depressa. – Por favor, peça que não se aproxime dos cavalos. Eles não são cavalos de fato, e são muito agressivos.

Ela aceitou a taça de vinho oferecida por um dos empregados e bebeu devagar, suspirando com suavidade e contentamento.

– Que vinho bom – elogiou ela. – E que casa linda você tem.

– Obrigada – disse Lady Neville.

Mesmo sem se virar, ela sabia que todas as mulheres na sala estavam com inveja, algo que era capaz de sentir da mesma maneira que sempre sentia uma chuva se aproximando.

– Eu queria morar aqui – disse a Morte, com sua voz baixa e suave. – Eu vou, um dia.

Então, vendo que Lady Neville estava parada como se houvesse virado estátua, ela colocou uma das mãos no braço da velha mulher e disse:

– Ah, desculpe-me. Desculpe-me mesmo. Sou muito cruel, mas jamais é minha intenção. Por favor, desculpe-me, Lady Neville. Não estou acostumada a ter companhia, e por isso faço comentários estúpidos como esse. Por favor, desculpe-me.

O toque de sua mão no braço de Lady Neville pareceu tão leve e morno quanto o de qualquer outra jovem, e seus olhos eram tão apelativos que Lady Neville respondeu:

– Você não disse nada de errado. Enquanto for minha convidada, a casa é sua.

– Obrigada – disse a Morte.

Ela abriu um sorriso tão radiante que os músicos começaram a tocar por iniciativa própria, sem qualquer sinal de Lady Neville. Ela os teria interrompido, mas a Morte falou:

– Ó, que música agradável! Por favor, deixe que eles toquem.

Assim, os músicos tocaram uma gavota, e a Morte, sem se sentir intimidada pelos olhos que a fitavam com terror e voracidade, cantou suavemente para si mesma sem palavras, ergueu um pouquinho o vestido branco com as mãos e fez alguns passos de dança hesitantes com os pés diminutos.

– Não danço há muito tempo – disse ela, com nostalgia. – Tenho certeza de que já me esqueci de como se faz.

Ela era tímida; não erguia os olhos para constranger os jovens lordes, nenhum dos quais se ofereceu para acompanhá-la na dança. Lady Neville sentiu uma torrente de vergonha e empatia, emoções das quais acreditava ter se livrado muitos anos antes. “Ela será humilhada em meu próprio baile?”, pensou, com raiva. “É porque ela é a Morte; se fosse a velha coroca mais feia e suja do mundo

inteiro, eles fariam um esforço para dançar com ela, pois são cavalheiros e sabem o que se espera deles. Mas nenhum cavalheiro irá dançar com a Morte, não importa o quão bonita ela seja."

Lady Neville olhou de soslaio para David Lorimond. Ele tinha o rosto tão corado e as mãos apertadas com tanta força ao olhar para a Morte que seus dedos pareciam de vidro, mas quando Lady Neville tocou em seu braço ele não se virou, e quando ela chamou seu nome, ele fingiu não escutar.

Então, o capitão Compson, de cabelos grisalhos e lindo de uniforme, destacou-se da multidão e fez uma reverência graciosa para a Morte.

– Se a senhorita me concede a honra – pediu ele.

– Capitão Compson – disse a Morte, sorrindo.

Ela colocou os braços ao redor dos dele.

– Eu estava torcendo para que você me convidasse.

Isso fez as mulheres mais velhas franzirem o cenho, pois não consideravam aquele comentário apropriado, mas a morte não deu a mínima. O capitão Compson conduziu-a até o centro da pista, e ali dançaram. No início, a Morte pareceu curiosamente desajeitada: estava ansiosa demais para satisfazer o parceiro, e não demonstrou qualquer noção de ritmo. O capitão, por sua vez, movia-se com uma mistura de dignidade e humor que Lady Neville jamais vira em outro homem, mas, quando ele olhou-a por cima dos ombros da Morte, ela viu algo que ninguém mais parecia ter reparado: o rosto e os olhos dele estavam imobilizados pelo medo e, embora houvesse oferecido a mão à Morte com espontâneo galanteio, ele vacilara um pouco quando ela aceitou. Ainda assim, dançou melhor do que Lady Neville jamais o vira dançar.

"Ah, é isso que acontece quando se tem uma reputação a manter", pensou ela. "O capitão Compson também precisa fazer o que se espera dele. Espero que outra pessoa se ofereça logo para dançar com ela."

Mas ninguém se ofereceu. Pouco a pouco, outros casais superaram o medo e caminharam apressados para a pista quando a Morte olhava para o lado contrário, mas ninguém resgatou o capitão Compson de sua bela parceira. Eles dançaram todas as danças juntos. Com o passar do tempo, alguns homens começaram a olhá-la com mais apreciação do que terror, mas, quando ela devolvia os olhares e sorria, eles apertavam as parceiras junto ao corpo, como se um vento frio estivesse ameaçando carregá-los para longe.

Um dos poucos que a olharam com franqueza e deleite foi o jovem Lorde Torrance, que geralmente dançava apenas com a esposa. Outro foi o poeta Lorimond. Ao dançar com Lady Neville, ele comentou:

– Se ela é a Morte, quem esses tolos apavorados acham que são? Se ela é feiura, o que resta para eles? Odeio seu medo. É obsceno.

A Morte e o capitão passaram por eles dançando naquele momento, e os dois escutaram-no dizer:

– Mas, se foi mesmo você que eu vi na batalha, como é possível que tenha mudado tanto? Como é possível que tenha ficado tão adorável?

A risada da Morte era macia e divertida.

– Achei que em meio a tantas pessoas bonitas seria melhor ser bonita. Fiquei com medo de apavorar todos e estragar a festa.

– Todos pensaram que ela seria feia – disse Lorimond a Lady Neville. – Eu... eu sempre soube que seria bela.

– Então, por que não dança com ela? – perguntou Lady Neville. – Você também está com medo?

– Não, ah, não – respondeu o poeta com rapidez e convicção. – Pedirei para dançar com ela muito em breve. Só quero observá-la mais um pouco.

Os músicos continuaram a tocar. A dança foi consumindo a noite tão devagar quanto quedas-d’água consomem a encosta de uma montanha. Pareceu a Lady Neville que nenhuma noite jamais havia durado tanto, e ainda assim ela não estava cansada nem entediada. Dançou com todos os homens que estavam lá, à exceção de Lorde Torrance, que dançava com sua esposa como se os dois houvessem se conhecido naquela noite, e, é claro, do capitão Compson. Em determinado momento, ele ergueu a mão e tocou bem de leve nos cabelos dourados da Morte. Ele ainda era um homem admirável, um parceiro à altura de uma garota tão bela, mas Lady Neville olhava para seu rosto cada vez que passava por ele e percebeu que era mais velho do que qualquer um ali imaginava.

A Morte, por sua vez, parecia mais jovem do que a pessoa mais jovem ali. Não havia nenhuma mulher no baile capaz de dançar melhor que ela, embora fosse difícil para Lady Neville lembrar em que ponto seu jeito desengonçado fora substituído por aqueles movimentos de doce fluidez. Ela sorria e cumprimentava todos com quem cruzava o olhar, e conhecia-os pelo nome; cantava o tempo todo, inventando palavras para as canções instrumentais – palavras sem sentido, sons desprovidos de significado, e ainda assim todos se esforçavam para escutar sua voz sem saber bem por quê. E quando, em meio a uma valsa, ela levantou a cauda do vestido para ter mais liberdade ao dançar, Lady Neville achou que ela se movimentava como um pequeno barco no mar calmo de um fim de tarde.

Lady Neville escutou Lady Torrance discutindo raivosa com a Contessa della Candini.

– Pouco me importa se é a Morte, ela não é mais velha do que eu. Não pode

ser!

– Bobagem – disse a Contessa, que era incapaz de ser generosa com qualquer outra mulher. – Ela parece ter uns vinte e oito, trinta, se isso. E o vestido, aquela roupa de noiva que ela veste... francamente!

– Vulgar – disse a mulher que havia ido ao baile como acompanhante informal do capitão Compson. – De mau gosto. Mas suponho que não haja como esperar bom gosto da Morte.

Lady Torrance parecia prestes a cair no choro.

– Elas estão com ciúmes da Morte – disse Lady Neville para si mesma. – Que estranho. Não sinto ciúmes dela, nem um pouquinho. E não sinto nada de medo.

Estava muito orgulhosa de si mesma.

Então, os músicos pararam de tocar sem terem recebido qualquer sinal, assim como quando começaram a tocar. Eles puseram os instrumentos de lado. No silêncio repentino e retumbante, a Morte se afastou do capitão Compson e foi correndo espiar por uma das janelas, abrindo as cortinas com as duas mãos.

– Vejam! – disse ela, de costas para os demais. – Venham ver. A noite está quase chegando ao fim.

O céu de verão ainda estava escuro, e o horizonte ao leste estava um único tom mais claro que o resto do céu, mas as estrelas haviam desaparecido e as árvores próximas à casa se tornavam discerníveis pouco a pouco. A Morte pressionou o rosto à janela e disse com tanta suavidade que os outros convidados mal a ouviram:

– Preciso ir agora mesmo.

– Não – disse Lady Neville, que levou algum tempo até perceber o que disse. – Você precisa ficar mais um pouco. O baile foi dado em sua homenagem. Por favor, fique.

A Morte estendeu as mãos para ela, e Lady Neville aproximou-se e segurou-as.

– Foi uma noite maravilhosa – disse ela com gentileza. – Você não pode imaginar como é a sensação de ser convidada para um baile desses, porque você os frequentou e organizou durante toda a sua vida. Para você são todos iguais, mas para mim é diferente. Entende?

Lady Neville assentiu em silêncio.

– Vou me lembrar desta noite para sempre – disse a Morte.

– Fique – pediu o capitão Compson. – Fique só um pouco mais.

Ele colocou a mão no ombro da Morte, que sorriu e recostou a bochecha na mão.

– Querido capitão Compson, meu primeiro galanteador – disse ela. – Você ainda não se cansou de mim?

– Jamais – respondeu ele. – Fique, por favor.

– Fique – ecoou Lorimond, que também pareceu prestes a tocá-la. – Fique. Quero conversar com você. Quero olhar para você. Podemos dançar se você ficar.

– Como tenho seguidores! – exclamou a Morte, admirada.

Ela estendeu uma das mãos na direção de Lorimond, mas ele recuou e ficou corado de vergonha.

– Um soldado e um poeta. Que maravilha é ser mulher. Mas por que vocês dois não falaram comigo antes? Agora é tarde demais. Preciso ir.

– Por favor, fique – sussurrou Lady Torrance.

Ela pegou na mão do marido para ganhar coragem.

– Nós a achamos muito bonita, nós dois.

– Amável Lady Torrance... – disse a garota com gentileza.

Ela se virou para a janela outra vez, tocou no vidro de leve. A janela se abriu. O ar frio irrompeu no salão de baile, fresco e carregado de chuva, mas já com traços do cheiro das ruas de Londres por onde havia passado. Eles escutaram pássaros cantando e os relinchados ásperos e estranhos dos cavalos da Morte.

– Você quer que eu fique? – perguntou ela.

A pergunta não foi dirigida a Lady Neville, ao capitão Compson nem a qualquer um de seus admiradores, mas à Contessa della Candini, que estava bastante atrás deles, abraçando suas flores e assoviando uma pequena canção de irritação. Ela não queria nem um pouco que a Morte ficasse, mas tinha medo de que as outras mulheres pensassem que ela invejava a beleza da Morte, então disse:

– Sim. Claro que sim.

– Ah – disse a Morte.

Ela estava quase sussurrando.

– E você, quer que eu fique? – indagou ela para outra mulher. – Quer que eu seja uma de suas amigas?

– Sim – respondeu a mulher. – Porque você é uma dama bela e sincera.

– E você? – disse a Morte para um homem. – E você? – perguntou para uma mulher. – E você? – perguntou para outro homem. – Querem que eu fique?

E todos responderam:

– Sim, Dona Morte, nós queremos.

– Então vocês me querem bem? – disse ela em voz alta para todos. – Vocês querem que eu viva entre vocês e seja como vocês, e deixe de ser a Morte? Querem que eu ande em seus cavalos e apareça em todas as suas festas? Querem que eu ande em cavalos como os seus, em vez dos meus, querem que eu vista o mesmo tipo de vestido que vocês vestem e diga aquilo que diriam? Um de vocês

se casaria comigo, e os demais dançariam em meu casamento e levariam presentes para meus filhos? É isso que vocês querem?

– Sim – disse Lady Neville. – Fique aqui, fique comigo, fique conosco.

Sem aumentar de volume, a voz da Morte ficou mais clara e velha; uma voz velha demais, pensou Lady Neville, para uma mulher tão jovem.

– Pensem bem – disse a Morte. – Pensem bem no que vocês querem, muito bem. Todos querem que eu fique? Porque, se um de vocês disser "não, vá embora", partirei imediatamente e jamais voltarei. Pensem bem. Todos querem que eu fique?

E todos falaram em uníssono:

– Sim! Sim, fique conosco. Você é tão bonita que não podemos deixá-la partir.

– Estamos cansados – disse o capitão Compson.

– Estamos cegos – falou Lorimond.

Então acrescentou:

– Especialmente para a poesia.

– Estamos com medo – declarou Lorde Torrance sem muito alarde.

Sua mulher pegou no braço dele e disse:

– Nós dois.

– Estamos cada vez mais estúpidos e desinteressantes, e nos tornando velhos em vão – disse Lady Neville. – Fique conosco, Dona Morte.

A Morte sorriu, doce e radiante, e deu um passo à frente. Foi como se tivesse se juntado a eles após descer de uma grande altura.

– Muito bem – disse ela. – Ficarei com vocês. Não serei mais a Morte. Serei uma mulher.

O salão se encheu de um suspiro profundo, embora ninguém parecesse ter aberto a boca. Ninguém se mexeu, pois a garota de cabelos dourados ainda era a Morte, e seus cavalos continuavam choramingando por ela do lado de fora. Ninguém conseguia olhar para ela por muito tempo, embora fosse a garota mais linda que qualquer um deles já havia visto.

– Há um preço a ser pago – disse ela. – Há sempre um preço. Um de vocês terá que se tornar a Morte em meu lugar, pois sempre deve haver uma Morte no mundo. Alguém se voluntaria? Alguém está disposto a se tornar a Morte por livre e espontânea vontade? Pois somente assim poderei me tornar uma garota humana.

Ninguém falou, ninguém disse uma única palavra. Mas todos recuaram lentamente para longe dela, como ondas deslizando de volta para o mar quando você tenta pegá-las na praia. A Contessa della Candini e seus amigos teriam saído de fininho pela porta, mas a Morte sorriu para eles, que ficaram onde estavam. O capitão Compson abriu a boca como se fosse se oferecer, mas não

disse nada. Lady Neville não se mexeu.

– Ninguém – constatou a Morte.

Ela encostou o dedo em uma flor que pareceu se inclinar e agachar como se fosse um gato satisfeito.

– Ninguém mesmo – disse ela. – Então, preciso escolher, e me parece justo, pois foi assim que me tornei a Morte. Nunca quis ser a Morte, e fico contente por vocês desejarem que eu me torne uma de vocês. Passei muito tempo procurando gente que me aceitasse. Agora só preciso escolher alguém para me substituir e pronto. Escolherei com muito cuidado.

"Ah, fomos muito tolos", pensou Lady Neville. "Fomos muito tolos".

Mas não disse nada em voz alta; apenas fechou as mãos e olhou para a jovem garota, pensando vagamente que, caso tivesse uma filha, ficaria muito contente se ela fosse parecida com a Dona Morte.

– A Contessa della Candini – disse a Morte, pensativa, e a mulher deu uma guinchada de pavor, pois não conseguiu respirar o suficiente para gritar.

Mas a Morte riu e disse:

– Não, seria besteira.

Ela não disse mais nada, mas por um longo tempo depois a Contessa ficou com o rosto fervendo pela humilhação de não ter sido escolhida pela Morte.

– O capitão Compson, não – murmurou a Morte. – É bondoso demais para se tornar a Morte. Seria muito cruel com ele. Ele quer tanto morrer...

A expressão no rosto do capitão não se alterou, mas suas mãos começaram a tremer.

– Lorimond, não – prosseguiu a garota. – Porque sabe muito pouco sobre a vida, e porque gosto dele.

O poeta corou, depois ficou branco, e por fim ficou rosa outra vez. Ele fez um gesto como se fosse apoiar um joelho no chão, mas então endireitou o corpo e ficou com a postura mais parecida com a do capitão Compson que conseguiu.

– Os Torrance, não – disse a Morte. – Nunca, Lorde e Lady Torrance, pois vocês dois se preocupam demasiadamente com outra pessoa para terem orgulho de ser a Morte.

Mas ela hesitou um pouco ao olhar Lady Torrance, fitando-a com seus olhos negros e curiosos.

– Eu tinha sua idade quando me tornei a Morte – disse, por fim. – Pergunto-me como seria ter a sua idade outra vez. Faz muito tempo que sou a Morte.

Lady Torrance tremeu e não disse nada.

E por fim a Morte disse baixinho:

– Lady Neville.

– Estou aqui – respondeu Lady Neville.

– Acho que só sobrou você – disse a Morte. – Eu escolho você, Lady Neville.

Lady Neville escutou todos os convidados suspirarem outra vez e, embora estivesse de costas para eles, sabia que os suspiros eram de alívio por nenhum deles, nem nenhuma das pessoas que lhes eram queridas, terem sido escolhidos. Lady Torrence soltou um lamento de protesto, mas Lady Neville sabia que ela teria feito o mesmo caso a Morte escolhesse qualquer outra pessoa. Ela se viu dizendo, em tom calmo:

– É uma honra. Mas não há ninguém mais digno do que eu?

– Ninguém – disse a Morte. – Não há ninguém tão cansado de ser humano, ninguém que conheça melhor o vazio de estar sozinha. E não há ninguém aqui com o poder para tratar a vida...

Ela sorriu de maneira doce e cruel.

– A vida do filho de seu cabeleireiro, por exemplo, como a coisa sem sentido que ela é. A Morte tem um coração, mas um coração que está para sempre vazio, e acredito, Lady Neville, que seu coração é como o leito seco de um rio, como uma concha fora do mar. Você ficará muito satisfeita em ser a Morte, mais do que eu, pois eu era muito jovem quando me tornei a Morte.

Ela caminhou em direção a Lady Neville com balanço e leveza. Seus olhos profundos estavam bem abertos e repletos da luz vermelha do sol da manhã que começava a nascer. Os convidados do baile se afastaram, embora ela não houvesse olhado para eles, mas Lady Neville apertou as mãos firmes e observou a Morte vindo em sua direção com seus pequenos passinhos de dança.

– Precisamos nos beijar – anunciou a Morte. – Foi assim que me tornei a morte.

Ela balançou a cabeça com deleite para que o cabelo macio ficasse preso atrás dos ombros.

– Depressa, depressa – pediu ela. – Ah, mal posso esperar para ser humana outra vez.

– Talvez você não goste – falou Lady Neville.

Ela estava muito calma, embora ouvisse seu velho coração batendo no peito e o sentisse na ponta dos dedos.

– Talvez você não goste depois de um tempo – disse ela.

– Pode ser que não.

O sorriso da Morte estava muito próximo dela.

– Não serei tão bonita quanto estou, e talvez as pessoas não me amem tanto quanto amam agora. Mas serei humana por um tempo e no fim morrerei. Cumpri minha pena.

– Qual pena? – perguntou a velha mulher à bela garota. – O que você fez? Por que se tornou a Morte?

– Não me lembro – disse a Dona Morte. – E você também esquecerá com o tempo.

Ela era menor que Lady Neville, e muito mais jovem. Em seu vestido branco, poderia ser a filha que Lady Neville jamais teve, que estaria sempre a seu lado, que apoiaria a cabeça da mãe com leveza em seus braços quando ela se sentisse velha e triste. A Morte ergueu a cabeça para beijar a bochecha de Lady Neville e sussurrou em seu ouvido:

– Você ainda será bela quando eu for feia. Quando chegar minha hora, seja gentil comigo.

Atrás de Lady Neville, os belos cavalheiros e senhoras murmuraram e suspiraram, palpitando feito mariposas com seus vestidos de gala e seus ternos elegantes.

– Prometo – ela disse.

Então, juntou os lábios secos para beijar a bochecha macia e de cheiro doce da jovem Dona Morte.



COLABORADORES DE CRIATURAS

BEAGLE, Peter S. (1939-) é autor de *The Last Unicorn* e de mais de vinte e cinco livros, tanto de ficção quanto de não ficção. Também é poeta, roteirista e compositor e ganhou o prêmio World Fantasy Award pelo conjunto da obra em 2011.
“Venha, Dona Morte” foi publicado pela primeira vez em 1963.

BOUCHER, Anthony, também conhecido como William Anthony Parker White, também conhecido como H. H. Holmes (1911-1968), foi um autor de ficção científica, crítico literário respeitado e escritor de histórias de mistério e contos. Também foi o primeiro tradutor para o inglês de Jorge Luis Borges, autor de inúmeras novelas radiofônicas e fundador da *Magazine of Fantasy and Science Fiction*.
“O lobisomem cabal” foi publicado pela primeira vez em 1942.

DAVIDSON, Avram (1923-1993) foi autor de dezenas de contos e romances. Ele escreveu de tudo, desde óperas espaciais até ficção científica, passando por romances policiais e uma série de romances de historiografia alternativa sobre o mágico medieval Vergil Magus (derivado de Virgílio).
“Ou todos os mares com ostras” foi publicado pela primeira vez em 1958.

DELANY, Samuel R. (1942-) é escritor, professor e crítico. Escreveu diversos livros premiados de diversos gêneros, incluindo ficção científica, fantasia, memórias e crítica. O primeiro (*The Jewels of Aptor*) foi publicado quando tinha vinte anos. É membro do Science Fiction Hall of Fame.
“Prismática” foi publicado pela primeira vez em 1977.

GAIMAN, Neil (1960-) é autor de diversos romances e contos, incluindo *Coraline* e *O livro do cemitério,* além de diversos roteiros de cinema e televisão,

graphic novels e canções. É vencedor da Newbery Medal.
“Pássaro do sol” foi publicado pela primeira vez em 2005.

HEADLEY, Maria Dahvana (1977-) é autora de *The Year of Yes: A Memoir* e do romance de fantasia histórica *Queen of Kings*, bem como de diversos contos e peças.
“O mal também se levanta” foi publicado pela primeira vez nesta antologia.

HOPKINSON, Nalo (1960-) é vencedora do World Fantasy Award e autora de quatro romances (*Brown Girl in the Ring*, *Midnight Robber*, *The Salt Roads* e *The New Moon’s Arms*), de um livro de contos (*Skin Folk*) e editora de diversas coletâneas.
“O sorriso no rosto” foi publicado pela primeira vez em 2004.

JONES, Diana Wynne (1934-2011) foi a escritora britânica de fantasia e ficção científica responsável, dentre muitas outras coisas, pelo romance *O castelo animado* e pela série Chrestomanci. Ela recebeu o prêmio World Fantasy Award pelo conjunto da obra em 2011.
“O sábio de Theare” foi publicado pela primeira vez em 1982.

KURASHIGE, Megan (1983-) é dançarina profissional e escritora. Ela e a irmã, Shannon Kurashige, colaboram em projetos ousados e quixotescos de dança sob o nome de Sharp & Fine, em São Francisco. Suas obras de poesia e ficção já apareceram em *Sybil’s Garage*, *Strange Horizons* e *Electric Velocipede*.
“A manticora, a sereia e eu” foi publicado pela primeira vez nesta coletânea.

NESBIT, E., também conhecida como Edith Nesbit (1858-1924), foi autora de mais de sessenta livros para crianças, sendo o mais conhecido deles *Os meninos e o trem de ferro*, além de diversos contos e poemas.
“O cacatucano; ou, a tia-avó Willoughby” foi publicado pela primeira vez em 1900.

NIVEN, Larry (1938-) é autor de diversas obras de fantasia e ficção científica, incluindo o romance *Ringworld*. Também é humorista, conhecido sobretudo pela paródia do Super-Homem “Man of Steel, Woman of Kleenex”.
“O voo do cavalo” foi publicado pela primeira vez em 1969, sob o título alternativo de “Get a Horse!” [Arranje um Cavalo!].

OKORAFOR, Nnedi (1974-) é autora de três romances para jovens adultos, dois livros infantis e do romance vencedor do World Fantasy Award em 2010,

Who Fears Death.
“Ozioma, a maligna” foi publicado pela primeira vez nesta antologia.

SAKI, também conhecido como H. H. Munro (1870-1916), nasceu em Mianmar e trabalhou na Inglaterra durante a maior parte de sua vida. Escreveu comentários políticos, peças, um romance e diversos contos, muitos dos quais abordavam o tema da adolescência bravia.
“Gabriel-Ernest”, seu conto no estilo Garoto Perdido, que inclui lobisomens, foi publicado pela primeira vez em 1909.

STOCKTON, Frank R. (1834-1902) foi um escritor e humorista norte-americano conhecido principalmente por seus contos de fadas infantis. Por muitos anos, trabalhou como xilogravurista, até que se tornou jornalista. Curiosamente, sua fábula “A dama ou o tigre?”, que não é nem humorística, nem um conto de fadas, é seu trabalho mais conhecido e presença constante nas salas de aula.
“O Grifo e o Cônego Menor” foi publicado pela primeira vez em 1885.

WILSON, Gahan (1930-) é um escritor, cartunista e ilustrador norte-americano mais conhecido por seus desenhos que mostram cenários de horror e fantasia. Seu trabalho foi incluído em publicações que vão desde o jornal *The New Yorker* até a revista *National Lampoon*.
 foi publicado pela primeira vez em 1972.

YU, E. Lily (1990-) nasceu no Oregon e cresceu em Nova Jersey. Seus contos já foram publicados no *Kenyon Review Online*, *Clarkesworld* e *The Best Science Fiction and Fantasy of the Year*. Em 2012, ela recebeu o prêmio John W. Campbell de Melhor Autor Estreante.
“As vespas cartógrafas e as abelhas anarquistas” foi publicado pela primeira vez em 2011.

ILUSTRADORA DE CRIATURAS

MORROW-CRIBBS, Briony (1982-) é artista e já ilustrou dois best-sellers do *New York Times*: *Wicked Plants: The Weed That Killed Lincoln's Mother and Other Botanical Atrocities* e *Wicked Bugs: The Louse that Conquered Napoleon's Army and Other Diabolical Insects*. Atualmente, Briony ensina a técnica de água-forte na Universidade do Wisconsin, em Madison.
www.brionymorrow-cribbs.com

Título Original
UNNATURAL CREATURES

Copyright da Coletânea © 2013 *by* Neil Gaiman

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida sem autorização por escrito do editor.

“Mancha” *copyright* © Gahan Wilson, primeira publicação em *Again, Dangerous Visions*, 1972.
“As vespas cartógrafas e as abelhas anarquistas” *copyright* © E. Lily Yu, 2011.
“Ozioma, a maligna” *copyright* © Nnedi Okorafor.
“Pássaro do sol” *copyright* © 2006 de Neil Gaiman. Primeira publicação em *Fragile Things: Short Fictions and Wonders*, 2006.
“O sábio de Theare” *copyright* © 1982 Diana Wynne Jones, primeira publicação em *Hecate's Cauldron*, de Daw, 1982.
“O mal também se levanta” *copyright* © Maria Dahvana Headley, 2012.
“O voo do cavalo” *copyright* © 1969, 1999 de Larry Niven.
“Prismática” *copyright* © 1977 de Mercury Press, Inc. para *The Magazine of Fantasy and Science Fiction*; *copyright* renovado © 2004 de Samuel R. Delany. Usado com autorização do autor e Henry Morrison, Inc., seus agentes.
“A manticora, a sereia e eu” *copyright* © Megan Kurashige.
“O lobisomem cabal” *copyright* © 1942 de Anthony Boucher. Primeira publicação em *Unknown Worlds*, publicado por Street & Smith Publications, Inc. Atualmente aparece em *Unnatural Creatures*. Reproduzido com autorização da Curtis Brown, Ltd.
“O sorriso no rosto” *copyright* © Nalo Hopkinson.
“Ou todos os mares com ostras” originalmente publicado em *Galaxy*, maio de 1958. *Copyright* © 1958 de Galaxy Publishing Corporation. Reproduzido mediante acordo com Owlswick Literary Agency, através de Estate of Avram Davidson.
“Venha, Dona Morte” *copyright* © 1963 de Peter S. Beagle, *copyright* renovado 1991 de Peter S. Beagle. Primeira publicação em *Atlantic*, em setembro de 1963. Usado com autorização de Avicenna Development Corporation.
Copyright Ilustrações de miolo © Briony Morrow-Cribbs

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

GERENTE EDITORIAL
Ana Martins Bergin

EQUIPE EDITORIAL
Lorena Piñeiro
Milena Vargas
Paula Drummond
Viviane Maurey

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
Silvânia Rangel

REVISÃO
Armenio Dutra
Wendell Setubal

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS
Mariana Moura

COORDENAÇÃO DIGITAL
Mariana Mello e Souza

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO DIGITAL
Guilherme Peres

REVISÃO DE ARQUIVO E-PUB
Penha Dutra

Edição digital: Setembro, 2016.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C946

Criaturas estranhas [recurso eletrônico] Peter S. Beagle ... [et. al]; organização Neil Gaiman; ilustração Briony Morrow-Cribbs; tradução Antônio Xerxenesky, Bruno Mattos. - 1. ed. - Rio de Janeiro - Fantástica Rocco, 2016

recurso digital

Tradução de: Unnatural creatures
ISBN 978-85-68263-45-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Conto inglês. 3. Livros eletrônicos. I. Beagle, Peter S. II. Gaiman, Neil. III. Morrow-Cribbs, Briony. IV. Xerxenesky, Antônio. V. Mattos, Bruno.

16-35362 CDD: 823

CDU: 821.111-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Table of Contents

- Folha de rosto
- Dedicatória
- Sumário
- 1.
- 2. AS VESPAS CARTÓGRAFAS E AS ABELHAS ANARQUISTAS
- 3. O GRIFO E O CÔNEGO MENOR
- 4. OZIOMA, A MALIGNA
- 5. PÁSSARO DO SOL
- 6. O SÁBIO DE THEARE
- 7. GABRIEL-ERNEST
- 8. O CACATUCANO; OU, A TIA-AVÓ WILLOUGHBY
- 9. O MAL TAMBÉM SE LEVANTA
- 10. O VOO DO CAVALO
- 11. PRISMÁTICA
- 12. A MANTICORA, A SEREIA E EU
- 13. O LOBISOMEM CABAL
- 14. O SORRISO NO ROSTO
- 15. OU TODOS OS MARES COM OSTRAS
- 16. VENHA, DONA MORTE
- Colaboradores de criaturas
- Créditos

Table of Contents

Folha de rosto
Dedicatória
Sumário
1.
2. AS VESPAS CARTÓGRAFAS E AS ABELHAS ANARQUISTAS
3. O GRIFO E O CÔNEGO MENOR
4. OZIOMA, A MALIGNA
5. PÁSSARO DO SOL
6. O SÁBIO DE THEARE
7. GABRIEL-ERNEST
8. O CACATUCANO; OU, A TIA-AVÓ WILLOUGHBY
9. O MAL TAMBÉM SE LEVANTA
10. O VOO DO CAVALO
11. PRISMÁTICA
12. A MANTICORA, A SEREIA E EU
13. O LOBISOMEM CABAL
14. O SORRISO NO ROSTO
15. OU TODOS OS MARES COM OSTRAS
16. VENHA, DONA MORTE
Colaboradores de criaturas
Créditos